



HISTORIA

da

FRANC-MAÇONARIA

OU

DOS PEDREIROS LIVRES

PELO

AUTHOR DA BIBLIOTH.·. MAÇ.·.



LISBOA:

NA TYP. DE F. A. DA ROCHA,

R. da Rosa n.º 24.

1843.

HISTORIA
DA
FRANC-MAÇONARIA,
OU,
DOS PEDREIROS LIVRES.
PELO
AUTHOR DA BIBLIOTHECA MAÇONICA.



Provenha embora escandalo d'um facto:
Cumpre a quem referir narra-lo exacto.

Holophernes.·. trad.

» Si du récit d'un fait verita-
» ble, il résulte du scandale,
» il vaut mieux laisser naître
» le scandale que de renoncer
» á la verité. »

Homelie 7 de St. Grégoire-le-grand.



LISBOA.

1843.



A MAHOMMED-ALI

GOVERNADOR DO EGYPTO.

HOMENAGEM AO GENIO.

O AUTHOR.



PROEMIO.

HAVIAMOS promettido publicar a doutrina *escripta* e *oral* da Maçonaria em um só volume, porque só tencionávamos refundir a Bibliotheca Maçonica, que publicámos em 1834: mas, entranhados no trabalho observámos que o nosso Escripto sahia mui diverso, e que deste deviamos fazer dous volumes: o 1.º com o titulo de *Historia da Maçonaria,* que deve generalisar-se pelo mundo profano, e Maçonico, para que se saiba o que somos, e qual he a nossa doutrina; o 2.º com o titulo d'*Architectura Mystica*, que, com o primeiro, só pertence aos II.·. e principalmente aos *Assignantes.* Não entenda o publico que esta reserva seja acintosa, e que com ella se pretendam occultar crimes, que os inimigos da Maçonaria nos imputam: ingenuamente declaramos qne a *Archithectura Mystica* não tem mais, doque os *Signaes, Toques, Palavras* e alguns *Ceremoniaes,* qne sam privativos dos Maçons, para se tratarem e reconhecerem em toda a parte; e, si qualquer Sociedade, e até as pequenas familias, teem segredos e senhas privadas, porque os não terá a Maçonaria. tendo por inimigos implacaveis a *Curia Romana,* os *Jesuitas,* e os *Fédistas* ou *Féotas?*

O odio, que estas Seitas teem á benefica Fraternidade Maçonica, é provado por muitas bullas papaes, e por muitos escriptos apostolicos, nos quaes, por meio de falsas imputações, se denunciam os Maçons como authores de

todas as revoluções, que tem havido no Globo, e como inimigos dos governos e das religiões.

Para destruir taes inepcias he mister levantar o véo, com que estas Seitas cobrem as suas tramas e astucias: é forçoso demonstrar sobre que se funda o poder da Curia Romana, e de seus orgulhosos mandatarios: é preciso emfim, remontando á origem dos Levitas, provar que o Governo dos Hebreos foi o do *Sacerdocio*, porque os Reis dos Judeos, conservando apenas um simulacro d'authoridade publica, não foram mais, doque o ludibrio dos Padres, e machinas, que fizeram mover segundo a sua vontade e interesse.

Fugiremos, quanto podérmos, de discutir materias religiosas, não *só* porque as Religiões, sendo compostas d'ideias methaphysicas, mudaram, mudam, e mudarão todos os seculos; mas tambem porque os *Estatutos* da Maçonaria nos prohibem taes discussões, baseando-se na *Epistola de S. Paulo aos Corinthios Cap. XI v.* 16;

« Se porém alguem quizer ser
« Contencioso; nós não temos tal
« Costume, nem a Igreja de Deos. »

Verdadeiros crentes na moral de Jesus, os Maçons sabiamente evitam taes disputas; e declaramos que não é sinão para defender a Fraternidade que nós escrevemos sobre tal materia, e para apresentar em publico as usurpações dos herdeiros presumptivos d'Aarão, e a sua conspiração permanente contra o poder civil da terra.

O nosso Escripto é baseado sobre o *Antigo* e *Novo Testamento*; porque a moral de Jesus e as virtudes, que elle ordena, sam os fundamentos da Fraternidade Maçonica. A Historia nos serve para provar que os Prelados de Roma foram intolerantes e perseguidores das Socieda-

des Christãs, nos primeiros seculos do Christianismo; e que estas sociedades e suas doutrinas, espalhadas na Europa, foram restauradas pelos Cavalleiros Cruzados, que as aprenderam na Syria, no Egypto, e na Palestina. O nosso fim é sermos uteis, mesmo aos nossos implacaveis inimigos; porque lhes demonstramos o ridiculo de seu orgulho e de sua pretendida infallibilidade: A leitura dos Livros Santos prova que a authoridade papal não é sinão uma chiméra; e que a Curia Romana, pelas ennovações, que introduzio no Christianismo, tem estragado a doutrina primitiva de Jesus, que os Maç.·. rigorosamente seguem.

Apresentamos as doutrinas e as ceremonias de muitos Ritos Maç.·. para que o publico, por si mesmo, possa analysar, comparar, e conhecer a preferencia, que merecem umas ás outras: E finalmente, pela antiguidade da Maçonaria, e pela evidencia de sua moral, damos uma prova solemne de que a Maçonaria segue ainda hoje os bons principios das Religiões, *Egypcia*, *Judaica*, e *Christã*.

O motivo da nossa dedicação a *Mahommed-Ali* é o seguinte:

Não satisfeito de pedir emprestadas á Europa suas instituições (diz Malte Brun) *Mahommed-Ali tem creado outras, que a Europa, quando lhe tocar, ainda um dia terá a felicidade de lh'as pedir*: Tal é tambem a nossa opinião: O governador do Egypto é hoje na Africa o, que foi Napoleão na Europa, com a differença de não ter d'este a demasiada ambição. Em poucos annos Mahommed-Ali instituio Conselho d'Estado; Ministros para a administração dos differente negocios; Assembleas provinciaes; Assemblea geral de 180 deputados territoriaes; muitas escolas d'instrucção publica nas provincias; no Cairo estabeleceo a escola Administrativa; donde ham de sahir

de futuro os governadores provinciaes; mandou traduzir em turco e arabe os Codigos de *Napoleão* e o do *Commercio*; reformou em parte o Alcorão, substituindo a pena de morte pela calceta e prisão; fez construir novos cannaes no Baixo-Egypto; e finalmente Diligencias, Telegraphos, e Caminhos de ferro, que facilitam o transito e o Commercio. Este grande homem outros bens teria feito á Humanidade, si os Governos Europeos, invejosos de tamanha gloria, não houvessem embaraçado os effeitos de suas inspirações e de seu genio!!!

Tal é o homem (que não conhecemos, mas respeitamos): tal é o Paiz (que esperamos ainda viajar) a que offerecemos algumas de nossas vigilias.

O Egypto, tendo sido outr'ora o berço da Iniciação, Mãe da Maç.·. actual, não só tem direito á nossa mesquinha offerta, mas tambem á de todos os Maç.·. do mundo, maxime si um dia no Cairo s'estabelecer uma Gr.·. L.·. Universal, d'onde parta a direcção progressiva para todas as partes do Globo: e n'este caso que Gr.·. Or.·. Maç.·. Europeo poderá disputar-lhe os direitos?

FRANC-MAÇONARIA.

SECÇÃO PRIMEIRA.

CAPITULO I.

DEFINIÇÃO DA MAÇONARIA.

O TRADUCTOR *de Luciano* ousou affirmar que os Myst.·. antigos tinham por fim o *crime* e o *deboche*: mas contra esta opinião apresentaremos as authoridades de *Socrates, Platão, Cicero, Plutarco,* e athe mesmo a do jesuita *Lafiteau*, que define Iniciação, *uma escola pratica da religião, e da virtude.*

Lemontey chama á Iniciação ou Maç.·., uma *sublime futilidade*, em que o crime de seus partidarios consiste todo em jantar com formalidades, um pouco fastidiosas: Esta definição ironica inculca, no seu author, não só uma profunda ignorancia dos symbolos, mas tambem uma falta de senso commum, para pretender que a Maç.·., não sendo mais, doque uma *frivolidade*, tenha podido propagar-se, e conservar-se por tantos seculos.

Cadet-Gassicourt considera a Maç.·. como uma *liga odiosa e extravagante contra os thronos e altares*: Mas a isto bastará dizerse que a Maç.·. é muito anterior ao Christianismo, e que os mais Illustres Reis do Mundo e da Europa teem sido e san Franc-Maç.·. — De mais o author, que assim fallou, reconheceu depois como calumnioso o escripto da sua infancia, e para maior prova, elle tambem se fez collocar entre os pretendidos *infames*, e veio a sêr successivamente Or.·. e Ven.·. d'uma das L.·. de Pariz. Athe aqui refutámos calumnias ou inepcias.

A Maçonaria será por ventura *uma instituição puramente philantropica?* No exame da chronologia das épocas

observa-se uma infinidade d'estabelecimentos de philantropia, fundados ora por governos, ora por familias opulentas, que, apesar de sua reconhecida utilidade, cedo ou tarde perecêram : entretanto que a Maç.·., sendo tão antiga, e tantas vezes perseguida, foi a unica das instituições, que lhes sobreviveu; conseguintemente a Maç.·. tem em si alguma cousa mais além da Philantropia.

A Maçonaria será *uma religião especial?* Porém ella não tem nem dogma, nem disciplina exclusivamente religiosa : a Iniciação encerra a theogonia, o culto, a moral, a philantropia, as artes e as sciencias do mundo primitivo; não lhe importam as leis de *Brama*, *Moysés*, ou *Mahomet*, com tanto que cada um de seus adeptos junte á sua religião natalicia uma moral universal. Em Maç.·. não ha pagãos nem infieis, todos sam *Irmãos*, sem prejuisos.

Guerin-Dumast define Maçonaria a *união dos povos.* Esta definição, posto que eminentemente philosophica, não encerra sinão um dos resultados positivos da Iniciação : alem d'isso a definição não exprime os meios, mas um só de seus fins.

O *Dr. Vassal* define Maçonaria a *Philosophia symbolica* : porque, diz elle, a Philosophia positiva tem por missão encarar as abstrações as mais subtís, debaixo de differentes formas, e patentea-las ao vulgo como verdades : pelo contrario a Philosophia *symbolica* tem por objecto encobrir as mesmas verdades n'um véo impenetravel, para não as mostrar sinão aos Adeptos. Mas esta definição, posto que é fundada sobre um conhecimento perfeito dos Symbolos, comtudo tambem não caracterisa a Iniciação inteira : pois que só designa mais os meios, doque os fins.

Nós definimos Iniciação, Maçonaria, ou Franc-Maçonaria *uma escola de Philosophia, onde, por meio de symbolos e hieroglyphos, o homem se torna bom pae, bom amigo, e bom patriota :*

A definição, que apresentamos, ainda que laconica

n'apparencia, todavia é d'uma vasta extensão, pelas provas, que exige a sua demonstração; e os II.·., que bem conhecem a Maç.·., entenderão a sua exactidão. (1)

Por *Symbolos* deve entender-se certas figuras ou imagens, que sam allusivas a algum sentido moral: o *triangulo*, *esquadria*, *compasso*, *regua*, *sol*, *lua*, *estrellas*, *estatuas* &. &., são symbolos, de que usaram os primeiros Iniciados e os Sabios da Persia, para esconder o sentido real de seus pensamentos: os padres e os primeiros legisladores do Egypto adoptaram tambem esta linguagem emblematica, mas alguns tempos depois tambem lhe ajuntaram os *hieroglyphos*.

Hieroglyphos eram certos signaes ou caracteres, com que, sem o soccorro da palavra, os padres do Egypto occultavam ao vulgo os seus pensamentos: Os *páus*, *pedras*, *plantas*, *animaes*, &·, eram outros tantos enigmas, que symbolisavam factos profanos ou sagrados; assim, para representarem a *Natareza* em hieroglypho, os padres do Egypto construiam um homem alado, de rosto côr de fogo, cornos, barba, um bastão na mão direita, e sette circulos na esquerda: A côr e os cornos exprimião o *sol* com seus raios; a barba figurava os *elementos*; o bastão era o symbolo do *poder*, que o sol exerce nos corpos; as côxas representavam a *terra* cheia d'arvores e fructos; as aguas sahiam pelo *umbigo*; o penis era o emblema da *reproducção*: os joelhos indicavam as *montanhas*: as azas o *curso* dos ventos; emfim os 7 circulos eram o symbolo dos 7 *planetas*. Ora, por este exemplo, que nós poderiamos multiplicar, se vê que os hieroglyphos eram na verdade ingenhiosos para representar qualquer cousa em particular; mas para marcar uma época, consignar um facto, ou uma sentença, era preciso unir e acumu-

(1) *Conhecer* a Maçonaria não consiste em receber gráos á pressa, e em Loges irregulares, como succede mais de uma vez, e estes II.·. sam os, que tambem teem de costume *rediculisar* o, que ignoram, ou não entende!!!!

lar muitos hieroglyphos, que não podiam estar ao alcance de homens communs; e si a sua historia é toda monumental, só os Iniciados a poderiam estudar e conhecer. Esta grande difficuldade, junta a outros motivos não menos poderosos, foi quem originou a necessidade dos *Pequenos e Grandes Myst.·.*

Nos *Pequenos Myst.·.*, que eram populares, ensinava-se a moral, e todo o segredo consistia em persuadir aos Iniciados, que o Olympo era povoado de mortaes, que mais se tinham distinguido por virtudes patrias: Nos *Grandes Myst.·.*, que eram privativos aos Iniciados, aprendiam-se as sciencias, e os erros da Metempsycose: d'onde se tira que os primeiros tinham por objecto fazer cidadãos virtuosos; e os segundos deviam formar sabios, que servissem de farol á civilisação.

A definição, que anteriormente apresentámos, pode mudar-se na seguinte:

Maçonaria é a escola de Fraternidade.

E com effeito, os Maçons entre si chamam-se *Irmãos*, e, tanto nas suas reuniões particulares, como em sua pratica social, tratam de exercer o sentido moral da palavra *irmão.*

Da Fraternidade em acção resultam o *Patriotismo* e a *Caridade.*

As pequenas familias ou Sociedades, assim como as grandes ou Estados, carecem da união domestica e civil para obterem a felicidade e a civilisação, contra a qual sempre se oppoem a *ambição*, o *fanatismo*, e as *castas privilegiadas*: em consequencia cumpre aos chefes das pequenas e grandes familias empregar todos os meios para manter a *fraternidade* entre os seus subordinados; porque é só n'esta união que consiste a felicidade domestica e a do Estado: assim o mostraram Nações civilisadas, e mesmo Portugal, quando por vezes foram ameaçadas de jugo arbitrario ou estrangeiro.

Procurar pão e trabalho aos industriosos; mitigar a dor dos afflictos; estender a mão caritativa *mas occulta* aos necessitados; taes são geralmente os actos proprios d'Irmãos e dos bons Maçons: Os melhores Estabelecimentos de caridade, sciencias, e artes, que tanto abundam na Inglaterra, França, e Belgica, sam organisados e sustentados por Maçons, entre os quaes figurava quasi sempre o chefe do Estado, ou o *primus inter pares*.

A Maçonaria, assim como a antiga Iniciação, dividé-se em *pequenos* e *grandes Mysterios*: Ha d'ella differentes *Ritos* com diversas *Ordens*; mas todos assentam sobre a *Maçonaria Symbolica* ou *Universal*, que se divide em 3 Graus; *Aprendiz*, *Companheiro*, e *Mestre*.

« 1.° *O Gr.·. d'Aprendiz* é consagrado ao desenvol-« vimento dos principios fundamentaes da Maçonaria, e « ao ensino de suas leis e usos; encerra-se todo nas se-« guintes palavras: *Deos, Beneficencia*, e *Fraternidade*. »

« *O Gr.·. de Comp.·.* é consagrado á direcção da mo-« cidade, e á felicidade possivel, por meio do trabalho, da « virtude, e das sciencias, que lhe sam recommendadas. »

3.° *O Gr.·. de Mest.·.* é consagrado ao pundonor inflexi-« vel, que não transige com o dever, e aos grandes homens, « que se sacrificaram pelo bem e segurança publica (1). »

Postos taes principios, que sam orthodoxos entre Maçons, a Maçonaria só deve achar inimigos e detractores entre os ignorantes: esta nossa opinião vai sêr corroborada com os dous Cap. seguintes, em que apresentaremos não só os *Estatutos* Geraes da Ordem Maç.·., mas tambem os *fins*, a que se proposeram todos os Myst.·. da antiguidade, que tem relação directa com a Maçonaria (2).

(1) Esta doutrina acha-se na *Abeille Maç.·.*, N.° 67; e na Biblioth.·. Maç.·. tom. 1.° pag. 111.

(2) Ainda hoje, e no seculo 19!!! nos maravilham as objecções seguintes:

CAPITULO II.

ESTATUTOS GERAES DA MAÇONARIA.

ADVERTENCIA.

A divulgação simples, que a exemplo de respeitaveis Maç.·. vamos fazer dos Estatutos Geraes antigos e modernos da Maç.·., forma por si só o seu mais eloquente elogio: « Ha poucas Sociedades, diz o barão Tschoudy, on« de as maximas pareçam mais conformes ás virtudes es« senciaes, que podem ornar a humanidade, e fazer a sua « felicidade. »

A Franc-Maç.·., tendo começado com a sociedade humana, deveria ter existido antes de dar ou receber leis; mas o progresso do Corpo Maç.·., e a experiencia de tantos seculos, fizeram emfim conhecer a necessidade de certas normas para a sua conservação. Estas leis geraes costumam dividir-se em tres especies:

1.º *Estat.·. Ger.·. da Ord.·. Maç.·.*
2.º *Const.·. Maç.·.*
3.º *Estat.·. das LL.·.*

Das ultimas duas especies talvez não trataremos porque costumam sêr diversas em cada Nação; e cada uma d'estas tem o direito de fazer leis a par do progresso de

Se a Maçonaria é util, porque se esconde ella?
Se os Maçons sam virtuosos, porque o não sám todos?
A taes argumentos proprios *d'innocentes* (por não dizer outra cousa) só opporemos rifões tambem *innocentes*:
O segredo é a alma do negocio.
Não ha familia sem ladrão, nem formosa sem sinão.

sua civilisação; mas pelo que respeita aos *Estat.·. Ger.·. da Ord.·. Maç.·.*, que sam communs e os mesmos em todos os paizes do mundo, cometteriamos uma grave falta, que não está em relação com o fim, que nos propomos n'esta obra si os não exposessemos, conforme os tempos da sua organisação.

Estat.·. da Inic.·. dos Magos.

Art. 1.° Não ha mais, doque um *só Deus*, que coordenou dous principios para a conservação e perpetuidade do Universo: a *luz* e as *trevas*, fonte da *vida* e causa da *morte*.

Art. 2.° Todos os homens sem distincção sam filhos e creaturas de Deus; por consequencia todos sam *Irmãos*; d'este principio nasce o amor ao proximo, laço de toda a sociedade civil, e que se explica em não fazendo aos outros o que se não deseja para si proprio.

Art. 3.° Os homens, elevados a condicções e grãos superiores aos outros, nunca devem considerar-se como sahidos do circulo da egualdade natural, estabelecida por Deus mesmo.

Art. 4.° O dogma tem tres gráos ou Ordens: 1.° o de *Crente*: 2.° o *d'Eleito*: 3.° o de *Perfeito*. Estas Ordens sam conferidas pelos Magos superiores e respectivos.

Art. 5.° A iniciação aos mysterios será precedida pela Purificação dos quatro elementos: a admissão só terá logar depois que os Magos estiverem seguros da moralidade do candidato e de seus progressos nas sciencias.

Art. 6.° Os graus se destinguem entre si por um *signal*, um *toque*, e uma *palavra*.

Art. 7.° A instrucção dos néophytos pertence aos Magos das Ord.·. relativas; esta se exerce sobre a *physica*, a *geometria*, e a *astronomia*, como sciencias as mais uteis á humanidade.

Os Magos superiores sam encarregados não só do culto, mas tambem da policia interior dos Templos e da explicação dos emblemas, que só devem lembrar a *unidade de Deus*, a *luz*, e as *trevas*, ou os seus effeitos, a *geração*, *destruição*, e *regeneração*, debaixo dos emblemas do Sol, das Estrellas, da Lua, e do Fogo. (1)

Estat.·. da Idade Media.

Art. 1.º Não podendo validamente obrigar-se por cousas, que não conhece, nenhum profano será admittido, sem que antes tenha sido prevenido de que na Ord.·. Maç.·. nada ha contrario a Deus, religião, principe, estado, ou aos bons costumes; a palavra de *honra* do introductor lhe será dada por fiador, sem que por isso fique responsavel para o futuro.

Art. 2.º Se algum, depois d'admittido, comette faltas graves, que não tenham paliotivo toleravel, será degradado, e despojado das distincções Maç.·., e será ignominiosamente expulso para sempre da L.·. . . .

Art.·. 3.º Devendo o espirito d'união e boa intelligencia, sêr constantemente o nosso, se fará sentir ao Cand.·. que a discussão ou disputa sobre politica, a murmuração, colloquios, equivocos, etc., são prohibidos em L.·., sob pena d'uma *mulcta*.

Art. 4.º Sendo todos os homens eguaes por nascimento, não deverá soffrer-se, em L.·., distincção alguma, ou preeminencia, que tenha a menor apparencia de superioridade odiosa, sob pena de *Humiliação*.

Art. 5.º O nome d'I.·., e o idioma habitual do Paiz,

(1) A conformidade d'estes dogmas é provada por S. Agostinho, por Baronio, por Fleury, e por R. de Schio, tom. 1.º pag. 307 — 309.

sam os unicos recebidos em L.·. Sendo bom reprimir tudo, que se aproxima do estylo dos profanos, as asserções com juramento sam banidas d'entre nós.

Art 6.º O juramento do *segredo* é rigoroso a tal ponto, que, em caso de perjurio, o I.·. não poderá obter graça alguma, nem confiança. É pela necessidade absoluta do segredo, que as mulheres sam excluidas das LL.·., e não podem, debaixo de qualquer pretexto, ser admittidas n'ellas.

Art. 7.º Sendo a *caridade* o nosso principal dever, toda a L.·. deverá soccorrer um I.·. em necessidade urgente. Si for um I.·. da L.·., não se deverá esperar que elle rogue o soccorro: é preciso preveni-lo. E para que não faltem os recursos, em taes circumstancias, as despezas da L.·. devem ser sempre mediocres.

Art. 8.º Si um I.·. cahir em desgraça imprevista, deve-se, sem humilha-lo, fazer um esforço extraordinario, sangrar a bolsa dos particulares, e esgotar os fundos da L.·.; porque é melhor reparar a desgraça por uma vez e de repente, doque ajuda-lo parcamente, sobre tudo si é um I.·. respeitavel.

Art. 9.º A respeito dos II.·. estrangeiros, dever-se-ha ser mais circumspecto, todavia serão soccorridos: mas n'este caso, os fundos da L.·. não serão destruidos; os II.·. mais ricos se cotisarão entre si; e a L.·. examinará si o I.·. supplicante está munido d'um certificado authentico, que testimunhe a sua morigeração.

Art. 10.º Nenhum I.·. poderá mudar, ennovar, ou explicar *arbitrariamente* as questões Maç.·., sob pena de não ser promovido aos altos Gr.·., e de ser expulso, no caso de pertinacia.

Art. 11.º No caso d'um I.·. ser expulso, o Ven.·. da L.·., onde o delicto tiver succedido, dará parte a todas as L.·. sobre a superficie da terra, por uma carta circular,

e assignada pelo Secretario, com menção expressa de não receber em seus Myst.·. o profanador, que será designado pelo nome, sobrenome, e qualidades.

Art. 12.º As bebidas espirituosas não desculpam os defeitos d'um I.·. em L.·., nem a sua indiscrição fóra d'ella; pelo contrario, ellas aggravam a falta, porque um Maç.·. deve ser sempre sobrio, e tranquillo. Em geral, como a expulsão d'um membro é cousa odiosa, será melhor examinar escrupulosamente o profano, antes da sua admissão.

Art. 13.º Cada L.·. deverá receber gratuitamente, athe ao Gr.·. de Mest.·., um medico, e um cirurgião, que por isso serão obrigados a visitar gratuitamente os II.·. doentes. Os remedios serão fornecidos pelo cofre da L.·., e pelo soccorro de todos os II.·.

Art. 14.º Haverá sempre em cada Gr.·. tres II.·. enfermeiros para assistir de noite e dia ao I.·. doente; mas elles terão o cuidado de não se intrometterem nos negocios da familia, nem lhe darem algum conselho, que possa ser-lhe prejudicial.

Art. 15.º Si o I.·. doente morrer, o Ven.·. irá, ou mandará, cumprimentar os parentes, e offerecer-lhes todos os soccorros da L.·.. Chegado o funeral os II.·., de luvas brancas e de fumo em charpa, accompanharão o morto; e o Or.·. em L.·. recitará um discurso em elogio do defunto.

Art. 16.º Pelo casamento d'um I.·., a L.·. testimunhará seu jubilo por uma deputação á esposa, offerecendo-lhe um par de luvas e um presente analogo, etc., etc. (1)

---

(1) L'*Etoile Flamboyante* par Tschoudy; e *Encyclopédie Maç.·.* par Ch.·. Dupontés tom. 1.º sam os, que melhor se podem lèr sobre a materia.

Estat.·. Modernos.

Art.·. 1.° A Ord.·. dos Franc-Maç.·. tem por objecto o exercicio da benevolencia, o estudo da moral universal, das sciencias e das artes, e a pratica de todas as virtudes.

Art. 2.° Ella é composta de homens livres, que, submissos ás leis, se reunem em Sociedade constituida segundo os estatutos geraes.

Art. 3.° Ninguem pode vir a ser Maç.·. e gosar dos direitos d'este titulo si não tem; 1.° vinte oito annos d'edade, e bons costumes; 2.° si não tem uma profissão livre e hontosa; 3.° si não está legalmente domiciliado ha um anno; 4.° si não tem o gráo d'instrucção necessario para cultivar sua razão; 5.° si não é admittido segundo as formas determinadas pelos regulamentos e estatutos geraes.

Art. 4.° Os direitos de Maç.·. se perdem: 1.° por uma acção indecorosa, provada civil ou Maçonicamente; 2.° pelo exercicio d'um officio servil, ou notoriamente despresivel na ordem social; 3.° pela violação dos juramentos de fedilidade á Ord.·. Maç.·. ou aos Estatutos presentes.

Art. 5.° Os Maç.·. podem seguir, em seus trabalhos, ritos differentes; mas o fim é sempre o mesmo. (1)

---

(1) Abeille Maç.·., n.° 49 (1830).

CAPITULO III.

Ritos Maç.·. mais usados.

ADVERTENCIA.

A Franc-Maç.·., sendo uma doutrina universal, deveria existir sempre uniforme, e sem ritos; mas não tem succedido assim!....

A Maç.·., posto que uniforme em seus principios, dogmas, e moral, tem todavia muitos ritos differentes. Esta differença é sem duvida pouco importante; mas tem podido produzir alguns *schismas* funestos!! Os ritos mais usados hoje no Globo sam cinco.

1.° *Rit.·. Symb.·.* Este rito é o primitivo na Europa, e existe em toda a parte do Globo. Seus fundadores julgaram não dever dar-lhe sinão tres Gr.·., nos quaes se acha a triplicada força *de bem pensar*, *bem dizer*, *e bem fazer*.... Estes tres Gr.·. servem de báse fundamental a todos os outros Ritos, salvo a transposição insignificante d'alguma palavra, ou algumas variantes nas batterias.

2.° *Rit.·. Escoc.·.* Este rito foi fundado por um Barão Escocez: no principio era composto de sete Gr.·., que depois foram elevados a vinte e cinco; mas hoje só tem por cortejo trinta e tres Gr.·.!

O Rit.·. Escocez divide-se em sette classes: a *primeira* comprehende os tres primeiros gr.·.: a *segunda* desde o 4.° athe ao 8.°: a *terceira* desde o 9.° athe ao 11.°: a *quarta* desde o 12.° athe ao 14.°: a *quinta* desde o 16.° athe ao 18.°: a *sexta* desde o 19.° athe ao 27.°: e

a *septima* finalmente compõe-se do 28.° athé ao 33.° gr.·. Mas entre todos apenas ha sete gr.·., que se conferem; e dos outros só se conservam os nomes.

O 1.° Gr.·. é consagrado ao desenvolvimento dos principios fundamentaes da Maç.·., e ao ensino de suas leis e usos; encerra-se todo n'estas tres Pal.·. *Deus*, *Beneficencia*, e *Fraternidade*.

O 2.° Gr.·. é consagrado á direcção da mocidade á felicidade possivel, por meio do trabalho, da virtude, e das sciencias, que lhe sam recommendadas.

O 3.° Gr.·. é consagrado ao pundonor inflexivel, que não transige com o dever; e aos grandes homens, que se sacrificaram pelo bem e segurança publica.

O 4.° Gr.·. é consagrado á discrição do sabio, e á vigilancia do bom obreiro.

O 5.° Gr.·. é consagrado á perfeição do espirito e do coração, a todas as grandes verdades, e a todos os conhecimentos uteis enumerados sobre a *pedra cubica*.

O 6.° Gr.·. é ao mesmo tempo consagrado á necessidade de aprender; que produzio descobertas preciosas, e aos perigos d'uma vã curiosidade.

O 7.° Gr.·. é consagrado á equidade severa, com que devemos julgar nossas acções.

O 8.° Gr.·. é consagrado ao espirito d'ordem, e de analyse.

O 9.° Gr.·. é consagrado ao zêlo virtuoso, e ao talento esclarecido, que, por bons exemplos e generosos esforços, vingam a verdade e a virtude contra o erro e o vicio.

O 10.° Gr.·. é consagrado á extincção de todas as paixões, e de todas as inclinações culpaveis.

O 11.° Gr.·. é consagrado a regenerar costumes, sciencias e artes.

O 12.° Gr.·. é consagrado á coragem perseverante.

O 13.º Gr.·. é consagrado á memoria dos primeiros Instituidores da Ord.·., os Magos, os Pontifices de Misraim e de Jerusalem.

O 14.º Gr.·. é especialmente consagrado ao Gr.·. Arch.·. do Un.·. debaixo do symbolo sagrado *Delta*.

O 15.º Gr.·. é consagrado aos heróes libertadores da sua Patria.

O 16.º Gr.·. é consagrado ao jubilo de seu triunfo.

O 17.º Gr.·. é consagrado ao desenvolvimento das vantagens da Maç.·.

O 18.º Gr.·. é consagrado aos triunfos da luz sobre as trevas, isto é, ao culto evangelico.

O 19.º Gr.·. é consagrado ao pontificado da religião universal, e regenerada.

O 20.º Gr.·. é consagrado aos deveres dos Chefes das LL.·. Maç.·..

O 21.º Gr.·. é consagrado aos perigos d'ambição, e ao arrependimento sincero.

O 22.º Gr.·. é consagrado á gloria da antiga Cavalleria, propagadora dos sentimentos nobres e generosos; e ao sacrificio pela Ord.·.

O 23.º Gr.·. é consagrado á activa vigilancia dos conservadores da Ord.·.

O 24.º Gr.·. é consagrado á conservação das doutrinas Maç.·.

O 25.º Gr.·. é consagrado á emulação, que produziu planos uteis.

O 26.º Gr.·. é consagrado á estima e recompensa, devidas ao genio.

O 27.º Gr.·. é consagrado á superioriodade e á independencia, que dam os talentos e a virtude.

O 28.º Gr.·. é consagrado á verdade nua sobre tudo, que interessa a felicidade dos homens.

O 29.º Gr.·. é consagrado á antiga Maç.·. da Escocia.

O 30.º Gr.·. é consagrado ao fim mesmo da Maç.·. em todos os seus gráos.

O 31.º Gr.·. é consagrado á alta justiça da Ord.·.

O 32.º Gr.·. é consagrado ao commando militar da Ord.·.

O 33.º Gr.·. é consagrado á administração suprema do Rito Escocez (1).

3.º *Rito Moderno ou Francez.* Alguns membros do Gr.·. Or.·. de França, fatigados pelas rixas, que produziram os altos Gr.·. do *Escoc.·.*, organizaram o *Rito Moderno Francez.* Este compõe-se de sete Gr.·. em duas *Series*. A *primeira*, designada pelo titulo de *Maç.·. Symb.·.* ou *azul*, comprehende os trez primeiros Gr.·.: a *segunda*, chamada *Maç.·. dos altos Gr.·.*, ou *Maç.·. vermelha*, encerra quatro Ordens ou Gr.·. Mysticos (2).

Os tres primeiros Gr.·. do *Rito Moderno* podem comprehender a mesma doutrina, e moral, que os tres primeiros do *Rito Escocez.*

O 4.º Gr.·. do Rito Moderno corresponde ao 9.º do Rito Escocez.

O 5.º Gr.·. do Rito Moderno corresponde ao 14.º do Rito Escocez.

---

(1) O sentido dado a cada um d'estes Gr.·. resulta naturalmente do ceremonial e dos symbolos designados nos cadernos da Instrucção; mas é forçoso convir que entre todos elles não ha senão os primeiros tres, que sam razoaveis, tudo o mais é superfluo.

(2) Como este Rito é hoje o mais usado em Portugal e no Brasil, nós reservamos a sua exposição para volume d'*Architectura Mystica*, que deve seguir-se a este.

O 6.º Gr.·. do Rito Moderno corresponde ao 15.º do Rito Escocez.

E finalmente o 7.º Gr.·. do Rito Moderno ou Francez tem a mesma doutrina, e moral, que o 18.º do Rito Escocez.

Donde se conclue que

O 1.º Gr.·. é consagrado á virtude e á beneficencia.

O 2.º Gr.·. é cons.·. ao trabalho e ás artes mechanicas.

O 3.º Gr.·. é cons.·. ao pundonor inflexivel, e ás producções do genio.

O 4.º Gr.·. é cons.·. ao zelo virtuoso, e á punição da perfidia.

O 5.º Gr.·. é cons.·. á gratidão para com os chefes da Ord.·.

O 6.º Gr.·. é cons.·. ao heroismo em beneficio da patria.

O 7.º Gr.·. é cons.·. aos triunfos da luz sobre as trevas, e aos da virtude contra o vicio.

4.º *Rit.·. de Misraim ou Egypcio.* Este Rito compõe-se de noventa Gr.·., divididos em quatro series: 1.º *Serie Symb.·.*, que comprehende 33 gr.·. em seis classes: 2.º *Serie Philosophica*, que abrange 33 gr.·. em quatro classes: 3.º *Serie Mystica;* tem 11 gr.·. em quatro classes: 4.º finalmente é a *Serie Cabalistica*, e comprehende 13 gr.·. em tres classes.

Parece que os fundadores d'este Rito, multiplicando assim os Gr.·., quizeram reunir nas primeiras duas Series os conhecimentos Maç.·. de todos os outros Ritos, e deixar nas duas ultimas a chave dos Myst.·. Egypcios, e a explicação dos emblemas Maç.·..

Entretanto, tres negociantes do mesmo nome, *Bédar-*

rides, cujas operações commerciaes não foram mais felices, doque as suas especulações Maç.·., parece terem sido os, que introduziram em França o Rit.·. *Misraim*. Tambem se affirma que a Potencia suprema d'este Rit.·. viéra de Or.·. de Napoles para Pariz em 1814.

Mas é certo que em 1816 os Iniciados de *Mirraim* fundaram em Pariz uma L.·. mãe (l'Arc-en-ciel); e que em 1827 o Gr.·. Or.·. de França declarou *que o Rito Egypcio não era reconhecido nem tolerado:* com tudo sabe-se que depois de 1830 algumas LL.·. do R.·. *Misraim* teem continuado seus trabalhos: a Inglaterra nunca quiz acceita-lo; e nós esperamos que, a seu exemplo, Portugal e o Brazil recusarão sempre tamanha praga.

5.° *Rit.·. d'Adopção*. E' debaixo d'este nome, que as LL.·. das Damas são designadas. As Damas tambem formaram sociedades, á maneira das LL.·. Maç.·.. E qual é a virtude, que lhes deve ser estranha? Na Maç.·. tracta-se dos actos de *Beneficencia;* e seu coração sensivel, não podendo resistir por mais tempo a tão dôce inclinação, quiz tambem cultivar os Myst.·.. Affirma-se que o marquez de *Saisseval*, ajudado por alguns II.·. egualmente illustres, fôra o verdadeiro fundador do *Rito d'Adopção* em Pariz.

Ha muitos outros Ritos, que julgamos não dever analysar, para não engrossar o volume sem utilidade; sómente diremos que o Rito Escocez tem sido reformado n'Allemanha, e reduzido a menor numero de Gr.·. O Cav.·. de *Saint-Martin* fez dez Gr.·. dos trinta e tres do Rito Esc.·.; e dividio-o em duas series, debaixo do nome de *primeiro* e *segundo Templo*.

Tambem não fallaremos d'outras Or.·. Maç.·., taes como a dos *Martinistas*; dos *Cabalistas*; dos *Somnambulistas;* dos *Iniciados* de *Cagliostre;* dos *Jesuitas;* dos

Cav.·. do S. Sepulcro; dos *Cav.·. de Christo;* dos *Illuminados d'Allemanha;* dos *Carbonarios da Italia*, etc.; porque algumas já não existem, e as outras estam fora do systema geral da Franc-Maç.·. e só sam conhecidas em alguns logares. (1)

CAPITULO IV.

Objecto dos diversos Myst.·. em geral.

Todas as instituições receberam, mais ou menos, o espirito geral dos tempos, que atravessáram, e principalmente dos, que as viram nascer: ora, os diversos Myst.·., tendo existido nos seculos da ignorancia, nos da barbarie, e nos das luzes, deveriam tambem ter fins differentes, conforme os homens e as carencias de cada payz: mas é certo que, abstracção feita de bagatelas, quasi todos os Myst.·., sobre que a Franc-Maç.·. tem assentado, tiveram por fim, não o interesse exclusivo e especial, mas sim a utilidade geral.

Ant. Christ. 100:000. Os Myst.·. dos Magos tiveram em vista dous fins: o primeiro era a conservação dos conhecimentos uteis e scientificos; e o segundo foi a união da theogonia ás sciencias. Para o bom exito do primeiro, os Magos só tomavam por Adeptos homens profundamente instruidos; e para firmar a crença do segundo usavam de symbolos, que o povo adorava, mas que não entendia.

Este methodo, improprio talvez dos seculos modernos, era razoavel e necessario nos seculos remotos; por-

---

(1) Alguem tenta hoje fazer reviver o *Carbonarismo*, e athe algumas recepções já se ham feito; mas duvidamos de que faça fortuna em Portugal.

que, quer o Sol se considere como o retrato do Creador, quer como o Creador mesmo, nem por isso a sua essencia deixa de escapar ás investigações humanas; e quando o erro tentasse atacar o seu Culto, lá se achavam as sciencias para dissipar os desvarios.

É forçoso confessar que o duplicado fim dos Magos era sabio e generoso; pois que tendia de lançar as bases da civilisação, e de prevenir os rezultados atroces das guerras religiosas.

5:000. — Os *Myst.·.* dos *Brachmanes* tiveram por objecto: 1.°, a theogonia do *Vedan*: 2.° a ambição do poder. É verdade que mais tarde os Brach.·. conheceram tambem a Iniciação dos Magos; mas só parece ter-lhes servido para melhor sustentar o seu egoismo. A India, entorpecida debaixo do dominio sacerdotal, que se oppõe constantemente a toda a sorte de progresso, é prova incontestavel do, que avançamos.

2:900. — Os *Myst.·.* dos *padres* do *Egypto*, ou d'*Isis*, mais vastos, doque os antecedentes, tiveram em vista tres objectos differentes: o primeiro era a instrucção publica e privada; o segundo a industria e a prosperidade dos Egypcios; e o terceiro foi puramente politico. Os *padres* tiveram a prudencia d'estabelecer dous cultos e duas doutrinas: um era *secreto* e comprehendia a doutrina dos Magos; outro era *popular*, e tinha por base a Metempsycose, que promette um porvir mais consolador, doque as chammas eternas, que devem sempre queimar, sem consumir. . . .

Os annaes do Egypto provam de sobejo que os *padres* d'*Isis* foram os primeiros homens, que realmente se occuparam na felicidade publica. O fim politico d'estes Myst.·. consistio na formação d'algumas leis, na verdade poucas, mas proporcionadas aos costumes do Egypto: Em uma palavra os Myst.·. d'*Isis* foram tão sublimes, que o

Egypto foi, e é ainda hoje considerado por muitos sabios como o berço da civilisação primitiva.

1:930. — Os *Myst.·.* dos *Cabyres* da ilha de Samothracia tiveram por fim a coragem e o patriotismo: Os homens, que se distinguiam por qualquer acção brilhante em beneficio da Patria eram annualmente coroados na celebração publica d'estes Myst.·.

1:330. — Os *Myst*.·. de *Orpheo* tiveram em vista dous fins louvaveis, e egualmente vantajosos: o primeiro foi á abolição do charlatanismo dos Myst.·. de Céres; e o segundo foi a instituição d'um collegio scientifico, onde as sciencias eram dadas segundo a capacidade de cada Iniciado. Orpheo, estabelecendo a doutrina *dupla*, reformou os Myst.·. Gregos, e tornou-os todos em beneficio da Grecia.

1:018. — Os *Myst.·. Essénios* tiveram por fim: 1.° a abolição da idolatria: 2.° a benevolencia e a philantropia: 3.° o amor á Patria. Os Inic.·. nos Myst.·. de *Salomão* observaram a doutrina dos Magos, e a sua moral foi sempre austéra:

Finalmente os Essénios soccorreram todos os homens virtuosos, fosse qual fosse a sua crença; e quando a maior parte dos Israelitas era vagabunda, os Essénios adoptaram, e defenderam uma Patria.

Post. Christ. 33. — Os Myst.·. do *Christianismo* tiveram por fim o estabelecimento d'uma religião nova e sublime, que tinha por base, a *egualdade*, a *liberdade politica* e *religiosa*, e a *abolição completa das castas privilegiadas*. A doutrina de Christo, sendo parabolica, era propria para unir os homens entre si; e si não fossem os abusos do Catholicismo; ella seria hoje universal, e teria feito talvez a felicidade do genero humano.

800. — Os *Myst.·.* dos *Francos*, á excepção dos Druidas, tiveram todos por fim não só a *tolerancia* e a *phi-*

lantropia, mas tambem a *prosperidade* e a *independencia* da *patria*. A abolição dos Feudos, as guerras da Palestina, e o estado progressivo de sua civilisação não os desmentem.

1:703. — Os *Myst*.·. *Britannos* tiveram e teem tido por objecto: 1.° a *gloria nacional*; 2.° *uma generosa philantropia*; 3.° o *amor ás sciencias e ás idéas liberaes*. Os melhores e mais antigos edificios da Inglaterra; os numerosos estabelecimentos d'educação publica; e finalmente os beneficios, que a Maç.·. tem feito nas cinco partes do mundo, foram obra dos Myst.·. Britannos.

Conclusão. — D'estas considerações geraes se colhe não *só que a maior parte dos Myst*.·. *foi estabelecida, por motivos louvaveis, mas que cada um d'elles tem tido seus fins uteis, tanto geraes, como locaes*.

Mas, se isto é verdade, porque razão a Maç.·., e seus Adeptos teem sido tantas vezes perseguidos? Necessario é respondermos a esta questão: porque homens ha, a quem é preciso mostrar *com o dedo* a verdade.

E' indubitavel que a Maç.·. tem sido em differentes epocas, e é ainda hoje, perseguida em alguns estados da Europa; mas esta perseguição tem sempre por motivo a fraqueza de alguns principes, que, embalados n'uma religião dominante, se deixam alliciar por uma seita de *egoistas*, que, com o manto sagrado da religião, perpetram crimes os mais horrorosos!! . A Russia, Italia, Hespanha, Portugal, sam ainda hoje victimas innocentes d'estes infames monstros, que, a troco d'uma sordida ambição, não poupam a honra de seus amigos, nem a vida de seus proprios irmãos!!! Pelo contrario, nos paizes mais civilisados, onde existe realmente a tolerancia religiosa, e onde não ha nem o dominio papal, nem o fanatismo do clero, a Maç.·. não só é respeitada, mas até tem sido protegida pelos principes e pelos governos.

Assim, em 1737, Frederico 1.° prohibio as reuniões Maç.·. em Suecia; mas, no mesmo anno, esse mesmo decreto foi revogado. D'esde então a Maç.·. não só tem sido favorecida n'aquelle reino, mas athe seus reis teem sido G.·. Mest.·.; e Carlos XIII instituio em favor dos Franc-Maç.·. uma Ord.·. civil de Cavallaria.

Em 1737 os Estados Geraes suprimiram na Hollanda as assembléas Maç.·. declarando *que elles nada tinhão descoberto, que fosse contrario á boa ordem.* Depois d'escutada a defeza dos Maç.·., os Estados Geraes não só revogaram a mesma ordenança; mas acordaram protecção á Franç-Maç.·.

Em 1745 aos Magistrados de Berna, fundados meramente em suspeitas, prohibiram o exercicio da Maç.·.; mas os Maç.·., fazendo imprimir em Francfort uma memoria, que refutava as imputações allegadas contra a Ord.·.; obtiveram dos Magistrados uma tolerancia absoluta.

Em 1764 a imperatriz Maria Thereza proscreveo a Maç.·. unicamente porque os *Ven.·.* de Vienna recusavam descobrir ao governo os segredos da Ord.·. Elisabeth, rainha d'Inglaterra, quiz tambem conhecer os mesmos segredos; mas, apezar de não satisfazer a sua curiosidade, ella não inquietou mais os Maç.·. e ficou convencida de que o fim de taes reuniões era louvavel.

Em França, os Maç.·. teem sido algumas vezes perseguidos, ja por bispos, ja pela policia: mas nunca foram accusados de facciosos nem d'intrigantes.

Os Franc-Maç.·. eram suspeitos a Guilherme 1.° rei de Prussia; mas Frederico II, e seus successores os protegeram d'um modo especial. Por um decreto de 1800 o Governo Prussiano prohibio sociedades secretas; mas elle não comprehendeu n'este numero as Maç.·.

Em uma palavra muitos outros principes temeram, não as reuniões Maç.·., porque bem conheceram a pureza de suas vistas, mas outras sociedades secretas, que po-

deriam tomar as suas formas e espalhar principios mui differentes:

A Maç.·., ácerca de religião, pode desagradar á Curia Romana, que, por toda a parte e em todas as religiões, considera a *tolerancia como deismo* ou *indifferentismo*.

A Maç.·. pelo que respeita á politica, pode tambem, em momentos criticos, produzir inquietação, por causa do véo mystico, que a encobre: mas pelos exemplos, que citamos, claramente se mostra, que a Maç.·., bem longe de declarar guerra aos reis e aos governos, não faz mais, do que *ajuda-los* e sustenta-los. E' verdade que o comportamento d'alguns Adeptos da Maç.·. tem sido escandaloso; mas a Maç.·., tendo por fim a pratica das virtudes, não tem o direito de correcção pelas faltas commettidas fóra do seu seio: Se um membro se torna culpavel por uma falta grave, ella pode exclui-lo, e já o tem feito, mais d'uma vez; mas uma Sociedade, principalmente quando é numerosa, nunca deve ser julgada pelos actos d'alguns membros em particular.

A Maç.·. só combate *ambição, fanatismo e a superstição;* porque sam os tres inimigos implacaveis da ordem, e do genero humano.

E' por theoria que os Maç.·. combatem. A Maç.·., sendo a escola da Philosophia, lembra aos homens seus direitos e seus deveres; dá aos fortes, quando são justos, o appoio de sua opinião; e inspira aos fracos, quando timidos, a energia d'uma resistencia legal: conseguintemente a Maç.·., por meio de suas lições e de seus exemplos, sabe conservar e destribuir os direitos civis e religiosos.

Tal é o seu fim; tal é a sua gloria; e tal é a sua recompensa . . . .

Depois d'havermos dado a *definição* de Maçonaria, e depois de havermos ditto em geral quaes sejam seus *fins*, cumpre-nos desembrulhar a sua *Origem*, e analysar

a sua *Historia*: tal vai ser o objecto dos capitulos seguintes.

CAPITULO V.

Preeminencia dos Egypcios sobre os Hebreos.

Os philosophos mais acreditados da antiguidade, assim como os de hoje, admittem a creação dos Mundos pelo Grande Architecto da Natureza; mas negam formalmente que o *Adão* de Moysés fosse o primeiro entre os homens; alem de que este nome foi desconhecido pelos povos da antiguidade, á excepção dos Hebreos: porque elle deveria ter sido creado precizamente quando existiam nações já policiadas, como a China, e o Egypto. A Biblia nos diz que os Hebreos dividiram a terra entre si para a povoarem; e *Rollin* fixa o anno de 1815, depois da creação do mundo, em o qual *Ménés* ou *Misphraim*, filho de Cham, foi o primeiro homem, que se estabeleceu no Egypto, de quem foram filhos os *Egypcios*, povo inferior aos Israelitas; comtúdo esta *inferioridade* não se acorda com a opinião dos criticos antigos e modernos; e ainda que os Egypcios tenham acreditado que o seu primeiro Rei foi *Ménés* é virosimil que os Padres e os Iniciados o creem um *ente allegorico.* (1) Os Templos de Saul, de Thebas, e de Memphis, ainda não foram imitados, nem pelos Gregos nem pelos Romanos; e muitos Zodiacos, como o de *Denderat*, provam incontestavelmente a antiguidade dos Egypcios sobre os Israelitas.

A Chronologia Biblica tambem se acha em contradição com a Chineza: Os Chinezes tinham em seus archi-

---

(1) Héredoto; e em um gr.·. de Esc.·., *Ménés* (Lua), se faz menção de sua allegoria.

vos livros, que datavam de 3 milhões de annos. Na China dous astronomos foram condemnados á morte por não terem vaticinado um eclipse, que devia succeder 2:159 annos antes da era Christã; e a Chronica Chineza relata um acontecimento astronomico, pelo tempo do Imperador *Schuen-Hio*, e que foi depois confirmado pelo Padre *Mailla*, Jesuita, a saber: que a Lua, Saturno, Jupiter, Marte, e Mercurio se acharam em conjunção em 9 de Fevereiro do anno 2:461 antes da era vulgar, epoca muito anterior ao Diluvio de Noé: deve mais observar-se que em seus archivos acha-se uma serie, não interrompida, de seus Monarchas e de suas observações astronomicas, que todas se acordam com as dos nossos celebres astronomos; por conseguinte o Diluvio, descripto pela Biblia, deve ter uma data muito anterior ás epocas, em que o Imperio Chinez era muito povoado, dividido em vastas Provincias, e tinha Sciencias Commercio e moeda. (1) Mas o que principalmente tem fixado a admiração de todos os sabios sam as *Pyramides do Egypto*, que eram Templos elevados em *honra do Sol*; e com effeito sua forma, sua dimensão, e sua exposição, indicam o genio e o seculo, que presidio á sua construção: Pretendeo-se fazer crer que estes edificios tinham sido construidos para tumulos dos reis, e isto porque no fundo da grande Pyramide se achou uma *Cova*, que parecia destinada a receber um cadaver; mas os criticos deviam lembrar-se de que n'estes sitios se representavam os Myst.·. *d'Osiris*, e por conseguinte a sua morte e resurreição, ou a *morte* e a *resurreição* do Sol. *Maneton*, que era Pontifice de Héliopolis, e que viveu 300 annos antes de Christo, affir-

(1) Vej. Censorinus; Denon; Let. Amer: de Carli; e R. de Schio Tom. 1.º

ma que o Egypto tinha 250 Cannaes, que o atravessavam e o fertilisavam, dos quaes alguns tinham 50 milhas de longitude, e que d'estes ainda alguns havia no seu tempo, apezar das ruinas, que o paiz tinha soffrido, pelas revoluções da natureza, e da politica.

Platão, fallando dos monumentos do antigo Egypto*, diz formalmente que alguns havia com a data de 10:000 annos; e diz mais que suas leis existiam pelo menos 9:000 annos antes de Solon. *Diogenes Laercio* conta 832 eclipses totaes da Lua, observados pelos padres do Egypto; mas, não succedendo um eclipse total sinão depois de 223 annos lunares, isto é, depois de 18 annos solares e 15 dias, segue-se que dá uma epoca de 15:013 annos antes de tal author.

Deixando as remotas eras dos Egypcios e referindonos ao, que escreveo *Porphiro*, e *Cheremont*, que vio no seu tempo os padres do Egypto divididos em 3 *classes*, conheceremos que a 1.ª se occupava em observar os astros, cujo estudo adaptava á theologia; que a 2.ª se dedicava aos acco̧ntecimentos civis politicos e militares, para formar a sua historia; e emfim que a 3.ª classe se consagrava ás funcções religiosas: os Padres. Estes eram differentemente vestidos segundo as differentes divindades ou Myst.·. que seguiam.

Os Antigos Annaes provam que os Reis Pontifices queriam imprimir nos povos, que estavam debaixo de sua obediencia, a ideia d'um *Ser Supremo, creador, e conservador*, do Universo: elles apresentavam o Sol, como cauza dos bens physicos, e de todas as producções vegetaes e animaes. *Moyzés* considerou este governo como o melhor dos Governos possiveis, e tanto mais, que os antigos Egypcios consideravam seus antigos Reis-Pontifices, por via de suas virtudes, como divindades; seus livros não tinham outro fim sinão o bem geral e particular: e *Herodoto* asseve-

ra que estes mesmos Padres, alem da genealogia dos seus reis, contavam uma egual successão de Pontifices ou Sacrificadores; e emfim os Litteratos de hoje creem na antiguidade do Egypto, pelo que se observa na Obra, publicada pelo *I.·. Denon*, verdadeiro monumento da gloria Franceza, e na qual se vê que os reis e os padres do Egypto gravaram sobre seus palacios, templos, tumulos, columnas, e obeliscos, todas as imagens dos seus Deoses, de seus homens illustres, da sciencia astronomica, dos preceitos de seu culto, e os da sociedade civil: Todas estas esculpturas, que se julgariam imperfeitas, excitam o mais vivo interesse; por que ellas nos apresentam os mais antigos traços, que a humanidade tem deixado sobre a terra, e que precederam a antiga civilisação da Azia e da Grecia; d'onde se tiraram todos os materiaes para as leis civis, politicas, e religiosas do Universo.

Na Pyramide descoberta ultimamente pelo mesmo *Denon*, e que tinha sido construida por Psammenite vê-se esculpidos sobre as muralhas os seus despojos, conduzindo captivos os Ethiopes e os Judeos; e por elles se conhece que estes foram considerados no Egypto como verdadeiros escrávos, o que está d'acordo com a Biblia: e com effeito o vasto e agreste paiz, que os Judeos habitaram, era imperfeitamente submettido aos Pharaos, e os padres, que elles consideravam como Patriarchas, e que succederam athe Moysés, eram os seus verdadeiros chefes; todos elles não faziam mais, doque uma familia, e nunca foram outra cousa sinão pastores.

D'onde se tira que o povo Hebreo não se tornou Nação sinão durante a sua escravidão no Egypto; que a sua civilisação só data da sahida do deserto com Moysés, época, em que o Egypto era já um Imperio rico e poderoso; e finalmente que os reis do Egypto tiveram magnificos palacios, quando os Hebreos não tinham sinão pobres tendas.

CAPITULO VI.

Origem da Maçonaria.

Si um grande numero d'Authores tem escripto sobre a Origem da Maçonaria, muitos tambem teem disparatado em vagas narrações. Mr. de S. *Martin* pretende que a Maç.·. fóra creada com o Universo. *Smitz* quer que Adão fosse o depositario da Sciencia Maç.·., e que no acto da sua creação elle tinha recebido de Deos mesmo a sua doutrina, isto é, a *Lei natural.* Uns querem que a Maç.·. fosse fundada pelo *Romulo*, em Roma; outros por *Augusto*, que se fez iniciar em Athenas.

Uns querem que ella provenha das ceremonias dos antigos Mist.·. que, do Egypto e da Phynicia, passaram directamente á Europa; outros suppòem que ella tomou nascimento nas escolas de Pythagoras e Platão.

Uns querem que a Maç.·. fosse creada por Salomão; outros pelo contrario pretendem que ella fosse uma invenção dos Jesuitas. Uns allegam que ella é uma instituição religiosa e christã; outros emfim dizem que ella tomou origem nas *Confrarias* de Strasburg ou de Londres.

Entretanto todas as conjecturas e systhemas, que a tal respeito se tem feito, só nos parecem proprios para afastar-nos da verdade, porque aquelles Authores não teem procurado a historia Maç.·., como deviam, nem nos seus gráos, nem nos seus Myst.·., nem nos seus differentes Ritos; e é só com taes dados qne nós nos poderemos guiar pelas trevas da antiguidade, e pela confuzão dos escriptos, que appareceram nos primeiros seculos do Christianismo athe hoje.

Todos os historiadores antigos e modernos concordam em que o Egypto foi outr'ora o berço das sciencias e das artes, e que os povos contemporaneos lá foram sorver seus prin-

cipios religiosos e politicos, como demonstrou o sabio *Dupuis.*

E na verdade, similhante a uma arvore tão antiga, como o globo, o Egypto levantou sua cabeça magestosa pelo cháos da eternidade, e enriquecêo com seus productos todas as partes da terra; o Egypto, debaixo de differentes formas e differentes nomes, mas constante em sua essencia, fez chegar athe nós a sua religião, a sua moral, e as suas sciencias.

Os Magos da Persia, os philosophos gregos, e os Patriarchas, que precederam Moysés, aprenderam dos padres do Egypto seus dogmas, seus Myst.·., e a arte de governar os povos, conforme o seu clima e a sua civilisação: estes Myst.·. e estas sciencias eram severamente guardados, é escrupulosamente ensinados, pelos padres, que eram exclusivamente encarregados de sua pratica; e, para impedir que homens sem caracter, e sem sciencia, fossem a ellas admittidos, estabeleceram que os Iniciados seriam primeiro obrigados ás experiencias dos 4 *elementos*; experiencias tão terriveis, que hoje se tornariam incriveis, sinão se achassem transcriptas por antigos authores e modernos: estas experiencias tinham por fim confirmarem-se da coragem, da moral, da sciencia do Neophyto, e repellir de si os, que não fossem dignos, a escoria do povo; o que fez dizei a Horacio ═

Odi profanum vulgus et arceo.

Hoje na Maç.·. conservam-se ainda os nomes antigos das viagens, a que o recipiendario era submettido na occasião de sua iniciação aos Myst.·.; e conserva-se egualmente a inscripção Egypciana, que hoje ainda se lê sobre o tumulo de *Hiram: O, que só fizer estas viagens sem médo será purificado pelo fogo, agua, e ár; e o, que ven-*

cer o terror da morte, tendo a alma preparada para receber a luz, terá direito a sahir do seio da terra, e a ser admittido ás revelações dos grandes Myst.·. (1)

O Iniciado estava *nú* e tinha um *avental*: era nú, para explicar que elle devia deixar vèr sem rodeios, seus pensamentos secretos; e a privação d'ornamentos profanos devia fazer-lhe comprehender que o seu novo estado reclamava d'elle a pratica das virtudes: tambem lhe tiravam o dinheiro e as joias por ser isto o, que as mais das vezes serve d'instrumento para a corrupção humana. O Neophyto, depois de ter vencido os primeiros obstaculos, depois de ter descido ao *pôço* mystico, depois emfim de ter percorrido a abobada sagrada, era ainda senhor de retrogradar; mas não succedia assim depois que elle tinha passado a porta, que era guardada por padres, cobertos d'armas e elmos, que representavam symbolos dos Myst.·. alli celebrados; e si estes elmos eram ou a cabeça d'um *gallo*, ou d'uma *serpente*, elles representavam *Osiris* ou o *Sol*; si era de *boi*, os Myst.·. eram relativos ao deos *Apís*; e emfim se a cabeça era de *cão* as ceremonias tinham relação com o deos *Anubis*. (2)

O Neophyto depois de ter passado a dita porta se obrigava a mais não recuar; si a firmeza porem lhe faltava nas experiencias subsequentes, passava o resto da sua

---

(1) No Gr.·. Cav.·. Kadosk. E' a mesma inscripção, que segundo *Setos*, achava o Iniciado nos Myst.·. de Isis: e *Apulejus* diz que a *Iniciação é a resurreição a uma nova vida.*

(2) D'outra maneira não se poderiam explicar as cabeças, de que estam armados os 4 Evangelistas no fôrro do tecto em uma das galerias de Florença, e que se acham estampadas na *Obra de R. de Schio*: da qual fallaremos depois. (Vej. Est. 4.ª N. 1, 2, 3, 4.)

vida nos subterraneos do Templo, onde por seu zelo podia ainda chegar a ser official subalterno.

Ora nas experiencias Maç.·. de hoje, que sam uma imitação fiel da Iniciação Egypciaca, ha tambem um instante, em que se offerece ao Neophyto a escolha ou de se retirar, ou d'ir avante.

Qualquer homem podia apresentar-se para a Iniciação Egypciaca, todavia nem todos n'ella indistinctamente eram admittidos: esta regra foi adoptada pelos Gregos, pelos primeiros Christãos, e hoje pelos Maç.·.. *Nero*, na sua viagem á Grecia visitou o Templo d'Eleusis, e quiz participar de seus Myst.·.; mas uma vóz lh'o prohibio, e elle se retirou: *Constantino* dezejou o mesmo, mas não o pôde obter. (1)

O Hierophanto dos Myst.·. Egypcios representava o *Creador*: trazia em aspa e sobre o peito uma lamina, na qual estavam gravadas as palavras — *Verdade*, *Prudencia*, *Sabedoria*: Seu vestido era de purpura bordada: um brilhante diadema lhe ornava a frente: uma alva, apertada por um cinto de differentes cores, lhe compunha o vestido, de que se servia em suas ceremonias. Hoje os Maç.·., não tendo o mesmo vestido, adornam-se tambem com decorações differentes conforme os Gr.·.

Quando o Iniciado era admittido aos grandes Myst... tornava-se *Padre*, e toda a illusão desapparecia: Suas instrucções consistiam em lhe fazer conhecer a *fraqueza humana*, *as operações da terra*, *o curso dos astros*, *e a ordem do Universo*, cujos conhecimentos levam o Candidato a reconhecer o Gr.·. Arch.·. do Univ.·.: o prestigio

---

(1) Eis a razão, porque o primeiro perseguio o Oraculo de Delphos, e o segundo os adoradores de Jupiter e de Serapis.

das cerimonias mysticas cessava de todo; e emfim um simples altar em um rico jardim era o novo Templo para o Iniciado: era então que o Neophyto acabava de conhecer que os padres eram obrigados a conduzir-se assim, para exercerem seu imperio sobre o povo ignorante, a quem uma boa politica, segundo elles, prohibia de fazer-lhe conhecer a verdade; e era por esta razão que enganavam o povo com prestigios, e oraculos. Hoje em todos os Ritos da Maç.·., particularmente no Escocismo, conservam-se ainda as provas dos Myst.·. Egypcios, o mesmo ensino, e o mesmo resultado; com a differença de que os antigos padres eram os unicos, que dirigiam as redeas do Governo, e tinham edificios proprios e vastos, onde os profanos não podiam entrar.

Do, que levamos dito, se conclue que a Theogonia e a Theocracia foram quasi sempre a doutrina exclusiva dos povos primitivos; e posto que os Egypcios façam remontar a sua éra a 23:530 annos antes da nossa, não foi sinão em 2:965 annos antes de Christo que Menés *Tresmagister* (porque foi ao mesmo tempo legislador, padre, e philosopho) fundou a philosophia Egypciaca, que foi extremamente obscura: mas depois delle aos 2:900 annos antes da éra vulgar, os padres do Egypto abraçaram a Iniciação e a philosophia dos Magos e dos Brachmanes, que comprehendia todo o systema do Universo, tendo por base os phenomenos astronomicos.

Os Annaes Geraes do mundo mencionam tres Isis: a 1.ª *Isis Indiana*, cuja origem remonta a mais de 3 milhões de annos; a 2.ª *Isis*, irmã e esposa d'Osiris Egypcia, cuja origem remonta a 6:800 annos antes da éra vulgar; e a 3.ª *Isis Egypcia*, que foi uma Deosa, em favor da qual os Myst.·. do Egypto foram estabelecidos aos 2:900 annos antes de Christo: a sua philosophia foi primeiramente ensinada e desenvolvida na Cidade de Col-

pte; e os seus padres chamavam-se *Isiacos*, que cantavam hymnos ao nascer do Sol (1).

E' d'estes ultimos, que parece dever derivar-se a Maç.·. de hoje; e, ainda que a crença geral dos Egypcios era a metempsicose, e seu culto o do Sol e da Lua; comtudo a crença religiosa de seus Myst.·. era a *unidade* de Deos, e a *immortalidade* da alma, como depois se verá.

E' mister saber-se que, muitos seculos antes dos Egypcios, os *Magos* da Persia, e os *Brachmanes* da India tiveram tambem Iniciação e Myst.·.; mas, tendo os primeiros sido exclusivamente philosophicos, e os segundos exclusivamente Theogonicos, e não havendo athe hoje noticia dos seus Rituais, dever-se-ha concluír que não é d'elles, mas sim dos Myst.·. Egypcios, que adoptaram promiscuamente a philosophia e a Theogonia, que a Maç.·. actual tirou a sua origem; e esta nossa opinião torna-se tanto mais provavel, que os Padres do Egypto foram os, que nos deixaram um Ritual, o *Crata Repoa*. No entretanto nós trataremos d'uns e d'outros em logar competente; assim como dos demais que tiverem relações directas com a Maç.·.

CAPITULO VII.

Maçonaria entre os Egypcios.

Não foram só os padres de Isis que communicaram verdades philosophicas e os segredos da natureza; os Judeos seguiram a mesma vereda (2), e *Phocio*, que viveu no 5.° seculo, fallando da Iniciação aos Myst.·. Christãos, a considera como o *fim da vida profana*, e da *morte do*

(1) Vassal Cours complet de Maçonerie.
(2) Ecclesiastico cap. 4.°

vicio: O Neophyto, segundo elle, chegado aos limites da vida profana, não achava ás portas da Iniciação sinão terror e obstaculos; mas, passados estes, uma *luz celeste* lhe feria os olhos, descobria á roda de si um espectaculo encantador; canticos accompanhados d'harmoniosa musica lhe lisongeavam os ouvidos, visões santas lh'appareciam, e era revestido do caracter *d'Eleito*; e finalmente elle era coroado e admittido á sciencia das doutrinas sagradas da *Resurreição* (reproducção dos sêres coberta com o véo de allegoria). Taes eram, pouco mais ou menos, ás antigas Iniciações dos Padres *Coptos*, como se pode vêr em Diodoro, Plinio, e outros.

Hérodoto, que era Iniciado, fallando dos Myst.·. Egypcios, guarda-se de dar certas explicações; comtudo elle falla d'um tumulo e d'um homem sacrificado, de quem diz dever calar o nome. Elle descreve que este tumulo estava na cerca do Templo onde se achavam figuras symbolicas, e uma lagôa circular; e que era alli que os padres Egypcios, celebrando os Myst.·. secretos, davam a representação dos soffrimentos d'um Deos, feito homem, como simulacro do Deos *Luz*, morto por *Typhon*, principe das trevas; e conta mais que depois da sua morte o cadaver era posto no esquife, e que sua *resurreição* real succedia immediatamente no meio de relampagos, e de trovões, como por encanto: estes soffrimentos que Hérodoto dá como factos historicos não sam sinão allegorias: os soffrimentos designavam o *curso* do Sol durante o verão; a morte era a *imagem* do Outomno; o tumulo representava o *inverno*; e a resurreição do heroe não era senão a *imagem* da primavera: A afflicção era causada pela morte ou ausencia do Deos *Sol*; como o festejo era occasionado pela sua reapparição.

Estes mesmos Myst.·. eram tambem communs aos Persas; quando punham Mythras no esquife, gritavam *sua*

morte fez a vossa salvação. Taes eram os Myst.·. de *Osiris*, de *Bacho*, e *d'Adonis*, os sacrificios, que se praticavam, eram uma representação de sua morte, de sua resurreição e de sua immortalidade. Em todos estes cultos diversos o *Sol* era pois o objecto da allegoria, que depois foi desfigurada pela crença e pela superstição. (1)

Poetas, e philosophos estrangeiros, convencidos da sublimidade dos Myst.·. d'Isis, correram ao Egypto a iniciar-se: O ultimo grego illustre, iniciado no Egypto, foi *Pythagoras* de Samos, nascido aos 592. annos antes de Christo, o qual para poder ser admittido, e aprender as sciencias da Iniciação, consentio na circumcisão. (2)

Foi, submettendo-se a todos estes rigores da Iniciação e fazendo-se entrar nos Myst.·. Egypcios, que *Solon*, *Zoroastro*; *Platão* e mesmo *Moysés*, poderam trazer para a sua patria um culto e leis, que tinham sido feitas em Memphis e Thebas: Os emblemas Egypcios eram relativos á sua astronomia, ás suas leis, e á sua agricultura; por consequencia estes sabios Gregos deviam ter trazido comsigo a chave d'esses mesmos conhecimentos (3). Os Myst.·. Egypcios passáram á Scythia: *Xamoleis*, grego de nação escravo de Pythagoras, e que o accompanhou ao Egypto, voltando á sua patria já liberto, fez edificar um Templo subterraneo, onde, segundo o culto Egypcio, elle instruio a sua Nação nos mesmos Myst.·.: foi o chefe dos Plytas, que o historiador *Jozeph* comparou, por suas virtudes, aos *Esséniòs*. *Hypocrates*, segundo *Saramus*,

(1) Os Myst.·. dos Inic.·. ao Sacerdocio de Roma assimelha-se em muito aos, que descreve Hérodoto; mas o que os aproxima ainda mais é terem de submetter-se a jejuns e macerações, e á uma vida contemplativa.

(2) Clemente d'Alexandria.

(3) Voltaire *art. Therapeutes.*

tendo livrado Athenas da peste, que a desbaratava durante a guerra de Peloponezo, foi iniciado aos Myst.·. d'Eleusis por gratidão e recompensa. *Thémistocles* foi iniciado aos Myst.·. dos Magos, cuja doutrina era Egypcia: Mas não foram só estes philosophos que procuraram a Iniciação; ao tempo, em que o Egypto ia tornar-se Provincia Romana, *Marco-Antonio* foi iniciado aos Myst.·. de Osiris que, como os de Bacho, representavam o Sol: *Cléopatra* vestio-se com o manto de Isis e pronunciou Oraculos em nome da *Nova Deosa ou Deosa Neotera. Adriano* tambem fez elevar templos no Egypto em honra d'Antino (1)

Os padres Egypcios ensinavam que um *Deos unico e supremo* tinha concebido o mundo por sua intelligencia, antes de o formar por sua vontade; donde se colhe que a ideia da *unidade* de Deos é devida á philosophia Egypcia, e não á Judaica, como alguns querem; Os padres demonstravam ao Neophyto que o, *que éra mortal*, não podia ser Deos (2). Este sentimento foi o mesmo dos philosophos Gregos e Romanos (3). Os Padres do Egypto ensinavam que *Deus unico* tinha coordenado dous principios para reger o mundo, — *destruição* — e — *regeneração* — dos sêres, a *Luz* e as *Trevas*, o *bem* e o *mal* physico: elles elevaram um Templo, onde se adorava a divina *Sabedoria*, onde se não podia humanamente decidir qual era sua forma e sua potencia, e onde fizeram collocar a inscripção que petrifica ainda hoje o nosso orgulho: *fui, sou, e serei, e nenhum mortal levantará o véo, que me cobre.* (4)

---

(1) Plutarco.
(2) Plutarco.
(3) Pythagoras e Cicero.
(4) Esta verdade é mencionada em o gr.·. 22 do Esc.·.

Os authores antigos parecem confundir os nomes das divindades Egypcias e Romanas; nós veremos depois que tambem se tem confundido o culto de *Sérapis* com o de *Jesus Christo*, e que as allegorias soffrem as mesmas eventualidades; de modo que se tem dado a *Isis* mil nomes diversos, e que *Apuleo* mui bem descreve fazendo fallar *Isis* da seguinte maneira:

« Eu sou a *Natureza*, a mae de todas as cousas, a se-
« nhora dos elementos, o começo dos seculos, a soberana
« dos Deoses, a primeira da natureza celeste, a facie uni-
« forme dos Deoses, e das Deosas; sou quem governa a
« multidão luminosa dos Ceos, os ventos salutares dos ma-
« res, o silencio lugubre dos infernos, minha divindade *unica*,
« mas de *muitas formas*, é honrada com differentes cere-
« monias e debaixo de differentes nomes: Os Phrygios
« me chamam *Pessinonsiana*, mãe dos Deoses; os Athe-
« nienses, *Minerva*, — *Cecropiana;* os de Chypre, *Vénus* —
« *Paphyana;* os de Creta, *Diana* — *Dyctina;* os Sicilianos,
« que fallam 3 dialectos, *Proserpina Stygiana*; os Eleu-
« sianos, *Deosa Céres*; outros *Juno;* outros *Bellona;* alguns
« *Hécate;* e ha outros, que me chamam *Rhamnusia:* os
« Ethiopes, os Orientaes, os Arianos, e os que sam ins-
« truidos na antiga doutrina, isto é, os Egypcios, me hon-
« ram com as ceremonias, que me sam proprias, e me cha-
« mam pelo meu verdadeiro nome a Rainha *Isis*. » Esta inscripção demonstra plenamente que os Romanos, que eram iniciados nas doutrinas Egypcias, consideravam esta Deosa como o emblema da *unidade* de *Deos* e do *universo*. Os padres do Egypto occupavam os Neophytos no estudo de differentes emblemas, e allegorias, que eram o fundamento de seus Myst.·. e que lembravam os effeitos

---

onde se occulta o precioso *Delta*; e Plutarço tambem a confirma.

successivos da natureza universal, que sam as 3 verdades seguintes:

« 1.ª Que tudo é formado pela *geração*.
« 2.ª Que a *destruição* segue a geração em tudo.
« 3.ª Que a *regeneração* restabelece, debaixo de outras
« formas, os effeitos da destruição. »

As doutrinas que deixamos ditas ainda hoje se conservam em nossos Templos; e os Ven.·., que forem instituidos nas sciencias antigas, saberão adapta-las ás circumstancias. (1)

A doutrina da *geração*, da *destruição*, e da *regeneração* se manifesta claramente no 3.° gr.·. da Maç.·. universal, cujas palavras sag.·. *M.·. B.·.* (producto da putrefacção) dam uma clara ideia da condição necessaria ao desenvolvimento d'outros sêres, e aos principios de novas existencias. Simillhantes doutrinas se acham em outros muitos gr.·. da Maç.·, nos quaes se represénta a creação do mundo, o diluvio, e a redempção do genero humano. (2)

« Os padres do Egypto, diz Vassal, sendo iniciados

---

(1) O I.·. *Delaunay* no seu *Tuileur de l'Ecossisme* dá um extracto sublime do systema da geração universal dos seres, segundo a doutrina symbolica dos antigos.

(2) E' preciso prevenir os II.·. que, quando fallarmos dos Myst.·. Egypcios, dos de Moysés, e de Jesus Christo, não damos a tal respeito a nossa opinião pessoal; e ainda menos a da nossa Ordem: todos os II.·. sabem que a Maç.·. recebe indistinctamente em seu gremio todo o Cidadão que é honesto e que é sugeito ás Leis da sua patria, seja qual fôr a sua religião; a tolerancia universal em materias de religião é uma das bases da doutrina Maç.·.

nos Myst.·. dos Brachmanes, trouxeram para o seu paiz a Iniciação primitiva dos Magos. Segundo *Strabão*, os padres do Egypto receberam dos Brachmanes a primeira ideia dos Myst.·.; e Pythagoras, que muitos seculos depois foi á India consulta-los, trouxe tambem comsigo luzes similhantes, que em mui pouco differem da Iniciação de Memphis e de Samothracia.»

A Iniciação dos Egypcios conhecida pelo nome de Myst.·. d'*Isis* e *Osiris*, remonta, segundo Vassal, a 2:900 annos antes da éra vulgar. Sua doutrina tinha por fim, d'um lado o culto Egypcio ou Metempsycose, d'outro os conhecimentos humanos em allegorias.

A Iniciação Egypcia era dividida em *pequenos* e *grandes* Myst.·.. Os primeiros eram religiosos e *publicos*; e os segundos scientificos e *privados*: era no alto Egypto que os Iniciados successores de *Sesostris*, exerciam, sinão a soberania, ao menos os privilegios suzeranos dos reinos de Memphis, This, etc. etc.: e posto que sua instituição fez a gloria do Egypto, comtudo authores injustos disseram d'ellas o seguinte:

«.... *Or notez bien qu'en fait d'allegorie*
« *Tout, de la part du prêtre, est censé fourberie.*»
(Chenier)

Mas, sendo superior ás considerações do momento, e sem que nossa opinião, favoravel ou desfavoravel ao culto religioso, sirva de cousa alguma na balança da justiça, nós devemos julgar os padres d'antiguidade, como se elles não tivessem tido successores.... É verdade que os padres do Egypto, a exemplo de seus maiores, cuidaram não dever esclarecer o povo, reservando as luzes para um pequeno numero de adeptos escolhidos; mas n'isto mesmo os padres julgaram obrar em beneficio geral; pois

pensaram que a Sociedade seria melhor governada, se os conhecimentos scientificos fossem confiados sómente a corações generosos e sublimes. Conseguintemente seu comportamento, mais desinteressado, do que parece, teve por baze duas maximas ainda reinantes no tempo de *Voltaire* : ==

« Tout pour le peuple, rien par le peuple.
« Il ne faut dire la vérité qu'aux gens de bien. »

Ora pois, si os padres do Egypto si enganaram na maneira de dirigir os povos, tambem *Socrates* e *Confucio* foram seus companheiros; pois formalmente approvaram o seu *duplicado methodo* : e o seu sabio *Boulanger*, ardente inimigo do fanatismo e da hypocrisia, confessa *que os antigos Myst.·. foram inventados mais em favor dos povos, do que dos padres.*

É verdade que depois de 3:000 ou 4:000 annos a facie do mundo moral está inteiramente mudada: as artes e as sciencias estam hoje ao alcance de todos; mas si nos elevarmos aos seculos remotos, e nos fizermos Cidadãos do mundo primitivo, reconheceremos não só a extensão das vistas dos primeiros legisladores; mas tambem que a instituição dos padres do Egypto, bem longe de um egoismo calculado, tinha por motivo a utilidade geral.

E com effeito os padres do Egypto, retirados no recinto de seus templos, e occupados unicamente no culto e nas sciencias, se mostraram sempre amigos de todos os homens do globo, e fizeram uma amigavel troca de conhecimentos com os Magos, com os Brachmanes, e com os philosophos Gregos. Cosmopolitas no tempo da sua gloria, Cidadãos nas desgraças de sua patria, os padres do Egypto tiveram egualmente uma vida nobre.

Foi nos seus Myst.·. que os reis legisladores, os sabios, e os grandes do Egypto adquiriram os profundos conhecimentos, por que se tornaram tão recommendaveis á posteridade; e os Egypcios não foram felices sinão em quanto foram governados por Iniciados. « Felices os povos, « diz Guerin-Dumast, onde o herdeiro do throno, exu« lado das lisonjas da sua Côrte, acha por mestre um « *Amédes*, ou um *Fenelon*, que o instrua a respeito dos « deveres dos reis. . . . »

Taes foram os mais respeitaveis fundadores da Maç.·., ácêrca dos quaes o famoso Poema Maç.·. diz: =

Vou segui-lo.... que aspecto me deslumbra?
Berço das artes, ó primevo Egypto,
Não, qual hoje, ignorante, e em captiveiro,
Porem qual Minos te saudára um dia
. . . .
Salve, do Egypto ó padres, cuja força
Do amor aos homens, da sciencia vinha;
Por isso mais poder, maior, gozastes,
Que altivo rei na Thebas de cem portas:
Nunca em torpe facção vos enredastes,
E, sem transpor de subditos a meta,
Rei, que se ergueu pyramide orgulhosa,
Vos-escuta dos povos os clamores;
Junto ao lago fatal vós lhe-indicastes
Da inflexivel Justiça os sãos dictames
. . . .
Para arredar-lhe as temerarias turbas,
So dando ingresso aos homens não vulgares,
Que util firmeza vigorar sabeis!

(*Holophernes.·. trad.*)

CAPITULO VIII.

Ritual dos Mysterios Egypcios e Gregos.

ADVERTENCIA.

A maior parte dos authores, que viajaram pelos terrenos do Oriente, affirmam que as grandes Pyramides do Egypto davam entrada a longos subterraneos, onde se faziam as Iniciações. Mas para que é expor factos, que se não poderão testimunhar? Não tendo a historia dos povos sido consignada, sinão em symbolos e allegorias, sómente as tradições oraes ou escriptas poderão em tal caso servir de bussola ao historiador. Ora o *Crata Repoa*, escripto em allemão em 1770, e traduzido em Francez pelo I.·. *Bailleul* em 1821, é, de todas as obras, a que melhor descreve as experiencias da antiga Iniciação. Por consequencia, para que o nosso trabalho seja o mais completo possivel, nós exporemos em summa o systema do *Crata Repoa*, que nos parece tanto mais positivo e real, quanto é provavel que, na decadencia do Imperio Romano, os Iniciados expatriados, que implantaram a Iniciação na Scandinavia, poderam levar comsigo, e communicar aos novos Adeptos o mesmo Ritual, que servia nos diversos Myst.·. antigos.

PRIMEIRO GRAU.

PASTOPHORIS.

A *terra*, o *fogo*, a *agua*, e o *ar* eram os quatro elementos que constituiam as grandes experiencias physicas de Memphis.

O ultimo Iniciado era quem conduzia o Neophyto athe á entrada dos subterraneos, e lhe dava uma alampada accesa para lhe servir de guia. O Neophyto marchava depois sósinho, atravessando corredores de tal maneira baixos, que era obrigado a engatinhar. Passados estes primeiros obstaculos; o Neoph.·. encontrava uma cisterna immensa, a que se achava firme uma escada de ferro polido, por onde devia descer athe 60 pés de fundo; mas, não podendo continuar a marcha por falta de gráos, elle, tornava a subir, e via um buraco pequeno, (não observado na descida) que dava entrada a um caminho espiral, e se terminava em um grande poço.

Chegando ao fundo do poço mystico, o Neoph.·. via duas grades uma de ferro ao *Meio dia*, e outra de bronze ao *Norte*, a qual deixava ver um largo corredor, que era allumiado por tochas e lampadas, e adornado nos lados por arcadas successivas. (Tal era a experiencia, que symbolisava o *chaos* da natureza inerte).

Apenas o Neoph.·. entrava no corredor, e passava a porta de bronze, esta repentinamente se fechava por si mesma, e produzia um grande ruido, que, junto ao echo das arcadas, se tornava horroroso. O Neoph.·., depois de ter feito 60 passos no corredor, encontrava uma aboba-

da cheia de fogo, que elle devia atravessar; e a qual segundo Tarressoa, imitava uma fornalha ardente de 100 pés de longo. (Tal era a experiencia do *fogo*).

Depois da fornalha seguia-se um cannal de 50 pés de largo, cuja agua, vinda do Nilo, entrava por um lado no subterraneo, e sahia por outro, com estrondo e rapidez assombrosa: era preciso que o Neoph∴, com a lampada na mão, passasse a nado este canal. (Eis a experiencia da *agua*.)

O Neoph∴ tendo atravessado o cannal, encontrava uma grande arcada, no interior da qual havia alguns degráos, que o conduziam a uma ponte levadiça, e d'um mecanismo complicado. Na extremidade d'esta ponte havia uma porta de marfim, que o Neoph∴ debalde tentava abrir: mas no momento, em que elle lançava mão de duas argolas, fixas nas umbreiras da porta, certa mola real, que fazia mover muitas rodas, abalava a ponte levadiça, e fazia soprar um vento impetuoso, que lhe apagava a lampada.

O Neoph∴, depois de ter estado dous minutos n'esta cruel posição, que lhe deixava ver um precipicio immenso, tornava a descer para o mesmo logar, por effeito d'um contrapeso, e achava-se collocado defronte da porta de marfim, que se abria rapidamente. (Tal era a experiencia do *ár*.) (1)

---

(1) Estas quatro Exp∴, que o *Crata Repoa* não descreve, acham-se perfeitamente representadas na estampa de *Moreau*, e nas obras de *Lenoir*, *Terrasson*, *Vassal*, e outros: Estas eram tam difficeis que *Triptolomeo*, aos 1409 annos antes de Christo, apresentando se á Iniciação do Egypto, e não tendo podido supporta-las não, foi iniciado, sinão depois de ter vivido durante 7 annos nos subterraneos mysteriosos do Templo; e ainda que *Orpheo*

Passadas as quatro provas preparatorias, o *Thesmophores* (introductor) vendava o Candidato, e o conduzia pela mão athe á *porta dos homens* que era exteriormente guardada pelo ultimo iniciado (Pastophoris).

O introductor batia sobre o hombro do guarda exterior; e este batia á porta do Templo, para annunciar a presença do Cand.·. Este, satisfazendo ás interrogações, que então lhe eram feitas, entrava no Templo pela *porta dos homens*, e lá ouvia lêr toda a sua vida profana, que d'antemão os padres sabiam cuidadosamente espionar.

O *Hiérophante* (presidente) fazia novas perguntas sobre objectos diversos, a que o Cand.·. devia categoricamente responder.

O Cand.·. era depois obrigado a fazer uma viagem no circuito de *Birantha*, (que era o recinto exterior do Templo) durante a qual os padres, fingindo borrascas e trovoadas, procuravam assustar o Cand.·. que, firme, afouto, e resoluto, tornava a entrar no Templo, e promettia de se conformar aos estatutos da Ord.·., que anteriormente lhe tinham sido lidos por *Menies* (leitor das leis).

Depois d'esta adhesão, que era puramente voluntaria, o Cand.·. ajoelhava perante o presidente, o qual, pondo-lhe uma cimitarra ou alfange sobre o pescoço, lhe fazia prestar o juramento de *fidelidade* e *discrição*, tomando por testemunhas o Sol, a Lua, e os Astros.

O Cand.·. era depois situado entre as duas columnas

---

tivesse sido iniciado nos mysterios Gregos, quando se apresentou aos de Memphis, e não os poude vencer, teria tido a mesma sorte de Triptolomeo, si não o soccorressem os sons harmoniosos de sua encantadora lyra: este episodio não deixa de honrar os mysterios de *Isis*.... (Vassal).

(*Betilies*): a venda lh'éra tirada: aprendia a Pal.·. d'Ord.·., que era *Amoun* (sêde discreto): e recebia um barrete pyramidal: um toque manual; e um avental chamado *Xylon*.

Quanto ao mais, o Cand.·. era obrigado a estudar a theologia, a physica, a medicina, e a linguagem symbolica. Tambem devia guardar a *porta* dos *homens*.

SEGUNDO GRAU.

NEOCORIS.

Se o Pastophoris, durante um anno d'estudos, tinha dado provas d'intelligencia, um jejum severo lh'era recommendado como preparo para receber o Gr.·. *Neocoris*.

Acabado o jejum, que durava 12 ou 15 dias, o iniciado era posto n'uma camara escura, chamada *Endimion*; aonde bellas mulheres iam reanimar-lhe as forças com iguarias delicadas, e provoca-lo com estimulos d'amor (1):

O iniciado, para provar o imperio, que tinha sobre si, devia triumfar d'esta experiencia difficil. O *Thesmosphores* interrogava o iniciado sobre as sciencias do Gr.·. precedente; e, depois de ter respondido a diversos interrogatorios e a proposito, era introduzido na assembléa. O *Stolista* (hysopista) espargia agoa sobre o iniciado para o

(1) Estas mulheres, segundo o *Crata Repoa*, eram as esposas dos padres; e na Grecia eram as mesmas Virgens consagradas a Diana.......

purificar, e este era obrigado a affirmar *que seu comportamento tinha sido casto.*

Depois d'esta declaração, o Presidente, com uma serpente artificial na mão, corria ao iniciado, que, enleado com ella, era levado a um logar cheio de bichos. (Tanto o iniciado mostrava valor n'esta experiencia, quanto depois era elogiado).

O iniciado era depois collocado entre duas altas columnas, que representavam o Oriente e o Occidente. Entre estas havia um grypho (emblema do Sol) que impellia uma roda de quatro raios (emblema das quatro estações).

O Neocoris tomava por insignia um bastão, circumdado por uma serpente, como o caduceo de Mercurio. O Presidente lhe dava a Pal.·. d'Ord.·., que era *Eva*, e lhe contava a historia mythologica da ruina do genero humano. Encrusar os braços sobre o peito era o Sin.·. de reconhecimento; e o novo emprego do Iniciado era o de lavar as columnas.

Os estudos d'este Gr.·. eram a architectura, a arithmetica, a geometria, e a hydrometria, para conhecer as inundações do Nilo. Estas sciencias, diz o *Crata Repoa*, constituiam o grande segredo, que não era communicado ao povo.

TERCEIRO GRAU,

PORTA DA MORTE,

OU

MELANEPHORIS.

A iniciação a este grão dependia dos progressos mais ou menos rapidos do Néoph.·. nas sciencias, e da continuação de seu bom comportamento. Quando os padres o julgavam digno, o Néoph.·. era denominado *Melanephoris*, e conduzido a um portico, onde se via escripto *Porta da morte*: Esta dava entrada a um edificio, cheio de mumias e tumbas figuradas, onde o iniciado encontrava os *Paraskistes* e o *Heroi* (os que abrem e embalsâmam cadaveres). No centro do local achava-se o tumulo de *Osiris*, que, por causa de seu assassinio supposto *recente*, mostrava ainda vestigios de sangue. Era n'este logar da morte que se perguntava ao iniciado si tinha ou não tomado parte no assassinio de seu Mestre. Depois da sua resposta negativa, dous *Tapyxeites* (coveiros) o conduziam para uma sala, onde se achavam todos os *Melanephoris* vestidos de preto.

O rei, que, segundo o *Crata Repoa*, assistia a esta scena, se aproximava do Iniciado, e com ar gracioso lhe offerecia uma coroa d'ouro, afim de melhor vencer os obstaculos: *Tertuliano* assevera que o Cand.·., instruido d'antemão, rejeitava, e pisava a coroa com os pés. Era n'este instante que o rei exclamava *ultrage! vingança!* e to-

mando o machado dos sacrificios tocava levemente com elle a cabeça do Iniciado.

Os dous Tapixeytes lançavam por terra o Inic∴; e os Parakistes o envolviam em faixas da mumia. Durante esta scena, os assistentes gemiam em redor do Inic∴, que era depois condusido athe á porta do *Sanctuario* dos *Espiritos*. Apuleo affirma que, quando esta porta se abria, trovões e relampagos cercavam o presumido morto.

Caronte, agarrando o Cand∴ o descia ao Sanctuario, onde se achavam os juizes das sombrias praias: *Plutão*, segundo Diodoro de Sicilia, estava assentado na sua cadeira, tendo a seu lado *Rhadamanto*, *Minos*, *Alector*, *Alaster*, e *Orpheo*. Este tribunal terrivel, depois de haver interrogado o Cand∴ sobre as sciencias e a moral, devia condemna-lo a errar nas galerias subterraneas.

Tiravam depois as faixas ao Cand∴, e lhe recommendavam as tres maximas:

1.º *Não ser sanguinario; e não deixar de soccorrer o seu similhante, em perigo.*
2.º *Outorgar sepultura aos mortos,*
3.º *Esperar uma resurreição,*

O sign∴ d'este Gr∴ era um abraço particular, que exprimia o poder da morte. As Pal∴ eram *Monach*, *Caron*, *Mini* (passo os dias da colera). As artes, que se aprendiam n'este Gr∴ eram o desenho, a rhetorica, e a escripta chamada *hiero-grammatical*, para entender a geographia, a astronomia, e a historia do Egypto,

QUARTO GRAU.

BATALHA DAS SOMBRAS

OU

CHISTOPHORIS.

O tempo empregado nos estudos do Gr.·. anterior, e que se chamava *tempo* de *colera*, durava 18 mezes. Si o Cand.·. tinha feito progressos, o Thermosphoris ia ter com elle, entregava-lhe uma cimitarra e um escudo, e marchavam ambos por galerias escuras. Aqui homens armados e horrendamente mascarados atacavam de subito o Cand.·., e exclamavam *Panis!* O Cand.·., a convite do Thermosphoris, se defendia com valor; mas a final succumbia ao numero. As sombras, ou os homens armados, vendavam então o Cand.·., e lhe lançavam uma corda ao pescoço, com que era arrastado ate á sala, onde devia receber o novo grau. Chegadas a este logar as sombras, gritando muito, desappareciam.

O Cand.·., depois de tirada a venda, observava n'esta rica e magestosa sala uma reunião brilhante: taes como o *Rei*, assentado ao lado do *Demiurgos* (Inspector da Ord.·.): o *Odus* (Orador): o *Stolista* (Hysopista): o *Hiérostalista* (Secretario): o *Zacoris* (Thesoureiro): e o *Komastis* (M.·. de banquete). Todos eram condecorados com a *Alydea* (decoração egypcia que symbolisa a *Verdade)*.

Depois d'uma allocução do orador, tendente a dar valor ao Cand.·., este bebia um licor amargo, chamado *Cice;*

e ornava-se com o escudo *d'Isis*, com a capa *d'Orei*, e com o capacete *d'Anubis.*

Armado d'esta sorte, o Cand.·. recebia a ordem de cortar a cabeça d'um individuo, que deveria achar-se n'uma caverna, e de a trazer ao rei: Os membros do collegio gritavam todos *Niobe!* (eis a caverna do inimigo). Entrando na caverna, o Cand.·. encontrava uma bella mulher, arranjada de modo, que parecia viva; tomava-a pelos cabellos, e lhe cortava a cabeça. Depois de ter sido louvada a sua acção heroica, o Cand.·. aprendia que a cabeça cortada era a cabeça de *Gorgo*, esposa de Typhon, que havia occasionado o assassinio *dOsiris.* (1)

O nome do Inic.·. era depois escripto no livro, onde se achavam os nomes de todos os juizes do paiz: davam-lhe, com o codigo uma insignia, representando *Isis* em forma de mocho, da qual elle não podia servir-se sinão no acto da recepção ou na villa de Sais: explicavam-lhe depois as allegorias do Gr.·, e se lhe recommendava por estudo a linguagem *amunica*, e a legislação.

Diodoro de Sicilia affirma que, n'este gr.·. o Inic.·. aprendia tambem o nome do grande legislador, que era *Joab.* Este servia de Pal.·. d'Ord.·.: O capitulo dos Chistophoris chamava-se *Pixon* (tribunal de justiça.) A Pal.·. em uso nas sessões era *Sasychis* (nome d'um antigo Egypcio muito virtuoso).

---

(1) Esta fabula parece ter servido de base ao 4.º e 7.º gr.·. do Rito Moderno, e ao 9.º e 15.º do Rito Esc.·.

QUINTO GRÁU.

BATAHATE.

O Chistophoris tinha o direito de pedir este grau sem que o Demiurgos lh'o podesse recusar. O Cand.·. era introduzido n'uma sala em forma theatral, onde cada um dos membros fazia seu papel, á excepção do Inic.·., que era o unico espectador. Uma personagem, chamada *Horus*, e seguida por muitos Balahates com archotes, marchava na sala e parecia buscar alguma cousa. Chegando a uma caverna onde se achava o assassino Typhon, (de braços longos, corpo d'escamas, e de cem cabeças) *Horus* desembainhava o alfange, ou cimitarra; cortava o pescoço ao monstro, e sem se proferir palavra, a cabeça era mostrada a todos os membros. Esta scena mythologica, que, segundo *Vassal*, servio de base ao undecimo Gr.·. do R. Esc.·., era terminada por uma explicação allegorica, pela qual o Inic.·. aprendia que Typhon representava o fogo, agente terrivel e ao mesmo tempo necessario; e que Horus era o emblema da industria e da razão, com que o genio do homem podia obrar maravilhas.

O estudo n'este Gr.·., era especialmente, a *Alchymia*, e não a Chimica, como diz o *Crata Repoa*; por que a ultima é uma sciencia moderna, entretanto que a Alchymia foi cultivada pelos Egypcios, e fundada por *Hermes*. A Pal.·. d'Ord.·. era *Alchymia*.

SEXTO GRAU,

ASTRONOMO.

DEFRONTE DA PORTA DOS DEOSES.

Quando o Inic.·. estava sufficientemente instruido na Alchymia, o Thermosphoris o conduzia algemado até á *porta da morte*, depois da qual se encontrava uma caverna cheia d'agoa, onde vogava a barca de *Caronte*. Nos lados da caverna havia muitas tumbas, que se suppunha encerrarem as cinzas dos, que tinham trahido a Sociedade. O Inic.·. era ameaçado da mesma pena, si um dia commettesse o mesmo delicto.

Sendo depois introduzido na assemblea dos padres, o Cand.·. prestava um novo juramento, e ouvia a explicação da origem dos Deoses populares. Era n'este logar que os padres faziam saber ao Cand.·. não só a necessidade de conservar o polytheismo entre o povo, mas tambem, que a doutrina do 1.º Gr.·. tinha por objecto o *Ente Supremo*, que rege o systema do Universo.

O Cand.·., depois de ter passado a *Porta dos Deoses*, era introduzido n'um magnifico Templo (Pantheon entre os Gregos e Romanos), onde se achavam representados todos os Deoses ate então adorados.

Era lá que o Demiurgos mostrava, sem reserva, a verdadeira causa do polytheismo; assim como se mostrava tambem ao Cand.·. uma lista chronologica, que continha os nomes dos membros da Ord.·., que se achavam espalhados pela superficie do globo.

O Inic.·. n'este Gr.·. era obrigado a fazer observações astronomicas com os mais membros, e aprendia uma dança particular, que figurava o curso dos astros.

A Pal.·. d'Ord.·. era *Ibis* (vigilancia): e o Gr.·. era inteiramente consagrado ao estudo theorico e pratico da Astronomia (1).

SETIMO GRAU.

PROPHETA, OU SAPHENATPANCAH

HOMEM QUE CONHECE OS MYST.·.

Este Gr.·. era o ultimo e o mais eminente, onde se dava a explicação completa de todos os Myst.·.. O Astronomo não podia obter este Gr.·. (que o habilitava a todos os empregos publicos e politicos) sem o consentimento do Hierophante, do Demiurgos, e dos outros socios.

O Cand.·., depois d'aprovado e instruido nos verdadeiros fins dos Myst.·., dava motivo a uma processão publica, chamada *Pamylach*, (*circumcisão da lingoa*, pois que o Inic.·. tinha o direito de fallar e ensinar sobre tudo) na qual todos os objectos sagrados eram expostos ao publico.

Concluida a processão todos os Prophetas, durante a noite, sahiam da Villa, e iam clandestinamente reunir-se n'um vasto e rico edificio, perto de Memphis, que

(1) Este Gr.·., segundo Vassal, deu motivo á doutrina dos gr.·. 21, 22, 23, e 24 do R. Escoc.·.

chamavam *Maneras*; porque o povo julgava ser ali, onde os Inic.·. communicavam com as almas dos mortos.

Este edificio era quadrado, e ornado com muitas columnas, entre as quaes se figuravam tumbas, sphynges, e outras pinturas, que representavam todos os trances da vida humana.

Apenas o Cand.·. entrava no *Maneras* se lhe dava uma bebida feita de vinho e mel, que se chamava *Oimellas*: e se lhe dizia « que o termo de suas experiencias era « chegado, e que a doçura da bebida exprimia a recom- « pensa de seus longos estudos. »

O novo Propheta tomava por decoração constante uma cruz tautica, da qual a significação era só conhecida pelos Inic.·. d'este Gr.·.: cobria-se com um vestido branco, que se chamava *Etangi*, e alem de ser tonsurado, trazia na cabeça um toucado de forma quadrada.

O Sign.·. principal era d'encruzar os braços, e metter as mãos nas longas mangas do vestido.

A Pal.·. d'Ord.·. era *Adon* (Senhor, Sol).

Estes Inic.·. tinham a prerogativa de concorrer á eleição do rei, e de possuir a *viga*, ou chave-real, para poderem lêr todos os documentos mysticos em linguagem *amonnica*.

Tinha cada um dos empregados seus habitos differentes, e sua reunião era terminada por uma *céa mystica*.

« Este Gr.·., diz o I.·. Vassal, tem grande analogia « com a consagração do Sacerdocio, e com a ordenação « do Catholicismo; por isso elle não era conferido sinão « aos, que se destinavam a ser Padres nos Templos egy- « pcios: *Moysés* parece ser o unico, que, por excepção, « recebeo este Gr.·., e o conferio depois a seu Irmão « *Aarão*, quando hierophanto do culto hebreo: entretanto, « conclue o mesmo author, nós não pensamos que a maior « parte dos antigos philosophos fosse n'elle iniciada. »

SECÇÃO SEGUNDA.

CAPITULO I.

MAÇONARIA ENTRE OS HEBREOS.

A HISTORIA Egypcia nos ensina que Pharaó Orus, vendo que os Judeos se multiplicavam extraordinariamente, o que lhe poderia comprometter a segurança do Reino, para lhes diminuir o número, os cobrio de trabalhos, e lhes fez construir canães e Cidades; e emfim a Biblia nos diz tambem, que Orus lhes ordenou que deitassem ao Nilo todos os seus filhos machos: Em consequencia d'esta ordenança Moysés foi lançado n'aquelle rio dentro de um cesto; e, segundo diz a Biblia, elle teria sido victima sinão fôra a compaixão que inspirou a *Thermutis*, filha de Orus, que passeava perto do rio n'essa occasião.

Pela morte de Orus, Thermutis lhe succedeu; fez dar a Moysés a educação, que daria a um filho seu; e d'este acontecimento lhe veio o nome de Moysés (salvado das ondas). Fallecida a sua protectora, Moysés foi perseguido, emigrou para a Arabia-Petria, sitio limitrophe do Egypto; e lá se cazou com uma filha de *Madian*, chefe d'uma tribu Arabe; mas Moysés, passados tempos, e por convite de seu irmão *Aarão* e sua irmã *Maria*, que tinham ficado no Egypto, alli voltou para se pôr á frente

dos Judeos, quando expulsos do mesmo paiz, nos principios do seculo 16 antes de Christo.

A opinião de que Moysés foi padre Egypcio, e de que foi chefe dos Judeos, quando expulsados do Egypto, é confirmada por muitos authores como sam *Joseph, Diodoro de Sicilia*, *Tacito*, e *Justino*.

Attribuem-se a Moysés differentes livros da Biblia: o *Genesis*, o *Exodo*, o *Levitico*, os *Numeros*, e o *Deuteronomio:* estas obras teem uma grande similhança com as instrucções dos padres Egypcios; o Sacerdocio brilha em todas as suas paginas; eram padres, que deviam governar a Nação Judaica: entretanto parece dever crêr-se que, alem dos livros Egypcios, Moysés tinha lido a Historia Phinicia da Creação por *Sanchoniathon*, padre de Berytc, que viveo 937 annos antes de Moysés e Semiramis; porque n'esta obra se lê que houve um povo *Eleito* pelo Eterno; que sua creação começou tambem por um *Adão;* e que seu primeiro filho foi um *Caín*. etc. etc.

Moysés, segundo o uso dos Egypcios, instituio a *Paschoa* (passagem); e foi depois d'esta ceremonia que elle se pôz á frente dos Israelitas, e com elles sahio do Egypto. (1)

Moysés vio-se obrigado a fazer peniveis marchas atravez d'áridos desertos, para chegar á Judéa, que chamou a *Terra da Promissão;* (2) n'este intervallo tratou de policiar os Hebreos dando-lhes leis; governou-os como pa-

---

(1) A *Paschoa*, entre os antigos Egypcios, quer dizer *passagem* do Sol no equinocio da primavera, debaixo do emblema de *Aries* ou *Cordeiro*; mas entre os Christãos é a festa commemorativa da *resurreição* de Christo, denominado o *Cordeiro de Deós*.

(2) Foi pela destruição total dos do paiz, que os Hebreos se assenhorearam da Judéa.

dre, legislador, e rei; e para melhor os dominar lhes persuadio que élle havia sido *escolhido* por Deos para esse fim; *eleito*.

Moysés, segundo as instituições dos padres Egypcios, deu aos Judeos, para fundamento de sua religião, o culto de *um Deos unico*, do grande *Jehovah*, a quem se deviam dedicar todos os votos do povo; admittio tambem para auxiliares ó *bom* e o *mau principio*, que os Judeos, depois do captiveiro de Babylonia, mudaram em *Anjos da Luz* e das *Trevas*, que, na Biblia, presidem aos elementos e aos planetas, e que em fim o *Apocaliyse*, Cap. 22, arranjou em batalha; o que tudo se deve considerar como uma *allegoria* para nós explicar o contraste do *bem* e do *mal*.

Muitas religiões da antiguidade honravam o *bom* e o *mau principio* por meio de sacrificios: os animaes brancos eram sacrificados pelo bom principio, por Deos, author e conservador da natureza, pelo Gr.·. Arch.·. do Univ.·.; e os animaes negros eram sacrificados pelo máu principio, pelos deoses inferiores, e destruidores. (1) Tambem no Psalmo XC ha Anjos bons, que sam destinados a servir de guarda aos homens: em *Daniel Cap.* VII. ó numero d'elles é infinito: no *Apocalypse Cap.* XII. Miguel e seus anjos combatem o Dragão, o Satanáz: e emfim nações e Monarchas teem seus anjos tutelares: e a synagoga tambem teve o seu Archanjo *Gabriel*. Os criticos dizem que é precizo ser visionario para admittir a realidade de tantos anjos e de seus combates; mas deveriam primeiro lembrar-se de que eram discripções allegoricas, tendo por objecto a *astronomia*: os padres do Egypto nunca accreditaram no assassinato *d'Osiris*, nem que uma Vitella, ou uma Cebólla podesse sêr divindade: tambem nunca acredi-

(1) B. Montfauçon.

taram na realidade de *Typhon*, nem em um Deos, que nasce, morre, e resuscita: em tudo isto não viam sinão o *Sol* e os effeitos da *natureza*.

Moysés dividio o seu povo em 12 tribus, em commemoração dos 12 Patriarchas, que governaram os Israelitas antes da sua sahida do Egypto: (1) ordenou mais que os padres fossem sustentados á custa do publico, como entre os Egypcios: e emfim que elles fossem vestidos de *linho* mas que o Soberano Pontifice trouxesse ao pescoço, como os padres de *Isis*, a imagem da *Verdade* sobre uma *saphira* (2). Como os padres do Egypto, os Judeos barbeavam a cabeça, e este costume passou athe aos Imperadores Romanos e aos clerigos de Christo; mas a tonsura Egypciaca só reprezentava, como entre os Cenobitas de hoje, o *disco do Sol*.

Os Pontifices de Isis, assim como os de Moysés, traziam por cima da *Alva* uma *Capa d'asperges*, á roda da qual estavam pendentes 365 pequenas capainhas d'ouro, que lembravam os dias do anno; e entre os Egypcios eram em numero de 72, que indicavam os 72 assassinos de Osiris (3). Dos Egypcios, este ornamento passou aos Judeos, e d'estes aos Pontifices Chistãos (4). O *Ephod*, *Pei-*

---

(1) Muitos Ritos e gr.·. mencionam este facto.

(2) Este ornamento era composto de 3 ordens de 3 pedras cada uma, que davam o numero mystico de 9, e que figura em muitos gr.·. do Rito Maç.·.

(3) Entre os *Carbonarios* este numero allude aos 72 espinhos que compozeram a coroa do nosso divino Mestre Jesus.

(4) Antigamente estes ornamentos explicavam-se da seguinte maneira: O ouro puro figurava a *sabedoria*, a *innocencia*, e a *justiça*; as campainhas advertião os Pontifices de que todos os seus *passos* eram escrupulosamente *observados* e de que deviam viver em *santidade*;

toral, e *Racional*, de que usam os padres Christãos, e usaram os padres Egypcios, tambem os Judeos os tinham assim como teem alguns Ritos Maç.·. particularmente a alta Maç.·. Egypciaca. No *Peitoral* viam-se os symbolos de *Urim*, e de *Thumin* (verdade e justiça); e no *Racional*, que era composto de 12 pedras finas differentes, estavam gravados os nomes de Deos (1): este ornamento, referindo-se ao Sol, indicava os 12 mezes e as quatro estações do anno: a astronomia é o verdadeiro sentido occulto dos *Numeros* (2).

Moysés para modelar tudo pela doutrina Egypcia inspirou aos Judeos as *abluções*, as *flagellações*, a *circumcisão*, e a *prohibição de certas carnes*, que os padres do Egypto tinham como *impuras*.

A exemplo dos Egypcios e dos Ethiopes, Moysés estabeleceu tambem a *casta privilegiada* dos padres, na tribu de *Levi*, e instituindo experiencias para a sua *adopção*, prescreveu *segredos*, impenetraveis ao povo, o que tambem os Christãos, e os Maç.·. conservam em seus Myst.·.:

---

(1) Os Hebreos tinham muitos Deoses, que todos se referiam ás letras do seu alphabeto, e eram:

Ek'ieh, (Ero)
Bahhur, (Electus)
Ghadol (Magnus)
Daghul (Insignis)
Hadur (Formosus)
Zacchaï (Purus)
Hhasid (Misericors)
Tahor (Mundus)
Jah (Deus)
Cabbir (Potens)
Limmud (Doctus)
Meborach (Benedictus)
Nora (Formidabilis)
Semech (Fulciens)
Ngasus (Potentia)
Phodeh (Redemptor)
Tsedek (Justitia)
Kodesch (Sanctitas)
Rahhum (Clemens)
Schaddai (Omnipotens)
Thamim (Perfectus).

(2) Este ornamento e este nome se conservam em um gr.·. do Rito de St. Martin.

Desde então os *Levitas* ficaram sendo os guardas dos vazos sagrados e dos logares santos. *Strabon* diz que os padres do Egypto attribuiam o estabelecimento das castas privilegiadas á instituição emanada de Isis, o mesmo diziam os Brahamines (1). Eis aqui como a distincção das castas se costuma fazer onde os padres, julgando-se inviolaveis, fazem uma casta á parte dos outros cidadãos!!!

Os Levitas foram consagrados por Moysés, segundo o Rito Egypcio, pela *imposição das mãos;* depois os fazia entrar no *atrio* do Templo; tomava-os pelas mãos, e levantando-os um pouco acima da terra, lhes fazia dar movimentos d'agitação para os *quatro pontos cardeaes.* Observe-se que antes d'esta ceremonia o Candidato devia estar 7 *dias* sem sahir do Tabernaculo, o que claramente indica que tinham preparações e *experiencias* antes de serem admittidos (2): Donde se tira, que a instituição dos Levitas era um *fac-simile* da Casta Sacerdotal dos Egypcios. Na consagração pela imposição das mãos, Moysés fez uso d'um *Oléo Santo,* de que usaram os Egypcios, e usam hoje os Christãos: era com este oleo que elle untava os vasos, aptos para o serviço do grande Jehovah, e com o qual consagrou seu irmão Aarão (3).

No livro dos *Numeros* Cap. 3.° lê-se, que todo o *pro-*

---

(1) Estes estabeleceram que o Deos *Brama* tinha creado um filho *Brahaman*; que do braço direito d'este havia sahido um guerreiro, era a Casta *nobre*; que do braço esquerdo sahira a *mulher*; que da Côxa esquerda nascêra um *agricultor*, pae dos agricolas e commerciantes; que do pé direito nascêra um filho, que foi o pae dos, que eram condemnados aos trabalhos e á escravidão: vej. Potier, *Myth des Ind*.

(2) Levitico Cap. 8, e Exodo Cap. 40.

(3) Em alguns gr∴ Maç∴, na consagração do Pontifice, ainda hoje se usa da mesma uncção.

fano, que se aproximar do Tabernaculo, será morto; e no *Levitico* Cap. 8.º a pena de morte é prescripta contra os padres, que deixarem de vigiar de dia e de noite na guarda do Tabernaculo; prova isto que havia *um segredo estabelecido entre* os *Myst.·.* dos *Judeos*, mesmo no tempo de Moysés, como o era entre os Egypcios (1):

Moysés encarregou os padres da *instrucção publica*; e assim devia succeder em um governo theocratico: é o bello tempo que o Sacerdocio espera ainda um dia! Moysés tambem encarregou os padres da *conservação* dos Myst.·. e suas ceremonias; e assim devia ser, não querendo que se podesse chegar ao Sacerdocio sem ter adquirido as *sciencias occultas*, isto é, as *doutrinas oraes*, que occultavam aos outros Israelitas afim de conservarem o governo Sacerdotal e theocratico (2).

Os padres e os Levitas não possuiam gados nem terras; mas tinham beneficios immensos, e formavam á custa dos outros a tribu mais rica de Israel: Este privilegio lhes foi contestado pelas outras tribus, que tambem queriam ter seus Sacrificadores e padres; e, depois de muitos combates, Moysés fez tomar 12 *Varas*, sobre cada uma das quaes gravou o nome d'uma tribu indicando assim, que um egual direito chamava todas as tribus ao Sacerdocio. A Vara d'Aarão *floresceu*, e este signal prodigioso lhe valeo o Sacerdocio, assim como á tribu de Levi; e por conseguinte os filhos d'Aarão ficaram sendo os Sacrificadores (Prin-

---

(1) Isto se refere em nossos trabalhos, á guarda do I.·. Terr.·. e ás perguntas, que sam feitas quando se entra em L.·.

(2) Em certas ordens philosophicas e Maç.·. tambem hoje se conservam instrucções oraes, que se não communicam aos outros II.·.; e onde se observa a legenda

Je garde et moi je cache.

cipes), e os Levitas os unicos guardas do Tabernaculo (1): mas estes direitos divinos e immunidades ecclesiasticas, estabelecidos por Moysés, que os Levitas sustentaram com a espada, e que os padres de Roma adoptaram depois, tiram a sua origem do Egypto; porque os padres Egypcios, segundo *Diodoro de Sicilia liv.* 2.°, affirmam que a Deosa Isis lhes havia dado o terço de seu Reino, afim de os convidar a renderem homenagens a Osiris, seu esposo: e com effeito estes padres gosaram muito tempo do direito d'uma tal possessão; mas, quando o governo passou ás mãos dos reis, elles obtiveram em indamnisação de sua perda, não só os dizimos, mas tambem a exempção de todos os cargos publicos: Os padres Egypcios não pagavam tributo algum, mas só os recebiam. (2)

Moysés, em seus Myst.·., e depois d'elle *Salomão*, adoptaram um grande numero d'emblemas Egypcios, que, depois d'elles, nós conservamos na Maç.·., e sam:

Mar de Cobre: entre os Egypcios: servia á purificação dos Neophytos por meio da agua; representava o symbolo do anno sustentado por doze *Novilhos* que designavam os 12 mezes; tres dos quaes olhavam para o Oriente, tres para o Meio-dia, tres para o Occidente, e tres para o Norte, alludindo d'este modo ás quatro estações. Os Egypcios celebravam seus Myst... durante 9 dias e na

---

(1) Vej. Numeros Cap, 7, e 8.— Os padres de Christo muitas vezes se teem servido deste texto para sustentarem a egualdade de direitos aos beneficios ecclesiasticos: a *vara* é o seu baculo pastoral, a que chamam *Linius*.

(2) O mesmo já succedeu na Europa, onde as rendas ecclesiasticas excederam ás dos reis e dos vassallos: Em Portugal e Hespanha já o Sacerdocio possuio mais, do que Isis deu outr'ora aos seus padres!!!

Lua chea de seu 7.º mez: no segundo dia os Iniciados deviam purificar-se no mar; mas para os Templos, que estavam d'elle distantes, os padres estabeleceram o grande vaso, *Mar de Cobre* de Moysés, assim como foi o de Salomão, os dos Christãos, e o dos Maç.·.. Esta purificação, que tambem tinha logar na Grecia, na mesma estação e dia, se chamou *Alade Mystai* (Banho do Mar) (1). Por meio dos Novilhos tambem Moysés quiz conservar a memoria dos 12 Patriarchas, symbolisando o Deos *Apis*; por que estes Patriarchas não só tinham precedido Moysés no governo dos Israelitas, durante o captiveiro no Egypto, mas tambem para lhes dar a entender que as suas leis eram, pouco mais ou menos, as delles, e apoiadas sobre os direitos sagrados da natureza e do Sacerdocio (Estampa 1.ª N.º 1).

Candelabro de 7 braços e de 7 luzes, era o symbolo dos 7 planetas e das 7 sciencias que os padres deviam estudar, como os de Memphis e de Thebas, a saber: a *Grammatica*, a *Logica*, a *Rhetorica*, a *Arithmetica*, a *Geometria*, a *Musica*, e a *Astronomia*. (Est. 1.ª N.º 2).

Altar dos Paes de Proposição: designava a *communidade* de bens, que devia necessariamente existir entre todos os padres; assim como a obrigação d'uma mesma, communhão e participação, cuja allegoria se conserva ainda entre os Maç.·. (Est. 1.ª N.º 3).

Altar dos Perfumes: indicava aos Levitas, como aos

(1) *No Exodo Cap. XXXVIII. v.* 8. Vê-se que as mulheres da tribu de Levi offereceram a Moysés seus espelhos de cobre e prata para que mandasse fundir o *Mar de Cobre*; e, como ellas tambem guardavam a porta do Tabernaculo, alguns authores pensam que tambem eram Iniciadas na primeira Ordem dos Myst.·. e pretendem que d'estes tiram origem os Myst.·. das *Damas* ou de *Adopção* de hoje.

Maç.·., que os votos dos mortaes devem dirigir-se ao Gr.·. Arch.·. do Univ.·.; e que devem sempre ser puros e superiores ás paixões humanas. (Est. 1.ª N.º 4)

Naveta: contendo o insenso, nos lembra; assim como aos Levitas, o fogo das virtudes: que deve abraçar o coração d'um Maç.·. zeloso: os Gregos lhe chamavam *Thymiaterion*, e os Romanos *Thuribulum* (Est. 1.ª N.º 5)

Bilha d'ouro, ou o vaso do maná, que Moysés tinha fechado no Tabernaculo, designava que os padres, afim de bem exercerem seu ministerio, deviam ser nutridos do maná espiritual, que se encontrava nas sciencias, cujo estudo lhes era formalmente ordenado. (Est. 1.ª N.º 6).

Mitra: ornamento dos padres de Isis e Osiris, que tambem foi adoptado pelos padres de *Mytras* na Persia, e pelos de Jupiter em Athenas e Roma. Esta Mitra tinha uma lamina d'ouro, que cobria a frente e representava o *Sol*. (Est. 1.ª N.º 7) (1):

Cordão arrendado: é uma cinta Egypcia, que symbolisava a *União*, que devia reinar na Ordem Sacerdotal dos Levitas: este emblema sacerdotal passou dos Judeos aos Christãos, aos Cruzados, aos Templarios, e aos Maç.·. de todos os Ritos. (Est. 2.ª N.º 1)

Livro da Verdadeira Luz, a Lei e os Prophetas: sobre este livro vê-se apoiado, como sobre o do *Apocalypse*; um Cordeiro, tendo em uma das mãos a bandeira do triunfo, a *Stekenna*, a cruz da immortalidade: os padres Egypcios o consideravam como o symbolo da *resurreição* ou *regenera-*

(1) Esta *Mitra*, segundo alguns, servio tambem d'enfeite ás raparigas Romanas, que vendiam seus favores perto do *Templo* da *Fortuna*: Tambem uma Igreja de Madrid, perto da porta do Sol, apresenta uma analogia curiosa com esta Deosa; porque as Damas vam alli pedir para terem n'esse dia alguma amorosa ventura: a Igreja chama-se tambem *Nuestra señora della buena Fortuna*.

ção do Sol, por causa da victoria, que elle obtinha sobre o signo de *Aries*: Este livro não podia ser lido entre os Judeos sinão pelos padres, por causa das allegorias e Msyt.·. que continha, cujos conhecimentos se não podiam obter sem as 7 sciencias, designadas no Apocalypse pelos 7 sellos: Estes, em alguns Ritos Maç.·., se referem aos sete sacramentos de Roma; entretanto os Reis e os Sacrificadores Hebreos não se guiaram sempre pelo Livro da Lei. (1) Est. 2.ª N.º 2 e 3)

Columnas: uma designava a *nuvem* espessa que guiava Moysés durante o dia, e outra o *fogo* que o conduzio durante a noite atravez dos desertos. Os padres Egypcios elevavam nas margens do Nilo columnas cobertas de hieroglyphos, consagrados á utilidade publica: o *Sphincx* se achava gravado em quasi todas as columnas para advertir que as inundações do Nilo aconteciam no signo de *Leão* e da *Virgem*; e com effeito estes signos reunidos dam a figura do *Sphincx*: nestas mesmas columnas tinha-se marcado para instrucção dos lavradores o curso do Sol, as phases da Lua, as revoluções das estações, e os mezes, figurados por differentes producções, ou animaes, conforme nasciam em um tempo mais, do que em outro. Além d'estas columnas havia outras dentro dos Templos cheas de symbolos, e por estes os padres estudavam a sua religião, a sua historia, e as observações solares, principalmente as do Egypto. Columnas tambem se achavam nas Pyramides, onde representavam Isis e Osiris tendo na mão um d'elles uma *regradeira* ou *esquadria*, e o outro um *azorrague* ou *disciplina*, para lembrar aos Padres que todas as acções humanas sam medidas, recompensadas ou punidas pela divindade: e eis por que depois Salomão introduzio tambem na porta Oriental de seu Templo as duas colum-

(1) Vej. Liv. 2.º dos Reis Cap. 22, e 23.

nas *Jakin* e *Bohaz*, para lembrar aos Levitas que todas as acções humanas sam medidas pela *Firmeza* e pela *Força* do grande Jehovah. (Est. 2.ª N.º 4)

A *Arca e as Taboas da Lei*: Moysés, descendo do Monte-Sinaï com as Taboas da Lei, que teem a mesma configuração, que tinham as pedras monumentaes do Egypto, quiz indicar aos Judeos que era o seu primeiro Legislador, dandо-lhes dogmas moraes e religiosos á maneira dos, que elle tinha aprendido em Heliopolis; e que, como estes, se deviam conservar em uma *arca* emblematica, que tinha tambem a figura elliptica: (Est. 2.ª N.º 5 e 6). Era sobre o Monte-Sinaï que Moysés fallava com Deos, de quem recebeu as *Leis* e a Palavra Ineffavel, *Jehovah*, que ninguem, sinão elle, podia pronunciar (1):

Os padres Judeos davam tanta consideração á palavra *Jehovah*, que mesmo os Levitas não a podiam escrever: e era com uma grande ceremonia, que, uma vez por anno, o grande Pontifice a pronunciava no meio de muito estrondo, em 10 do mez de Thischri (2). Este dia era

---

(1) Exodo Cap. XIX e XXXIII. A facilidade, com que Moysés fallava a Deos, causou ciume a seus irmãos Aarão e Maria (Numeros Cap. XII) que diziam perante os Hebreos ter gosado do mesmo privilegio. O mesmo fez *Mahomet*, *Numa*, e todos os, que teem querido impor ao povo que sam inspirados pela divindade: Em o gr.·. 13 do Esc.·. o Templo é figurado pelo Monte-Sinaï.

(2) A denominação dos mezes hebreos é tambem conservada nas actas Maç.·. d'alguns Ritos.

Thischri....	Março.	*Nisan*......	Setembro.
Marchevan.	Abril.	*Har ou-Zio*.	Outubro.
Kisleu.....	Maio.	*Sivan*......	Novembro.
Thebet.....	Junho.	*Tamuz*.....	Dezembro.
Schevet	Julho.	*Ab*........	Janeiro.
Adar......	Agosto.	*Elul*.......	Fevereiro.

de *expiação*, em que o grande Padre estava em oração; e um pouco antes de pronunciar o *Jehovah*, os Levitas excitavam o povo a fazer estrondo no Templo, como os Christãos ainda hoje fazem na *Semana da Paixão* pela extincção da ultima luz; e obrava-se assim porque se fazia crer ao povo que morreria todo aquelle, que ouvisse a dita palavra, sem que para isso tivesse direito: e eis porque, em nossos Templos, ella só se *soletra*. Tal é a base do nosso dogma, e de todos os Myst.·. da antiguidade.

Moysés, depois de ter dado ao povo Judeo dogma, Myst.·., e leis civis, lhe concedeu tambem uma *sombra* de poder, mesmo para interesse do seu systema theocratico; deu-lhe o direito de eleição dos *Juizes* e *Anciães*, como tinha já feito no Egypto; mas prescreveu-lhe ao mesmo tempo que estes juizes e estes Anciães deviam só ser *eleitos* na casta dos Levitas: os Maç.·. ainda hoje conservam a lembrança d'esta instituição em alguns de seus Ritos; donde vem o nome de *Preboste, Juiz, Mestre d'Israel, Chefe das dose tribus etc. etc.*

Moysés, proximo ao fim da sua vida, tinha feito cavar um abismo em logar solitario, aonde elle dizia ir communicar com a divindade (1); mas os criticos pretendem que, vendo-se Moysés proximo da morte, elle se lançára n'aquelle abismo para se fazer acreditar *immortal*, e poder assim eternizar seu nome; e ajuntam que *Helias, Xamolxis, Romulo*, e o Evangelista *João* fizeram o mesmo: Tambem se tem achado analogia entre os Hebreos e os Romanos, e entre *Moysés* e *Numa*. Os fundamentos de Roma e de Jerusalem foram regados com sangue humano; os dous povos devorados pelo roubo e pelo assassinio; *Moy-*

(1) Deuteronomio Cap. IV.

sés e *Numa* tiveram seus olhos fixos no Ceo, e de lá fiseram descer leis para civilizar os barbaros. *Numa* elevou altares, instituio danças e obrou sacrificios e prodigios; e *Moysés* deu uma religião aos Hebreos, regrou as suas festas, e obrou sacrificios e milagres: ambos fizeram descer fogo do Ceo: *Numa* teve revelações celestes; e *Moysés* fallou a *Jehovah*. Ambos elevaram a cabeça aos Ceos para terem os homens aos pés. Ambos deram uma Lei oral, que não devia ser conhecida do povo: *Numa* desappareceu d'entre os Romanos, e *Moysés* d'entre os Judeos. Com effeito logo que *Moysés* desappareceu, o povo d'Israel o julgou transportado para o meio da gloria celeste. Seja porem como fôr, a *Escriptura Santa* lhe faz grandes elogios por ter sido instruido na sabedoria dos Egypcios: *Tacito* o pinta como um homem, que sabia aproveitar-se da occasião para chegar a seus fins, e finalmente em muitos Ritos e gr.·. Maç.·. *Moysés* é mencionado. (1)

Nos seus primeiros Myst.·. os padres e os Levitas tinham adoptado emblemas trazidos do Egypto, e que guardavam no Tabernaculo e na Arca: a maior parte d'estes emblemas ainda hoje se conserva na Maç.·.. Mas observe-se que esta tinha dentro as *Taboas da Lei* e a *Vara de Aarão*, pela qual os Levitas queriam indicar á posteridade, que o poder dos padres devia ir adiante de tudo, e devia sêr, pelo menos, tão sagrado, como a Lei de Deos (2). Os padres Israelitas, como os de Roma, fize-

---

(1) Actos dos Apostolos Cap. VII: Hist. de Tacito liv. V; e Diodoro liv. I.

(2) Eis o typo da dominação universal, que os padres procuram estabelecer em todos os tempos e em todos os paizes, seja pela força, seja pelo artificio: eis a causa da veneração profunda, que elles tratam d'inspirar pela

tam e fazem um corpo separado na Sociedade e no Estado. É um corpo exulado, que para manter seu poder, diz R. de Schio, « nem os reis da terra, nem suas fa-
« milias devem sêr poupadas; e para isto se acreditar
« bastará lêr a *acção de graças*, que *Moysés* deu antes da
« sua morte aos padres e á sua tribu de Levi: (1) » Este documento deve pôr álerta, para sua propria segurança, todos os Principes do Universo: Esta *acção de graças* é particularmente dirigida aos Levitas feroces, que, ávidos do poder, deram a morte a seus *paes* e a seus *irmãos*; e eis a origem de certas maximas, que se acham no Novo Testamento, e que serviram de base aos juramentos da instituição dos *Jesuitas*. É por esta razão que *Voltaire* falla do seguinte modo:

« Abrí vossos olhos e corações, Magistrados, Homens
« d'Estado, Principes, Monarchas; considerai que na Eu-
« ropa não existe reino algum, onde os reis não tenham
« sido perseguidos pelos padres. Diz-se-vos que esses tem-
« pos sam passados, e que não voltarão mais. Ai de mim!
« Voltarão ámanhã, si hoje banirdes a tolerancia; e vós
« sereis victimas, como o foram muitos de vossos prede-
« cessores!!! (2).

Por ultimo diremos que os Myst∴ Hebraicos, deixando de parte as regras supersticiosas e disciplinares do culto de hoje, parecem ter tido a mesma base, que os

---

Biblia, posto que uma grande parte d'ella esteja hoje regeitada pelos *Talmudistas*. Não sam os preceitos da Lei, que os padres manifestam; sam os direitos, que *Moysés* lhes deu gratuitamente sem consultar a vontade nem o interesse do povo! Algumas honrosas excepções conhecemos, e a estas não nos referimos.

(1) Deuteronomio XXXII Cap. 42, e XXXIII.
(2) Vol. 35 pag. 312, edição Bâle.

Myst.·. dos Magos; porque não foi sinão aos 4:004 annos antes de Christo que a theogonia Hebraica foi estabelecida.

Os primeiros Hebreos designavam o seu Deos debaixo do nome *Jehovah* ou espirito; por conseguinte *indefinivel*, como é o Sol, e o pensamento, que se concebem mas não se podem definir. Jehovah, segundo os Hebreos, creou o *bem* e o *mal*; o homem representava o *bem*, porque era uma emanação da divindade; e as paixões inherentes á especie humana, representavam o *mal*. Esta theogonia pareceo tão superior ás, que haviam precedido, que os padres da India, do Egypto, e da Grecia a adoptaram alternativamente; mas não a desenvolveram sinão aos seus discipulos, e sómente nos altos Gr.·.; e não foi sinão em 1:600 antes da nossa éra que Moysés, iniciado nos Myst.·. Egypcios, expôz no seu *decalogo* os principios religiosos e moraes da mesma doutrina (1).

CAPITULO II.

Templo material de Salomão.

As Leis, dogmas, e Myst.·. de Moysés se conservaram athe ao tempo de Samuél, que foi o ultimo Pontifice e Rei. N'esta época, diz a Biblia, um intrigante da

---

(1) A Theogonia hebraica, segundo Vassal, foi precedida pela Theogonia dos Indios, Banianos, Japonios, Chinezes, Persas, Phenicios, Atlantas, Scandinavos, Celtas, e Esclavonios; mas a maior parte d'estas era tão absurda e extravagante, que a fé mais robusta não podia admitti-las.

tribu de Judá, que se achava descontente pelas fraudes e artificios dos filhos de Samuél, *que eram padres mui corrompidos*, incitou o povo contra o regimen dos *Anciães*. Os rebellados pediram a Samuél que lhes consagrasse um rei para chefe da Nação Israelita; porque queriam derribar o governo theocratico.

Os Padres e os Levitas, conservando os Myst.·. e privilegios, tendo sempre estado á frente do poder, lhes fizeram encarar os males, que se seguiram a esta reforma, que, segundo elles, não era analoga nem aos conhecimentos dos Judeos, nem praticavel pela pequenez e pobreza do paiz; mais lhe diziam que os povos circumvisinhos, sujeitos a governos eguaes aos, que elles reclamavam, eram expostos a toda a especie d'arbitrio, e por isso privados dos direitos e liberdades civis, de que o povo Hebreo athe então gosava; e emfim lhe profetisaram os males, a que a posteridade ficaria sujeita, si viessem a estabelecer o governo *duro* dos reis (1).

Pelo que fica dito se vê qual sería a indignação e o pezar, com que os padres olhavam este movimento popular, que lhe podia vir a quebrar a *Vara d'Aarão*, que tantos respeitos lhes tinha valido; comtudo o povo presistio em seus projectos; mas Samuél, que, como Abraham e Moysés, tinha aprendido nos Myst.·. do Egypto, fez cahir sobre elles pragas e raios, para dissuadir a multidão: provavelmente Samuél tinha exactos conhecimentos sobre a *electricidade*, ou já conhecia os maravilhosos effeitos do *Espelho* ardente d'Archimedes: *Buffon* tambem reunio pela reflexão de 168 espelhos os raios solares; inflammou páus a distancia de 200 passos, fundio chumbo a 150; e prata a 50. Os antigos deviam tambem conhecer o *phosphoro*; porque as Vestaes accendiam

(1) Liv. 1 dos Reis *Samuél*.

o fogo sem instrumento algum. Donde se tira que Samuél quiz fazer acreditar com taes prodigios que os Pontifices tinham commercio com o Eterno; e, impondo ao povo, quiz persuadir-lhe que os elementos obedeciam ás suas ordens. Mas o povo Judaico, prevenido pelos chefes da revolta, de que Samuél e os Padres não fallavam sinão pelos seus interesses, nem attendeu aos seus raciocinios, nem se espavorio com seus prodigios. Em consequencia Samuél, na qualidade de Pontifice, foi obrigado a consagrar *Saul* como *Rei*; que depois nem correspondeu ás esperanças, que o povo tinha concebido, nem ás de Samuél mesmo, que o tinha nomeado.

Saul persuadio-se de que a supremacia do Sacerdocio devia estar reunida á coroa, porque elle se via representante dos antigos Patriarchas, que tambem tinham sido Sacrificadores e Governadores; e por isso, hum anno depois de sua elevação ao throno, e achando-se á frente de sua armada, prestes a dar batalha aos Philisteos, na ausencia de Samuél ouson offerecer a Deos sacrificios e holocaustos pela prosperidade de sua empresa. Samuél chegou logo depois d'este sacrificio; e, posto que era obra de piedade, todavia reprehendeu Saul, e lh'annunciou que por esta ousadia *Deos escolhia outro rei, e d'outra raça*: d'onde nasce o adagio de Roma: Obedecer aos padres é mais agradavel á divindade, doque o culto do mesmo Deos, —

Melior est obedientia quam victima (1).

Foi em vão que Saul se humilhou; Deos tinha declarado ao seu Propheta que se havia *arrependido* de o

(1) Liv 1.º de Samuél Cap. XIII.

ter efeito. Si hoje a theocracia chega ao poder supremo, adoptaria sem duvida a mesma linguagem do Pontifice Judeo (1). Seja como for, é certo que Saul, inquietado pelo Sacerdocio, com quem não queria repartir o poder, terminou a sua vida por um suicidio, e a Biblia o considerou como um possesso.

David succedeu a Saul pela *alta potencia* de Samuél; eleito rei pela tribù de Judá, as outras tribus de Israel se revoltaram, mas elle as debellou. Assenhoreou-se depois de Jerusalem, que pertencia aos Jebusenos; e alli estabeleceu a residencia de seu governo... Apezar de que David abusou do poder, e seu reinado foi salpicado por adulterios é assassinatos, todavia a Biblia o considera como um rei devoto, que fez realçar a religião e o Sacerdocio; porque, arrependido de seus erros, David compôs os sette *Psalmos Penitenciaes*, que podem servir d'exemplo edificante para os reis: preparou os materiaes para que seus successores podessem civilisar os Israelitas e construir o *Templo Santo*; e finalmente, proximo da morte, designou para seu successor a Salomão, filho querido, que elle houvera de Bethsabée.

Salomão é considerado pela Biblia como o mais sabio, o mais justo, e o mais poderoso dos reis Israelitas; comtudo para se conformar ao luxo Asiatico elle teve 700 mulheres, a primeira das quaes era filha d'um Pharaó, rei do Egypto, é mais 300 concubinas, como se vê no livro 3.° dos Reis Cap. 3.° É representado como um philosopho esclarecido, e um principe politico, que soube ajuntar immensas riquezas, e que fundou o Templo de Jerusalem aos 3:000 annos depois da creação do mundo,

(1) Vej. 1.° Liv. dos Reis V^os 15, 22 &c.

segundo a éra Judaica; e, para se conformar tambem com os usos do Egypto, ornou o Templo com vasos sagrados, que elle fez construir pelo Architecto *Hiram* filho de Ur.

Segundo a Biblia, Salomão foi quem deu o plano do Templo consograd ao Eterno; e elle mesmo traçou o Altar e Sanctuario, ordenando a Hiram que lhe sculpisse o *Sol*, a *Lua*, e *Astros*. Uma das duas columnas, que fez elevar á porta do Templo, foi consagrada aos *Ventos*, e a outra ao *Fogo*. As antigas Igrejas Christãs n'Allemanha, em Italia, e a de *Notre Dame* em Pariz, tem suas abobadas e porticos ornados de constellações celestes e signaes do Zodiaco, como si fossem consagradas ao *Sol*, e á *Astronomia*, apezar da apparente legenda de *Jesus*.

O templo de Salomão era ornado de romãs e flores de liz; e a união destes dous symbolos significou sempre a *amizade pura* ou a *Sociedade innocente*. O liz, que pertencia a Venus-Urania, e o *lotus* de Isis, fôram transportados para a *Virgem-Mãe* pelos Christãos, para indicar a candura, com que nos devemos apresentar em seus Templos. As romãs, segundo Ovidio, serviram d'ornamento nos Myst.·. de Céres-Elusina; e hoje tambem servem nos Templos da Maç.·.

Salomão prodigalisou seus thezouros aós padres; concedeu-lhes a instrucção publica; e emfim deu-lhes a conservação dos Myst.·. de Moysés: apezar d'isso promulgou leis favoraveis ao povo, e o fez feliz. Depois da sua morte, e em reconhecimento de seus beneficios, parece que os padres lhe fizeram sua Apothéose, e lhe deram a presidencia allegorica de seus Myst.·., o que tambem foi adoptado depois por todos os Ritos Maç.·..

Pela occasião da sanctificação do Templo, os Levitas fizeram crer ao povo, que o *Espirito Santo*, a que chamavam *Schekinah*, tinha descido do Ceo, e se havia fixado sobre o Propiciatorio, (*Arca* do Testamento dos an-

tigos Judeos) entre as azas dos Cherubins, onde lhe fizeram dar Oraculos durante 14 annos: donde se segue que os Judeos, antes do dogma da *Trindade*, veneravam já o *Espirito-Santo*, o qual depois desappareceu, por se terem dado os Levitas e Salomão a outros Cultos e a outros Deoses. Esta fraqueza de Salomão acha-se mencionada nas instrucções d'alguns altos gr.·. como é no 25 do Esc.·. e 5.º gr.·. do Rito Moderno, onde se vê que Salomão perdeu a communicação, que tinha com *Urim* e *Thumin*: N'este gr.·. vê-se que o grande Pontifice de Jerusalem esmaga as 3 cabeças da serpente mysteriosa, emblemas da *superstição*, da *avareza*, e do *despotismo*; hydra, que em outro tempo apagou a luz, e espalhou as trevas por toda a terra: em certo Rito esta allegoria indica regeneração da Maç.·. (1).

Tambem depois da morte de Salomão os Hebreos se dividiram em dous reinos, de Judá, e de Israel; mas seus reis estiveram bem longe de se assimilhar a David, e a Salomão; por que *Roboam* filho de Salomão, tendo sido solicitado pelo povo para o alliviar do pesado ónus, que seu pae lhe tinha imposto, respondeu: *Si meu pae vos lançou um jugo pesado, eu vos darei outro ainda maior:* e *Isak*, rei do Egypto, 5 annos depois de Salomão, fez a guerra a Roboam, tomou Jerusalem, e levou-lhe todos os thezouros do Templo (2).

Desde então os Sacrificadores, os Levitas, e o povo

---

(1) Os Criticos pretendem achar na adoração da *serpente*, introduzida por Moysés, a do Sol de *Serapis*, astro luminoso, que dá vida aos Sêres; mas esta allegoria está bem longe de sêr absurda, pot sêr a mesma do Apocalypse de S. João — *Ego sum Alpha et Omega.* (Vej. Est. 3.ª N.º 1).

(2) Vej. Chron. II Cap. X.

Judaico foram submettidos a mãos Reis, que não seguiam outras constituições, sinão suas paixões e o absolutismo; e, tirando aos padres seus privilegios e seus dogmas, estabeleceram um governo militar, que estava em opposição com o seu caracter nacional; e emfim, não podendo alimentar seus vicios, viram-se obrigados a invadir os povos visinhos: este procedimento chamou contra os Hebreos os Assyrios e os Babylonios. Os thronos de Judá e de Israel foram derribados, Jerusalem e o Templo Santo destruidos, e o povo foi conduzido escravo para Babylonia. (1)

CAPITULO III.

Templo Mystico de Salomão.

A Historia escripta e oral; os costumes antigos e modernos, e em fim a Sagrada Escriptura, nos levam a acreditar que os Sacrificadores e os Levitas, no tempo de seu captiveiro em Babylonia, conservando os antigos Myst.·. trazidos do Egypto por Moysés, quizeram transmittir á posteridade as *maximas* de Samuél, seu *pezar*, e a *esperança* d'uma futura restauração. Para este fim elles instituirão novos Myst.·., e, convencidos da necessidade de se erguer á frente do seu governo, si tivessem a felicidade de entrar livres em seu paiz, trataram de

(1) Segundo alguns, o verdadeiro nome de Babylonia é *Ba-bel*, que tem a mesma etymologia que *Bel-bek*, ou *Bal-bek* que em todos os povos Orientaes quer dizer *Casa* ou *habitação* do *Sol*. *Byblios*, *Heliopolis* e *Cusco* tinha o mesmo sentido.

cultivar as sciencias, que *Moysés* e *Salomão* lhes tinham prescripto. Aos antigos emblemas, vindos do Egypto, ajuntaram novos; e estabeleceram que os *Aprendizes*, ou novos Iniciados, deviam *desbastar e delinear as pedras brutas com os martellos*, como se fazia entre os Egypcios (1). E como tudo se devia referir á reedificação do Templo, estabeleceram que os *Companheiros*, ordem superior á antecedente, passassem da *esquadria ao prumo*. A astronomia devia tambem representar o todo dos Myst.·.; por isso *Hiram*, que era a figura do Sol e do Architecto, devia, como o Sol, *morrer* e *resuscitar*, o que se tornou objecto d'outra ordem superior, a que se chamou *Mestres*. Tambem ás antigas experiencias de passar pelos Elementos ajuntaram ceremonias, que lhes lembravam o direito exclusivo de fazer sacrificios.

Estes novos Myst.·., ceremonias, e emblemas, deviam trazer-lhes á lembrança a epoca mais brilhante da Nação Judaica, aquella, em que Salomão tinha elevado o culto do Grande *Jehovah*, e o que *D. F. Bagot* mui bem descreve com a seguinte legenda: «Salomão ajuntou os che-«fes dos trabalhos e lhes propôz edificar, em honra do «Gr.·. Arch.·. do U.·. um Templo similhante em tudo «áquelle, que acabava de ser destruido: todos n'isto con-«sentiram, e os obreiros manuáes, homens instruidos e «devotos, tornavam-se *obreiros espirituaes*: e como era «preciso marcar a differença, que existe entre a disposi-

---

(1) Alguns pensam que os martellos, de que nos servimos em nossos trabalhos, e a que chamamos *malhetes*, se refferem aos martellos, de que usavam os sacrificadores para ferir a victima; outros julgam que elles representam a *chave* cruciforme, que se acha nos symbolos das divindades Egypcias; este signal indica a *immortalidade* como depois se verá.

« ção ás virtudes e á posse das mesmas, Salomão caracte-
« risou os gráos: O 1.° o de *Aprend.·.* encerrava todas
« as experiencias corporeas dos Myst.·. Egypcios; o 2.°
« o de *Comp.·.* comprehendia as instituições dadas pelos
« padres, e as conferencias d'estes com o aspirante na ul-
« tima parte da Iniciação; o 3.° o de *Mest.·.* era o co-
« nhecimento total dos Myst.·. mas convinha á prudencia
« de Salomão adaptar a seu systema moral o incidente
« d'um *Mest.·. assassinado* pelos vicios &c. »

Estes Myst.·. novos, estabelecidos pelos Levitas em Babylonia, deviam entreter entre os Judeos o dezejo de voltar ao seu paiz, para n'elle reedificarem realmente o *Templo Santo*, e recuperarem a authoridade e os bens perdidos pela ambição dos ultimos reis de Judá e de Israel. Os Levitas, em seus Myst.·., conservaram a festa de 10 de *Tuischri*, ou o Myst.·. da *palavra perdida*, o que hoje ainda se consagra na Maç.·.; e si o Rito Francez, para dar valor á palavra *innominavel*, a riscou d'entre os Mest.·., por isso lá a conserva na sua *Abobada Sagrada*, onde é substituida pelas palavras *Schem-ham'phoras* (*nomen explicatum*) para não explicar o nome de Deos. Depois d'esta liturgia os Israelitas festejavam a *Paschoa*, que tinham trazido dos Egypcios, entre os quaes ella tinha logar no equinocio da primavera: e com effeito os padres de Memphis tinham estabelecido esta festa em reconhecimento das vantagens produzidas pela volta do Sol debaixo do symbolo d'Osiris, que *resuscita* e *triunfa* das trevas e do máu principio; chamavam-lhe o Myst.·. da *resurreição* e da *redempção*: os Christãos tambem tem sua Paschoa, e a resurreição de Jesus; imagem do Sol, como diz R. de Schio (1); e é para observar que Moysés

(1) Pelo que diz respeito aos Hebreos esta festa servia para commemorar a sahida do Egypto e a destruição de seus filhos mais velhos.

ordenou que se fizesse como ceremonia essencial a esta festa, um banquete, em que só se deveria comer um cordeiro macho de um anno; donde se tira que Moysés quiz lembrar aos padres o *Aries* signo do Zodiaco Egypcio (1).

Estas instituições mysticas, posto que communs a todas as religiões da antiguidade, foram comtudo pelos padres das differentes Nações conservadas severamente *secretas*: entretanto a Biblia nos faz ver que os Judeos celebravam seus Myst.·. debaixo das formas Maç,·., como se acha no Psalmo CXXVII, ℣. 1.º:

> *Se Jehovah não edifica a caza, em vão trabalham n'ella seus edificadores: e se Jehovah não guarda a Cidade, em vão vigia a sentinella:*

E nas *Prophecias d'Amos*, Cap. VII. ℣. 8, acha-se uma conversação mui curiosa sobre os Myst. entre o Eterno e o Propheta. O *Eterno* se apresenta a *Amos* debaixo da figura d'um *Mest.·. Maç.·.*, e lhe diz:

Quid vides? Que vês?

Responde o Propheta:

Eu vos vejo com uma trolha ou prumo na mão.

O Senhor lhe replica:

Ecce ponum trullam *in medio populi mei Israel, non adjiciam super inducere eum.*

Eis que eu porei a trolha no meio do meu povo Israel, em diante nunca mais a passarei.

Este texto merece alta consideração (2).

---

(1) Exodo Cap. XXII. ℣.5.

(2) Note-se que a trolha é um emblema em muitos Ritos Maç.·.; e serve principalmente entre os *Escocezes*, os *Cav. do Oriente*, e nos gr.·. de *Perfeição.*

Os criticos pretendem que a Biblia é toda allegorica, e que ella fôra feita durante, ou depois do captiveiro dos Israelitas em Babylonia, maxime os livros attribuidos a Moysés; porque estes narram a historia dos Judeos muito posterior a Moysés; e deste parecer são *Fréret*, *Boulanger*, *Voltaire*, *Dupuis*, e *Leblond*, para quem a Biblia está longe de ter o caracter de *divindade*. A maior razão, que leva os authores a crêr que a Biblia não foi escripta sinão depois da sahida dos Judeos de Babylonia, é que ella falla de *Bons*, e *Máus*, *Anjos*, de *Cherubins*, e de outras *hierarchias* celestes, que não eram adoptadas nos Myst.·. Egypcios, e que faziam parte dos emblemas religiosos dos Assyrios; por conseguinte os Anjos não podiam sêr honrados entre os Judeos sinão depois que communicaram com os Chaldeos durante seu captiveiro: esta opinião é corroborada por *De Lacy*, *Theodoret*, *Volney*, *St. Clement*, *Diodoro de Sicilia* e outros; e, si com effeito Moysés era Iniciado Egypcio, como ninguem duvida, elle devia ter grandes conhecimentos em Astronomia, como tinham todos, que alli se foram iniciar; ora é impossivel acordar-se a sciencia que se dá a Moysés com a sua *Genesis*, que desfigura toda a Astronomia quando diz por exemplo: *que o Sol, e a Lua dominam todas as Estrellas; que o firmamento é solido, e sustenta as aguas; que a Lua é maior que as Estrellas; que as Estrellas sam fixas; que o terceiro Ceo, onde reside a divindade, está acima do firmamento:* donde se colhe que não foi na Astronomia Egypcia que Moysés foi engendrar estes sonhos ridiculos, com que os padres de Roma quizeram convencer d'erro a *Bruno*, *Gallileu*, e a *Copernico*. Os padres e os Levitas, posto que escravos em Babylonia, sempre se lembraram de suas riquezas e de seus direitos; estavam convencidos de que só pelas sciencias, adquiridas no Egypto, e que tinham professado depois de Moysés, é

que haviam obtido a veneração das outras tribus de Israel; assim seus votos e desejos os conduziram a estabelecer *Ordens* no Sacerdocio; o que se deixa vêr pela palavra *Thubalkain*, que se encontra muitas vezes em seus livros sagrados, e em muitos Ritos Maç.·.. Esta palavra quer dizer *possessão do mundo*, fim; a que se tem proposto muitas Ordens religiosas na Europa, principalmente a, chamada por Voltairè — *Os guardas do Papa* ou Jesuitas; que, por missões secretas, procuram invadir e usurpar a superficie da terra, o que mui bem demonstrou Smith, analysando os crimes e os decretos que os reis tem promulgado contra elles.

Os Levitas tambem admittiam Candidatos ào Sacerdocio por meio d'uma preparação usada em todos os Myst.·. o que se explica pela palavra *Jachin*, que tambem se conserva hoje na Maç.·. e que significa *preparação* (1).

Nos Myst.·. Judaicos tambem se devia applicar, como nos Myst.·. antigos, a legenda d'uma *morte*, e seus symbolos: Os Egypcios choráram *Osiris* morto; os Ethiopes *Memnon*; os Persas *Mytras*; os Gregos *Baccho* e *Atys*; e os Babylonios *Adonis*; todos estes diversos povos estabelecêram a *paixão*, a *morte*, e a *resurreição* de sua respectiva divindade, que por certo não era sinão o Sol: ora entre os Judeos devia applicar-se, como com effeito se fez, esta legenda a *Hiram*, que construio o Templo de Salomão, e que gosa d'um grande credito na mystagosia Judaica. Causa surpreza achar-se esta mesma fabula heroica ou *Mytho* na paixão e supplicio de Jesus Christo, que é o sacrificio de seu corpo, e a morte que é o nó

(1) E' mister observar, d'uma vez por todas, que a linguagem Chaldaica, posto que muito expressiva, é todavia pobre, e que a mesma palavra tem muitas significações segundo o sentido e a phrase, a que se applica.

essencial que une os Christãos, lembrado pela ceremonia da communhão: esta allegoria existe em todos os Myst.·. antigos, e figura tambem nos Maç.·., como se vê pela morte mystica de *Hiram*, Gr.·. Arch.·. assassinado por tres Comp.·. que queriam tirar-lhe a *palavra perdida*, venerada pelos Judeos, e que tinha occasionado a festa e a commemoração de 10 Thisehri (1).

Tendo-se esta palavra *Jehovah* perdido, os Levitas em seus Myst.·. obrigaram os Iniciados a procura-la, e a vingar o supposto assassinato, cujas praticas nós conservamos nos gr.·. de *Escocez* e *Eleito*: donde resulta que todas as religiões d'antiguidade tiraram seus principios dos Myst.·. Egypcios, onde se acha a commemoração da morte de Osiris e de sua vingança, *Nekam* (ultio) sobre os assassinos: de modo que os Levitas não fizeram mais, doque substituir *Hiram* por Osiris. A commemoração d'estas vinganças não existia entre os Egypcios, nem mesmo entre nós, para fins sanguinarios, como querem alguns detractores: ella só se refere ás simplices operações da natureza, que offerecem uma continuada guerra entre o *principio gerador* e o *principio destruidor*, doutrinas invariaveis que os padres do Egypto ensinavam sempre aos seus Neophytos, e que nós hoje tambem desenvolvemos nos Myst.·. da Maç.·..

Os Levitas serviam-se do ramo sagrado d'*Acácia* para figurar o assassinato de Hiram; e nossos instituidores o

---

(1) E' provavel que os Levitas quizessem dar á palavra, perdida por este assassinato, outro sentido, referindo-se á liberdade, aos bens e á authoridade, que perderam pela occasião de seus ultimos reis. Seja porém como fôr, *Hiram* filho d'Ur (fogo) é quem realmente figurou como Mest.·. na construcção do Templo de Salomão (Vej. Biblia liv. III dos Reis Cap. 7.º).

escolheram tambem, por ser um ramo commum a todos os Myst.·. antigos: este symbolo no começo dos nossos Myst.·. é um objecto de tristeza; mas a alegria o segue de perto: a Acacia é considerada como o *Lignum salutis* dos Christãos: é o *Gui* dos Druidas na Scandinavia; e emfim é o emblema, que representa a festa dos Ramos entre os Christãos de Roma, a qual precede cinco dias a commemoração da morte de Jesus sobre o mesmo *Lignum Salutis*; e d'aqui vem dizerem alguns que os Padres sam tambem Iniciados, que teem signaes e allegorias; mas que não as entendem, nem praticam as virtudes, que seus emblemas representam.

Esta morte, e este ramo, que a manifesta, acha-se tambem nos Myst.·. dos antigos Romanos, como mui bem o descreveo *Virgilio* e o *author* do *Poema* da Maç.·.: é com effeito, no 6.º livro da *Eneida* de *Virgilio*, Eneas desce aos Infernos, procura o ramo fatal e mysterioso, que se tem comparado ao *Gui* dos Druidas: lá elle descobre o corpo de Misena, morto por um Deos rival: Virgilio, depois de ter descripto o mysterio da putrefacção, *Mak-benah* (ædificant putrido) nos pinta seu héroe, ferindo com a espada os monstros terriveis, que se oppôem á sua passagem, e triunfante emfim de todos os obstaculos, e athe mesmo dos 4 elementos: Estes obstaculos preliminares constituíam, propriamente fallando, a Iniciação; e nossos sabios instituidores, tornando-os difficeis a vencer, não quizeram fazer muito geral o conhecimento de suas verdades, as quaes poderiam sêr nocivas a homens não destinados a conhecer a natureza; e eis porque nos Templos do Egypto a *natureza*, que só representava a *verdade*, era coberta com um véo.

Mas, voltando ao Poema de Virgilio, a Descida *de Eneas aos Infernos*, reune sobre a Iniciação tudo aquillo que se não acha sinão com muito custo e em muitos au-

thores differentes: n'elle se acham as experiencias, as ceremonias, e a doutrina dos Myst.·.; por que, attendendo-se aos discursos da *Sybilla*, acharemos a linguagem dos preparadores Egypcios e Judaicos, que eram encarregados d'instruir o Iniciado; e o discurso de *Anchises* nos mostra o Hierophanto Egypciaco, Judaico, e Grego, que instruia o Iniciado, depois das experiencias sobre o *sêr supremo, a Immortalidade; e as penas ou recompensas futuras:*

A allegoria e a legenda de Hiram, assim como seus tres assassinos, variam nos diversos Templos: ella representa Jesus Christo na *Maç.·. coroada*, seguida pelos *Carbonarios* (Bons-Primos): (1)

Tambem, Hiram, nos *Kadosch* de todos os Ritos, (Note-se que esta Ordem não é nem dos Egypcios nem dos Judeos) representa a allegoria do martyrio de *Jacques Molay* e da destruição dos Templarios.

A legenda dos tres assassinos de Hiram varia do mesmo modo: em uns foram:

Luther,	*Calvino;*		*Zuingler*; ou
Abi-ramah;	*Romvil;*		Gravelot; ou
Giblon,	*Giblas,*		*Giblos;* ou
Jubela,	*Jubelum;*		Jubelos; (2) ou
Judas;	*Caiphas;*	e	Pilatos.

No Kadosch e na Ordem do Templo representam em um ponto os, que fizeram perecer os Templarios:

(1) Aqui Jesus Christo, como o Sol, termina sua carreira, apostrophado pelo máu principio ou máu ladrão; e o bom principio segue Christo na sua gloria; e, para tornar a allegoria mais saliente, finge-se seguir a morte do Divino Mest.·. pelas trevas e tremores de terra, como se o Sol se tivesse realmente aniquilado.

(2) N'estes é sempre *Philippe-o-Bello* que figura.

Squin de Florian, Neffodei, e um desconhecido: e em outro *Philippe-o-Bello, Bertrand de Gotte*, e o *Grande Mest*.·. de *Malta*.

Os Ros.·. Cruz.·. de Kilwinning teem por assassinos:

Caïn, *Haken*, *Heni*; e os Adon-Hiramitas, *Hobben*, *Austersfuth*, *Schterke*.

N'aquellas Nações, onde o poder absoluto, ou illegitimo, tem o logar d'um governo paternal e representativo, muitas vezes (diz R. de Schio) a allegoria de Hiram, e de seus assassinos, se tem prestado á commemoração, talvez irregular, do *assassinato da liberdade Civil* occasionado pela *avareza*, *superstição*, e *despotismo*.

As Ordens d'Eleito, Kadosch, Templarios etc. etc., foram encaradas por alguns gabinetes como perigosas; e, em consequencia de prevenções mal fundadas, accusadas de querer, pela sua allegoria, vingar a destruição dos Cavalleiros Templarios em seus assassinos; mas desenganem-se todos os politicos que a Ord.·. Maç.·. é muito mais antiga, do que a d'estes Cavalleiros, que não foram admittidos sinão no seculo XIII, e pelos cadernos da instrucção d'uns e outros se pode colligir que suas allegorias só se referem a factos physicos e moraes, ligados aos antigos Myst.·., e nunca a pontos historicos e politicos: mas, ainda que isto assim fosse, tranquillizem-se todos os visionarios porque, quando mesmo a allegoria de Hiram se referisse á politica, é evidente que seria mais favoravel, do que nociva á authoridade real, despotica e absoluta, pois que ella ordena a vingança do assassinio d'um heroe por tres rebeldes; e no Rito Moderno é ordenada em nome de Salomão, que foi o mais justo dos Reis.

Quanto aos Levitas, alem das allegorias personalisadas, que apresentavam seus Myst.·., tinham outros materiaes, como é a *Pedra Cubica*, em que está gravado o grande nome de *Jehovah*, a qual existe tambem em nossos Templos, e que nos serve, como as antigas pedras monumentaes do Egypto, para lembrar-nos as palavras Sagr.·. de nossos Myst.·. e de nossas Ord.·. (Vej. Est. 3.ª, N.º 2.). Alem d'esta os Levitas tinham tambem a *Pedra Angular*, collocada no angulo mystico de Salomão, que devia servir de modelo a todos os operarios, e que, mysticamente em nossos trabalhos, é composta de *Amor fraternal; soccorro, e Verdade*, virtudes necessarias ao Iniciado; que deseja chegar aos gr.·. da *Perfeição*.

Eguaes allegorias pertencem tambem a outras religiões: os Musulmanos teem uma Pedra Angular a que chamam *Barktan*, objecto de sua profunda veneração: em Jerusalem ainda hoje se veneram *Pedras* sobre o Golgotha: em Padua ainda se beija com veneração uma *pedra* negra na capella de Santo Antonio, cujo portico tem uma inscripção Maç.·., contendo as doutrinas dos primeiros Christãos, Essénios, e Gnosticos ⟹:

Quærite et invenietis, petite et accipietis, pulsate et aperietur vobis.

Outra egual se acha em Veneza na Igreja de S. Marcos; e na de S. Pedro em Roma, e em differentes Cidades ainda os Christãos beijam columnas e pedras incrustadas nas muralhas de seus Templos; e finalmente os Indios e os Arabes beijam e adoram ainda hoje algumas Pedras (vej. Calmet, tom. XXIX.)

Os novos Myst.·. dos Levitas se conservaram em Babylonia durante os 70 annos, em que os Israelitas alli es-

tiveram captivos, e athe ao tempo, em que *Cyro*, Rei de Babylonia lhes concedeu a liberdade (1)

Cyro, como sabio e politico, protegeu o retrocesso dos Israelitas para a Judea; deu-lhes por chefe *Zorobabel*, (*dispersio confusionis*); e lhes fez dar os vazos sagrados e outros symbolos que tinha o Templo, e que lhe haviam sido tirados pela destruição e tomada de Jerusalem por *Nabuchodonosor* (*planctus judicii*).

Os Judeos, entrando na Judea, disputaram entre si ácerca da forma real da reedificação do Templo; mas suas discussões foram terminadas por *Dario*, que a Biblia faz Rei da Persia: Este facto é commemorado no Gr.·. de Cav.·. do Orient.·., no de Princip.·. de Jerusalem, e outros; e acha-se referido particularmente no 5.º e 6.º Cap. do 1.º liv. de *Esdras*.

Os Levitas, tendo sido perturbados em seus trabalhos por differentes inimigos, introduziram o uso das *espadas*, de que nós hoje tambem nos servimos em certas ceremonias, e como se acha no Cap. IV, de *Nehemias*:

℣. 17 — *Os, que edificavam o muro, e os, que traziam as cargas, e os, que carregavam, cada qual com uma das mãos fazia a obra, e na outra tinha as armas.*

℣. 18 — *E os edificadores, cada qual, traziam sua espada cingida a seus lombos e edificavam; e o, que tocava a trombeta, estava junto a mim.*

---

(1) *Cyro* (quasi miser) por conselho de seu pai *Cambysa*, foi iniciado nos Myst.·. dos philosophos; e por conseguinte devia ter como bom todo o culto, que se dedicasse ao author da Natureza (Xenophon e R. de Schio).

Estes differentes ditos devem sêr tomados em sentido allegorico; porque se referem á nova instituição, que os Levitas trouxeram da Babylonia, e que achava então na Judéa fortes adversarios: muitas Ordens e Ritos Maç.·. mencionam este facto principalmente o Escocez e Francez, onde todos os II.·., em seus trabalhos, teem na mão direita a *espada* e na esquerda a *trolha*.

Depois da reedificação de Jerusalem e do Templo, os Levitas, pelo que parece, ajuntaram aos Myst.·. exercitados na Babylonia, ceremonias novas e commemorações, que lhes lembravam as bondades de Cyro, sua regeneração, e emfim a sua constituição theocratica, que Moysés tinha levado dos Myst.·. Egypcios (1).

Pelo, que levamos dito, todos se convencerão, de que as allegorias, que fazem a base da maior parte dos gr.·. Maç.·., sam a commemoração da historia Judaica, d'esde o Egypto, Deserto, e Babylonia, athe á restauração politica dos Israelitas: Esta nossa opinião é corroborada por *Baltimore*, e *M. de Plane:* ha entretanto Ritos Maç.·. que se creem successores dos Templarios e do Christianismo; mas, se dermos credito á Biblia, os Myst.·. Judaicos se conservaram 32 seculos depois da creação do mundo, isto é athe ao começo do Christianismo; porque os primeiros Christãos tiraram dos Levitas a allegoria: esta vê-se continuamente figurar entre os primeiros Christãos; e, applicando-a á sua nova religião, não fizeram

---

(1) O fim principal dos Levitas, em caso de recuperarem sua liberdade, era o d'estabelecer sua dominação e formar o Concelho creado por Moysés, composto do Pontifice e de 72 padres, o qual decidia os negocios da Nação em ultima instancia, e como realmente existio athe que foi destruido depois pelos Romanos.

mais, do que substituir a Igreja pelo Templo de Salomão. (1)

Segundo a Biblia, os Judeos estiveram por muito tempo submettidos aos Persas, depois que foram livres de Babylonia; em consequencia as doutrinas theosophicas dos Magos deviam ser-lhes conhecidas e athe seguidas por alguns d'elles: de mais a Biblia nos affirma que, depois do Reinado d'Alexandre-o-Grande, os Israelitas foram alternativamente submettidos a Reis Egypcios e Syrios, que se esforçaram sempre por lhes inculcar suas doutrinas e costumes, consequencia natural das emigrações.

Em diversos paizes os Judeos compravam e vendiam perfumes e objectos de luxo Asiatico, que tiravam da India e da Persia: viajando continuamente espalharam seus Myst.·. e seus dogmas; mas em troco trouxeram para a Judéa principios novos e desconhecidos, como eram os das Seitas dos Saduceos, dos Pharizeos, dos Brachmanes, dos Essénios, dos Therapeutas, dos Carpocracianos, dos Cabalistas, Gnosticos, Ophitos, e mais tarde dos Basilios, dos Manicheos e outros. Estas Seitas eram cheias de principios philosophicos, Gregos, Romanos, Persas, Indios, Egypcios etc. Resultou qne o culto do Grande *Jehovah*, seus Myst.·. e allegorias estiveram perto de se perderem pela introducção de novos systemas, maxime pelo dos *Trinitarios*, trazido da Persia. N'este paiz os sabios seguiam o dogma do *Deos Unico* com os dous principios *Luz* e *Trevas*, tal como Zoroastro o tinha levado do Egypto; mas que os schismaticos Trinitarios destruiram, dando áquelles dous principios o poder de crear. Alem d'este schisma os Judeos trouxeram outro da Grecia, que tinha muita analogia com o dogma Trinitario

---

(1) S. *Matheus* Cap. VI. ℣. 16, 17, e 18: e Epist. 1.ª de S. *Pedro* Cap. II.

Persa, e era a doutrina de *Platão*. Este havia estabelecido 3 *Hypostases* ou maneiras de sêr da divindade:

> A primeira constituia *o Deos supremo*;
> a segunda o *Logos* ou o *Verbo* nascido do primeiro Deos;
> e a terceira o *Espirito* ou alma do mundo.

Os theologos Judeos tambem quizeram que o systema da Trindade estivesse encerrado na palavra *Jehovah*, objecto de seus Myst.·. e tambem dos nossos: os commentadores disseram que a letra inicial י *j* exprimia o *Deos Pai* por sêr esta letra a raiz do nome de Deos em todas as Nações antigas; que os dous ה ה *hh* ligados pelo ו faziam o symbolo das duas naturezas *divina* e *humana* do *Filho* ou *Verbo*; e que o ו *w*, que os une, fazia o symbolo do *Santo Espirito*, o *Rouahh* (ventus, spiritus), espirito de Deos que desenvolvêra o chaos.

François Vatablé, em seus commentarios sobre a Biblia (Exodo Cap. XXVIII,) pretende que o nome de *Jehovah* contenha o systema da *Trindade*: Eis como elle se explica:

> « *Hoc autem nomen* יהוה *Trinitatis mysterium continet ut veteres Judei; qui Christum præcesserunt; dixere in suis traditionibus, nam per* י *intelligitur Pater qui est principium, et origo omnium rerum. Per* ה *Filius per quem omnia quæ facta sunt esse cœperunt. Per* ו *quæ est conjunctio copulativa intelligitur Spiritus Sanctus, qui est amor et nexus utriusque, qui ab utroque procedit. Geminatur autem* ה *propter duplicem naturam quæ est in Christo. Per primum* ה *natura divina intelligitur; per* ה *postremum natura humana.* »

Há outra demonstração da Trindade por um Judeo que se tornou Christão, e vem a sêr (Est. 3.ª fig. 3):

Descrevei quatro circulos A, B, C, D, dos quaes C seja concentrico a A, e os circulos B e D tenham por centro a circumferencia do circulo C: ponde em cada um dos pequenos circulos duas letras da palavra יהוה *Jehovah*, de maneira que haja uma em cada emisferio; e então ajuntai o *jod* ao primeiro = *e* = e vós tereis um dos nomes de Deos, o *Gerador*; juntai depois o primeiro = *e* = ao *vaf*, e tereis o segundo nome de Deos, o *Verbo encarnado*; ajuntai depois o *Vaf* com o ultimo = *e* = tereis o terceiro nome que procede do primeiro e do segundo; e emfim como o todo está reunido em um grande circulo, teremos tres n'um.

Os Indios teem um emblema da *Trindade* na palavra *Aum* que não devem pronunciar sinão em segredo: das 3 letras que o compõem *A* designa o principio de tudo, o Creador *Brahma*; *U* designa o Conservador *Vichen-ou*; e o *M* designa o destruidor *Chivam*. A palavra *Aum* representa a sua divindade e (Vej. *Volney*, Ruinas de Palmira, Nota 1.ª): é o *Alpha* e *Omega* dos Christãos e dos Maç.·., o *Jehovah*, e a *Trindade*.

Os Chinezes tambem teem a sua *Trindade*, que, segundo *Benjamin Constant*, se encerra na palavra *Tao*, essencia triple, que cria o Ceo e a terra, dividindo-se em 3 pessoas, das quaes uma é encarregada da producção, outra do arranjo, e emfim a 3.ª é encarregada de manter a succēssão regular.

Os padres do Egypto tinham o Myst.·. da *Trindade* na sua *Chapa Isiaca*, que encerrava nm triangulo explicado por tres symbolos, do *Mundo*, do *Egypto*, e de *Memphis*. Muitos Authores consideram esta chapa como a

explicação da *Trindade Christã.* (1) Os padres Egypcios reconheciam um *Deos Creador* com os dous principios *Bom* e *Máu. Isis, Osiris,* e *Orus* representavam o Bom principio, e *Typhon* o Máu. Os Padres adaptaram estes dous principios á moral do homem: Typhon era o gerador das paixões; Osiris e Orus eram o emblema da razão, que o homem tem: é por estas analogias, que os Judeos, depois do captiveiro de Babylonia, e depois d'elles os Christãos, estabeleceram os Anjos e os Demonios, que não sam, sinão os *bons* e *máus* Anjos dos Babylonios, e o *bom* e *máu* principio dos Egypcios e dos Chinezes.

Os *Trinitarios*, augmentando na Judéa, ajuntaram, pelo decurso do tempo a este novo dogma a doutrina santa de Jesus Christo, que era inimiga de questões theologicas. *Jesus* não admittia sinão a unidade de *Deos*, que tinha tirado do Egypto, e que elle considerava como Pai de todos os homens, como o provou *Lactance* e *Plinio*: E *Alexandre Lenoir* diz que *Theophilo*, Bispo d'*Antiochia*, que vivia aos 176 annos da éra Christã, fôra o primeiro, que empregára a palavra *Trindade* em seus discursos, o qne prova que este dogma não foi introduzido no culto Christão, sinão muito tempo depois de Christo. Os Trinitarios esqueceram sem duvida os debates, que o Divino Mest.·. sustentou com os Sacrificadores, os Pharizeos, e os Scribas, que trataram de o surprehender e de o convencer de falso em sua doutrina, que era simples, popular, e santa.

Muitos Authores, como o Abbade *Marotti*, querem que o dogma Maç.·. seja a pura doutrina de Jesus, e que nossas allegorias formam as virtudes, que elle prégou;

---

(1) Não apresentamos esta chapa por sêr complícada.

mas como a nossa Ordem tem II.·., que sam nascidos no seio d'outras religiões, e que não conhecem o nosso Divino Mest.·., sinão pelo nome, (1) teremos de recorrer a alguns fragmentos dos antigos Evangelistas, approvados pela Igreja de Roma, e pelo Concilio de Nicêa, e tanto mais que sam mencionados em muitos Ritos e Ordens Maç.·..

(1) Ha Loges Maç.·. na Turquia, e nas Indias Oriental e Occidental.

SECÇÃO TERCEIRA.

CAPITULO I.

O Apocalypse considerado como base de muitos Ritos Maç∴.

Como nenhum escriptor, contemporaneo de Jesus Christo, nos fornece documentos ácerca de sua pessoa e de seus milagres (o que tem feito incredulos, que suppõem ser Jesus uma simples allegoria do Sol, cuja prova tiram do Apocalypse) teremos de nos refferir aos escriptos dos 4 primeiros Apostolos, e dos Santos Padres, que escreveram depois de Christo.

Mas, antes de irmos adeante, exporémos o que diz o nosso padre João Baptista de Castro, no seu proemio da *Vida de Jesus Christo* « Ninguem ignora que cada Evan-« gelista, postoque allumiado pela mesma noção do Espi-« rito Santo, observou distincto rumo na ordidura da sua « Historia, segundo o argumento, que se havia proposto, « de caracterisar na Pessoa do Verbo Humano um parti-« cular attributo. Assim vemos que *S. Matheus* tomou por « assumpto justificar em Jesus a dignidade de Messias pro-« mettido, e que procedia da geração real de David : *S.* « *Marcos* mostrou que elle era Rei e Senhor pelos effei-« tos de seu poder : *S. Lucas* lhe descobrio o predicado « de Salvador do mundo : e *S. João* declarou a divindade « do Verbo Eterno unida á humanidade na mesma Pessoa de

« Jesus Christo (1). D'aqui nasce que, não sem propriedade,
« foram significados os 4 Evangelistas nas 4 figuras enigma-
« ticas do carro de Ezequiel: o *Homem* significava S. Ma-
« theus, porque este, dando principio ao seu Evangelho pela
« *geração humana* de Christo, mostrou-se como homem: o
« *Leão* representava S. Marcos, por que este, começando a
« descrever a voz, que clamava no deserto, mostrou ter a pro-
« priedade de leão, que anda rugindo pelos montes: S. Lu-
« cas se assimelha ao *Boi*, porque principiou o Evangelho
« pela função Sacerdotal de Zacharias, em que symboli-
« sou o boi, que é apto para o sacrificio: ultimamente
« S. João, como subio mais alto, declarando a divindade
« de Jesus Christo, se fez similhante á *Aguia*. » (Est.ª 4, N.º 1, 2, 3, 4) Seja como fôr, é certo que o mais antigo Evangelho (*Boa Nova*) é o, que se attribue ao Apostolo S. Matheus, que, segundo as Chronicas catholicas, escreveu 6 annos depois da morte de Jesus. Os padres da Igreja disputaram muito sobre a linguagem, em que tinha sido escripto o seu Evangelho, e athe mesmo sobre quem era o seu Author; mas nós deixaremos tal objecto para que não haja desfavor ou incerteza na sua authoridade. E' certo que este Evangelho parece querer refutar as asserções dos Nazarenos sobre a origem obscura, que elles davam a Jesus, porque cita a sua raça como real, e dá-lhe uma chronologia, que sobe ao primeiro Pai Adão: descreve mais a vida de Jesus despida de toda a ideia da divindade; e, postoque falle de suas virtudes e de seus milagres, não faz todavia menção do mysterio da Trindade.

O segundo Evangelho é escripto por S. Marcos 10 annos depois da morte de Jesus: este Evangelho descre-

---

(1) O Beneficiado da Patriarchal de Lisboa esqueceu-se, a respeito de S. João, do ℣. 5 do Cap. 1.º do Apocalypse!

ve a vida humana de Jesus pouco mais ou menos como o primeiro, isto é, sem cousa alguma lhe attribuir de divino. S. Marcos não conheceu Jesus Christo, elle mesmo diz que nunca o vira; mas que tudo, que escreve, ouvira a S. Paulo.

O terceiro Evangelho é obra de S. Lucas, que era Medico, discipulo de S. Paulo, e que escreveu em grego: esta historia de Jesus Christo é melhor redigida, do que as duas precedentes; mas declara em seu exordio que elle se decidio a escrevê-la porque os outros a tinham desfigurado; em consequencia S. Lucas não vio o, que escreveu, mas seguio o enunciado pelos outros Evangelistas, dando a vida de Jesus despida da divindade e do Myst.·. Trinitario. Affirma-se que este Evangelho só appareceu 58 annos depois da Paixão de Jesus Christo.

O quarto Evangelho é escripto por S. João, Apostolo querido de Jesus, que figurou tambem sobre o monte Golgotha, e que, segundo S. Jeronymo, foi Bispo de Epheso: parece que S. João foi desterrado para a Ilha de Pathmos, e que foi n'este desterro que elle escreveu o seu Apocalypse, no qual muitos Maç.·. acham uma parte de seus Myst.·.

E na verdade nos primeiros 5 capitulos do Apocalypse, S. João vê em sua *visão* a Deos, que *foi*, *é*, e *será* (Alpha e Omega adoptado pelos Maç.·.) assentado sobre um throno, tendo na mão direita um livro escripto e sellado com 7 sellos: João toma para heroe do seu Poema o *Cordeiro*, assenta-o sobre o mesmo throno da divindade cercado por 4 figuras symbolicas, *Leão*, *Boi*, *Homem*, e *Aguia*, que por parenthesis sam os 4 signos dos Evangelistas, e que entre os Egypcios symbolisavam as 4 estações (1).

O livro, que Deos tem na mão, não pode ser aberto sinão pelo Cordeiro; mas observe-se que o exercicio d'es-

(1) Apocalypse Cap. I. ℣. 8; Cap. IV. ℣. 7; e Cap. V. ℣. 1.º 5.º e 6.º; e Vej. a interessante Obra de *Dupuis*, *Des Cultes*, Cap. XII.

te não é sinão secundario, pois que só se mostra como instrumento da vontade divina, e não como a mesma Divindade (Cap. V e VI do Apocalypse). Aqui o Cordeiro, como emblema astronomico, representa o Sol na primavera, que deve abrir o curso das estações (1)

Pelo primeiro Sello, que o Cordeiro abre, o Poeta João faz sahir um Cavallo branco montado por um bello homem, que por gloria de sua victoria recebeu uma coroa, tendo na mão direita um arco; dizer-se-ha que é o mesmo *Apollo* representando a *Primavera* e o bom principio (2).

O Cordeiro abre o segundo sello; e o máu principio lhe succede: é um cavallo vermelho, e a pessoa, que o monta, tem o poder de tirar a paz de cima da terra, e fazer que os homens se matem uns aos outros: é o emblema do *Verão*, que, na Arabia e na Judéa, torna o paiz árido e abrasante (3).

O Cordeiro abre o terceiro Sello, e faz sahir um cavallo negro; e o cavalleiro traz na mão uma balança, que, por seu symbolo, se acha ser a constellação do equinocio do *Outono* (4).

O quarto Sello aberto, sae d'elle um cavallo amarello, montado pela morte, que faz perecer os homens á fome: eis o symbolo do *Inverno* (5).

---

(1) E' o systema dos Magos, adoradores do Sol, que não veem n'este astro sinão o meio, de que o Grande Obreiro, Deos, se serve para manifestar a sua omnipotencia sobre a terra.

(2) Apocalypse Cap. VI. ỷ. 2.

(3) Apocalypse Cap. VI ỷ. 4.

(4) Apocalypse Cap. VI ỷ. 5.

(5) Apocalypse Cap. VI ỷ. 8. Os antigos deram 4 cavallos á Apollo para indicar a divisão do dia; e aqui o Poeta designou tambem por 4 cavallos as 4 estações do anno, que representam as mesmas estações Egypcias.

Pela abertura do quinto Sello, João descreveu as almas, que apparecem perante Deos, ao pé do throno do Cordeiro; estas almas sam as, que tinham soffrido pela *palavra* de Deos; e, descrevendo a perseguição, que ellas tiveram, faz conhecer por esta ideia que elle tinha sido iniciado na doutrina da *immortalidade* da alma (1).

Um terremoto tem logar pela abertura do sexto Sello; o Sol obscureceu-se e a Lua tornou-se vermelha. João quiz figurar por esta discripção as convulções, que succedem no equinocio do *Outono*: e, procurando explicar os phenomenos do equinocio da primavera por uma parabola dos grandes, que se occultam nas cavernas, designou o, que acontece pela apparição do astro brilhante, em que todos os outros se eclipsam (2) No Capitulo VII do seu Apocalypse, João symbolisa uma *vingança suspendida*, querendo inculcar que o Sol influe proveitosamente sobre os productos terrestres, quando os trabalhadores, *eleitos*, trabalharem de noite e dia.

Pela abertura do settimo Sello João quiz manifestar d'uma parte a astronómia, que respeita aos 7 planetas, e da outra procurou desenvolver por allegorias a opposição e as perseguições, que experimentariam suas doutrinas e seu dogma, porque estabelecia que todos os Iniciados eram *Reis e Sacrificadores* (3).

Finalmente João acaba o seu Poema pela sua Jerusalem celeste, que tem 12 portas, e que representam os 12 mezes do anno ou as 12 constellações do Zodiaco; e o que o prova é a maneira, de que ellas estam orientadas, postas 3 a 3, e olhando os 4 pontos cardeaes: a muralha da Cidade tem 12 fundamentos, e os Apostolos

(1) Apocalypse Cap. VI ℣. 9.
(2) Apocalypse Cap. VI ℣. 12, 13, 14, 15, e 16.
(3) Apocalypse Cap. VIII athe XIX; e Cap. I ℣. 6.

do Cordeiro tambem sam 12: Tem 12$000 estadios em altura, largura e comprimento, a Cidade: é a pedra cubica dos Maç.·. N'esta Cidade Deos e o Cordeiro sam o Templo; vê-se alli a *regradeira* Maç.·. transformada em *Cana d'ouro*, com que se devem medir as muralhas e portas de Jerusalem: é o *ramo* mystico, que acompanha os Myst.·. da antiguidade. E por ultimo um Anjo diz a João *que adore o seu Deos e não a si*, que não é mais doque um embaixador, que o Senhor, o Deos dos Prophetas, enviou para manifestar a seus servos as cousas, que deviam acontecer (1).

Apenas appareceu o Apocalypse de S. João, os Christãos do Oriente o atacaram, não lhe poupaudo nem a parte astronomica, nem a outra, em que o author dava a entender que era Iniciado ao dogma da unidade de Deos e da immortalidade da alma: sustentaram que o Cordeiro sem mancha, que tinha sido sacrificado no começo da creação, não podia sêr o Jesus, que tinha sido immolado, segundo os Christãos do Occidente, sub Poncio-Pilatos; e que a divindade, que se lhe attribuira, destruia o dogma da unidade de Deos.

Desde então o Apocalypse não só foi tido pelos Christãos do Oriente como victoriosamente refutado, mas tambem ficou sendo considerado como um Poema do Sol, aindaque obscuro; pois que lhes parecia impossivel darse-lhe uma interpretação razoavel, maxime tendo-lhe o seu author dado o nome de *visão*: Donde se tira que elles não julgavam o Apocalypse como obra de S. João, nem mesmo d'um Christão; pelo contrario pensaram que seria antes um escripto d'um Judeo zelozo, por tratar da perseguição dos Judeos e não dos Christãos.

---

(1) Apocalypse Cap. XXI e XXII.

Depois d'estes debates o Apocalypse esteve muito tempo em esquecimento; mas, como ao começo do Christianismo houve um forte espirito de opposição entre os Christãos do Oriente e os do Occidente sobre alguns pontos theologicos, os ultimos attribuiram o Apocalypse a S. João; e em um Concilio, que tiveram em Toledo, o declararam divino e canonico: «Deve-se á Hespanha (diz «R. de Schio) a restauração d'este Poema sobre o Sol, «que tinha experimentado uma firme opposição dos Chris«tãos do Oriente.» O Concilio de Laodicea, algum tempo depois, regeitou tambem o Apocalypse, como obra d'um espirito extravagante; mas os Christãos do Occidente, em um terceiro Concilio em Carthago, o declararam novamente livro divino e canonico.

Muitos sabios teem querido commentar o Apocalypse, e entre estes se acham *Ticho-Brahe*, *Newton*, *Dupuis*, e *Lenoir*, que desembrulharam o chãos, que athe alli ninguem tinha ousado tocar. Muitos Maç.·. julgam tambem achar no Apocalypse a base e a explicação de todos os Myst.·., principalmente os Cabalistas; e para isto se servem do numero mysterioso de 12 e de 7, que n'elle se encontram frequentes vezes, e que se referem ás 12 constellações, aos 12 mezes, aos 7 dias da creação, aos 7 planetas, ás 7 sciencias, aos 7 diaconos eleitos pelos Apostolos; e emfim ás 7 ordens da Igreja, base sobre a qual se estabeleceram as 7 Ordens Maç.·.. Comtudo, sem resolver as questões, que dividiram tantos sabios a tal respeito, daremos a nossa humilde opinião, apoiada sobre o, que os Authores teem dito de mais provavel.

E' um facto geralmente hoje reconhecido que o *Sabeismo* foi a religião primitiva, e que esta era a religião universal da antiguidade, tendo por culto os phenomenos da naturesa e os astros. «*Porphiro* diz, fallando das obras «de *Cheremont*, padre e historiador, que tudo aquillo,

« que os padres Egypcios e Persas diziam de seus deoses,
« devia entender-se como sendo applicado ás phases da
« Lua, aos Planetas, aos Signos do Zodiaco, e ao Sol,
« principalmente quando se achava nos seus differentes as-
« pectos com as constellações; porque o Sol parecia per-
« correr, em sua revolução annual, o circulo do Zodiaco,
« que se compõe de 360 gráos, dos quaes 30 formam um
« de seus signos, e por conseguinte o Zodiaco se divide
« em 12 signos, que sam como outras tantas estações;
« que o Sol corre em 12 mezes; e este tem feito sua re-
« volução annual quando ás tem corrido todas. »

Esta divisão foi adoptada pelos antigos, e estas esta-ções foram representadas por 12 figuras differentes, que ainda hoje se conservam, e a que se chama *constellações* do Zodaico, as quaes se compõem d'uma certa quantida-de de estrellas fixas em uma dada circumferencia, e fi-guram como o Cordeiro, o Touro etc. (Vej. a Obra so-bre a astronomia antiga por *Dupuis* e a de *Lenoir*).

O Sabeismo, ou a religião applicada á Natureza e á Astronomia, necessariamente devia sêr universal em tem-pos remotos; porque era identificada com a moral do ho-mem, que ella dirigia do mesmo modo, que os trabalhos da agricultura: em consequencia o homem por toda a parte devia ter abraçado com confiança essa religião, que estava em relação com os seus deveres e com os meios de sua existencia.

O Apocalypse, postoque cheio d'emphase oriental, é todavia considerado por todos os criticos como inferior aos Poemas, que existem sobre o Sol; e dá logar a mil in-terpretações differentes pela sua obscuridade: no entre-tanto elle nos descobre que os Judeos, sectarios de João, tinham uma *Lei Oral* que se communicava aos Iniciados, e que existio entre elles até ao 8.° seculo, o que se póde verificar nos *Myst.·. da primitiva Igreja por Vallemont*:

esta *lei oral*, tambem se manifesta no Cap. X da *Visão de João*: é um anjo, que desce do Ceo, tem um pé sobre a terra e o outro no mar; e tem o Apocalypse na mão: João quer escrever as 7 *vozes* que ouvio; mas uma voz celeste lhe prescreve:

Sélla as palavras dos 7 trovões, e não as escrevas (1)

João, tirando o livro da mão do Anjo, o devorou: ao mastigar o achou doce como o mel; mas, depois que o comeu lhe causou amargor no ventre (2). Parece que João, fiel ás constituições moysaicas, quiz demonstrar por esta allegoria que os conhecimentos dos segredos religiosos, postoque agradaveis na apparencia, produzem effeitos perniciosos, e que por isso deviam sêr transmittidos *oralmente*.

O Apocalypse é tambem cheio d'idéas Platonicas, porque n'elle se acham as idéas do *Logos*, o *Deos-Verbo*, da alma do mundo, e de sua destruição, sonhos seguidos pelos Judeos e pelos Christãos d'aquella época: mas note-se que *Logos* é palavra grega, e que não podia ter-se usado sinão pelos Judeos da Alexandria.

Finalmente os primeiros Christãos fizeram de S. João um segundo Moysés ou um Elias; occultaram sua morte; e pretenderam que, pelo Cap. XXII do Apocalypse, elle devesse viver athe ao fim do mundo. Esta opinião não só tem sido sustentada por *Don Calmet*; mas tambem muitos II.·., apoiados sobre que as duas festas de S. João feitas pelos Maç.·. representam os dous solsticios, concluem que S. João não foi morto.

---

(1) Apocalypse Cap. X ℣. 4.
(2) Apocalypse Cap. X. ℣. 9, 10, e 11.

CAPITULO II.

JESUS CHRISTO, E SUA DOUTRINA EM GERAL.

Pelo que respeita ao nascimento de Jesus Christo seremos breves: Todos os Evangelistas concordam em que Jesus nasceu em Bethlem, e que era filho de Maria de Nazareth, que foi cazada com S. José: a credulidade, os sonhos, e os milagres foram as bases de toda a christandade; porque José, segundo S. Matheus parece ter promettido despozar Maria, que esteve quasi a sêr repudiada, sinão fòra uma ordem contraria d'um Anjo, que lhe appereceu em *sonho*. Uma *estrella* conduzio do Oriente os Magos, que foram visitar o Messias recemnascido: um *sonho* os advertio de que não deviam voltar por Jerusalem: um Anjo tambem advertio José por meio d'outro *sonho*, para que fugisse com sua familia á perseguição de Herodes: e emfim outro Anjo lhe disse em *sonho* que voltasse do Egypto para a Judéa, porque Herodes já era morto, o que tudo se póde vêr nos 4 Evangelhos.

Voltando Jesus para o Egypto, os Evangelistas não fallam mais n'elle, sinão quando na edade de 12 annos confundio os sabios da Synagoga: mas desde então cobrem sua vida d'um véo mysterioso; e um só d'elles lhe faz exercer o officio de seu Pai athe á edade de 30 annos: então o fazem prègar no deserto a necessidade de deixar o *vicio*, de corrigir *nossas faltas* e de seguir sómente a *virtude*, porque *o fim do mundo estava proximo*.

Os Evangelistas attribuem a Jesus uma politica hu-

mana, porque nem se descobrio aos mensageiros de João, nem queria que se divulgassem seus milagres, para não ter de se bater com os Sacrificadores, Pharizeos, e Scribas: os milagres, as curas, e o direito de afugentar os demonios eram, por lei moysaica, privilegio exclusivo dos padres Judeos, que tiravam por isso muitos beneficios da credulidade publica.

O primeiro milagre operado por Jesus foi o de mudar a agua em vinho na voda de Caná; supposto acontecerem muitos outros prodigios, todavia Jesus não os obrou *visivelmente*, ou não se deu a conhecer por Author d'elles: tal é a opinião do nosso Padre João Baptista na *Vida de Jesus Christo* a pag. 94. Mas é certo que antes de Jesus já *Elizeo* tinha corrigido o amargor das aguas de *Jerichó*, e dos manjares de Gilgal (1): outro tanto tinha feito Moysés no deserto de Mar para saciar os Israelitas: *Marcos* tambem enchia de vinho branco 3 grandes copos de vidro, e durante uma pequena oração, um d'elles tomava a côr de vinho tinto, outro a côr purpurea, e outro a côr azul celeste: O professor *Beyrusse*, durante um banquete na Côrte do duque Branswick, mudou vma cazaca de preta em vermelha etc. etc. (2).

---

(1) Liv. II dos Reis Cap. II ℣ 11 — 22; e Cap. IV ℣ 39 — 41.

(2) Todos estes phenomenos deixam de sêr prodigios para os, que sabem *Chymica*; e os, que não a souberem, poderão examina-los no Tom. 1.º Cap. 14 das *Sciencias Occultas* de Euzebio Salverte, impressas em 1829: Jesus fez muitos milagres na sua patria para lhe dar a crença, como se vê em todas as paginas dos Evangelistas: mas não se tornando crivel, os Nazarenos, segundo S. Marcos e S. Lucas Cap. IV, estiveram para o deitar abaixo d'um rochedo; e Jesus deixou a cidade incredula, dizendo-lhe: *Nemo propheta in patria.*

Jesus Christo professava as virtudes dos Essénios, e entre outras a *Castidade*; porque n'esta seita o cazamento era tido como um estado de imperfeição: muitos de seus discipulos observaram com effeito a castidade, de que resultou uma multidão de Cenobitas e Celibatarios, que com o tempo se tornaram em padres e frades Christãos, a quem depois os Papas prescreveram o Celibato obrigativo, que entre os Essénios e os primeiros Christãos não era mais; doque um negocio de *disciplina*: os Papas, receando que o homem cazado podesse sêr padre, e que os Reis e os Imperadores quizessem, como Saul, sêr tambem Sacrifidadores, prohibiram o cazamento aos padres pelo *Concilio* de *Trento*, prevendo que não achariam nos principes e nos reis subditos doceis a seus interesses. Os padres Christãos tinham outr'ora mulheres, a que chamavam irmãs *intrusas*, como se vê na Epistola de S. Paulo aos Corinthios Cap. IX. ỷ. 5; e em França, Allemanha, e Inglaterra os Bispos tiveram mulheres e Concubinas muito depois do Concilio de Nicea, como se póde vêr nas *Considerações dos Primeiros Concilios* de *Potter*.

Mas a doutrina de Jesus sobre o cazamento dos padres é clara e incontestavel: Eis como se explica S. Paulo na sua primeira *Epistola* a Timotheo, Cap. III. ỷ. 1 — 4:

1.º — *Isto é uma verdade certa: que se alguem deseja o Episcopado, deseja uma obra boa.*

2.º — *Importa logo que o Bispo seja irreprehensivel,* esposo de uma só mulher, *sobrio, prudente, amador da hospitalidade, e capaz d'ensinar.*

3.º — *Não dado ao vinho, não espancador, mas moderado: não litigioso, não cubiçoso.*

4.º — *Que saiba governar bem a sua caza: que tenha* seus filhos *em sugeição, com toda a honestidade.*

Donde se conclue que S. Paulo não diria que os Bispos deveriam ter *uma só mulher* e as mais *qualidades* a cima recommendadas; si os Bispos de seu tempo não tivessem muitas; e os seus costumes não causassem escandalo geral: eis a razão, porque a Igreja Romana nunca poderá aprovar a *Sociedade Biblica* de Inglaterra, que tem posto a Escriptura Sagrada nas mãos de todos, fazendo-a traduzir em todos os dialectos conhecidos (1).

A nossa penna foge de traçar os quadros licenciosos, que se acham proferidos na Biblia pelo propheta *Ezechiel* Cap. XXIII; onde elle pinta a dissolução das mulheres; comtudo não acreditamos, como a Igreja de Roma, que a prohibição, que ella ordena, *de lêr-se a Biblia*; seja em consequencia dos quadros obscenos que tem; pelo contrario pensamos que a religião, que não é mysteriosa, cessa de sêr religião; e sendo a de Roma fundada sobre a Biblia; é natural que sua historia seja prohibida. Esta verdade prová-se por muitos exemplos: os padres Egypcios prohibiam que o Povo soubesse lêr; tinham 3 alphabetos, com que occultavám os mysterios da religião á curiosidade dos profanos; mostravam ao povo os livros de *Hermes*, mas não lhe communicavam o seu contheudo: os Druidas estabeleceram que era um grande crime escrever sobre materia de religião: os Bramns deitavam oleo ardente na boca de todo aquelle que lêsse os *Vides*: em consequencia tambem a Curia Romana deve servir-se da lingua latina; lingua morta e desconhecida geralmente, para que o povo

(1) A *Sociedade* Biblica mandou imprimir a Biblia em 143 linguas; e em 1830 ja tinha espalhado por toda a Europa 7:867:131 exemplares, em que tem gasto 17 milhões de crusados pouco mais ou menos.

ignore o que pede a Deus: mas, apezar dos esforços d'este partido anti-social, a civilisação avançará, e o conhecimento da Biblia se espalhará por toda a parte.

Dissemos que os Papas mais ambiciosos prohibiram o cazamento aos padres: todavia a *Historia da Igreja* nos apresenta muitos, que não foram Celibatarios: *Theodora* governou Roma: *João X* foi nomeado Papa por favor de Theodora: *João* XI filho do Papa Sergio e de Merovia, filha de Theodora, foi Papa e Vigario de Christo: *João* XIII foi deposto por causa da sua libertinagem: *Bento* IX vendeu o Pontificado por dinheiro a Gregorio IV: O Papa *Borgia* teve de Venozia 4 filhos e uma filha: e em fim eis como se explica o Cardeal *Baronius* sobre a corrupção de Roma e as eleições dos Papas;

«Que horrivel aspecto não apresentava a Igreja Ro-«mana no começo do decimo seculo, quando infames «Cortezãs dispunham a seu sabor das Cadeiras Epis-«copaes! E' horroroso ouvir-se que ellas punham seus «amantes sobre o throno de S. Pedro, como fez D. «Maria Maldachini, collocando o seu Cardeal sobre a «Cadeira Pontifical em 1644, debaixo do titulo de Inno-«cencio X; de modo, que se chamaram muitos Pontifi-«ces *legitimos*, que não eram sinão *intrusos*, e que de-«viam tudo a mulheres de má vida; os canones decre-«taes, antigas tradições, e ritos sagrados, eram total-«mente esquecidos: a dissolução a mais terrivel, o poder «mundano, e a ambição de dominar, tinha occupado o «seu logar.» (1)

Não se julgue sêr superfluo tudo o, que deixamos ditto, porque os *sonhos* a *estrella* que dirigio os Magos, e o *milagre* de Jesus em Caná, sam factos commemora-

---

(1) Vej. R. de Schio tom. 1.º pag. 191.

dos em muitos Ritos Maç.·.; principalmente entre os Carbonarios (1).

Jesus, segundo os Evangelistas, ensinou a *Resurreição* mas esta doutrina não foi seguida pelos Pharizeos nem Saduceos, que a tinham por fabulosa. João Baptista ensinava a *Penitencia*; e para purificar os crentes os fazia mergulhar no Jordão: observe-se porem que Jesus nunca baptizou: S. João Evangelista o diz positivamente no Evangelho Cap. IV. ℣. 2.

Sendo assim que não era Jesus o, que baptisava, mas seus Discipulos.

Tambem os actos dos Apostolos e os 3 outros Evangelistas guardaram profundo silencio sobre este facto, o que não succederia, si tivessem d'elle conhecimento.

As pias de baptismo, hyssopadas, e as aguas lustraes existem entre nós, assim como existiram entre os Egypcios, Gregos, e Romanos; mas o baptismo tinha entre estes ultimos povos por objecto a *limpesa*, e a *saude*. Moysés e Mahomet fizeram da immersão n'agua um dos artigos essenciaes de sua lei, persuadidos de que as ablu-

---

(1) Tambem não se julgue que pretendemos indispor arbitrariamente a Curia Romana; pelo contrario a respeitamos, como bom Christão, que somos; mas não podemos deixar de censurar a levesa e indiscrição, com que ella tem alterado a pureza da Religião Christãa, e ainda muito menos a criminosa e ousada ingerencia, que sempre tem querido tomar e ainda hoje toma em negocios politicos das Nações, maxime da Portugueza (vej. os Papeis Politicos *Hontem*, *Hoje*, e *Amanhã*; e o *Extracto* da *Sessão* da Camara dos Deputados de 3 de Março de 1843.

ções eram o unico meio de manter a saude em um paiz quente: João, imitando Moyses, baptizava no Jordão, e transmittio esta ceremonia aos Christãos: Homero nos indica que o uso da purificação por meio da agua existia no seu tempo entre os Gregos: Apuleo foi purificado pelas aguas lustraes antes de sêr iniciado: e Luciano foi mettido no Tibre antes de descer aos infernos: « Todavia (diz « R. de Schio) os homens celebres da antiguidade zom« bavam justamente d'aquelles, que pensavam purificar-se « das impurezas de sua alma mergulhando-se n'agua. Nós « nos limitamos (continua o mesmo author) a citar *Slaço*, « e *Julião*. A purificação pela agua era commum entre « os pagãos; e eis porque S. Cyrillo não queria que se « fallasse do sacramento do baptismo porque mofavam « d'elle. »

Em nossos quadros e gravuras costuma-se representar Jesus tendo os braços encruzados sobre o peito (como em signal de bom pastor entre os Roz.·. Cruz.·.), e S. João lançando-lhe agua sobre a cabeça; põe-se por cima uma *Pomba* representando o Espirito Santo; e a scena passa-se no meio do rio Jordão: mas declara R. de Schio que este methodo de baptizar não era adoptado por João, que consistia em 3 *immersões inteiras do corpo n'agua*. Quanto ás *pombas* os criticos observam que uma pomba tambem sahio da Arca de Noé e lhe trouxe o ramo consagrado a Minerva: Semiramis (que significa *Pomba*) tambem foi nutrida por pombas, e em gratidão, quando subio ao throno, as mandou collocar nas suas bandeiras; e depois da sua morte os Assyrios a adoravam debaixo do symbolo de uma *Pomba*, como diz Diodoro de Sicilia: era uma pomba, que dava os oraculos celebres de *Dodona*; esta pomba tinha altares, sacrificios, e Pontifices: o symbolo da paz, da amizade, e do puro amor foi venerado e divinisado antes que os primeiros Christãos fizessem d'elle

a terceira pessoa da Trindade (1): E finalmente entre os Ros.·. Cruz.·., e outros gr.·. Maç.·. acha-se tambem o emblema da *Pomba*.

Jesus foi com effeito baptisado por João, como se vê no Cap. III de S. Matheus:

> 13 = *Então veio Jesus de Galiléa ao Jordão ter com João para sér baptisado por elle.*
> 14 = *Porem João o impedia, dizendo: eu sou o, que devo sér baptisado por ti, e tu vens a mim?*
> 15 = *E respondendo Jesus, lhe disse: deixa por ora: por que assim nos convem cumprir toda a justiça. Elle então o deixou.*

Por meio d'esta ceremonia Jesus se livrou da impertinencia dos *Padres* e dos *Pharizeos*; porque um dia, sendo interrogado por elles *sobre a authoridade, que tinha, de prègar e ensinar o povo*, lhes respondeu: *em nome de quem baptisava João sem que ninguem lhe obstasse?* Os Pharizeos, posto que desapprovavam a ceremonia de João e não podiam oppor-se-lhe por causa da affeição, que o povo lhe tinha, responderam a Jesus: *Que ignoravam em*

(1) Os padres d'Ammon tambem foram advertidos por *Pombas* da chegada de Alexandre: uma pomba em 496 trouxe do paraizo ao Bispo de Reims um Santo oleo, destinado a consagrar Clovis e os Reis de França: uma pomba instruia Mahomet das vontades divinas: e finalmente pombas fizeram a correspondencia dos Califas de Bagdad com os do Grande-Cairo, postoque a 300 legoas de distancia.

nome de quem João baptisava: e desta maneira o nosso Divino Mest.·. não ficou mais obrigado a responder ás suas perguntas.

A ceremonia do baptismo praticava-se tambem, segundo Tertulliano, nos Myst.·. de Mythras; e fazia allusão a uma nova *regeneração*: este culto era quasi geral. Os Apostolos adoptaram, depois de João, esta ceremonia, posto que S. Paulo, que se deve considerar como propagador do Christianismo pela Grecia e Italia, parece não ter seguido rigorosamente esta eunovação Judaica; porque não só deixou de baptisar os Corinthios, mas tambem pelo que diz na sua Epistola I. ỷ 14:

Dou graças á Deos, porque não tenho baptisado algum de vós, sinão a Crispo, e a Caio.

15 = *Para que nenhum diga que fosse baptisado em meu nome.*

17 = *Porque não me enviou Christo a baptisar, mas a prégar o Evangelho.*

Na Iniciação dos Myst.·. de Memphis e tambem na de Eleusis fazia-se uso da mesma ceremonia do *baptismo*: os Maç.·. de hoje ainda a imitam. O *Muito Poderoso* fazendo aproximar o Neophyto, e deitando-lhe agua sobre o lado esquerdo, lhe diz: *Sêde purificado*. E nas instrucções do primeiro gr.·., em muitos Ritos, pergunta-se ao Aprend.·.: *Donde vindes?* A que se responde: Da *Loje de S. João*, querendo dizer que vem de sêr purificado pelo elemento da *agua*. É por esta razão que entre os Maç.·. se tem estabelecido a commemoração de S. João Baptista e de S. João Evangelista: Estas duas festas da Christan-

dade, que cahem nos Solsticios, sam tambem as mais solemnes da Maç.·.; e emfim é em honra d'elles que se tem estabelecido muitos Graus e muitas Ordens Maç.·. athe mesmo a do *Cordão-Branco*, instituida por Carlos XII Rei da Suecia.

Os *Sacerdotes* e os *Principes* perseguiram com effeito Jesus Christo por causa do seu dogma da *Resurreição*, e principalmente por causa da sua *doutrina*, que consistia na *egualdade*, atacava os direitos e o *poder* do Sacerdocio, e prescrevia a *communidade* de bens entre os seus discipulos e correligionarios: a sua religião reduzia-se a *adorar a Deos*, *a amar o proximo*, *e a dar a Cezar o que era de Cezar*. Esta religião era sem duvida a mais pura e a mais digna de Deos, e do homem esclarecido; mas nunca para povo ignorante: e eis a razão, porque os Egypcios e os Chinezes tiveram tambem duas religiões: uma para o povo, cheia de extravagancias; e outra para os esclarecidos, que eram os Iniciados.

Os Samaritanos acreditavam na *resurreição* dos mortos pelo tempo de Jesus; mas antes destes já muitos dos Hebreos tinham por verdadeira a resurreição operada por Elizeo, como se vê no Livro 2.º dos Reis Cap. IV ℣ 33-36; e a de Jesus vê-se em S. Lucas Cap. VII ℣ 11-17; e ainda que Elizeo seja considerado pela Biblia como um santo, todavia os criticos não lhe perdoam ter dado as mãos a um *regicida*, como se vê no 2.º Livro dos Reis Cap. VIII ℣ 7-15. Os Reis deviam tirar uma sabia lição d'este facto, e receiar que seus beneficios, dados ao Sacerdocio, se tornem contra o seu bemfeitor, assim como o prova a historia de Elizeo.

A doutrina de Christo não admittia a Biblia tal qual a interpretam os Christãos de hoje, e sua interpretação foi a mais forte causa da sua morte: a doutrina, que elle geralmente recommendava a seus discipulos, baseava-se

principalmente no livro da *Lei e dos Prophetas*, segundo o Deuteronomio Cap. VI ỷ 4:

> *Ouve, Israel, Jehovah nosso Deos é o unico Jehovah.*

Quanto ao *Decálogo*, de que trata o *Deutoronomio* no Cap. V, tambem Christo o seguia geralmente, excepto a *santificação do Sabbado*, como se vê em S. Lucas Cap. IV ỷ 15, 16, e 31; e Cap. VI.

Os *Sacerdotes* e os *Pontifices*, para obterem a morte de Jesus, o accusaram de prégar uma doutrina contraria á Lei moysaica, e sua morte foi ordenada por Pilatos, como se vê nos 4 Evangelhos.

A ideia da *Resurreição*, annexa á do fim do mundo, era divulgada pelos philosophos e pelos Padres no começo do Christianismo; e d'ella se serviram mesmo para fazer allusão ás grandes desgraças, que se preparavam nos Imperios: Esta ideia se acha nas *Georgicas* de Virgilio, quando quer representar allegoricamente os combates de Roma entre Cezar e Pompeo.

A allegoria da *Resurreição* acha-se na Mythologia Grega, como existia no Egypto; e lendo-se a vida dos Santos, e correndo-se os Claustros dos *Cenobitas* de hoje, encontrar-se-ham *resurreições* dos mortos, operadas por S. Bento, S. Francisco, S. Pedro, S. Antonio, e S. Nicoláo. Os incredulos dizem que a introducção d'estas *resurreições* só serve para destruir a de Jesus Christo; que estes milagres sam contos forjados por espiritos fracos, e em contradição com a ordem da natureza; e que os homens, ha 20 seculos, eram tão feiticeiros como os de hoje. Os Corinthios ensinavam simplesmente que Jesus era o filho de Deos, porque Deos é pae de todos os homens; diziam mais que Jesus era o homem por excellencia, por-

que era nascido de Maria, que teve muitos filhos; mas não lhe admittiam divindade, porque não podia sêr eterno como o mesmo Deos; e emfim elles não lhe admittiam nem os milagres, nem as resurreições, que se attribuiram aos Apostolos e seus Discipulos.

Os Romanos, tolerantes pelo que respeita á religião, trouxeram para Roma os cultos dos povos vencidos, e as divindades Egypcias alli tiveram seus templos: pelo tempo de Tiberio se quiz impedir o exercicio de taes cultos, mas o de Isis, Osiris, e Anubis, lá se nacionalisaram; comtudo o Sacerdocio de Jerusalem estava em opposição com a authoridade civil, donde resultou a reforma prégada por Jesus Christo e por João: estes mesmos abusos se achavam tambem em Roma.

Os Imperadores Romanos, Julio Cezar, e Augusto, sentindo que a soberania estava em perigo, sempre que o povo estava subordinado a uma authoridade differente, julgaram tambem dever pôr-se á frente dos que prégavam a religião, e se diziam interpretes do Ceo: em consequencia não só se fizeram Pontifices, mas athe quizeram passar por *santos*. E' para admirar que os reis da Europa não tenham seguido este exemplo, sabendo que tantos reis teem sido derribados de seu throno, não pela religião de Jesus, mas pelo abuso do poder theocratico, arvorado contra o poder legitimo.

Seja porém como fôr, é certo que, passados tempos, os Romanos elevaram um templo a Jupiter em Jerusalem, contra o qual se levantaram os *Sacrificadores*, os *Levitas*, e o *Povo Judaico*: os Israelitas foram batidos, perdendo 585,000 homens; e os, que sobreviveram, foram deportados e athe vendidos como escravos: depois do Christianismo 70 annos Jerusalem foi novamente destruida por Vespaziano, e por teima de seus habitantes. Foi só pelo tempo de Adriano que Jerusalem foi restabelecida, to-

mando o nome de Hélia, e depois disto não só ella é considerada como uma Cidade de pouca importancia, mas nem os Judeos poderam n'ella estabelecer-se mais (1): e eis como acabaram os mysterios estabelecidos por Moysés, e que os Pontifices e os Levitas tinham praticado tão longo tempo na Judéa: Mas os Israelitas, espalhados por toda a Europa, e commerciando nas mais ricas Cidades d'ella, ainda hoje communicam oralmente a seus filhos os mysterios e a legenda de Jesus: Esta legenda foi differente em diversas Nações, conforme seguiam differentes Evangelhos; e authores ha, que dam d'estes o numero de 50. Mas foi sómente depois do 3.º seculo que Santo Ireneu ensinou que não deviamos ter mais doque 4 Evangelistas; e, como n'estas épocas remotas todos os cultos se referiam ao Sol e aos elementos, Santo Ireneu considerou estes Evangelistas como sêres allegoricos, filhos dos Myst.·. Egypcios, symbolos relativos aos ventos e ás estações. Eis como elle se explica: « Ha 4 Evangelistas, nem mais nem « menos, porque ha 4 partes do mundo e 4 ventos principaes; « e como a Igreja está espalhada por toda a terra é mister « que ella tenha 4 columnas que a sustentem. Deos está « assentado sobre um Cherubim, que tem a forma de 4 ani- « maes differentes, e os 4 animaes sam a *figura* dos nos- « sos 4 Evangelistas !! » (2) D'este texto se conclue não só que havia mais Evangelistas seguidos pelos Christãos, mas tambem que o dizer d'este Santo Padre é inteiramente allegorico, e tem uma grande relação com os Myst.·. Maç.·. de hoje; porque elle faz assentar Deos sobre 4 animaes, que não podia sêr sinão o Sol, representado pela constel-

---

(1) Jerusalem é hoje povoada por 30,000 Turcos e 2,000 Hebreos, Christãos, Gregos, Armenios etc. etc.
(2) Vej. R. de Schio pag. 240, tom. 1.º

lação do Cordeiro, que presidia aos 4 animaes ou ás 4 estações.

Pelo tempo de Christo os direitos do Sacerdocio eram communs a todos os homens. Moysés tinha estabelecido que só os filhos de Aarão fossem Sacrificadores, e que a Tribu de Levi fosse a unica guarda do Tabernaculo, com todos os privilegios e beneficios, de que em outra parte ja tratamos; os descendentes d'estas castas privilegiadas aborreciam todos os, que proclamavam doutrinas contrarias a seus interesses; e os Christãos principalmente eram detestados por causa da doutrina de S. João Evangelista, que dizia claramente *que Jesus Christo havia reivindicado todos estes direitos e privilegios, para todos aquelles, que seguissem a sua doutrina:*

> *Elle que nos amou e lavou no seu sangue, e nos fez Reis e Sacrificadores* (1).

Foi por este principio, adoptado geralmente entre os primeiros Christãos, que os direitos do Sacerdocio passáram aos Imperadores Romanos, exercendo as funcções dos Soberanos-Pontifices: estas ideias prevaleceram ora na Grecia ora na Italia: em Syrácusa o Sacerdocio obtinha-se por eleição do povo; e esta dignidade durava um anno: sabe-se tambem que, depois que Judas se perdeo, um Concilio composto de Apostolos, e de 120 Discipulos de Jesus, elegeo um novo *Principe da Igreja*: N'este seguio-se o exemplo, que tinha dado Samuel, e a sorte foi quem decidio que Mathias substituisse Judas.

---

(1) Apocalypse Cap. I. v. 5—6.

Pelo que respeita ás Ord.·. e Ritos Maç.·.: o Sacerdocio e o Soberano-Pontificado dá-se indistinctamente ainda hoje a todos os II.·. que seguem os trabalhos das LL.·., que sam zelosos e esclarecidos; e entre estes é a sorte, como entre os Judeos e os primeiros Christãos, que escolhe um só Gr.·. Mest.·.

CAPITULO III.

PURA DOUTRINA DO CHRISTIANISMO.

Ardua tarefa emprehendemos hoje. Ensinar que o Evangelho repousa no coração humano, e que a pratica de sua doutrina pode dar-lhe a dignidade, exigia penna melhor aparada: não somos padre, nem theologo; somos raciocinador em um seculo que raciocina; mas queremos a dignidade humana, e este é o nosso unico titulo á indulgencia.

Para tempos e principios novos é mister crença nova: negar esta verdade é pretender viver sem respirar: a nossa religião dominante e actual não é mais, doque uma forma: é-se catholico Romano em nome; porem o seculo ja não crê na Curia Romana, que tanto tem abusado.

Na decomposição das antigas crenças é mister escolhermos uma, para curarmos do presente e ainda mais do futuro, porque é chegado o tempo, em que a Europa deve começar a obedecer á mesma civilisação e ás mesmas instituições: mas qual será ella? Debaixo do imperio de Augusto o mundo não acreditava ja no polytheis-

mo: Roma, adoptando muitos Deoses, acabou por fazer rir uns dos outros, e seu Pantheon não foi mais, do que um compendio epigrammatico: um unico povo, no solo da antiga Phenicia, obscuro, por muitos seculos, e fundado sobre a adoração de um só Deos, ousou proclamar d'alto e bom som, e pela boca de seus Prophetas, o nascimento d'um rei de toda a terra, um *Messias* um Christo.

Ecce homo; calam-se os Prophetas, e apparece Christo para estabelecer entre os homens a egualdade, a paz, o amor ao proximo, e uma religião simples e universal; prégou, desenvolveu e applicou a sua doutrina; de homens simples formou o seu Apostolado, que subjugou o mundo; mas, perseguido pelo fanatismo da lei velha, Christo emfim morreu martyr de sua doutrina, e por esta terrivel prova a sua missão ficou legalisada.

Si este reformador do mundo não existio, nós admiramos a creação de tão sublime idea; mas se viveu, se mesmo a narração de seus inimigos não é enganadora, qual é esse *Ente* novo, que, simples como o homem, esmagou tres mil annos de crenças e de heroes? Este homem com a sua doutrina eu o adoro debaixo do nome de *Christianismo*: é mister que athe os incredulos acceitem esta crença, como a mais bem feita para elevar o coração humano, e para organisar a grande e nova civilisação: esta crença é a unica idonea para fazer da existencia ordinaria um drama sublime. Eis a minha religião; e eis a, que é precisa para o mundo actual e futuro: é verdade que ainda não estamos ao seu nivel; mas temos necessidade de o tocar, e breve lá chegaremos. O tempo dos Prophetas já passou; o seculo actual é grande e livre; e por isso requer uma religião grande e livre como elle: um seculo positivo carece d'uma religião tambem positiva; mas não temos precisão de a inventar;

ella acha-se escripta e só nos falta desenvolvê-la e propaga-la. Para alcançar este fim é mister voltar-se o Christianismo ao seu nascimento: ha grandes obstaculos a vencer; mas d'um lado a raiva, e de outro o desmazelo d'outras crenças, aplanará os mais difficeis; e talvez que, melhor instruidas, venham todas ellas pôr-se á sombra do Christianismo para se salvarem do naufragio, que as espera.

Outra difficuldade é fazer crentes os, que não veem em Christo mais, doque um simples homem; mas estes não ousarão negar o facto historico de que elle foi o author d'uma revolução moral, que fez nascer entre os homens a *liberdade*, a *egualdade*, e o *amor ao proximo*. Este facto nos basta; por si só a religião se manifesta; e admirados não só se calarão, mas na ultima hora da sua agonia vós os vereis crentes na imagem, que athe alli só admiravam.....

Depois de Christo vieram seus discipulos, os *Evangelistas*, que contaram e commentaram a sua vida e doutrina; mas, não sendo esta a occasião de fazer a sua historia, limitar-nos-hemos a expor os *principaes preceitos* do Christianismo puro; e para o que de muito nos servirá a *Analyse da Moral Evangelica*, pelo medico, *Scipion Pinel*.

1.º

Bemaventurados os pobres d'espirito, porque d'elles é o reino dos Ceos (1).

As palavras d'este primeiro preceito parecem d'uma concisão tristissima, contra a qual se revolta o nosso entendimento! Começar por amaldiçoar a intelligencia, que

(1) S. Matheus Cap. V. ℣. 3.

o espiritualismo tinha collocado no seio da divindade, nos pareceu um insulto feito a Deos e ao homem: mas si analisarmos os desvarios da vaidade cerebral, e virmos que no coração do homem bate sempre uma *consciencia pura*, mui differente e menos perigosa, doque os desvarios da intelligencia cerebral, um clarão de luz desvanecerá o embaraço, que nos envergonha, e a verdade Evangelica subsistirá inteira e immaculada. A escola de Platão ja tinha previsto tamanha verdade; mas hoje a physiologia demonstra que o homem se compõe de duas vidas, interna e externa: assim esta primeira verdade, *felices os pobres de espirito!* exprimida por uma forma, que se subleva contra a vaidade ignorante, encerra um sentimento profundo; e nos adverte que não é á intelligencia, tanto mais incerta quanto é mais livre, que o Evangelho vai procurar a dignidade do homem; mas ao seu coração.

2.°

Teu coração é o teu unico thesouro (1)

Desta unica maxima vam dimanar todos os costumes Christãos, a moral do amor, e de seus actos brilhantes. Para medir a capacidade d'uma tal previdencia seria mister chegar a ella, depois de ter atravessado as inconcebiveis miserias do entendimento humano. Estas desesperantes contradições confundiram tambem a *Pascal*, e fizeram com que este religioso genio duvidasse *si no homem havia dous homens!*

O Evangelho se deleita com tal verdade, e muitas vezes torna a ella, para fazer comprehender a sua importancia: Mas antes d'elle ja Salomão disse:

(1) S. Matheus Cap. VI. ℣. 21.

3.°

Sobre tudo o, que deves guardar é teu coração, porque d'elle procedem todos os principios da vida (1).

Eis pois o coração com a posse dos destinos humanos!! E qual será o effeito d'esta primeira adopção? Qual vai sêr sua primeira necessidade, seu primeiro impulso? O Evangelho nos vai responder:

4.°

Dá a quem te pede, e não voltes costas ao, que deseja que lhe emprestes. (2)

5.°

Mas, para que a tua esmola fique escondida, não saiba a tua esquerda, o que faz a tua direita. (3)

6.°

Sobre tudo revisti-vos de caridade, que é o vinculo da perfeição. (4)

---

(1) Proverbio de Salomão Cap. IV. ℣. 23.
(2) S. Matheus Cap. V. ℣. 42.
(3) S. Matheus Cap. VI. ℣. 3, 4.
(4) S. Paulo aos Colossensses Cap. III. ℣. 14.

7.°

Amae-vos uns aos outros; nisto conhecerão que sois meus discipulos. (1)

Pelo que deixamos dito se vê qual é o privilegio do coração, cujos sentimentos, postos em acção, formam uma religião, chea de amor e generosidade: por esta consciencia de coração, a vida não pode sêr sinão uma continua moral, cuja primeira necessidade é a ventura dos outros: amor ao proximo, fraternidade dos homens, e egualdade de direitos; taes sam as consequencias d'este privilegio; taes seus titulos para fundar uma crença digna dos povos instruidos. Uma grande maxima vai resumir todos estes sentimentos, e guiar-nos em sua applicação:

8.°

Tudo, o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o tambem vós a elles: porque esta é a Lei e os Prophetas. (2)

O destino humano encerra-se n'este preceito moral. Para sentir o, que se deve aos outros, basta sentir o, que elles nos devem: esta verdade está ao alcance de todas as intelligencias. Selvagem ou civilisado, ignorante ou instruido, feliz ou desgraçado, o homem saberá sempre o que deve fazer, em sentindo o, que quereria que lhe não fosse feito. E' uma verdade pratica e diaria: é uma guia infalivel, que revela o sentimento conservador, sem o qual o homem não saberá viver comsigo nem com os outros.

(1) S. João Cap. XIII. ℣. 34—35.
(2) S. Matheus Cap. VII. ℣. 12.

9.°

Alegra-te, mancebo, em tua mocidade; contenta o teu coração nos teus primeiros annos; marcha como o teu coração te manda; porém lembre-te que por tudo isto apparecerás em juizo (1).

10.°

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e fecha a porta, óra a teu Deus em secreto (2).

11.°

O Senhor fez o homem d'esde o principio e o deixou no poderio do seu conselho (3).

A Escriptura não abandona inteiramente a intelligencia: ella nos ensina que a vontade é livre, e que pertence a esta dirigir a razão; mas tem pouca confiança em tal guia, nobre sim, mas muito incerta. É pela educação que a intelligencia se forma, se instrue, e se habitua ao bem. Conhece-se em toda esta providencia o profundo desenvolvimento dos principios já expostos, e que vam brevemente receber uma admiravel confirmação, quando virmos que a moral Evangelica consiste em seguir as inspi-

---

(1) Ecclesiasticos Cap. XI. ℣. 9.
(2) S. Matheus Cap. VI. ℣. 6.
(3) Ecclesiasticos 14.

rações do coração, em opposição d'uma vontade sempre docil ao capricho das paixões. Deixando o homem no imperio do seu conselho a divindade proclamou seu livre arbitrio: este arbitrio, tão cáro para alguns philosophos, lhes perturbou a cabeça; e, em logar d'uma razão modesta, foi a vaidade, que os perdeu. Receando dar a esta livre vontade o destino do mundo, o Evangelho recommenda os limites para os desvarios do espirito, dizendo:

12.°

A vida e a morte. o bem e o mal está em presença dos homens (1).

Sam taes os inevitaveis effeitos da ignoroncia e da instrucção, que d'estas depende o bem e o mal; e, como a grande civilisação traz com os beneficios paixões e delirios novos, filhos da fraqueza da intelligencia, é mister cultivava-la por necessidade e por devêr; eis porque o Evangelho recomenda:

13.°

Olha por ti e pela instrucção dos outros: presevera n'estas cousas (2).

14.°

O que rejeita a instrucção despreza sua alma (3).

(1) Ecclesiasticos 32.
(2) S. Paulo a Timotheo Cap. IV. ℣. 16.
(3) Proverbios Cap. XV. ℣. 32.

O Evangelho está de tal modo em dúvida a respeito d'este entendimento orgulhoso, ainda mesmo cultivado; que elle o quer sobrio de juizos, maxime para com os nossos similhantes; e diz:

15.°

Não queirais julgar, para que não sejais julgado. Pois com o juizo, com que julgardes, sereis julgados: e com a medida, com que medirdes, vos medirão tambem a vós (1).

16.°

Levai as cargas uns dos outros, e d'esta maneira cumprireis a Lei de Christo (2).

Estes dous preceitos d'indulgencia e de tolerancia sam tocantes e nobres; porque ensinam a benevolencia mutua, sem a qual não há vida social: nas animosidades da vida, e tambem nas discussões politicas, elles desarmarão a colèra e os furores, e os argumentos de estupidez e de injustiça.

17.°

Se vês um homem entendido, procura-o desde pela manhãa, e gasta com teus pés o lumiar da sua porta (3).

---

(1) S. Matheus Cap. VII. ℣. 1—2.
(2) S. Paulo aos Galatas Cap. VI. ℣. 2.
(3) Ecclesiasticos 6, 30.

Alem do merito d'expressão, haverá melhor conselho doque o preceito, que envia a intelligencia a formar-se e a instruir-se perto dos homens entendidos? Estes homens sam raros; ordinariamente se retiram da multidão; e por isso é mister procura-los: a basofia, e a vaidade ignorante, é quem ousa mostrar-se: o homem entendido entra em si mesmo, observa, e não se mostra sinão áquelle, que merece comprehende-lo.

18.°

Então a paz de Deos, que vence toda a intelligencia, guardará vossos corpos e vossos espiritos (1).

Quando vossa intelligencia se tornar modesta, tolerante, e instruida de sua humildade, então fiel ás inspirações do coração, ella fará de todas as vossas acções uma felicidade, que será como uma *paz de Deos*: vosso corpo mesmo, avezado ao nobre uso das funcções, e inhabil aos excessos, que o degradam, será rija cobertura d'uma alma forte e prestes a receber sem receio, as penas e as dores.

19.°

Elle está entre nós: é por elle que temos a vida e o movimento (2).

Sim, está comnosco e á roda de nós esta grande e immortal *Sabedoria*, que quiz que tudo fosse vida no Uni-

---

(1) S. Paulo aos Philipenses.
(2) Actos dos Apostolos 27.

verso! Sim, ella é tão inconcebivel na mais pequena herva, como o é na explendida profusão dos astros, cujo gyro eterno e silencioso forma o hymno do Ceo! E nós sobre a terra, servindo de hymno ao Creador, a saberemos admirar não só pela força, que agglomera as moleculas d'uma pedra, mas tambem na, que faz os mysterios do coração, e os sublimes impulsos do pensamento. Esta força é tudo, e existe em toda a parte. E, si nós somos sêres capazes de a proclamar e de a sentir, nossa vóz a celébre, o silencio a admire, e nossas acções a honrem.

20.°

Amae vossos inimigos, fazei bem aos, que vos teem odio; e orae pelos, que vos perseguem e calumniam (1).

A antiguidade sabía honrar o heroismo humano, e a abgnegação de si mesmo, quando alguma acção grande o manifestava: mas fazer uma facil e sublime moral, que todos podessem praticar nas varias occasiões da vida, era missão só reservada ao Christianismo.

E' só o impulso do coração, que pode responder á magnificencia d'estas palavras: estas servem de contraste ás vaidades da nossa intelligencia, sempre baixa e pequena nos ciumes e nos odios. Fazer bem por bem não é mais, doque um dever, uma probidade moral, era a maior virtude das antigas religiões; mas fazer bem pelo mal, soccorrer um inimigo, parece um desconcerto sublime, cujo exemplo pertence aos, que só sabem aproximarse da divindade.

---

(1) S. Matheus Cap. V. ℣. 44.

21.°

Fazei bem e emprestae, sem d'ahi esperardes cousa alguma, e vossa recompensa será grande; e, si só amardes os, que, vos amam, que merecimento é o, que vós tereis? (1).

Não ha dia algum, em que não seja mister lutar contra si e contra os outros; e o, que obedecer ao preceito Evangelico, será mais, doque homem nobre, e extremamente virtuoso. Fundando o reino do coração sobre o das estravagancias intellectuaes, a Escriptura soube fazer a redempção do homem; e, revolvendo a dignidade, que o homem tinha dentro em si, soube resgatar por esta revolução toda a terra.

22.°

Não ha para com Deos excepção de pessoas (2).

Eis uma lição sobre a egualdade: os homens da natureza sam todos eguais em direitos; o orgulho é só quem pode fazer crer que o não sam. Perante Deos e perante os homens não ha distincção alguma, sinão a, que se tem pela intelligencia e sentimentos. Ha perto de 2,000 annos que estas palavras de justiça e de liberdade se fizeram ouvir por toda a terra. Como durante tantos seculos as instituições sociaes não teem sido sinão um ultrage per-

(1) S. Lucas Cap. VI. ℣. 32—35.
(2) S. Paulo aos Romanos Cap. II. ℣. 11.

petuo a esta maxima? Como o genio infernal de dominação tem podido fazer d'uma palavra, egualdade, um poderio de privilegio e de escravidão? Conheçam todos que o Evangelho annunciou e annunciará a resurreição legal da justiça e da moral, que deve começar um mundo novo, instruindo não só os reis, mas tambem os povos:

23.º

Devemos sêr humildes não só pelo receio da punição, mas tambem pela consciencia (1).

Esta intelligente submissão ás leis exige-se tanto dos governos, como dos governados; e na falta d'intelligencia é ainda ao coração que a Escriptura falla. Este sentimento de obrigações entre os cidadãos, esta consciencia de sua liberdade religiosa e politica, costuma sêr representada por constituições sabias; e é sobre ella que nossas instituições actuaes tomam sua força e duração:

24.º

Bemaventurados os, que teem fome e sêde de justiça; porque elles serão fartos (2).

Eis outra lição para os *Povos* e para os *Reis*. Pode dizer-se que os povos da terra ainda hoje teem necessidade da ordem legal, que este preceito annuncia. Parece admiravel que depois de 18 seculos uma das bellas pala-

---

(1) S. Paulo aos Romanos.
(2) S. Matheus Cap. V. ỳ. 6.

vras da nossa época, a justiça, seja o écho fiel d'uma palavra Evangelica!

25.°

Bemaventurados os pacificos, porque elles serão chamados filhos de Deos (1).

Si os homens fossem penetrados d'estas verdades; principalmente aquelles, em cujas mãos a fortuna mette o poder, a terra não teria de chorar os desastres sanguinarios das discordias humanas, e os flagellos das guerras formidaveis, que esgotam Nações umas contra as outras. A maior desgraça não é o sangue espalhado; porque o sangue só horroriza; mas sim a profunda escravidão, necessaria ao despotismo militar, que faz do homem uma bruta maquina, que causa indignação aos homens justos e liberaes.

26.°

Não matarás; porque aquelle, que matar será julgado (2)

A morte é tambem proscripta pelo Evangelho: *tu não matarás*: só a ignorancia pode chamar a si o direito de matar um homem, como castigo: ainda sam restos da feudalidade, e d'uma justiça, que não conhece nem a sua dignidade, nem a sua missão. *Aquelle, que matar será julgado.* Si, ao pronunciar um aresto fatal, cada Juiz se lembrasse de taes palavras, e sonhasse que elle tinha de dar conta de sua decisão perante o Juiz dos Juizes, só o pa-

(1) S. Matheus Cap. V. ℣. 9.
(2) S. Matheus Cap. V. ℣. 21.

vor, na falta de Logica, o impedíra de sêr absurdo. A Igreja, horrorisa-se com o divorcio; mas toléra a morte! É outro ultrage feito ao Evangelho.

27.°

O corpo volta á terra e a alma á immortalidade (1).

Demoremo-nos um instante sobre esta grande verdade; porque, sendo esta a esperança do homem contra a sua propria fragilidade, a philosophia mal a tem comprehendido. Affectando de confundir a alma com a intelligencia, o idealismo acreditou eternas tanto uma como outra: é uma blasfemia ignorante; porque a alma, principio animador, é a unica eterna: a immortalidade é tão inevitavel como o é a do Sol e a do Mar. Esta explicação chama a seu favor todas as sciencias phisicas; e, longe de as temer, se fortifica com ellas. Acaso poder-se-ha perder no Universo uma gota d'agua? Um grão d'arêa poder-se-ha anniquillar nos mundos? O, que a nossa fraqueza não pode explicar, menos o deve negar. A immortalidade da alma, *d'um não sei que* chamado vida, é tão physica, como a indestructibilidade do Calorico e da Electricidade. Sua eternidade é forçada só porque não a podemos comprehender: tudo, que podemos comprehender, tem um fim, mas o, que não podemos comprehender, não o tem: aqui acaba a intelligencia humana; e onde esta acaba começam as sublimes e eternas grandezas.

---

(1) Ecclesiasticos 12.

28.ª

Falla com a terra, e ella to' ensinará: athe os peixes do mar to' contarão (1).

E com effeito a sciencia do globo, a Geologia, deve começar por interrogar as diversas partes, de que é formado este globo; mas, depois d'estes primeiros conhecimentos, veem as immensas questões. Como se introduziriam na profundidade da terra cadaveres fosseis, florestas immensas, que lá se encontram para advertir os seculos futuros? Outr'ora era alli a superficie da terra, viviam lá sêres animados, e alli verdejava uma poderosa vegetação debaixo d'uma risonha primavera! Como se fizeram estas enormes mudanças? Sería por algum phenomeno terrivel e repentino? Ou antes a terra não teria, como tudo o que existe, sua vida, seus movimentos, e seus periodos de reforma? Visto que o mundo está entregue ás discussões da sciencia não haja receio de fazer fallar todas estas verdades; mas seja qual fôr a explicação dos homens, o pensamento ficará sempre abismado pelas inconcebiveis revoluções, que dormem no seio da terra.

Athe os peixes do mar to' contarão: Este appello á historia natural, este testimunho novo, pode tornar-se philosophia positiva; depois das descripções minuciosas dos animaes é preciso elevar-nos ás verdades geraes de sua conformação, das leis que presidem a seus movimentos, á sua vida, e ás gradações das differentes especies. Então reconheceremos uma previdencia e uma profusão de creação, obra immensa d'uma immensa sabedoria.

---

(1) L. de Job. Cap. XII. ℣. 8.

29.ª

Si eu subo aos Ceos, tu ahi estás: Si eu me deito no sepulcro, la t'encontro (1).

O mais bello hymno ao Creador é o *Tratado de Mecanica Celeste*: quanto mais esta sciencia é rigorosa em seus calculos, tanto mais ella humilha e desespera o nosso entendimento! Contaram-se os mundos, de que se compõe o nosso systema planetario: annunciaram-se seus periodos, suas revoluções, e as leis de sua gravitação: mas, apezar do tudo isso, este systema dos mundos, tão temivel para o nosso pensamento, não é mais, que um ponta em uma immensidade mais temivel ainda.... E' mister cahirmos de miseria sobre nós, tocados d'um terror da divindade, como tem acontecido a todos os fortes genios, que teem querido explorar alguma das altas religiões. *Desça-se do Ceo á tumba*: a morte é a lição da vida: eis ahi um cadaver! Tocae-o! Não és tu? A tua imagem? Será o cadaver de teu pae? Ou o de tua amante? Mas elle está frio, e nos dá a idea do nada! Do nada? O nada só existe no teu orgulho; no universo nada pode sêr *Nada*, porque tudo n'elle está cheio e contido: a morte mesmo é uma assombrosa maravilha: esse corpo inanimado é o fructo da vida; tu o viste operar, pensar, e amar, e ei-lo ahi dormindo na eternidade! Sua historia forma a historia do genero humano.

---

(1) Jeremias P.

30.°

Quem pois fareis similhante a Deos?
Ou que semelhança lhe apropriareis? (1).

A quem se assimilhará a divindade, tão prodiga em maravilhas? O orgulho humano lhe tem dado olhos, orelhas, e rosto! isto tem sido um ultrage vergonhoso e culpavel! O homem miseravel nada tem podido achar de mais bello, do que a si mesmo, e ei-lo ahi fazendo Deos á sua medida, submettendo a immensa sabedoria ás suas proprias paixões, ás suas maldades, e aos seus odios!!!

31.°

Não me dês pobreza nem riqueza; mas mantém-me do pão de minha ordinaria porção (2).

Tal era tambem o voto de Horacio: *aurea mediocritas*: Não me dês sinão aquillo, que é preciso; porque no menos ou no mais começam a vergonha e o vicio. Afastae-vos pois vaidades da terra, a quem a miseria humana tudo sacrifica! Ide-vos tristes e miseraveis furores d'ambição, que devorais o melhor da vida! Fugi o mais que poderdes, mas por fim de tudo que restará de vós? O vazio, a miseria horrenda: no dia das provas vós não sereis mais, do que inuteis e amargos pezares!

(1) Esaias Cap. XL. ℣. 18.
(2) Proverbios Cap. XXX. ℣. 8.

32.ª

Recebe voluntario tudo o, que te acontecer; sê paciente na dôr e na desgraça. (1)

33.ª

Invoca-me nos dias da angustia e eu te farei escapar (2).

A desgraça é um grande mestre: a desgraça só por si faz o homem; e o, que não tem por ella passado não póde sêr julgado. Muitas vezes a adversidade tem feito d'um proscripto real um rei legislador, e de um despota um imperador europêo. O homem, que sahe victorioso da desgraça, respira uma atmosphera superior á, que respira o homem commum. Para as almas grandes em logar d'uma bebida suave melhor lhes cabe uma amarga e desesperada; porque esta fortifica e ennobrece. Si se soubesse o, que ha de grande no fundo d'um desespero resignado, ninguem quereria mais a vida ordinaria.

34.ª

Examina-te e experimenta-te a ti mesmo.

---

(1) Ecclesiasticos 24.
(2) L. dos Psalmos Cap. L. ℣. 15.

35.ª

Não censures rudemente um velho ; exorta-o como pae, os mancebos como irmãos, as velhas como mães, e as moças como irmãs (1).

Aquelle, que se examina, é religioso; o, que se experimenta, é indulgente. Examinar-se é procurar conhecêr-se; e para o homem, que se conhece, cada momento, cada objecto é um aviso de sua impotencia e de sua miseria: a cada passo elle pergunta: que sou? que quero? para onde vou? E' mister que a cada minuto elle se detenha, vendo de traz de si um passado, adiante um rapido presente, e alguns passos mais um medonho futuro, que é ainda obscura eternidade. Ei-lo ahi consumindo-se a concebe r, considerando-se como um atmo percario, lançado, como por acaso, no meio d'eternas grandezas! Então elle se dobra dolorosamente sobre si, e em um terror inquieto trata de procurar a consolação de se conhecer! Interrogando-se começa a conhecer que este sentimento de miseria não é sinão o despeito do orgulho, cuja reflexão faz a esperança e a confiança: julgando-se fracção d'esta immensidade, que elle mesmo depois proclama, sua fraqueza torna-se força e dignidade: espera; e ei-lo ahi consolado e religioso. Este sentimento religioso é profundo em todos os homens, ate n'aquelles mesmo que o negam. Observae-os, sós, no infortunio, e cada um dos seus suspiros servirá de homenagem a este sentimento. A intelligencia do homem pode-se medir pela religião de cada um; e os povos mais civilisados sam tambem os mais religiosos.

---

(1) S. Paulo aos Corinthios.

36.º

O marido deve amar sua mulher como seu proprio corpo. Aquelle, que ama sua mulher, ama-se a si mesmo (1).

37.º

O homem e a mulher não sam mais, do que dous em uma só carne (2).

Para fins divinos e humanos o homem e a mulher formam um sêr completo: a necessaria distincção de dous sêres differentes, mas similhantes, destinados a perpetuar tudo aquillo, que tem vida, é por si mesmo maravilhosa. No homem esta distincção torna-se por necessidade uma vida de sentimento e de paixões; que a verdadeira moral deve respeitar; dár a vida e conserva-la é para elle uma obrigação sagrada; e sua verdadeira honra é obedecer a uma previdencia divina, que não tem direito de julgar: as crenças, e as instituições, que se debatem contra esta necessidade, renegam a Deus e mutilam o homem: e é n'isto, que tem errado o Catholocismo. A instituição do Celibato é celebre na historia dos Papas: athe ao seculo XI não foi observado strictamente sinão por algumas communidades religiosas; e só Gregorio VII fez d'elle uma lei obrigatoria. Este Pontifice foi habil em organisar o despotismo Romano; pois que por esta instituição elle estendeo sobre o universo um poder supremo, destacado dos laços de familia e de sociedade. Pelo Celibato

---

(1) S. Paulo aos Efesios Cap. V. ỳ. 28 — 33.
(2) S. Matheus Cap. XIX. v. 5.

dos padres, pela confissão auricular, pelo estabelecimento das ordens mendicantes, pelas indulgencias, jubileos, purgatorio, e emfim pelo culto e reliquias dos Santos, a *Curia Romana* tirou ao espirito todo o direito d'examinar, e o mundo teve de curvar-lhe a cabeça. Uma tal religião está bem longe de sêr a bella religião de Christo, religião d'amor, d'egualdade e de liberdade; religião, que eleva o homem acima de si; e que o chama ao mais santo e ao maior desenvolvimento de suas faculdades. Todavia é mister reconhecer na dominação papal uma politica e uma preseverança admiravel: mas reconheça-se tambem que os tempos estam mudados, e que fallar hoje em nome de taes ideias seria ultrajar a humanidade.

Por conclusão diremos que uma crença livre e grande deve ligar-se á civilisação nova, e levar á sua frente as verdades do Evangelho. Embora na Escriptura muitas passagens pareçam recusar-se a uma explicação: profundadas estas descobrir-se-hom verdades moraes, que confundem o homem. A moral simples do Evangelho repousa sobre uma das grandes verdades physicas, estabelecida sobre a distincção das funcções humanas, sem o que não ha a sciencia do homem. Alguns pensadores, confundindo de proposito o Catholicismo com a doutrina Christã, emprehenderam absolver uma por outra, e fundar sobre sua alliança a *liberdade religiosa*; mas seus esforços nada valeram, e sua voz ficou em um perfeito esquecimento.

Para rehabilitar nossa era de crença não ha sinão um meio, e é o *d'espalhar o Evangelho; fazel-o comprehender; e ensinar ao mundo as suas maravilhas*; mas esta crença precisa de novos Apostolos, que conheçam o coração humano e não do Sacerdocio, que o não entende, ou antes finge não entender. A *Curia Romana* e o Sa-

cerdocio violaram a tolerancia, que era a base essencial da doutrina de Christo: substituiram o fanatismo á rasão esclarecida; a escravidão á liberdade; o titulo de senhor absoluto ao de irmão; e finalmente substituiram as penas eternas a uma immortalidade promettida...... Christo confiou ao Sacerdocio o *Cordeiro* sem mancha, como symbolo expressivo de sua pura doutrina; mas o Sacerdocio maculou a candura de sua lãa!!!...... Sinão fôra o abuso da *Curia Romana* certo estamos de que o Christianismo seria hoje a religião universal......

SECÇÃO QUARTA.

SEITAS, QUE OCCASIONOU A MULTIPLICADA INTERPRETAÇÃO DA BIBLIA ENTRE OS PRIMEIROS CHRISTÃOS, E QUE SE REFFEREM Á MAÇ.·. DE HOJE.

A HISTORIA nos ensina que, pelo tempo de Pythagoras, as sciencias e as artes foram levadas do Egypto para a Grecia; e que os Gregos, muitos seculos depois, tornados conquistadores debaixo d'Alexandre-o-Grande, introduziram suas doutrinas e suas disputas escolasticas por toda a parte, aonde as conquistas, o Commercio, e suas colonias os chamavam.

A cidade d'Alexandria, tendo sido reedificada, foi colonisada por muitos Judeos; de que resultou uma mistura de homens de differentes nações, e religiões, que deram origem a muitas associações philosophicas e religiosas.

O *Platonicismo* era publicamente ensinado pelos Gregos em Alexandria; e os Judeos, que alli habitaram não só o aprenderam, mas tambem o communicaram a seus irmãos da Judéa e da Palistina, de que resultáram as differentes seitas do *Logos* e do *Verbo*, que depois se applicáram ao Christianismo:

Mas note-se que todas as Seitas Judaicas, de que houvermos de tratar, chamaram *filhos de Deus* a todos os homens, que eram justos; e Jesus, sendo considerado por seus co-religionarios como o homem justo por excellencia, é natural que tambem lhe dessem os nomes de *Verbo*, *Logos*, e *Filho de Deus*. E com effeito o Evangelista S. João, que é perfeitamente platonico, misturou de tal maneira o *Verbo* e o *Logos* com Deus, que em toda a sua doutrina é confundido e tomado indistinctamente: pelo contrario S. Paulo, que prégou o Christianismo em paizes, onde este dogma não era ainda conhecido, nunca de taes nomes usou, como se pode vêr nas suas Epistolas aos Thessalonienses e aos Hebreos da Asia.

Seja como fôr, é certo que, antes do começo do Christianismo, a Philosophia de Pithagoras e de Platão tinha lançado profundas raizes entre os Judeos no Egypto e na Judéa, o que produzio os dogmas *Essenios*, *Therapeutas*, *Sadusseos*, *Carpocracianos*, *Cabalistas*, *Gnosticos*, *Basilidianos*, *Manicheos* &, que, tendo todos alguma parte da doutrina dos *Magos* e dos *Padres Egypcios*, se espalháram com o tempo por toda a Asia, Africa, e Europa.

Estas differentes Seitas Judaico-Christãs conservaram os Myst.·. do Templo de Salomão com a allegoria do Gr.·. Arch.·. que era o seu Missias, ideia que os Judeos consérvam ainda hoje: deste modo ellas chegaram de novo á Europa por meio dos Cavalleiros Cruzados, que trouxeram aos Christãos do Occidente os Myst.·. do Templo com o culto da *unidade* de Deus, que tem por base a sua adoração, por mysterio, o estudo das suas obras, por communicação, os signaes e allegorias, e em resultado a beneficencia. E assim os Cruzados nos transmittiram o cul-

to, os Myst.·., a Iniciação, e os emblemas, que se achavam na Palestina e no Egypto, e que se acham hoje entre os Maç.·.

CAPITULO I.

ESSENIOS

Tudo nos conduz a crer que os Essenios datam do captiveiro de Babylonia ; porque se cita Zorobabel por um dos chefes d'esta sociedado religiosa, que existia no tempo de Christo, e a que se admittio Jozeph d'Arimathea.

« Alguns Irsaelitas , diz Vassal, tendo habitado o Egy« pto , e voltando depois á Judéa , fundaram , aos 1550 « annos antes da era vulgar, as tres seitas, *Ciniana*, *Re« cabites*, e Essenia. Mas de todas a ultima, que tambem « foi a fonte do Christianismo, é a, que mais relação tem « com a Iniciação. »

Os Iniciados a estes Myst.·. viviam como *Irmãos* ; e a iniciação a seus myst.·. não era facilmente concedida :

Quando um Candidato se apresentava , elles o experimentavom *tres annos* ; e antes d'admittido era preciso fazer o juramento de servir Deos, amar e proteger os homens bons, e finalmente guardar os segredos da Ord.·. com o perigo de vida. Os symbolos , as parabolas , e as allegorias eram para elles d'uso familiar ; tal é a opinião de *Philon* , *Jozeph.*, e *Plinio*.

Dom Calmet admira-se de que nenhum dos Evangelistas fallasse d'esta seita, tão celebre entre os Judeos, e que fazia tanta honra á sua religião: mas em resposta alguns Allemães affirmam que a doutrina de Christo é uma simples revelação da Iniciação Essenia, e que os *Cap. XIV* de *S. Lucas*, e *XVII* de *S. Matheus*, sam a completa manifestação dos seus segredos e experiencias, que Christo só ensinou a discipulos escolhidos: de modo que os primeiros Christãos, segundo estes authores, tinham sido todos Iniciados Essenios.

« Estes documentos historicos (diz o Dr. Vassal) não « deixam duvida alguma sobre a existencia dos Myst.: « Essenios, cuja instituição precedeu quatro seculos aos de « *Salomão*, que, tendo passado por fundador, não foi « realmente sinão o seu restaurador. »

A linguagem de Christo, dos Essenios, e dos Iniciados era a mesma:

Pedi, e dar-se-vos-ha:
Buscae, e achareis:
Batei, e abrir-se-vos-ha (1).

A crença dos Essenios era a *unidade* de Deos, a *immortalidade* da alma, e uma *vida futura*: da Grecia foi que elles tiraram esta opinião; porque os antigos Hebreos nunca duvidaram da immortalidade da alma, porém só cuidavam que a alma era a vitalidade do corpo, e residia no sangue; e é por esta razão que era prohibido entre

(1) S. Matheus Cap. VII. ℣. 7.

elles o comer carnes abafadas, pela persuasão em que estavam, de que a alma existia no corpo com o sangne.

O legislador dos Judeos não falla na immortalidade da alma, nem nas penas ou recompensas da vida futura: é verdade que alguns Psalmos parecem tratar d'esta materia em abstracto; mas todas estas passagens sam susceptiveis de duas interpretações; e o, que decide a questão, sam os trexos seguintes de Salomão:

19 = Porque o, que succede aos filhos dos homens, isso mesmo tambem succede ás bestas, e o mesmo succede a elles *ambos*; como morre um, assim morre o outro, e todos a *mesma respiração* teem; e a vantagem dos homens sobre as bestas é nenhuma; porque todos sam *vaidade*.

20 = Todos vam a um logar: todos sam do pó, e todos se tornarão ao pó.

21 = Quem adverte que a *respiração* dos filhos dos homens para riba sobe, e que a *respiração* das bestas descende para debaixo da terra?

22 = Assim tenho visto, que não ha cousa melhor, doque alegrar-se o homem de suas obras, porque essa é sua parte: porque quem o levará a vêr o, que será depois d'elle? (1).

(1) Ecclesiasticos Cap. III, ℣. 19, 20, 21, e 22.

Donde se conclue que Salomão não admittia á resurreição nem á immortalidade da alma.

A existencia porem do Gr.·. Arch.·. é demonstrada por suas obras, em cujo exame a fraca razão humana se perde. Noções sobre os meios, que elle empregou em suas maravilhas faltam á intelligencia humana. A natureza, ou ó symbolo do Deos Creador, era encoberta entre os Egypcios; e que theologo antigo ou moderno poderá definir e resolver plausivelmente as perguntas, que apresenta *Benjamin Constant*? Que sêres precederam á creação e á ordenação do universo? Como foram investidos da força creatriz? De que substancia sam elles? Donde lhes veio a vida? Sam um ou muitos? Dependentes ou independentes? Motores spontaneos ou agentes das leis necessarias?

A existencia da alma pode demonstrar-se pela vitalidade; mas o conhecimento della (revelação á parte) é pura hypothese sobre que é impossivel obter uma demonstração ou formar idea clara e positiva.

Muitos seculos antes da doutrina de Salomão, S. Paulo, que tinha admittido o dogma da resurreição, diz:

> *E' mister que o corpo corruptivel vista a incorrupção, e que este corpo mortal vista a immortalidade* (1).

E' por esta doutrina que se estabeleceu a futura re-

(1) S. Paulo aos Corinthios Epistola I. ℣. 53.

surreição Christã, e a crença da immortalidade da alma; opinião que existia muitos seculos antes na Grecia, na Persia, na Syria, no Egypto, e athe mesmo em Roma. Cicero em o seu *Tractado das Leis* attribue á *Iniciação* a crença de uma vida futura.

Posto que os Myst.·. Judaicos tivessem sido menos celebrados pela historia, doque o foram os dos Egypcios e Gregos; todavia os Myst.·. Essenios sam para nós muito mais interessantes; porque não só sobrevivêram aos de Memphis e Eleusis; mas tambem porque, segundo a opinião de muitos eruditos, elles servem de tronco á Maç.·. moderna.

CAPITULO II.

THERAPEUTAS

Philon, que se julga contemporaneo de Jesus Christo, escreveu o tratado *de vitæ contemptu*, ácerca dos Essenios Therapeutas, para reivindicar a opinião então estabelecida, de que elles só professavam a philosophia dos Gregos, pondo de parte as instituições moysaicas. Estes solitarios somente se occupavam na contemplação de Deus.

Os antigos Padres dizem que os Therapeutas do Egypto se collocavam do lado dos Christãos sem deixar sua

philosophia e seus Myst.·.. Elles foram os instituidores da vida monastica, que era santificada pelo trabalho de dia e pela meditação de noite: mas pelo andar dos tempos, e pelas riquezas, que obtiveram, os Frades trocaram a vida santa e trabalhosa pelo ocio e pelo deboche, e acabaram por serem odiados pelos povos mais civilisados.

Philon porem diz que os primeiros Therapeutas, sahindo de seus collegios, *levavam a mão direita entre a barba e o peito, e a esquerda estendida ao longo do quadril*, para sêrem conhecidos uns dos outros. E em commemoração dos *pães de proposição* elles os punham sobre mezas para distribuirem aos pobres, nos dias de festa. Jozeph e Eusebio, seduzidos pelas virtudes e caridade, que reinava entre os Pytagoricos e os Therapeutas, os confundiram juntamente dando-lhes encomios. Estas sociedades desprezavam com effeito os prazeres da vida, não os achando dignos de occuparem o homem: não se nutriam sinão d'hervas cruas ou cozidas, de pão, mel, leite, e não tinham outra bebida mais que a da agua: e apezar da depravação de costumes, que então havia no Egypto elles eram considerados como *Santos*. Ignora-se si os Therapeutas do Egypto eram Judeos ou Christãos; mas esta duvida prova que elles eram tolerantes em materia de religião.

CAPITULO III.

SADUSSEOS E PHARISEOS

As duas Seitas, que contavam mais partidarios em Jerusalem, pelo tempo de Jesus, eram as dos Sadusseos e Phariseos.

Os *Phariseos* admittiam a pluralidade das mulheres; seguiam uma parte da lei escripta; e tinham outra oral, que diziam vir de Moysés para transmittir dos paes aos filhos. Entendiam que Deos tinha confiado verbalmente a este legislador um grande numero de ritos e dogmas, que nunca tinham sido escriptos: não admittiam por livros da Biblia, o Ecclesiastico, o Cantico dos Canticos, nem os Proverbios; e julgavam que estes livros corrompiam a alma.

Os Sadusseos, pelo contrario, consideravam todos estes livros como canonicos: não admittiam a polygamia, refferindo-se ao Cap. XVIII do Levitico ỳ. 18:

> *E não tomarás uma mulher com sua irmam, para affligi-la em sua vida.*

Donde se vê que os Sadusseos não admittiam a pluralidade das mulheres e estavam em opposição com os Phariseos, que defendiam a opinião contraria, baseada

na historia de seus antigos Patriarchas, e a exemplo de David e Salomão.

Jesus Christo censurou os Phariseos e as suas tradições, que enfraqueciam a lei, e animavam os ricos e orgulhosos: oppoz-lhes a doutrina de Pythagoras; a polygamia foi proscripta, e a opinião de Christo triunfou.

Os *Sadusseos* não admittiam a immortalidade da alma, nem o inferno, e ainda menos o paraizo; mas em compensação elles tinham bons costumes e queriam que os homens estivessem sujeitos a uma justiça mui rigorosa. Eram severos stoicos, que, seguindo a doutrina d'Epicuro, admittiam com tudo os escriptos de Moysés e Salomão. Os Sadusseos, iniciados nos mysterios da natureza, não viam n'esta mais, doque a *destruição* e a *reproducção* de todas as cousas. Em Athenas, Roma, e em Jerusalem, as doutrinas do materialismo eram então seguidas por homens mui probos; e, apezar de taes principios, muitos dos Judeos, que eram Sadusseos, foram elevados á dignidade de Grandes Padres ou Sacrificadores; e, postoque os Pontifices Romanos de hoje representem os Sacrificadores Judeos, todavia, si algum hoje professasse taes doutrinas em Roma, sem duvida seria perseguido, e correria risco de morrer na *Santa Inquisição*, embora Jesus nunca reprehendesse a doutrina dos Sadusseos. A sua Trindade era *Allat* (simulacro de pedra), *Allasa* (pedaço de páo) e *Mana* (uma pedra informe)

CAPITULO IV.

HERODIANOS.

Differentes poetas latinos nos fallam dos Herodianos: esta Seita considerava Herodes como seu Missias, o qual, alem das cidades que fez construir nas provincias, que os Romanos lhe deram a governar, edificou tambem um Templo magnifico sobre as ruinas do de Salomão, unico consagrado ao verdadeiro Deus.

O Templo de Salomão, que, depois de todos os desastres de Jerusalem, foi restaurado pelos Musulmanos, está hoje convertido em uma simples mesquita: nenhum religionario d'um culto estrangeiro póde n'ella entrar: uma ordem real lhe concede a entrada; mas para sahir é mister que abrace primeiro a religião de Mahomet.

CAPITULO V.

CARPOCRACIANOS.

Ainda que o Judeismo e o Christianismo sejam duas religiões inimigas, das quaes uma trabalha para estabelecer-se em cima das ruinas da outra, todavia a diffe-

rença só consiste nas virtudes praticadas e prégadas pelo nosso Divino Mest.·.—A theologia sobre Deos é a mesma; o Deos de Moysés é o Deos dos Christãos; porque o dogma da Trindade, que não é admittido nem seguido por todos os Christãos, não foi espalhado sinão muito depois da origem da religião Christã, e athe mesmo depois de S. João Evangelista o que se póde ver em muitos authores, maxime em *Lenoir*.

Os Carpocracianos nasceram com o Christianismo; professavam a doutrina de Jesus; não admittiam sinão a *unidade* de Deos; e ensinavam a seus Iniciados que Jesus Christo tinha escolhido entre os seus 12 Apostolos alguns amigos fieis, a quem confiou todos os conhecimentos, que elle tinha adquirido no Templo de *Isis*, onde tinha estado a estudar 16 annos.

Os Carpocracianos exercitavam-se nos estudos das sciencias naturaes, principalmente na mineralogia, e chymica; e tinham por maxima — *que era mister occultar a verdade ao vulgo*: e como os remedios, os mais salutares, conteem sempre uma dose de veneno, elles diziam que o grande medico, Jesus, em nome da humanidade, lhes tinha prohibido communicarem a sciencia do bem e do mal, excepto aos homens virtuosos. A sociedade Maç.·. de Londres, em o seculo XVII, seguio o mesmo systema do segredo nas descobertas, que fazia em physica e chymica.

Os Carpocracianos tinham tambem um signal para se reconhecerem, o que era indistinctamente commum a todos os Iniciados de Jesus: os Christãos adoptaram o signal da Cruz, que todavia differe do que usam os Gregos e Latinos.

« Os antigos nos deixáram por escripto, diz R. de « Schio, que as Sociedades secretas tinham segredos par- « ticulares; que todas tinham signaes e palavras proprias; « e emfim que não admittiam indistinctamente toda e « qualquer pessoa á Iniciação; o que se prova mesmo pe- « lo que diz S. Lucas nos Cap. IV, e X: Parece que « Jesus communicou a seus discipulos e Iniciados alguns « signaes Carpocracios e Gnosticos, dos quaes se servio em « Emaús, e de que se servem hoje tambem os Maç∴ »

CAPITULO VI.

CABALISTAS.

Todas as Seitas Judaico Christãs professavam uma parte da philosophia Platonica; e S. Agostinho declara nas suas *Confissões* L. VII que o começo do Evangelho de S. João era baseado nas doutrinas de Platão: e com effeito a palavra *Verbo*, depois de ter sido posta em tortura de mil maneiras, deu origem entre os Judeos á sociedade da *Cabala*, profanada hoje, mas outr'ora profundos sabios militaram debaixo da sua bandeira.

E' a *Simon Ben-Jochai*, que vivia alguns annos antes das ruinas de Jerusalem, que se attribue a instituição d'esta seita; e sobre a qual deixou um livro cheio d'allegorias e metaphoras, que se chama *Sockar* (Esplendor). Por taes meios a divindade era susceptivel de muitas interpretações, e carecia-se de muito tempo para

comprehender plausivelmente sua producção; é porém mister confessar que suas allegorias sam mais claras, do-que as do apocalypse; e é curioso saber-se que estes dous escriptos serviram ao systema Maç∴.

« *Ben-Jochai* representa Deus debaixo do emblema « d'um venerando velho, cuja cabeça está escondida em « um logar superior: põe-lhe n'esta mil milhões de mi- « lheiros; 7500 caracóes de cabellos brancos, tendo cada « um d'elles 410 cabellos, o que corresponde ao numero, « que dá a palavra *Kadosch*: todas as partes do rosto en- « cerram cousas admiraveis: a barba é branca como a « neve e desce athé ao umbigo; e ha nella 13 partes que « encerram todos os grandes myst∴; mas só os Iniciados « as comprehendem » (1).

Simon teve muitos sectarios. A opinião favoravel so- bre a Biblia enfraquecia-se todos os dias, quando a dos Cabalistas augmentava. Estes sectarios sustentavam, como os Essenios, que as palavras da Biblia eram imagens de cousas occultas, e que era mister mudar os livros sagra- dos em allegorias, porque a Biblia, tomada litteralmen- te, não podia produzir sinão scismas.

A philosophia da Cabala propagou-se extraordinaria- mente na Syria, na Palestina, e particularmente no Egy- pto, onde o systema das allegorias estava em uso, e onde a Cabala era seguida pelos Padres. Esta se conservou no Egypto athe ao tempo das Cruzadas, e veio depois figu- rar na Europa, em processo dos Templarios, no seculo XIII. Os Cabalistas acreditavam em um só Deus: ensina-

(1) R. de Schio Tom. 1.º pag. 283.

vam o dogma da sua unidade: e para se entrar em sua confraria eram mister experiencias antes da Iniciação. O vulgo os considerava como idolatras, porque tinham a imagem allegorica, que lhes servia de dar uma idea relativa ás obras e á existencia de Deos, pois entendiam que a creação é eternamente continua.

Os idolos correram o mundo. Os Christãos de Roma, que veneram pequenas figuras de páu e de metal, representando Santos, Virgens, e Espiritos; nam sam os unicos nem os primeiros, que adoptaram os simulacros. Houve povos antigos que traziam *Nóminas* ou *Talismans* sobre si, a que attribuiam propriedades miraculosas.

Antes dos Gnosticos e dos Cabalistas tambem os *Padres Egypcios* asseveravam que podiam communicar ás estatuas alguma cousa da natureza divina: os Gregos e os Romanos acreditavam que os Deoses se incorporavam nas estatuas por meio da consagração. « E finalmente uma « imagem em Portugal, diz *Salverte*, achada em um bu« raco, servio para, em 1823, perseguirem homens, que « não tinham outro crime, sinão o de haverem convidado « o povo a deixar a escravidão, e o fanatismo! E n'Ame« rica, Thaumaturgos ha, que, abusando da maldade ou « da crença d'aquelle, que os consulta, entregam á morte « um negro, como cumplice do crime, real ou imagina« rio, de que o seu senhor procura os authores! E em fim « a Inglaterra e a França, que se olham como o proto« typo da civilisação Européa, ainda conservam em seu « sêio uma *turba-multa* d'impostores eguaes!!! »

Os Cabalistas, sabendo que nossas ideas nos veem dos sentidos, e admittindo que Deus não era um sêr corporio, pensaram que não se poderia ensinar o dogma d'um

Deos sem lhe fixar a idea por signaes mais ou menos imperfeitos; e eis a razão, porque escolheram a imagem, do que fallámos, e a que se pode chamar a imagem da *palavra:*

Alem dos escriptos de *Ben-Jochai* os Cabalistas deixaram outros enigmaticos, cuja interpretação occupou já muitos sabios: é mina mui profunda e assás difficil de explorar, e da qual se tirou muito proveito no seculo XVI, e que tem grande relação com os Myst.·. Egypcios e Maç.·.

CAPITULO VII.

GNOSTICOS.

Dos Cabalistas sahiram os Gnosticos, que, depois que o Christianismo se espalhou na Europa, desappareceram, como fundidos nas trevas; todavia pelos annaes da Europa, e pelas obras polemicas, que appareceram athe ao tempo das Cruzadas, sabe-se que a sua theologia assentava sobre a *eternidade* dos seculos, e sobre a *emanação* dos principios divinos. O nome Gnostico vem do gr.·. *ghinóskó* (conhecer) e servia d'inscripção ao Templo do Sol: seus padres chamavam-se *Padres do Sol.*

Estes diziam a seus Iniciados « que o, que adorava o « *cruxificado*, era o sêr mais baixo na escala do sêres; « e pelo contrario aquelle, que, sendo dotado de bom senso para conhecer que um homem não podia sêr Deos

«omnipotente e eterno, tinha chegado ao ponto mais ele-«vado da escala, e que então, tornando-se Gnostico, «tinha adquirido toda a sciencia humana» (1). Os Cavalleiros Cruzados trouxeram para a Europa esta doutrina; e os Templarios foram accusados de tambem o professarem; e um Gnostico chegou a sustentar com uma reprehensivel ousadia que Jesus, adorado pelos Pontifices, não era sinão um *magiço*.

Os Gnosticos diziam tambem que o edificio emblematico de sua sciencia era construido sobre um quadrado, cujos angulos tinham o nome de

Sighé (silencio)
Bathos (profundidade)
Noûs (intelligencia)
Aléthé (verdade).

O Templo mystico de Salomão conserva ainda estes attributos. Era de presumir que os Christãos Gregos, no tempo do Baixo-Imperio, que não conheciam a doutrina dos Gnosticos, em opposição da sua, encarassem esta sociedade secreta como heretica e antimoral; e por isso renovaram contra ella as calumnias, inventadas contra os Christãos da Italia no tempo de Nero: sacrificios humanos, abluções sanguinolentas, uniões contra a natureza, e emfim não houve crime, que lhes não fosse imputado em suas Iniciações e Myst∴: Comtudo S. Clemente d'Alexandria lhes faz mais justiça, quando em suas *Miscellaneas* diz, *que não ha differença do verdadeiro Gnostico ao*

(1) R. de Schio Tom. 1.º pag. 286.

perfeito Christão, ainda que bem sabia que a principal doutrina d'esta sociedade era a negação absoluta da *divindade* de Jesus, e que esta era a unica moral Christã, que os Gnosticos praticavam.

Um dos preceitos oraes, que, ainda hoje se conserva em muitos Ritos Maç.·. é *o nosce te ipsum*, que nos veio dos Gnosticos; e a letra *G*.·., que se acha no gr.·. de Comp.·., e outras Ord.·., parece tirar sua origem de *Gnosis*. E' a primeira letra da palavra, que os Maç.·. conservam na *Estrella rutilante* (Vej. Est. 3.ª N.° 4). Concordamos, segundo um instruido Maç.·., em que todas as sciencias sam pouco em relação á *Gnosis*; porque esta é a unica, que nos pode fazer adivinhar aquillo, *que somos*, *d'onde vimos*, *e para onde vamos*.

A Historia Ecclesiastica diz «que a apparição d'esta «sociedade data da época, em que o Christianismo co-«meçou a propagar-se, e que era contemporanea, fru-«cto, e tronco da mesma arvore.»

Pela destruição do Templo d'Eleusis por Alarico o Visigodo, em 396, éra vulgar, os padres, que poderam escapar á espada dos barbaros, se refugiaram no Egypto e associaram-se aos Gnosticos, o que lhes augmentou o numero e a sciencia. E no *Epiphanio* diz-se *que os Gnosticos se conheciam entre si pela maneira de tomar as mãos*. Os signaes d'estes sabios e suas allegorias ainda hoje se conservam na Maç.·. — O véo, de que se cobria *Achomet*, acha-se no Templo Maç.·.: O *Baphomet* dos Gnosticos tornou-se no dos Templarios, que, similhante á pelle do Leão, symbolisa o Sol. A Natureza era representada por symbolos, assim camo a Astronomia o era por figuras. Os Gnosticos usaram dos signos do Sol, das Estrellas, e

do Zodiaco; e estes signaes passaram aos Maç.·. do Occidente, como se acham nas pedras sepulcraes de nossos antepassados, e particularmente em muitos *talismans* do tempo de Dominiciano, como depois veremos.

CAPITULO VIII.

OPHITOS.

Os ophitos, do gr.·. *Ophis* (serpente), modelaram seu systema pelo dogma dos Gnosticos: existiram tambem durante os primeiros seculos do Christianismo: e á imagem barbuda, e á similhança dos Iniciados Egypcios, substituiram para emblema da divindade a *Serpente* de Serapis; de que resultou imaginarem Tertulliano e os Santos Padres que os Ophitos adoravam uma Serpente material. Os Ophitos, diz Tertulliano, «honravam a Serpen-«te, consideravam-a como seu Christo e seu salvador, e «preferiam-a a Jesus; porque, diziam elles, ella tem a «sciencia do bem e do mal»: N'esta supposição os Ophitos seguiam a Biblia, que descreve a Serpente tentadora d'Eva como tendo toda a sciencia, ou se refferiam á Serpente de Moysés, que curou ás molestias dos Israelitas no Monte Sinai; uma e outra não eram mais que a *Serpente* Egypciana de Serapis, que Moysés tinha achado nos emblemas do culto do Sol, e que devia ter estado em veneração muito antes dos Ptolomeos.

Os Ophitos professavam um Deus Pae increado: fo-

ram desapiedadamente perseguidos pelos Christãos do Oriente, o que os levou a amaldiçoarem o Galilêo e seus padres, persuadidos de que as instituições d'estes os tinham tornado intolerantes. Um de seus emblemas era a *Cruz troncada*, o *Phallus*, que depois se tornou malhete Maç.·., e que representava o *pau* da vida, e a *chave* da sciencia: tinham tambem o *Calix* ou vaso Cosmogonico, symbolo commum aos Gnosticos, e que se acha na pátera dos Maç.·. — Estes emblemas sam tambem communs aos crentes de Mithe ou *Mythras*, que existem no Indostão.

Os Ophitos dirigiam suas supplicas perante a figura do *Pentagono*, que era um dos signos de sua instituição, como o foi o dos 7 sabios da Grecia. (Est. 3.ª N.º 5 e 6.)

Estes emblemas e esta doutrina passaram á Europa; e foram adoptados pelos Cruzados, pelos Roz.·. Cruz.·., pelos Templarios, e emfim pelos Maç.·.

A maior parte das seitas, que se reproduziram depois dos Essenios, Gnosticos, Cabalistas etc., honraram o Sol., como a mais bella imagem do Eterno: todas ellas admittiam a unidade de Deos; mas não a divindade de Jesus Christo, maxime os Gnosticos, que se gabavam de o ter contado entre o numero de seus II.·.

CAPITULO IX.

BASILIDIENSES.

Os Basilidienses parecem ter nascido da mistura dos Essenios e Gnosticos. *Basilidio* dizia a seus adeptos: *vós deveis conhecer tudo, e ninguem vos conhecerá.* Ainda hoje temos d'elles alguns monumentes nos *Abraxas*, que encerram signaes mysticos. O nome d'Abraxas, que se acha gravado em muitas pedras dos primeiros dous seculos do Christianismo, dá em letras gregas o valor de 365, o mesmo numero de graus do famoso circulo d'ouro do tumulo d'Orcmaudyas, sempre relativo ao curso annual do Sol; o que prova que as religiões antigas devem sua origem á Astronomia.

Os Basilidienses tinham duas imagens em logar d'uma, como os Gnosticos; uma tinha barba e outra não: estes simulacros eram allegoricamente honrados por elles. St.º Ireneo acreditou que estas imagens eram as de Jupiter e Minerva; e por isso os accusou de idolatras.

Basilidio obrigava seus Discipulos ao silencio durante 5 annos, como outr'ora os de Pythagoras; julgava-se este tempo necessario para a preparação da Iniciação, e para o conhecimento da sciencia humana (*Gnosis*): um só entre mil era admittido ao santuario, isto é, ao conhecimento da Divindade; e de dez mil Iniciados, dous sómente eram aggregados para participarem da revelação

inteira dos segredos da natureza: e estas seitas eram verdadeiras escolas de philosophia.

Mr. Ouvaroff crê que na Iniciação superior se limitavam a demonstrar a *unidade* de Deus e a *immortalidade* da alma, por argumentos philosophicos: e Clemente d'Alexandria, que passava por iniciado, fallando dos Grandes Myst.·. diz: *aqui acaba todo o ensino, vê-se a natureza e as cousas*: mas ninguem duvida de que, pelo tempo das primeiras sociedades Judaico-Christãs, as noções de moral eram vulgares; e si estas só fizessem a essencia dos Myst.·., nunca poderiam ter merecido os magnificos elogios dos sabios da antiguidade: além d'isso, estas sociedades teriam deixado de existir desde o momento, em que as verdades secretas tivessem sido ensinadas publicamente: Pindaro, Platão, Cicero e outros não teriam fallado d'ellas com tanta admiração: nunca o Hierophanto se occuparia em lhes ensinar com aparato e com segredo taes opiniões, quando todas poderiam ter-se aprendido em livros e escolas publicas: observe-se mais que n'este tempo a moral e a philosophia tinham chegado a uma tal elevação, que a respeito da primeira nada era desconhecido: conseguintemente em taes sociedades dever-se-hiam achar grandes verdades moraes e philosophicas, occultas ao vulgo, e conservadas por tradicções oraes, que remontavam á primeira edade do mundo. Estes conhecimentos, postos no meio do Polytheismo, formavam a essencia e a doutrina secreta de todos os Myst.·.

Esta hypothese concilia as contradicções apparentes da religião dos antigos sôbre a *materia* e a *alma*; e accorda-se perfeitamente com as tradicções oraes dos Cruzados, e em particular dos Templarios, que se diz serem os instituidores dos Maç.·.; advirta-se com tudo que a

maior parte dos philosophos Egypcios, Gregos, e Romanos, assim como os Santos-Padres, fizeram um systema de religião em separado, e que os sentimentos dos primeiros destruiram muitas vezes os sentimentos dos segundos.

CAPITULO X.

MAGOS.

Uma religião muito espalhada no Oriente, e da qual muitas outras sahiram, foi a dos *Mythras*, cujos Iniciados se chamavam *Magos* (do Caucasio *Mágh*, grandeza).

Muitos sabios pretenderam, talvez ligeiramente, que a legenda sagrada de Jesus era uma imitação da de Mythras, pela simelhança dos Myst.·. de seu nascimento, sua morte, e sua resurreição; e que estas duas religiões, não eram de facto sinão os diversos aspectos do Sol relativamente ao nosso globo.

Muitos ritos Maç.·. conservam o Gr.·. de Mago; e de aqui vem o julgarem muitos authores que os Myst.·. Maç.·. tiraram a sua origem dos Magos.

Os Magos, tendo Deus como incomprehensivel e ineffavel, o propunham á adoração dos povos, debaixo de dous emblemas: *Sol* e *Natureza*. O primeiro era considerado como o retrato do Creador, ou como o seu mais bello producto, e o segundo era olhado como a expres-

são de suas vontades, ou como codigo personalisado das leis, que regem o Universo (1).

O culto do Sol, muito antigo no Oriente, perde-se na antiguidade, todavia Vassal lhe dá 100,000 annos d'existencia antes da éra vulgar: ignora-se tambem si *Zoroastro* foi seu instituidor ou reformador; entretanto nós adoptaremos a existencia d'este homem, que estabeleceu o culto do Sol, e que escreveu o *Zend-Avesta*.

Zoroastro, como Moysés, para firmar seu poder por meio do culto, publicou que tinha recebido o Zend-Avesta de Deus em pessoa, o que foi imitado posteriormente por todos os chefes das religiões. Acceitado este codigo, foi depois fechado no Santuario do Templo, e não foi publicado nem a profanos nem a estrangeiros: outro tanto succedeu com a *Biblia* e o *Alchorão*.

O codigo de Zoroastro, ou o Zend-Avesta, é dividido em duas partes, como o Deuteronomio e o Levitico. A primeira trata do dever dos homens em geral, e em particular dos religiosos; e a segunda trata da liturgia, e das ceremonias do culto.

Os Magos, depois que a historia faz d'elles menção, fizeram uma casta separada do povo, como os Levitas de

---

(1) A allegoria do Sol e seu emblema, conservado em todos os Templos Maç∴ é tambem guardado pelo Sacerdocio e pelos Jesuitas: a medalha feita pelo Cap. de S. Thomáz d'Aquino em 1789, pela elevação de Carlos IV ao throno de Hespanha, e que consiste em um Sol radiante; como emblema de seu culto, é uma prova do, que avançamos.

Israel: como os antigos Patriarchas Judeos, os Magos se casavam com suas irmãs e filhas: a casta dos Magos, na sua origem, como a dos Levitas, era pobre e pouco numerosa; mas depois chegou a ter muitas Cidades, e a fazer tão grande numero, que inquietou os governos e os reis.

Antigamente a casta dos Magos era dividida em tres classes *Erbids*, padres aprendizes; *Mobids*, professos-Mestres; e *Destours-Mobids*, padres perfeitos: hoje porem a sua casta se divide nas seguintes classes:

1.ª — Os *Erbides*, que se iniciam pela purificação da agua e do fogo professam as ceremonias do seu culto, e lêem perante o publico o *Vendidal*, e o *Izechne*, que tratam do dever dos homens. Quando pelo exercicio d'estas funcções Sacerdotaes, e pelo estudo e zelo os acham instruidos, tornam-se

2.ª — *Mobids*, que se occupam na interpretação dos outros livros do Zend-Avesta, escriptos por Zoroastro, na antiga linguagem persa, que se perdeu depois de Cyrus. Si, depois d'um certo tempo, o Mobids não chega a explicar, e a comprehender estes livros, entra na classe

3.ª — *Destours*, que se limita ao estudo da lei do Zenda e do Pehlvi: é uma classe estacionaria; porem aquelle Mobids, que os chega a explicar, e a entender, torna-se

4.ª — *Destours-Mobids*; que sam considerados como chefes dos Mobids. D'esta quarta classe os mais sabios, e os mais antigos, tornam-se

5.ª — *Destours de Destours*, que equivalem aos Pontifices Judeos e aos Bispos Christãos: decidem os pontos difficeis da lei divina, que, como em todas as religiões, é escripta obscuramente: e decidem emfim todos os casos de consciencia, pelo que os crentes lhe pagam dizimos.

Os preceitos do Zend-Avesta sam, como os dos Judeos e dos Christãos, muito simplices: é o mesmo Deus, que falla: « Ha um eu, só Deus: ha dous principios, um bom « e outro máo; luz e trévas. Não mudeis nem de culto « nem de forma d'orações; não vos assonherieis dos bens « dos outros; não digais mentiras: não cobiceis cousas « impuras; esquecei as injurias; purificaé-vos pela ablu-« ção; não vos aproximeis da mulher quando é impura, « nem no tempo das grandes festas; tende confiança na « bondade de Deus; esperae o dia de minha manifesta-« ção: e estae sempre preparados (1). »

Donde se vê que o amor á verdade era entre os Magos o fim de seu systema religioso e philosophico; e que a pratica da virtude era o fim de seu systema legislativo; fim, a que se proposeram todos os legisladores religiosos. Uma vez que se adore Deus e se ame o proximo, pouco importa que se seja instruido nos seus deveres, por um Mago, por um Hierophanto, por um Patriarcha, ou por um Venerável-Mestre.

A philosophia religiosa do Zend-Avesta existe na Biblia: chegou á Judea e á Arabia depois do captiveiro dos Judeos em Babylonia; mas com ella tambem vieram as fabulas orientaes, despidas, pela natureza d'este povo, de

---

(1) *R. de Schio*, tom. 1.º pag. 301. etc.

toda a sciencia, e em particular da Astronomia, que não foi conservada sinão secretamente nos Myst.·. de Hiram, e na sua lei oral: desde então, este livro sagrado vio-se cheio de demonios, d'anjos, e de milagres, o que desfigurou inteiramente o antigo culto dos Magos.

A divindade apparente dos antigos Magos Persas era *Mythras*, ao qual se tinha ajuntado *Oresmade* e *Orimane* bom e máu principio de que Mytras era *um* e *triple*: é daqui que Platão tirou a sua Trindade, e donde, segundo os criticos, as differentes religiões tiraram a sua (1).

Em uma palavra os verdadeiros *Magos* eram ainda, no seculo XVI da nossa era, tão afamados, que o grande *Camões* faz d'elles assim fallar um Regedor de Malabar:

55.

« Os Portuguezes vendo estas memorias,
« Dizia o catual ao capitão:
« Tempo cedo virá, que outras victorias,
« Estas que agora olhais abaterão:
« Aquí se escreverão novas historias
« Por gentes estrangeiras que virão;
« Que os nossos sabios Magos o alcançaram,
« Quando o tempo futuro especularam.

(1) Mr. *Anquetil* de *Peron* foi de proposito habitar as Indias para conhecer a religião dos *Parsis*, nos quaes se foi refugiar a religião de Mythras: elle mesmo traduzia o Zend-Avesta e outras Obras attribuidas a Zoroastro.

56.

« E diz-lhe mais a Magica sciencia,
« Que para se evitar força tamanha,
« Não valerá dos homens resistencia,
« Que contra o ceo não val da gente manha:
« Mas tambem diz, que a bellica excellencia
« Nas armas, e na paz, da gente estranha,
« Será tal, que será no mundo ouvido
« O vencedor por gloria do vencido. »

(*Camões, Canto* 7.°)

Mas, como a religião dos Magos existe ainda hoje, somos obrigados a expor algumas particularidades, mesmo porque muitos suppoem que a Maç.·. tira d'ella sua origem. Pelo tempo de Jesus, na Persia, donde sahio o dogma dos Trinitarios, os Magos fieis resolveram para restabelecer o dogma da unidade de Deus, que o povo ignorante havia desfigurado, publicar o codigo religioso trazido do Egypto por Zoroastro, do qual já tratamos, no *Cap.* II. *da Secção* 1.ª

A razão principal, que levou os Magos á publicação de seus estatutos era a depravação do Sacerdocio de todas as religiões n'aquelle tempo, depravação, que era propria mesmo para destruir as instituições dos Padres Egypcios, origem das da Persia. Esta corrupção Sacerdotal produzio grandes revoluções em Thebas e na Babylonia: Hérodoto nos ensina que os padres d'estas Cidades tinham a infamia d'introduzir em sua casa todas as noites as mulheres mais bellas; e, quando d'ellas tinham

filhos, ousavam dizer ao povo que eram *filhos de suas divindades!* Um certo *Mundus*, pelo tempo de Tiberio-Claudio, causou um golpe aos Myst.·. Egypcios, estabelecidos por então em Roma. Este libertino, querendo seduzir *Paulina*, mulher de Saturnino, Governador da Syria, e não podendo chegar a seus fins, se entendeu com os *Padres d'Isis*, que fizeram acreditar a Paulina que o Deus Anubis desejava entreter-se com ella de noite; a dama, mui devota e mui credula, a isso se prestou indo de noite ao Templo; Mundus, disfarçando-se, satisfez a sua paixão; mas, tendo depois a indiscrição de se gabar do laço armado á sua victima, Paulina, offendida e deshonrada, descobrio toda a trama a seu marido, que depois tudo relatou ao Imperador. Este fez arrasar o Templo, arrastar os padres, e exilar Mundus, ...

Donde se vê que os Magos Persas procuraram reprimir a corrupção do Sacerdocio; mas seus exforços foram baldados! Foi então, segundo a opinião do muitos eruditos, que o novo dogma Trinitario, unido á doutrina de Jesus, se espalhou mais que nunca na Asia por meio dos Judeos viajantes. Esta doutrina passou, segundo Vassal, dos Magos aos *Brachmanes*, d'estes aos *Padres do Egypto*, e finalmente d'estes aos Myst.·. da Grecia: a Syria nunca a adoptou.

CAPITULO XI.

CRISTÃOS DA SYRIA.

Os Christãos da Syria, que sam ainda hoje assás numerosos, teem seus Bispos ha 1300 annos, os quaes sam nomeados pelo Patriarcha d'Antiochia, e teem uma exacta chronologia. Estes Christãos não differem dos de Roma, sinão em que não admittem como Sacramentos, o *Matrimonio*, a *Extrema-Unção*, nem a *Confirmação*: consideram como fabulosa a doutrina do *Purgatorio*; e a da *Transubstanciação*, e o culto das imagens, como idolatra.

Pretendem que Jesus Christo fallasse o Syriaco, e, segundo elles, é n'esta linguagem que os Evangelistas escreveram a Escriptura e os Evangelhos: a prova de que Jesus fallava a sua linguagem é tirada das palavras, que pronunciou nos ultimos instantes de sua vida, e que sam repetidas por S. Marcos:

> E tomando a mão da menina, lhe disse: *Talitha cumi*, que quer dizer: *menina levanta-te* (1).

(1) S, Marcos Cap. V. ỳ. 41.

E levantando os olhos ao Ceo, deu um suspiro, e disse-lhe: *Ephphetha*, que quer dizer: *abre-te* (1).

E á hora de Nôa deu Jesus um grande brado, dizendo: *Eloi*, *Eloi*, *lamma sabacthani!?* que quer dizer: *Deus meu*, *Deus meu, porque me desamparaste!?* (2).

Estes Christãos viviam tranqnillos, quando Vasco da Gama, em 1503, se introduzio na Syria, e deu conta á Curia Romana, que se apressou a pô-los debaixo do seu dominio. Em 1599, em um Concilio feito em Diamper, e que foi presidido por Alexis de Mengis, se combateu inutilmente sua doutrina; elles recusaram submetter-se aos Papas, que nunca tinham querido reconhecer por chefes de sua crença: estes procuraram convertê-los pela força, mas nunca obtiveram victoria, sinão durante alguns annos, e somente entre os Syriacos, que habitavam as praias. Os Christãos fieis levaram comsigo para as altas montanhas os seus livros sagrados, que ainda conservam religiosamente; assim como suas orações antigas, que fazem ainda hoje na sua primitiva linguagem (3).

(1) Idem Cap. VII. ℣. 34.
(2) Idem Cap. XV. ℣. 34.
(3) Vej. o que escreveram Buchenam e Lavother, a respeito do Catholicismo em 1827.

CAPITULO XII.

BRACHMANES.

Os Myst.·. da India sam d'uma antiguidade tão remota, que *Buret de Longchamps* a leva 50 seculos antes da era vulgar, para estabelecer a Historia Geral do mundo. O *Schasta*, primeiro livro indio escripto, ha hoje (5843) 4949 annos, parece ter sido o seu verdadeiro ritual (1).

Os Myst.·. dos Brachmanes consistiam na Iniciação dos padres, que, sendo ao principio meritoria e electiva, se tornou depois em casta privilegiada.

A doutrina d'estes Myst.·. era toda theogonica; e suas experiencias physicas, segundo o I.·. Vassal, se aproximavam das da Maçonaria.

O culto indiatico reconhece, como o nosso, um Ente supremo, eterno, e omnipotente, um espirito imcomprehensivel, creador de tudo o, que existe, que é *Para-Brama*, associado com tres entes menos perfeitos, do que elle, que posto serem distinctos, formam uma só pessoa, ou a *Trindade* indiatica. *Brama*, *Visnú*, e *Siva*, que sam as tres divindades, que a compoem, ou os es-

---

(1) *Salverte*, e o *Cours complet de Maç.·.*, par le docteur Vassal.

piritos *creador*, *conservador*, *e destruidor*, que correspondem na linguagem methaphysica á *materia*, ao *espirito*, e ao *tempo*; e na da philosophia natural á *terra*, á *agua*, e ao *fogo*; de quem sam os regedores.

Os Brachmanes, sendo os unicos litteratos da India, tiveram tambem o conhecimento da Iniciação primitiva dos Magos; porque antes d'elles, diz Vassal, os Myst.·. Indios eram exclusivamente religiosos.

Os Brachmanes, querendo dar uma idea sublime de sua doutrina, fizeram gravar no frontispicio do Templo da Natureza a inscripção seguinte: ***Fui, sou, e serei, e nenhum mortal me descobrirá.***

É, sem duvida, d'estes ultimos Brachmanes que *Voltaire* diz *terem sido os primeiros theologos*, *os primeiros philosophos*, *e os primeiros legisladores.* Entre elles o sacerdocio não era sinão a magistratura, e sua religião á justiça: é d'estes que *Dumast* diz no seu Poema Maç.·.

« Qual nimphea, purissima entre os lodos,
« Raro á beira do Ganges surgem sabios,
« Ante um Deus dos mortaes pranteam erros,
« E é seu altar o peito immaculado.
« La se encontram alfim: da liga nova,
« Do seu constante affan, nasceram diques,
« Que os esforços da raiva, e longos evos
« Nem siquer no alicerce inda minaram.
(*Holophernes.·. trad.)*

E o nosso illustre *Camões*, que n'esta materia tem maior voto, doque o mesmo *Voltaire*, e o mesmo Dumast, no Canto 7.° do seu Poema, se exprime assim:

40.

« *Brachmanes* sam os seus religiosos,
« Nome antigo, e de grande preeminencia;
« Observam os preceitos tão famosos
« De um, que primeiro pôz nome á sciencia:
« Não matam cousa viva, e temerosos,
« Das carnes teem grandissima abstinencia:
« Sómente no venereo ajuntamento
« Tem mais licença, e menos regimento.

47.

« Alli estam das Deidades as figuras
« Esculpidas em páo, e em pedra fria;
« Varios de gestos, varios de pinturas,
« A segundo o demonio lhes fingia:
« Veem-se as abominaveis esculturas;
« Qual a Chimera em membros se varia:
« Os Christãos olhos, a vêr Deus usados
« Em forma humana, estam maravilhados.

48.

« Um, na cabeça cornos esculpidos,
« Qual Jupiter Hammon em Lybia estava:
« Outro em um corpo, rostos tinha unidos,
« Bem como o antigo Jano se pintava:
« Outro com muitos braços divididos,
« A Briareo parece que imitava:
« Outro fronte canina tem de fóra,
« Qual Anubis Memphitico se adora. » (1)

(1) Apresentamos o voto de Camões por ter viajado 16 annos pela India e China onde militou, e foi empregado publico, pelo Reinado d'El-Rei D. Manoel em 1553, e pelo descobrimento da India por D. Vasco da Gama.

O principal dogma do brachmanismo entre os Indios é a perpetua transmigração das almas d'uns para outros corpos. Quanto mais culpada fôr a alma tanto mais vil será o animal, cujo corpo ha de tomar; de sorte que do corpo humano, pode, conforme o numero de seus peccados, passar a habitar no de uma vacca, ou de outro homem, que sam tidos pelos mais nobres, ou no de um cão, reputado como o mais vil de todos, e athe em pedras: mas é de crêr que os Brachmanes, que trocaram os conhecimentos scientificos com os *Magos* da *Persia* e os *Padres* do *Egypto*, não sigam nem ensinem aos seus Neophytos taes doutrinas.

Budda, reformador da religião indiatica, substituio leis mais suaves aos preceitos do culto geralmente dominante no seu tempo; e conseguio que athe os, que o reputam um embusteiro, deixassem aquellas nefandas praticas. Apezar d'isso ainda ha hoje muitos fanaticos, que teem por obra mui meritoria deixar-se esmagar debaixo das rodas dos pesados carros dos seus idolos, e rasgar as carnes com ganchos de ferro, sem fallar nas viuvas, que fazem timbre em morrer queimadas.

Não deixaremos porem em silencio, que na India, quando os abominosos sacrificios humanos estavam em voga, era vedado faze-los sem o consenso do soberano, sob pena de cometter o sacrificador um peccado e um crime; entretanto que na Europa, em nome d'uma religião de paz, que desapprovava taes crueldades, alguns hypocritas, malvados, e ignorantes, lançavam em hediondas masmorras, martyrisavam com requintada barbaridade, e faziam morrer nas chammas, as pessoas mais conspicuas do seu tempo, sem que os mais poderosos principes da christandade ousassem valer ás desgraçadas victimas do

furor sacerdotal! E mais d'uma vez se descarregaram golpes sobre homens, que esses mesmos principes haviam julgado dignos da sua amizade e privança!!!

«Os ritos dos Brachmanes, diz Voltaire, provam que «tudo é allegorico entre elles; ainda representam a vir-«tude debaixo do emblema d'uma mulher, que tem dez «braços, e que combate dez peccados mortaes figurados «por monstros. Os nossos missionarios não teem deixado «de tomar esta imagem da virtude pela do diabo, e de «asseverar que este é adorado na India. Nós, os Eu-«ropêos, nunca fomos a estes povos sinão para nos enri-«quecer e os calumniar.» (1)

CAPITULO XIII.

LAMMAS DA CHINA.

Tres sam as seitas religiosas na China; e os livros canonicos de todas ellas provam que os chins teem idea d'um Ente Supremo, creador e conservador de todas as cousas; porem o geral do povo, á imitação dos idolatras antigos e modernos, reconhece um grande numero de deoses ou espiritos subalternos, que adora em templos especiaes.

A Nação chim divide as suas divindadas em tres clas-

(1) Dic. Phil. de Voltaire. Art. Brachmanes.

ses: forma a primeira o Ente Supremo, como o nome de *Fo* ou *Foe*, que significa *salvador*; representam-o todo radiante, e com as mãos escondidas, para denotar que o seu poder obra tudo invisivelmente no mundo: á sua esquerda e á sua direita collocam os dous legisladores *Lanzú* e *Confucius*, ambos como restauradores da religião do imperio; e ambos com *Fo* formam a *Trindade* Chim. Sam deoses da segunda classe os filhos de Ki-to (deos da guerra).

Bourchan foi o fundador da religião dos *Lammas*: chamam-se assim os padres da seita de *Fo*, que fazem terriveis penitencias para merecerem a publica commiseração; mas por outro lado vivem ás vezes escandalosamente.

Na China não ha religião dominante, nem culto do Estado; comtudo o Imperador reconhece a authoridade religiosa do *Dalai Lamma*, que é uma especie d'idolo vivo, immortal, e tido por vigario do Deus *Fo*. Os sacerdotes educam sempre um *Lamma* novo, designado secretamente para succeder ao Pontifice, qnando cessa de existir aquelle, que é reputado immortal. Este Lamma é sustentado, como embaixador, pelo Imperador no seu palacio de Pekim.

Lanzú, que viveu 50 annos antes de Confucius, introduzio uma seita, que affirmam possuir a virtude de afugentar os espiritos máos, predizer o futuro etc. etc.: os doutores d'esta seita, vendo quanto o povo a favorecia, multiplicaram-se infinitamente, enriqueceram-se, e grangearam o nome de *celestiaes*.

Confucius, chamado o principe dos philosophos 600

annos antes de Christo, tomou a tarefa de restaurar a religião dos chins, e purificar a sua moral. Para tal fim escreveu livros, que, como o seu nome, sam ainda reverenciados na China: no 1.º ensina o modo de cada um se governar; no 2.º prova que o homem deve obediencia á virtude, e dá conselhos magnificos a paes e filhos; no 3.º expende maximas moraes, e recommenda o perdão das injurias e a caridade universal; e no 4.º livro apresenta a idea d'um governo perfeito.

Schérer, author das *Investigações Historicas* sobre o Novo-Mundo, pretende que Confucius fosse inspirado, e que predissesse a vinda de Christo na pessoa de Bourchan. Os curiosos poderão consultar esta Obra para ajuizar de suas analogias.

A doutrina de Fo sahiu da India para a China, e com ella tambem a metempsycose ou a transmigração das almas. Os Discipulos de Confucius opposeram-se vivamente á introducção d'esta doutrina; mas foram baldados seus esforços: a religião espiritualista se corrompeu de novo, e em seu logar ficaram as praticas idolatras: hoje porem (em 1843), que a Inglaterra tem poderio e influencia na China, é provavel que o ramo d'*Acacia* lá seja levado, e que, tendo melhores agricultores, possa melhor alli medrar.

Ainda que as legendas de Confucius sejam consideradas pelos sabios chins, como superiores ás dos Egypcios, Judeos, Gregos, e Romanos, todavia deverão preferir as do Genesis e do Apocalypse, que sam tambem as adoptadas pela Europa. E' então, e só então, que nós diremos da China o, que diz o nosso Camões no *Canto X*:

129.

« . . . .
« Aqui o soberbo Imperio, que affama
« Com terras, e riqueza não cuidada,
« Da China corre, e occupa o senhorio
« Desde o Tropico ardente ao cinto frio. »

130.

« Olha o muro, e edificio nunca crido,
« Que entre um Imperio, e outro se edifica;
« Certissimo signal, e conhecido,
« Da potencia Real, soberba, e rica.
« Estes, o Rei que tem, não foi nascido
« Principe; nem dos paes aos filhos fica;
« *Mas elegem aquelle que é famoso*
« *Por Cavalleiro sabio, e virtuoso.*

CAPITULO XIV.

GREGOS.

A Grecia parece ter sido o templo commum de todos os Myst.·. d'antiguidade: entretanto os, que mais relação teem com a Ord.·. Maç.·. sam

1.°==Os Myst.·. dos *Cabyres de Samothracia*. Foi, segundo Vassal, em 1950 antes da era vulgar que os

Myst.·. Egypcios passaram á Grecia ; e os primeiros foram os dos *Cabyres* estabelecidos na ilha de Samothracia, hoje Samandraki, no Archipelago: n'estes Myst.·., havia oito deoses *Cabyres*, quatro dos quaes eram *Oxierés*, *Axickersa*, *Axiokersos* e *Casmilos*.

Os Myst.·. dos Cabyres, diz A. Boileau, levados á Phrigia por *Dardanus*, passaram depois á Italia, onde foram confiados ás Vestaes: o I.·. Vassal pensa que os Pelasgios, que instituiram estes Myst.·., não tinham sido iniciados sinão aos pequenos Myst.·. Egypcios; pois que a principal sciencia de Samothracia foi a *strategia*; e entre os Athenienses os officiaes militares se chamavam *strategios*.

Voltaire, conhecendo mal os Myst.·. Maç.·., deixou escapar, no seu Dicc. Phil., algumas blasfemias contra os Iniciados de Samothracia; entretanto, seguindo a opinião dos melhores authores, somos obrigados a confessar, que os Myst.·. de Samothracia foram na realidade uma escola militar scientifica, d'onde sahiram os maiores capitães da Grecia (V. as Obras de M. Sainte-Croix) (1).

2.° = Os *Myst.·. de Céres* ou d'*Eulisis*. Estes Myst.·., segundo uns, foram estabelecidos por *Triptolemo*, e segundo outros por *Erecteo*, primeiro rei de Athenas, 1373 annos antes da éra vulgar: os Myst.·. de *Céres* foram, como os do Egypto, divididos em *pequenos* e *grandes* Myst.·., e seus Iniciados se chamavam *Eumolpides*, por ser a familia d'Eumolpo a, que conservou, durante 1200 annos, a dignidade d'Hiérophanto.

(1) Voltaire só em 1778 se fez Maç.·., tendo 84 annos de edade; e morreu 6 mezes depois, sem ter tempo de corrigir suas obras!

O Dr. Vassal, assim como Buret de Longchamps, sam da opinião, de que a sciencia dos Myst.·. de Céres se reduzia unicamente á Mythologia, e ao charlatanismo: porque os seus Iniciados chegaram a persuadir-se, que não só na vida tudo lhes deveria succeder bem; mas que, depois da morte, elles sós occupariam os Campos-Elysios, ficando o Tartaro para os profanos. Esta assersão parece tanto mais fundada, que a maior parte dos philosophos esclarecidos da Grecia, pouco satisfeitos da instrucção, que offereciam então os Myst.·. de Céres, foram procurar conhecimentos positivos aos Myst.·. de Memphis e de Heliopolis: taes como *Orpheo, Pythagoras, Platão, Thales, Minos* &c. &c.

Orpheo, principe dos Sicyonios na Thracia, depois de ter adquirido os conhecimentos scientificos do collegio de Memphis, veio para a Grecia; e, 1330 antes da era vulgar, regularisou os Myst.·. *d'Eleusis*, e destruio os erros, que athe alli tinham servido de base aos Myst.·. de Céres. Orpheo, querendo respeitar, d'algum modo, os prejuizos populares, estabeleceu sobre bases, menos supersticiosas, as mesmas festas, que os Gregos tinham já; mas que teve o cuidado de fazer verter em favor do espirito nacional, e da segurança do Estado. Todo o corpo de doutrina dos Myst.·. d'Orpheo era dividido em dous graus: no 1.° se desenvolvia a Theogonia egypcia com seus emblemas, e a moral: no 2.° que era puramente scientifico, se expunham, não só o systema physico da Natureza, mas tambem todos os conhecimentos, que podiam influir directamente na civilisação dos povos.

Orpheo deu á primeira doutrina o nome *d'exoterica* (publica), e á segunda ode *esoterica* (particular aos Iniciados), imitando assim os seus mestres do Egypto: as

experiencias physicas, pelas quaes o Iniciado aos Myst.·. de Orpheo tinha de passar, eram tanto mais rigorosas, que os mesmos Adeptos não podiam fallar entre si de seus Myst.·.; porque tanto o, que fallava, como o, que tinha a fraqueza de os ouvir, era expulso do Templo, e athe da sociedade: « Foi nos Myst.·. reformados por Orpheo, diz « Vassal, que todos os legisladores gregos aprenderam o « uso da *dupla doutrina,* de que fizeram a parte mais es- « sencial de seus estabelecimentos politicos. »

Mas, antes de deixarmos a Grecia, fallemos d'uma instituição philosophica, que se liga muito de perto com a Franc-Maç.·.: tal é a *Escola de Pythagoras*:

Nihil mirabitur Eleusinia hæc Pithagoræ decretis fuissi adfinia, qui ex eodem fonte derivata meminierit:

Para bem entender esta passagem, diz o sabio Rhoer, é preciso lembrarmo-nos de que *Pythagoras*, considerado por alguns authores como o instituidor da Franc-Maç.·., foi buscar os principios de sua doutrina philosophica á India, ao Egypto, e aos Myst.·. Gregos.

Com effeito, Pythagoras, natural da ilha de Samos, e nascido nos fins do VI seculo antes de Christo, depois de ter sido iniciado aos Myst.·., acima refferidos, e depois de ter conhecido *Solon*, *Pittacus*, *Zoroastro* e outros, veio para a sua Patria: mas, não podendo viver debaixo das leis d'um tyranno e usurpador, *Pythagoras* deixou a Grecia, e veio fundar em *Crotona* a

celeberrima escola Italiana, onde tantos homens se fizeram illustres.

Pythagoras, imitando tambem seus mestres, julgou dever encubrir o facho de sua philosophia com um véo mysterioso. Um cuidado escrupuloso o dirigia sempre na escolha de seus discipulos, e diversas experiencias o asseguravam de sua vocação. Seus Myst.·. eram divididos em tres *classes*: na primeira demorava-se o candidato *tres annos*: antes de sua admissão o neophyto devia pôr todos os seus bens nas mãos do thezoureiro: si estes primeiros tres annos d'experiencia correspondiam aos desejos do *mestre*, o discipulo passava á segunda classe. Durante *cinco annos* o neophyto era condemnado a um profundo silencio; e a vóz de Pythagoras não chegava a seus ouvidos, sinão atravez do veo, que occultava a entrada do Santuario: finalmente o neophyto era admittido ao perfeito conhecimento da doutrina sagrada; e trabalhava com o *mestre*, para a instrucção dos novos iniciados.

« Os filhos d'ésta grande familia, dizem *Jamblique*
« e *Barthélemy*, espalhados por muitos climas, e sem
« nunca se terem visto, se reconheciam por *certos signaes*,
« e se tratavam como si sempre se tivessem conhecido. »

Qual será em nossos dias o Maç.·. instruido, que, lendo estas linhas, não veja pontos de contacto entre a Iniciação de Pythagoras, o o 2.° e 5.° Gr.·. do Rit.·. Maç.·. Moderno?

Mas a celebridade dos philosophos da escola de Pythagoras devia armar contra si a ignorancia e a maldade! A calumnia apresentou estas reuniões sabias e virtuosas como tantos focos de conspiração; e o despotismo,

firme na cega multidão, lançou nas chammas quasi todos os discipulos de Pythagoras! Entretanto os deploraveis restos de sua escola não acabaram de todo.... Eis como a tal respeito se exprime o Poema Maç.·.:

«Assim d'Arte Real os sãos preceitos
«A especie humana então melhor tornaram,
«Concorrendo ás lições d'oral sapiencia
«Sabios em Memphis na moral se exercem,
«De seus maiores émulos tornados,
«Em modernas nações vam propagal-a.
«Sim: do Egypto os segredos salutares
«Com varios nomes deram luz aos Povos,
«O grão Legislador, que alli se adextra,
«Reune o Povo Hebreo, deffende, e rege:
«Desce o Thracio dos cêrros, desce o Gelio
«D'Orpheo de Lino ao canto harmonioso:
«Triptólemo, entre os gregos concentrado,
«Neste sacro penhor os tem versado:
«De Tarento inda existe no recinto
«Nas mudas artes, que ensinou Pythagoras.

(*Holophernes.·. trad.*)

Do, que levamos ditto, se vê que a philosophia Grega parece ter sido estabelecida 1944 annos antes de Christo. A *Historia Geral* assevera que Saturno foi o seu fundador; este a consignou na sua legislação em Thessalia: sua administração foi tão paternal, que se chamou ao seu seculo a *edade d'ouro*: a fabula, que o representa, devorando seus filhos ao nascerem, encerra uma verdade philosophica. Saturno representa o tempo, que tudo produz, e destroe tudo á medida de suas reproducções; e esta al-

legoria justifica a idea de muitos philosophos, que sustentam que na Natureza tudo é *producção* e *destruição successivas.*

A religião dominante dos Gregos foi o Polytheismo, deificando homens singulares pelos serviços patrios; e esta doutrina devia produzir, como produzio, verdadeiros heroes; mas a crença religiosa dos Iniciados era mui differente, era a mesma dos Magos, e dos Egypcios, e esta só se transmittia a homens escolhidos. O Catholicismo, que bebeu demasiadamente no Paganismo, tambem *deificou* homens notaveis pelas virtudes Christãs, e a prova d'isso acha-se no seu martyrologio; mas a cobiça do Sacerdocio, que nem sempre anda mascarada, abusou tambem de mais......



SECÇÃO QUINTA.

CAPITULO I.

MISTURA DE CULTOS E DE HEROES.

Santo Ireneo, St.º Epiphanio, e S. Jeronimo escreveram que os Gnosticos, os Basilidienses, e os Valencianos confundiram o symbolo da serpente *Sérapis*, ou a divindade do Sol, com Jesus Christo, e com as divindades Egypcias e Gregas: com effeito os primeiros Christãos misturaram a súa theologia com a das religiões existentes: e os sabios, que pretenderam explicar os emblemas das antigas religiões Christã, Judaica, e Egypcia, não acharam sinão traços do antigo culto do Sol: alem d'isto os gabinetes da Europa possuem um numero infinito de pedras gravadas, ou *Abraxas*, com os nomes do Deus dos Judeos, *Joa, Jehovah*, *Sabaoth* etc. A palavra *Abraxas* dá, em letras gregas, o valor de 365, isto é o numero de dias,

que o Sol emprega em o seu cyclo annual, do seguinte modo;

A.	1
B.	2
R.	100
A.	1
X.	60
A.	1
S.	200
	365

Algumas pedras ha, que conteem inscripções inintelligiveis com figuras chimericas; outras emfim teem nomes Cabalistas unidos aos symbolos de Isis, d'Osiris, d'Harpocratas etc.

Os Santos Padres, que não eram iniciados aos Myst.·. Egypcios, julgaram que as differentes seitas, que tinham estes Abraxas, eram idolatras, quando em todas, o sacerdocio foi d'acordo na adoração d'um Deus unico, debaixo dos emblemas do Sol, que servia de indicar o Sêr Supremo por excellencia: uma carta de Adriano Augusto, scripta ao seu Consul, prova tambem que o vulgo acreditava que todas estas seitas confundiam suas Divindades (1): este documento historico prova que os sectarios de *Sérapis*, de Moysés, e de Christo, honravam o symbolo de Sérapis como emblema de Deus, do qual era mister servir-se por vezes o Patriarcha em differentes Ritos.

A mistura do culto de Sérapis com o de Jesus era tão notavel no começo do Christianismo, que ninguem

(1) Vej. R. de Schio tom. 1.º pag. 315, onde esta carta vem na integra.

d'ella duvidava: pelas medalhas dos differentes gabinetes se demonstra que os Imperadores professavam indistinctamente muitos cultos, como é a do Imperador Julião, e a de Constantino Grande, nas quaes se veem gravadas Divindades pagãs: observe-se mais que a palavra Sérapis não só é composta de 7 letras, numero relativo á Astronomia, mas tambem que o symbolo de Sérapis, unido á Cruz, tem servido de allegoria a muitas religiões, e é conservado ainda hoje em muitas Ord.·. Maç.·., e Cabalistas (Est. 3.ª N.° 7). *Sérapis* presidia á saude; como Escolapio; ambos traziam uma medida sobre a cabeça: Sérapis chamava-se *Sérapis-Jupiter*: algumas vezes substituia-se a *Plutão*; e assim representava *tres pessoas distinctas*, que não eram sinão o Sol, emblema do Gr.·. Arch.·. do Univ.·.

Alem das significações, dadas á *Cruz*, pelos *Padres Egypcios*, era tambem o symbolo da *immortalidade*; e eis porque a maior parte dos seus Deoses se pintam de cruz na mão: este symbolo causou uma discussão mui curiosa, que se elevou entre os Christãos e os Pagãos do Egypto, e que prova a mistura d'estes dous cultos: Socrates diz na sua *Historia* liv. 9.° que pelo saque do Templo de Sérapis se acharam letras sagradas, que serviam para uso da linguagem sacerdotal, em figura de *Cruz*: os Christãos sustentam que esta *Cruz* pertencia a Jesus Christo; e os Pagãos que ella era commum a Jesus e Sérapis: note-se mais que o culto de Sérapis, segundo Clemente d'Alexandria, precedeu muito tempo o de Jesus Christo.

Cicero dizia tambem que de todas as allegorias, a mais celebre, a mais antiga, e a mais espalhada, era a do Sol, no solsticio d'inverno: n'estes tempos o genero humano receava ver morrer o Sol em chegando ao mais baixo logar do seu curso; o seu apparecimento era considerado

como o triunfo, que o bom principio ganhava contra o máo; triunfo, que o vulgo não conhecia sêr devido ás leis eternas da Natureza: esta idea causou os mysterios da morte e da resurreição d'Osiris, d'Anubis, de Mythras, e de todas as Divindades, que se succederam, e deram nascimento a differentes religiões e cultos.

E' mister que se persuadam que, si nos demoramos com a historia de todas as seitas Christãs, não é para nos entretermos com as disputas theologicas, hoje esquecidas; mas simplesmente para demonstrar que todas estas sociedades Christãs tinham suas instituições e dogmas particulares, e que todas se teem confundido com o dogma e Iniciação Egypcia, que em todas ha traços da Iniciação Maç.·. de hoje, e emfim que as antigas seitas Christãs seguiam todas o culto emblematico de Sol (1).

As cabeças dos 4 animaes, que symbolisam as 4 estações do anno entre os Egypcios, cobrem tambem a cabeça dos nossos 4 Evangelistas, como já dissemos: tambem vimos que os padres Egypcios, na occasião da Iniciacão, ornavam suas cabeças com um casco, que representava a cabeça d'um cão, d'um leão, d'um boi etc. conforme era o emblema de suas divindades: donde se tira que os padres christãos, apesar de seu odio á idolatria, foram obrigados a usar d'algumas ceremonias pagãs: (Est. 4.ª N.° 1, 2, 3, 4).

Concluiremos esta materia por uma consideração relativa á Maç.·.: affirma-se que a festa de *S. João* seja a festa de *Janus*, porque ella se faz pelo soliticio vernal;

(1) Vej. o *Poema* da Maç.·. por *Dumast*. cujas notas sam d'uma erudição particular, e onde se vê o systema fabuloso das divindades antigas.

é que a palavra *Joones*, tendo alguma relação com *Janua* (porta) fez crer que, nas epocas obscuras, se quiz occultar aos Iniciados de Roma, por esta substituição, os Myst.·., que professavam, e que não eram sinão os de Janus ou do Sol: sem seguir a opinião dos, que se entregaram a estas investigações, nós as damos para esclarecer as allegorias Christãs, e Maç.·.: a confusão dogmatica das religiões, Egypcia, Judaica, e Christã, tira-se tambem dos *decretos* do Senado Romano, que consideravam todos estes cultos simillhantes, como se vê em Tacito, *Ann. L. II.* Cap. 85; e *Suetonio in Tiberio.*

St.º Ireneo sustenta que os Basilidienses tinham estabelecido 365 Ceos, que eram presididos por outras tantas divindades, e que este numero era o resultado da palavra *Abraxas*, como já se vio: dizia mais que o mesmo resultado numerico se achava nas letras, que compunham o nome de Mythras, respeitado pelos Magos, quando este nome era escrito *Meitras*, como se acha em muitos *Abraxas*. E com effeito as 7 letras de *Meitras*, em grego, dam o resultado numerico do curso do Sol, do seguinte modo:

M	40
E	5
I	10
Θ	9
P	100
A	1
Σ	200
	365

Donde se vê que os Myst.·. de Mythras se confundem totalmente com os Myst.·. Christãos.

A mesma confusão se acha na *Céa* de Mythras com a de Jesus: os primeiros Christãos davam ao pão da communhão uma forma humana, hoje substituida pela impressão de Christo sobre a hostia immaculada, o que fez dizer aos detractores do Christianismo que se nutriam realmente de carne e sangue d'um menino: nas *cartas Americanas* de Pedro Martyr acha-se que a communhão está tambem em uso no Mexico: os *pães* de proposição dos Hebreos eram cozidos particularmente pelos Levitas: os padres do Sol tambem formavam uma grande estatua com a massa de milho, que depois coziam: esta grande estatua era, no fim d'uma processão, feita em pedaços e destribuida pelo Pontifice ao povo, que a comia e se julgava santificado por isso, como outr'ora se praticava na communhão de Mythras e Baccho. Esta ceremonia acha-se descripta por S. Justino; e não ousamos crêr que ella n'America fosse d'instituição Christã; Christo era desconhecido aos Americanos; é provavel que ella tirasse sua origem da ceremonia moysaica, como se pode ver no Exodo Cap. XXIX,

Sentimos que uma tal ceremonia tenha sido causa de tantas desordens e matanças da parte dos Christãos. Esta ceremonia tambem é commemorada no Gr.·. de Ros.·. Cr.·. que não tem inconveniente algum, nem tem relações com os myst.·. da Christandade, como alguem pretende pode ter vindo directamente dos Myst.·. de Mythras; porque a morte astronomica do Sol é sempre a, que alli se chora; e tambem se chora a destruição do Templo e a degradação do Universo: a ceremonia da *Cêa* mystica é mui antiga, e usou-se sempre que se conferia o Gr.·. de Perfeição na Persia e em Eleusis: na sua apotheose tambem Jupiter e Hercules receberam a communhão da mão de Hébe.

No meio de taes praticas, que eram communs aos Magos, Cabalistas, Gnosticos, etc., o dogma para todos era que Deos era *incomprehensivel*, e seu nome *ineffavel*, *innominavel*; e estabeleceram a adoração metaphorica na sua mais bella obra, no Sol, que rege o Universo visivel por leis destruidoras e conservadoras, que reproduzem, por um contraste perpetuo, a continuação dos sêres. Todos estes padres philosophos deram, na imagem do Sol, o retrato do Creador, que por suas leis fixas, era a expressão de suas vontades. Esta sciencia pura tornou-se o principio dos erros do Paganismo; e por isso se deificou Mythras, Mira, Osiris, Sérapis, Baccho, Adonis, e outros heroes. Os combates da Natureza, representados pelos symbolos do Sol, foram applicados, em consequencia de taes erros, as segundas Divindades ficticias, como o combate do dragão pelos Santos do Christianismo, e o povo n'elles tomou a ideia de sua morte e de sua resurreição. Os Iniciados foram os unicos, que se não enganaram na sua applicação, o que fez dizer a Cicero na sua *Natura Deorum liv.* 2.° « que um sentido « physico interessante estava encerrado nas fabulas appa- « rentemente impias. »

Conseguintemente é em vão que a Curia Romana pretende fazer crer que os Iniciados Egypcios adoravam as imagens, e que eram idolatras: n'aquelles tempos, como hoje, todos sabem que as antigas Divindades eram emblemas, e que *Isis* de sete mamas, cercada por uma *leôa*, por um *golfinho*, por uma *aguia*, e por uma *salamandra*, não é aos olhos, dos que sabem comprehender emblemas, sinão a Natureza mysteriosa, geradora, ligada aos planetas. Tambem todos sabem que *Isis* representa a Natureza, Divindade, cujos milagres, operados diariamente, sam cobertos d'um denso véo para os mortaes: as

mamas são a imagem da *fertilidade*, e os quatro animaes representam a *terra* pela leôa: a *agua* pelo golfinho: o *ár* pela aguia; e o *fogo* pela salamandra (Est. 3.ª, N.º 8).

A *Táboa Islaca*, na qual se julga que todos os Myst.·. Egypcios estavam consignados, offerece uma rica mina aos archeólogos, que, na reunião dos symbolos, pertendem achar a idolatria do povo, assim como a astrolatria apparente do Sacerdocio (1): A origem do systema hieroglíphico cobre-se com as trevas d'antiguidade; mas é certo que elle precedeu toda a especie de escripta: esta arte, pelo que diz a Biblia, parece ser desconhecida ainda no tempo de Moysés; porque suas leis e as de Solon, que viveo 4 seculos depois de Homero, foram gravadas sobre *materias difficeis de mover*.

A primeira escripta, com os emblemas relativos á historia e á agricultura, foi a religião astronomica e metaphysica do Sacerdocio: este facto causou differentes allegorias, que foram veneradas pelo povo, e encaixadas pelo Sacerdocio sobre o mesmo emblema. A Piramide de Psamminete, e outros monumentos, offerecem emblemas que alludem ás guerras dos antigos povos: Osiris mesmo em sua origem foi considerado como um homem illustre, associado posteriormente á Divindade pela ignorancia do povo: Diodoro, e particularmente Synesius não viram

(1) Não apresentaremos esta estampa por ser mui grande, mas os curiosos a poderão vêr no tom. 3.º de R.: de Schio; e tambem bom será lerem-se as Obras de Mr. *Denon*, *Belsoni*, e o *systema hieroglíphico de Mr. Campollion*, onde se acham explicações, que por falta d'espaço, não podemos produzir.

n'estes emblemas mais, doque uma historia fabulosa, e pensaram que Isis foi uma rainha, que Osiris foi um rei derribado do throno por Typhon, e emfim que Osiris resuscitou para trazer a edade d'ouro.

Os mesmos hierogliphos se referem á astronomia e á agricultura: duas vezes no anno os Egypcios julgavam perder-se pelos calores da primavera e pelas inundações do Nilo no outono: esta guerra, destructiva dos sêres pelos elementos, era representada pelo curso, que Isis devia fazer duas vezes no anno, indo em procura dos orgãos genitaes, que o cruel Typhon tinha tirado a Osiris seu esposo. Estas allegorias eram com effeito obscuras, mas referiam-se todavia aos Myst.·. da Natureza, e sentimos que a historia d'Ahole e d'Aholibe por *Ezechiel* Cap. XXIII, não seja susceptivel d'eguaes allegorias!!! O *Lotus*, arvore fructifera do Egypto, symbolisava o Sol e o Universo; era tambem o symbolo da reproducção dos sêres e da immortalidade: o *Arnoglosso e a Palmeira*, symbolisavam os 7 Planetas, e o apparecimento da Lua: a *Cebola*, feitiço mettido a ridiculo pelos Santos Padres, foi um dos mais celebres emblemas do Sacerdocio antigo; porque suas pelliculas offereciam outras tantas spheras, encerradas umas nas outras, como a imagem vegetativa do Universo, sempre differente, sempre o mesmo, e da qual cada envolucro representava ao todo a *unidade Divina*; o *Escravelho* se tornou imagem Divina, porque passava 6 mezes debaixo da terra; e considerou-se tambem como emblema do Sol, por sêr nascido sem soccorro de mãe; mas o povo, que não entendia a linguagem sagrada, tomou o *Escravelho* por um idolo, e lhe attribuio virtudes taes, que por ellas os devotos o traziam ao pescoço como um talisman preservativo: o *Gavião*, que se achava sobre o frontispicio de seus Templos, não era só

o symbolo da Natureza Divina, mas tambem o do Sol: *Ibis*, especie de cegonha, que devora os animaes nocivos, ara tambem o symbolo de Hermes e da Lua (1): *Phenix*, ave, que se dizia viver muitos seculos, e depois de morta renascer das suas cinzas, era emblema solar allegorico, que designava a renovação do cyclo ou periodo sothiaco de 1461 annos, de 365 dias: a *Gazella* quadrupede carnigero similhante á corça, que, antes da cheêa do Nilo, foge para o deserto, era considerada como um animal *prophetico*, tornado victima pela mystagogia Egypcia, e que deu seus cornos a Hermes-Anubis: o *Musaranho*, especie de Toupeira, que mata as aranhas', e que o povo suppunha cêgo por causa de seus pequenos olhos, era designado pelo Sacerdocio como a *incomprehensibilidade* do primeiro principio: *Osiris* é representado pelo Grande-Todo em Diodoro: *Isis* em Apuleo; *Neith* em Procopio; e *Sérapis*, cujos pés eram a *terra*, o corpo o *mar*, as orelhas o *ar*, os olhos a *luz celeste*, a cabeça o *firmamento*, tambem é considerado como o Grande-Todo por Diodoro: o *Nilo* tambem se chama o Pai de todas as Divindades, e era figurado por uma *serpente* circular: *Athir* era a *noite elementar*, que gerou os primeiros deoses, *Cneph*, *Phtas*, *Neith*, os quaes tendo entrado de novo no ventre da mãe, lá por um incesto, geraram muitas outras Divindades. Donde se vê que todos estes emblemas, que de seu principio não designavam mais, do que as forças destructivas da materia, serviram ao Sacerdocio para explicar as hypotheses metaphysicas sobre a

(1) Os Musulmanos ainda hoje não ousam matar um Ibis; os Portuguezes tambem respeitam a cegonha; mas nem uns nem outros a adoram, só a consideram como um animal bemfazejo por tirar os vermes dos campos.

origem das cousas, é para edificar um pantheismo, que depois se tornou um puro theismo, suppondo que o Ente Supremo se havia gerado a si mesmo. Eis porque se tinha em devoção o *Escravelho*, que, sendo ao mesmo tempo pae, esposo, e filho, figurava a *unidade*, e a *Trindade Egypcia.*

Alem dos *Abraxas* ja designados, as Seitas Philosophico-christãs tinham outros, que geralmente veneravam, e que não eram mais, doque o emblema do Sol. Apresentaremos mais não só porque alguns Ritos ainda d'elles usam, mas tambem para facilitar a intelligencia da nossa historia, e para provar a affinidade da Maç.·. com as sociedades philosophicas, de que temos tratado.

Vandelin pensa que a palavra *Abraxas* é composta de 7 palavras, 4 hebraiças e 3 gregas, cuja traducção é

Padre, *Filho*, *Santo Espirito*, salvação pelo lenho.

Abraxas ha que teem o nome de Moysés ou outros legisladores; o de Mr. Spon tem a inscripção *Jao, Salomon, Sabao,* e que se reffere aos numeros Cabalisticos 3, 7, 5, como se vê na *Est.* 5.ª N.º 1: o *Abraxas*, da collecção de S. E. Capello de Veneza, dá logar a muitas conjecturas, onde se vê Jesus na figura de *Phebo*, dando a luz Maç.·. a um Neophyto, como se vê na *Est.* 5.ª N.º 2. Montfaucon, em o tom. 2.º, nos fornece uma prova evidente de que os Myst.·. da Maç.·. Judaica eram enxertados sobre a Egypcia; o seu Abraxas, pelos emblemas d'uma e outra, indica sêr gravado pelo tempo do Christianismo; e

com effeito (*Est.* 5.ª *N.*° 3) n'uma face veem-se emblemas relativos á construcção do Templo de Salomão, que, unidos com os dos Magos e dos Padres do Egypto, designam o culto da Astronomia ; na segunda veem-se as ideias mysticas de Platão sobre a divindade: na primeira está gravado o Grande-Obreiro da Eternidade, o Grande Architecto, o Pae dos Gnosticos, o Creador, com uma longa cabelleira para representar as graças da Creação; e com a barba para indicar a força geradora; está collocado em uma caixa de Hermes, sobre a qual se acham numeros mysticos: a posição de seus braços em sign.·. de *Bom Pastor*; indica que a obra da Creação não é trabalho de suas mãos, mas sim de sua unica vontade: uma estola encruzada sobre o peito, signal sacerdotal dos Judeos, e dos Egypcios, e sobre a qual os Persas e os Egypcios bordavam os 12 signos do Zodiaco, lembra o imperio do Gr.·. Arch.·., sobre as Estações: uma coroa de cinco pontas, symbolo do Sol e do Deus mystico lhe cobre a cabeça ; estes cinco raios tambem se applicaram á Estrella rutilante, como emblema da Divindade: as quatro estrellas ao redor da cabeça indicam ou as quatro qualidades por excellencia attribuidas ao Gr.·. Arch.·., ou os quatro elementos, de que muito se falla nas Iniciações antigas e modernas; e o resto do seu corpo está cercado de signaes e emblemas myst.·., usados na antiga Maçonaria, Judaica, e Sacerdotal. Sobre a segunda face veem-se 9 Estrellas symbolicas; por baixo do que occupa o vertice, acha-se o *quadrado* do Mest.·. Perf.·. que encerra o *Pentagono* de Pythagoras: por baixo d'elle ha 3 estrellas, symbolo das tres antigas Ordens da Iniciaç.·.: á sua direita vê-se o Pentagono livre, que representa sempre o Creador: á sua esquerda o *Compasso* e a *Esquadria*, symbolos da Maç.·. Judaica e moderna: á direita uma *estrella* encerrada em um triangulo, symbolo do *Delta* e da

Trindade Persa, Judaica, e Egypcia, da qual emana um raio de luz: no centro uma *esfera* indicando que por meio da Astronomia é que se póde demonstrar o poder e a immensidade do Padre Eterno: por baixo d'ella está a *pedra cubica*, tendo uma estrella sobre cada uma das cinco faces vesiveis: as outras 7 *estrellas*, collocadas symetricamente, representam os 7 planetas. O *Phenix*, de que os Egypcios fizeram uma Divindade, acha-se gravado em um Abraxas na *Antiquité devoileé* tom. 2.º e tem a inscripção *H. M. A. O.*, que corresponde á palavra hebraica *Héma* (Sol) ou ás 3 gregas *Hélios*, *Méné*, *Tetagrammaton* (Sol, Lua, e por excellencia o nome de Deus em 4 estrellas): este emblema pertence tambem aos Ros.·. Cruzes, e aos Cav.·. do Sol do Rit.·. Escocez.

Agora vejamos si as representações, que a Biblia e o Apocalypse nos dá do Ente Supremo, sam preferiveis ás antecedentes:

9.

Subio fumo de seu nariz, e de sua boca fogo, que consumia: carvões se accenderam d'elle (1).

4.

E houve resplandor como o da luz, tinha cornos em sua mão: e alli sua força estava escondida.

---

(1) Psal. de David *Cap. XVIII.* ℣. 9.

8.

A peste ia diante de seu rosto, e a brasa de fogo passava perante seus pés (1).

13.

E no meio dos 7 castiçaes um similhante ao filho do homem, vestido athe aos pés d'um vestido comprido, e pelos peitos cingido com um cinto de ouro.

14.

E sua cabeça e seus cabellos eram brancos como a lãa branca, como a neve; e seus olhos como flamma de fogo:

15.

E seus pés similhantes a latão reluzente, e ardentes como em fornalha; e sua vóz como vóz de muitas aguas.

16.

E em sua mão direita tinha sete estrellas; e de sua boca sahia uma espada aguda de dous fios; e seu rosto era como o Sol, quando em sua força resplandece.

---

(1) Prof. do Propheta Habacuc. *Cap. III.* ℣. 4—5.

17.

E quando eu o vi, cahi a seus pés como morto: e elle pôz sobre mim sua mão direita, dizendo-me. « não temas. Eu sou « o primeiro e o derradeiro » (1).

Comparando estas narrações com os symbolos dos Abraxas descriptos, achar-se-ha que a representação do Ente Supremo por estes, é muito mais nobre, que a dos Hebreos e primeiros Christãos, que o representam como um Ente destruidor.

O Abraxas, que nós démos na Estª 2.ª N.º 1, que tambem é de Montfaucon, tem d'um lado a figura do Eterno, Pae dos Gnosticos, com 8 estrellas: e no outro lado o mesmo Eterno Creador, que está coroado de 5 pontas relativas ao Pentagono, tendo duas estrellas ao lado para explicar os dous principios: ha no fundo uma esfera armillar, sobre a qual se apoiam quatro figuras, que representam os quatro elementos, das quaes duas, tendo azas, representam o *ar* e o *fogo*: e as outras, que não as teem, representam a *terra* e a *agua*: á direita vê-se a *pedra cubica* e á esquerda a *esquadria*.

Outros Abraxas ha, que, para representarem ou as quatro virtudes por excellencia ou os quatro elementos, se gravaram com a figura dos 4 anjos, que cercavam o throno da divindade e eram: *Miguel*, *Gabriel*, *Uriel*, e *Ra-*

---

(1) Apocalyp. *Cap. I.* ℣. 13 — 17.

phael, aos quaes se attribuiam tambem virtudes especiaes: de modo que as abstracções Judaicas andavam sempre unidas á philosophia de Platão. Todos estes monumentos curiosos servem para levantar o véo, que a historia d'aquelles tempos não tinha podido rasgar, e nos mostram o engano, em que estavam os authores antigos, que, athe ao seculo XVII, consideravam estes signaes como se fossem signaes da *Magia negra*.

A *Esquadria* sempre se achou em monumentos sagrados do Egypto: a primeira das duas pedras de Mr. Spor (Est. 5.ª N.° 4 e 5) representa um *Osiris-Apis* sobre a flor do *Lotus*, tendo a cabeça de leão: e o sol na constellação de Tauro: em uma das mãos sustenta a Lua e na outra a *Esquadria*; e os passaros, que o cercam, sam o emblema do *ar*: a segunda representa *Harpocrates*, que está sentado sobre o pescoço d'um burro, que tem a cabeça para baixo; e tem na direita uma *Esquadria*.

Um Abraxas perfeitamente Maç.·. é o da Collecção de *Capello* (Est. 5.ª N.° 6) que apresenta um busto de homem; tem a cabeça de gallo, symbolo do Sol, e author de toda a vitalidade: as serpentes, em logar, de pernas, symbolisam o bom e o máo principio; na sua direita tem um azurrague, como Phebo quando guia seus cavallos: na esquerda um escudo, cercado por uma coroa de loureiro, arvore consagrada a Jupiter, e no centro do qual se lê *Jio*, que corresponde ao Jehovah dos Hebreos. Mas o que surprehenderá os II.·. do 3.° Gr.·. é a sua inscripção, que se reffere ao Myst.·. Maç.·. da Palav.·. Perd.·., que diz: *Dai-me a graça e a victoria, porque eu pronuncio vosso nome occulto e ineffavel*. Eis a Maçonaria pura, que se pratica ha 17 ou 18 seculos.

A figura, (Est. 5.ª N.º 7) tirada da Montfaucon, apresenta-nos um Abraxas muito interessante: dos ramos, que, pelas folhas, parecem ser da Acacia, se acham pendentes 3 cabeças com a mesma legenda *Jao*. Este Abraxas prova que os Iniciados antigos tinham outros assassinios a vingar, e que não eram os dos Templarios.

Outro Abraxas, que merece a consideração dos nossos criticos, e que Montfaucon diz ter-lhe sido enviado da Italia, é o da Est. 5.ª N.º 8: representa d'um lado a cabeça d'Alexandre, coberta por uma pelle de leão e com a inscripção, parte latina e parte grega, *d'Alexandre*: no inverso vê-se uma burra e um jumentinho, que mama: por cima d'ella um escorpião, signo do Zodiaco: ao redor lê-se a inscripção *Dominus noster Jesus Christus Dei filius*: mas que pensaremos d'este monumento? Seria para negar a divindade de Jesus, e para o designar como máo principio? A historia d'Occhus, Rei da Persia, nos diz que este Rei dominára o Egypto, e que, sabendo que o povo lhe chamava *burro*, lhe destruio o seu Deus Apis, e ordenou que venerassem em seu logar o *burro*, considerado como emblema do máo principio: *Bagoas*, seu Eunucho, e Padre Egypcio, indignado pela injuria que Occhus fez á sua Nação, o matou, deitando sua carne aos gatos, a fim de que um animal, consagrado a Isis, vingasse a injuria feita á mesma Divindade.

Alem d'isto muitos outros Abraxas provam a opinião pouco favoravel, que muitas seitas tinham da divindade de Jesus. O *Escorpião* achava-se em differentes monumentos, e os antigos Mythologos o consideram sempre como um symbolo de morte e de destruição: na primeira Estampa da Obra de Mr. Lenoir, sobre a *Maç.·.* acha-se um quadro, que representa Mythras, imagem do Deus Sol, em

habito sacerdotal sacrificando um touro, e durante este sacrificio o *Escorpião* está prestes a devorar as partes genitaes do touro, o que representa a allegoria da má estação, que destruio todo o germen de geração: no Egypto, na Persia, e na India as partes da geração eram sagradas e como taes veneradas; donde se segue que o Escorpião assim como o Typhon deviam ser tractados com despreso.

Note-se mais que S. Jeronimo, em uma carta a Theodoro, diz que um sectario de Basilidio se dava á Magia para seduzir os fracos, debaixo do pretexto de os fazer entrar no conhecimento dos Myst.·. os mais profundos da sua doutrina; e que esta curiosidade tinha sido d'um grande attractivo na França e Hespanha. *O tumulo* do *Childerico*, Rei dos Francos, morto em 464 e descoberto em 1653, serve a corroborar a opinião de S. Jeronimo, de que os Iniciados de Basilidio se tinham espalhado na Europa, e que os Myst.·. dos primeiros Christãos, unidos aos Egypcios (que nós chamamos Maç.·.) alli acharam adeptos na alta classe da Galia, onde os Padres Druidas procuravam perpetuar a ignorancia e conservar o poder sobre seus sectarios. Vial Castel diz ter achado n'este tumulo um *annel*, uma *cabeça de boi*, uma *espada*, uma *penna*, e pequenas figuras que pareciam *abelhas*, uma *fivela*, e duas medalhas ovaes representando o *escravelho*, e a *rãa*. A *cabeça de boi* podia ter sido o emblema do Deus Apis, e ter servido na Iniciação d'este Rei, como outr'ora usavam os Padres Egypcios, Persas, e athe os Evangelistas: a espada podia ter sido a do sacrificador: a fivela devia ter servido para apertar a cinta arrendada aos Iniciados dos altos graus: o escravelho e a rãa deviam ser os emblemas da Divindade e da Agua, como dous principios da fecundação universal: as cruzes que estavam sobre as faces lateraes, achavam-se

tambem nos monumentos de 800 annos antes da era Christã, e designavam a *immortalidade* (1).

Por estes emblemas, que se acharam no tumulo de Childerico se pode concluir que elle tinha sido iniciado aos Myst.·. e doutrinas Judaico-Christãs, e que o culto Egypcio foi introduzido na França em tempos mui remotos. Em uma escavação perto d'uma ribeira de França acharam-se, em 1827, dous idolos Egypcios com as cabeças de *Aries* e cornos *d'Ammon*, como publicou o *Courrier des Pays Bas* em 16 e 17 d'Agosto do mesmo anno.

CAPITULO II.

MISTURA D'ALGUNS EMBLEMAS CHRISTÃOS E MAÇONICOS.

Os primeiros Christãos, que se achavam confundidos com os Gregos e Romanos, tinham adoptado, para signal de reconhecimento, e para sello de sua correspondencia, ora anneis, em que estava gravado o monogramma de Jesus, *J. N. R. J.*, ora alguns dos symbolos, *Cordeiro*, *Pomba*, *Pelicano*, *Phenix*, *Peixe*, *Ancora*, *Lyra*, *Serpente* com cruz ou sem ella, *Cruz* de 3 braços, *Cruz* com *Rosa*, *Barquinha*, ou emfim duas *Chaves em cruz*: mas como estes emblemas, que se acham em differentes Rit.·. Maç.·.,

(1) A *Rãa* vê-se na mão de muitas divindades da China, e provavelmente d'aqui passou para o Egypto. Tambem a *cinta arrendada* parece ter passado do Egypto para a Judéa, como se vê no Exodo Cap. XXIX ỷ. 9.

teem sido sabiamente explicados por muitos authores, nós só lhes acrecentaremos algumas explicações.

A *Serpente* entre os Egypcios, alem do, que já dissemos a seu respeito, symbolisava a *revolução* do tempo, quando tinha a sua cauda entre os dentes: tambem era o symbolo do *anno*; porque todos os annos despia a pelle; e finalmente era o symbolo da *saude*, porque a decocção da cobra e principalmente a da *vibora*, era considerada como muito util para curar as inflammações tuberculosas da pelle, molestias então mui frequentes no Egypto e na Palistina. (1).

A *Cruz*, que causou tanta disputa entre os Pagãos e Christãos, e que embaraçou muito os antiquarios, não é outra cousa, segundo R. de Schio, sinão o *priepi phal* (medida d'elevação), palavras Egypcias, das quaes depois se fez *Phallus* e *Priapo*: os Egypcios tinham observado em Memphis que, si a elevação das aguas do Nilo chegava a 16 *cubitos* (medida desde o cotovelo athe á ponta do dedo medio) a colheita dos fructos era mui abundante; que, si ella subia a 14, a colheita era menor; e quando subia á 18, então havia escacez de fructos: e, para que o povo soubesse taes resultados, fixou-se perpendicularmente em muitos sitios do Nilo, uma *barra* de ferro, marcada por outras *barras* mais pequenas, formando angulos rectos com a primeira, que designavam as tres divisões mencionadas, e em forma de *Cruz*, sendo todavia a do centro a maior; e assim se chamava *phal*, *dephal*, *triphal* conforme a *Cruz* tinha um, dous, ou

---

(1) A *Theriaga*, composição pharmaceutica e monstruosa, em que entra a carne da *vibora*, ainda hoje é usada em muitos povos da Europa!!!,

tres braços: este mesmo emblema ainda hoje se encontra em muitas Igrejas dos Christãos: mas sabe-se geralmente que *Phallus* é a imagem obscena de *Priapo*, em honra de quem os antigos fizeram festas e processões; e que athe mesmo em Roma se representou *Phallus* com cabeça humana, tendo cornos e orelhas de bóde, para designar a *fecundidade*; e assim uma barra, e uma ceremonia, que no seu principio era util e decente, se tornou, pelo andar dos tempos e pela ignorancia dos povos, um idolo escandaloso.

A *Cruz*, que hoje faz parte dos mysterios Christãos, foi tambem entre os Égypcios o hieroglipho, que representava a *immortalidade*, o que é provado por Cedrenus, Socrates, e Sozomeno: algumas vezes designava tambem o signal da paixão para chegar á immortalidade, e por isso Osiris era figurado sobre uma immensa cruz, formada pela intersecção do meridiano e do equador. Esta Divindade nos Myst.·. da Phrigia era suspendida a uma *arvore cruciforme*, que depois se partia, e se distribuia, como um talisman, que era equivalente á *salvação pelo lenho*, qne nós já achamos anteriormente em um dos Abraxas: e *Jovet* conta uma tradição, pela qual a *Acacia* era considerada, entre os Cruzados, como a arvore, de que a Cruz de Christo havia sido feita. Esta Cruz, tão venerada pelos Egypcios e os primeiros Christãos, tambem se acha frequentemente em monumentos antigos, na *Taboa Isiaca*, nas Pyramides, e em muitos obeliscos.

O emblema da Cruz figura tambem em muitos Ritos Maçonicos, e serve de decoro ás suas mais eminentes Ordens; mas algumas vezes se lhe ajunta uma *Rosa*: Gheber, Raymond, Bacon, e muitos outros, sam d'opinião que a *Rosa* é o emblema do *Segredo*: ora si a Rosa é

com effeito o emblema do segredo, a ninguem podem surprehender as quatro Rosas que se acham nas quatro facies da *Taboa Isiaca*: os Hierophantos Egypcios quizeram com ellas fazer entender a seus Iniciados que tudo aquillo, que n'ella se achava escripto figurativamente, era divino, mysterioso, e secreto: e de taes documentos tambem resulta que, quando se vê *uma Rosa em cima d'uma Cruz*, estes dous symbolos unidos darão d'um modo mui simples o resultado escripto *Segredo da immortalidade*; porque a idea de uma vida futura, nascida nos santuarios de Thebas e Eleusis, se conservou no seio dos Myst.·., e o Pontifice nunca a communicava sinão aos Adeptos, que eram dignos: e era preciso um juizo superior, não ao alcance dos ignorantes, para sentir que a morte não pode, nem deve nunca apagar o *merito*, o *genio*, e a *virtude* (1).

Tambem com a Cruz costumam andar juntos o Pelicano, e a Aguia: *Pelicano* é uma ave aquatica e maior que o Cysne, a qual, segundo os antigos, alimentava os filhos com o sangue, que tirava do peito, ferindo-se: e eis porque entre os primeiros Christãos e os Maç.·. de hoje, o Pelicano é o emblema da *Caridade* e da *beneficencia*: a *Aguia*, é uma ave de rapina, e nome d'uma constellação consagrada a Jupiter, que servio d'insignia aos antigos Romanos na guerra, e nos estandartes d'algumas Nações modernas, que, pela sua perspicacia, é o emblema da *Sabedoria*: estas duas decorações trazem

---

(1) Os AA. que pretendem fazer acreditar que a Ord.·. dos Ros.·. Cruz.·. é recente, se acharão contrariados com as observações expendidas: athe ha adagios que provam *que a Rosa é o emblema do segrdo* (Est. 6.ª, N.º 1).

á lembrança que o fim da instituição Maçonica *é a Sabedoria* junta á mais perfeita *Caridade.* (Est. 6.ª, N.º 2 e 3).

A *Est.* 6.ª, *N.º* 4 é um diploma, que ainda hoje se dá aos Iniciados em uma das Igrejas de Bruxellas, pela occasião da primeira communhão: estes mesmos symbolos sam os, que se acham tambem nos diplomas Maç.·. e Carbonarios, pertencentes aos altos Gr.·., e onde se recommendam as tres virtudes do nosso Divino Mestre — *Fé, Esperança, e Caridade.* Donde resulta que os emblemas Christãos se conservam tambem nas differentes Ordens Maçonicas; e que a sua reunião prova evidentemente a liga da antiga lei com a moderna, ou a do Antigo e Novo testamento.

Quanto á doutrina da *Resurreição* parece haver a mesma mistura: um dos principaes dogmas, de que se serviram os Judeos-Christãos, os Carpocracianos, os Cabalistas etc. depois da destruição de Jerusalem, foi o d'*Adonis* com o mysterio da *resurreição,* que nós já vimos estabelecido pelo tempo d'Elyseo: os Hierophantes Egypcios, Phenicios, e Gregos, tomaram sempre as allegorias da *resurreição* pela renovação do vigor do Sol no equinoxio da primavera: os Phenicios, depois de terem chorado e soffrido jejuns e macerações pela morte do deus Adonis, enchiam-se de extraordinaria alegria pelas festas que se seguiam á sua resurreição: estas festas eram celebradas no terceiro dia depois da Lua chêa de Março: os primeiros Christãos adoptaram esta festa em logar da antiga *Paschoa* Judaica, que era celebrada no dia 14 do mesmo mez; e não foi sinão dous seculos depois do estabelecimento do Christianismo que a *Paschoa* Christã se passou para o domingo seguinte.

Estas festas e estes mysterios tinham por fim, na sua origem, lembrar as tres verdades Egypcias, ensinadas aos neophytos na historia de *Osiris, que resuscita e triumfa das trevas e do máo principio*: isto mesmo se repetia na Persia pela morte e resurreição de *Mythra*; na Phenicia e na Grecia, pela morte e resurreição d'*Adonis*; e posteriormente nas provincias limitrophes da Judéa, pelos Judeos, e em particular por S. Paulo na morte e *resurreição de Jesus*, triunfante das *trevas*, de *Satanaz*, do *máo principio*, e da *morte*, trazendo ao mundo a *luz* (Actos dos Apost. Cap. XXVI).

Os Egypcios, que se oppunham ao dogma do Deus mortal, representavam Deus immortal por uma *Serpente*, a que chamavam *Cneph*, que deitava pela boca um ovo, symbolo do mundo que elle tinha produzido: mas o dogma dos dous principios e de Deus, conforme ao de Zoroastro, estava já espalhado na Italia no tempo dos Romanos: a *Est.* 6.ª, *N.*° 5 mostra um ovo no meio de duas serpentes, uma das quaes o quer tirar á outra: o ovo representa o Deus immortal, e as duas serpentes, que o disputam, representam o bom e o máo principio, a luz e as trevas: tal é a opinião de Montfaucon, tom. 2.°

Os criticos pretendem que os Trinitarios, que vieram depois, fundaram a dita doutrina Egipcia nas seguintes palavras: « *Acreditamos na resurreição da carne* »; o que, segundo elles, quer dizer: *acreditamos na destruição e regeneração dos séres, na causa primeira, e nos dous principios luz e trevas, ou bem e mal physico.* D'onde concluem que as religiões apresentam todas o mesmo systema, reduzindo-se ao culto da natureza.

Emquanto os Judeos, que tinham aprendido o dogma

da Trindade entre os Gregos, Persas, Romanos, e Egypcios, se occupavam em propagar a sua doutrina, as revoluções politicas prepararam tambem a quéda dos Imperios, e lançaram a Europa nas guerras civis e no despotismo: n'esta desordem geral, o novo culto Trinitario tornou-se dominante em toda a Europa: mas tres seculos depois da sua origem, na epoca da Barbaria, e na Persiá mesmo, d'onde tinham sahido tantos dogmas, appareceu um philosopho, *Manés* (e não Ménés) que pretendeu chamar o espirito humano desordenado ao culto do Deus unico, reunindo a religião de Zoroastro á pura doutrina de Jesus Christo.

E com effeito, *Hesman*, discipulo de Manés, propagou seu dogma no Egypto, onde os Padres Coptos e os outros Christãos o seguiram: e parece que depois d'esse tempo os Christãos indistinctamente, conservando seus antigos myst.·. estabeleceram com elle alguns hierogliphos, a que ligaram allegorias mysticas, taes foram.

A *Estrella*, que indica os Reis Magos, ou os primeiros sabios, que publicaram a doutrina de Jesus, tendo sido guiados pela luz da razão em busca da *verdade* (Est. 3.ª N.º 4).

A *Acacia*, arvore commum na Palestina, e que figura no Gr.·. de Mest.·. Perf.·., lembra a Cruz, em que o Divino Mest.·. acabou a vida: este ramo symbolico (repetimos) é o *Lothus* dos Myst.·. Egypcios, o *Myrtho* d'Eleusis, o *Gui* dos Druidas, o *Ramo d'Ouro* de Virgilio, e a *Canna d'Ouro* do Apocalypse (1).

(1) Os Estandartes da antiga armada Luzitana apresentavam tambem este mesmo emblema, como se pode ver em Camões liv. 7.º Estancia 77 e 78; e no liv. 8.º Est. 1.ª,—5.ª

O Triple Triangulo, (Est. 4.ª N.º 5) lembra a gloria do Eterno, e é composto de tres unidades eguaes, que formam a Trindade, base dos Myst.·. Egypcios, *geração*, *destruição*, e *regeneração*, que para o povo ignorante se representam nas tres pessoas Isis, Osiris, e Orus, e no Padre, Filho, e Espirito Santo de alguns Christãos, afim de terem uma idea allegorica das tres verdades e do Grande Jehovah:

A Esquadria e o Compasso unidos, tornando os homens eguaes por seus preceitos, trazem á lembrança a liga da Lei de Moysés com a de Jesus:

O *Altar dos Sacrificios*, que estes Christãos ajuntáram aos altares dos *pães* e dos *perfumes*, lembra o fim tragico de Jesus.

O Mar de Bronze, alem da representação dos 12 Patriarchas, designa pelos seus 12 Novilhos, os 12 Apostolos de Jesus, que triunfaram dos obstaculos, que encontraram as suas maximas liberaes.

O Livro da Verdadeira Luz, além da Lei dos Prophetas, ficou representando o Evangelho e o Apocalypse, escriptos mysteriosos, que se pretende terem a doutrina completa dos Maçons, e que os antigos Hierophantos não deixavam lêr sinão aos Iniciados das altas Ord.·., o que era designado pelos 7 sellos, que se refferem ás sciencias, aos 7 Gr.·. theosophicos, e aos 7 sacramentos dos Christãos (Est. 2.ª, N.º 2) (1).

---

(1) O Novo Rito Francez, adoptando sómente 7 Gr.·., parece querer conformar-se com a mesma allegoria.

A Arte Maçonica, representada pela *Est.* 6.ª *N.*º 6, alem da allegoria do Templo de Salomão, serve para indicar a necessidade do trabalho, imposto aos Iniciados, na construcção do templo da Sabedoria e da Amizade. Mas todos estes emblemas Maç.·. multiplicados fizeram quasi esquecer o ensino da Iniciação Egypcia e Christã, que athe perdeu, por assim dizer, seu nome: *Dumast*, no seu *Poema Maç.·.*, julga que estas mudanças aconteceram do sexto athe ao decimo seculo.

As Columnas quebradas do Templo etc. Em uma Ordem elevada, e em differentes Rit.·. Maç.·., durante a recepção, os signaes symbolicos sam: *columnas quebradas um véo roto; a pedra cubica lançada por terra e coberta de manchas de Sangue*; *os acolitos* teem na mão uma *Canna*, e depois da *Céa* mystica queimam as 4 letras *J.·. N.·. R.·. J.·.* que fazem a base dos myst.·. d'este mesmo Gr.·..

J.·. N.·. R.·. J.·. Estas 4 letras, das quaes as primeiras designam *Cidades*, e as ultimas nomes de *homens*, teem dado logar a muitas interpretações: os Christãos formaram d'estas letras o seguinte aphorismo:

Jesus Nazarenus Rex Judæorum.

Os Philosopos Hermeticos, e os antigos Ros.·. Cruz.·., fizeram tres:

Igne natura regenerando integrat.
Igne natura renovatur integra.
Igne nitrum roris invenitur.

Outros, empregando os signaes hebraicos dizem;

Iammim (maria) *Nur* (ignis) *Ruahh* (ventus) *Iabescheh* (terra)

Os Philosophos modernos dizem o seguinte:

Indefesso Nisu Repellamus Ignorantiam.

E finalmente os Jesuitas que tambem dividem a sua seita em *pequenos* e *grandes myst.·.* explicam-as do seguinte modo:

Justum necare reges impios:

E entendem por *impios* todos os reis, que não sam Catholicos!!!

O Abbade Baruel e outros inimigos da Maç.·. julgam vêr no ceremonial d'este Gr.·. a allegoria de *Manés*, e affirmam que os instituidores d'esta Ord.·. quizeram mostrar que os perseguidores de Manés tinham espalhado as *trevas*, a *ignorancia*, e a *desordem* sobre a terra, e que haviam feito queimar e desapparecer a santa doutrina de Jesus, que *Manés* tinha unido á de Zoroastro. E com effeito muitos historiadores contam os esforços que, depois da morte de Manés, os novos Trinitarios Christãos fizeram pelo tempo e depois de Constantino-o-Grande, para destruir o dogma de Zoroastro, reformado por *Manés*, sobre a unidade de Deus e seus dous principios, que é a *Religião dos Filhos da Viuva.*

CAPITULO III.

MANÉS E OS MANICHEOS.

Quando a barbarie era geral na Europa e a religião dominante era o culto Trinitario, appareceu na Persia um homem celebre, e reformador, chamado *Manés*; (que se não deve confundir como Ménés) e como os Abbades Luçagni, Barruel, e outros o consideram Pae da Maç.·. Moderna, traçaremos em resumo a sua historia.

Manés viveu pelo tempo de Sophores, rei da Persia, e pretendeu fazer reviver em toda a sua pureza os Myst.·. de Zoroastro, unidos á doutrina de Jesus Christo. A doutrina de Manés era com effeito liberal quando reinava na Europa a superstição e o despotismo; e então facil é de crêr que os, que professavam principios demagogicos, ou uma religião despida de fantasmas, deviam sêr perseguidos; e na realidade assim succedeu porque os Manicheos, seus discipulos, foram perseguidos sem piedade por todos os despotas e pelos padres de Roma, depois do 4.º seculo, e depois da sua apparição (1). S. Agostinho o Africano, educado nos Myst.·. de Zoroastro, adaptados á doutri-

(1) Note se que os signaes Gnosticos, usados por todos os antigos liberaes, foram os dos Manicheos, como depois o foram tambem pelos independentes da Inglaterra no tempo de Cromwel, dos Americanos, e ultimamente dos Francezes.

ne de Jesus, foi um dos mais encarniçados inimigos da doutrina de Manés, conhecida pelo nome de *Religião dos Filhos da Viuva*; e dá-se por causa d'este odio contra Manés, e do zelo de S. Agostinho pela religião Trinitaria Christã, o sentimento que este experimentou de não ter sido admittido nos Myst.·. de Manés sinão ao 1.° Gr.·. e á Ord.·. de crente. Os Magos, que lhe tinham reconhecido um espirito ambicioso e inquieto, lhe haviam recusado os Gr.·. superiores, apezar de ter tido nove annos de postulado. Estes factos sam confirmados por Fleury, Baronius, e mesmo por S. Agostinho nas suas *Confissões*; no seu *Sermão* 98 e na *Epistola* 137.

Manés não teve outra herança de seu pae, sinão a honra d'admissão aos Myst.·. de *Mythras*. A Viuva de Syctien (que tinha sido tambem Mago) mulher devota e sem filhos, possuindo uma grande fortuna, e conhecendo os talentos e as boas disposições de Manés, lhe propoz adopta-lo por filho. Primeiramente Manés recusou suas offertas; mas incitado por seus amigos as aceitou depois. Foi em consequencia d'esta adopção que elle quiz lhe chamassem *Filho da Viuva*; e como os que seguiam suas doutrinas, pelo segundo artigo dos Estatutos de Zoroastro, eram todos irmãos, tambem os discipulos de Manés se chamavam *Filhos da Viuva*.

A moral da reforma religiosa de Zoroastro adaptada á doutrina de Jesus por Manés, lhe trouxe um grande numero de discipulos: mas os de mais nomeada foram *Addas*, *Hesman*, e *Thomaz*, que obtiveram d'elle a permissão de levar por toda a parte sua moral e doutrina. *Addas* foi para a Judéa, e reduzio á sua doutrina os poucos Judeos, que alli se achavam depois da destruição de Jerusalem, e que seguiam as doutrinas de Moysés refor-

madas por Jesus: *Hesman* foi para o Egypto, onde os Padres Coptos, que tinham adoptado a doutrina dos Judeos Christãos estabelecidos na Alexandria, receberam os principios de Manés; que não eram sinão os dos Egypcios, adoptados por Moysés; e ordenados por Jesus: e *Thomaz* finalmente foi para a Babylonia, e reduzio á santa doutrina os *Padres* de *Balaham*, que, segundo Herodoto, eram de depravados costumes. Todos tres coroaram seu apostolado com o mais brilhante resultado.

O numero dos discipulos de Manés augmentava todos os dias, e por toda a parte, mas principalmente na Persia, e na Mesopotamia; onde Manés tinha estabelecido residencia e o seu professorado. Mas a sua sciencia, sua virtude, e sua nomeada, lhe trouxeram muitos inimigos; a inveja, o odio, e o fanatismo aguçaram a espada, que o devia ferir; os Magos dissidentes, ignorando a arte liberal, que Manés ensinava, o consideraram como um intruso; e, invejosos do seu credito, juraram e causaram a sua perda. Um accidente desgraçado os fez triunfar, o qual foi: estando mui doente o unico filho de Sophores, os Magos dissidentes persuadiram elrei de que Manés era o unico capaz de curar seu filho, apezar de que mui bem conheciam que a cura era impossivel. A Medicina era então professada pelo Sacerdocio, e entre os Israelitas os padres eram tambem medicos, como se pode vêr no *Levitico* Cap. XIII.; em *S. Lucas* Cap. XVII; em *Plinio Historia Natural* XVI, e XXIV; em *Herodoto* II; e em Diedoro I. (1).

(1) E eis a razão, porque os seus representantes, os pastores da Igreja Romana, se chamaram *Curas*, do latim *curare*: oxalá os Curas de hoje em vez de lembrarem o inferno e o diabo aos moribundos, antes seguissem o exemplo dos seus antecessores....

Segundo este antigo uso, Sophoris fez chamar Manés, que, tendo examinado o Principe, descobrio que sua constituição estava deteriorada pelos remedios, que lhe haviam dado; todavia, por não fazer mal aos, que o tinham tratado, disse a elrei que o unico meio de curar seu filho, o que não asseverava, era de lhe não dar mais remedios; porque a natureza, na edade infantil, tinha mais poder que os soccorros da Arte. Elrei seguio seu conselho e encarregou Manés de vigiar pela preciosa vida do Principe, mas a natureza do mal era tal, que, apezar de seus cuidados, o Principe expirou em seus braços.

Depois d'esta desgraça, Manés, decaido do favor real, deixou a corte e tornou para Mesopotamia; mas seus inimigos, tramando na sua ausencia, fizeram um relatorio ao rei, em que denunciavam Manés como assassino de seu filho; persuadiram-lhe que este se teria curado, si Manés não afastasse os outros Magos; e que elle tinha deixado morrer o filho com a esperança do subir ao throno depois da morte do pae etc. etc.

Elrei acreditou todas estas calumnias; fêz instaurar secretamente um processo contra Manés; e depois o condemnou á morte pelo crime de contumacia. Manés homisiou-se por alguns tempos athe que foi preso e morto por maneira nova e cruel. Elrei ordenou que Manés fosse esfolado vivo com palhetas de *cannas*; que sua pelle, chea do palha, fosse suspendida na porta mais frequentada da cidade; e emfim que a sua carne fosse lançada em um monturo para sêr davorada pelos cães! Tal foi o fim d'um homem sabio e justo!!!

Esta desgraça, tendo-se tornado publica, 12 de seus discipulos formaram um apostolado; e, espalhados por

toda a terra, levaram seu dogma, seus Myst.·., e sua doutrina por todo o Universo: a sua Luz se espalhou como um raio pela Asia, Africa, e pela Europa, como se vê em *Baronius*, *Fleury*, e *Bayle*.

CAPITULO IV.

CONSTANTINO E A PRIMITIVA IGREJA.

É um facto, notado por Mr. Lenoir, que Constantino, cheio de crimes e perjurios, se apresentára aos *Padres Pagãos* para sêr absolvido; e que estes lhe responderam que não havia expiação sufficiente para seus crimes, e que nenhuma religião tinha soccorros assás fortes para desarmar a justiça dos Ceos, que tanto havia ultrajado: mas um lisongeiro do palacio, testimunhando o pezar de Constantino, lhe declarou que os Christãos, partidarios de seu pae e zelosos vassallos, tinham purificações mais poderosas, que os Pagãos, e que seu mal entre elles ainda tinha remedio: asssim tudo succedeu; Constantino foi absolvido, e se tornou protector da seita Christã: é assim que de pequenas causas nascem grandes effeitos; e eis porque Bysancio se tornou séde do imperio Romano, e que Roma e Italia cahiram nas mãos do Sacerdocio. Constantino fez-se baptisar por *Eusebio*, Bispo de Nicomedia, e reassumio o titulo de *Grande-Pontifice* dos Romanos.

Os primeiros Christãos, que haviam chegado pobres á Judéa e á França, tornaram-se, com o commercio que então exerciam, assás ricos para emprestarem dinheiros

a Constantino-o-Pallido; qué se diz pae de Constantino-o-Grande, com que subio ao throno dos Cezares e aplanou o caminho para seu filho: mas é erro acreditar que elle fosse addido aos Christãos orthodoxos; porque desapprovou sempre as disputas que estes tinham com os Gregos sobre a *substancia* do *Verbo*. Estas disputas foram as, que occasionaram o Concilio de Nicea, que foi presidido por Constantino, no qual umas vezes tomou o partido d'Ario, outras o d'Athanasio, elle por fim desterrou ambos.

A grande questão d'este celebre Concilio ainda hoje parece não terminada; porque os Christãos ainda se acham divididos a respeito da divindade de Jesus Christo. Os Arianos, que figuraram 300 annos depois da éra Christã, appoiaram-se no Evangelho de S. João, que se pretende ter estabelecido a divindade de Jesus; para a negarem: seus argumentos eram baseados no Cap. XVII. ℣. 3; Cap. XX. ℣. 17; e Cap. XIV. ℣. 28. Alem d'isso alguns authores negam que o Evangelho de S. João fosse escripto por elle; porque no Cap. XXI. ℣. 24, diz-se:

> *Este é aquelle discipulo João, que dá testimunho d'estas cousas, e que as escreveu: e nós sabemos que é verdadeiro o seu testimunho.*

D'este versiculo os incredulos tiram que este Evangelho não era mais, doque uma tradição que appareceu depois de S. João, e que o berço da primitiva Igreja é cercado de trevas que se não podem dissipar. Todas estas contradicções deviam extinguir-se no Concilio de Nicea, que estabeleceu os 4 Evangelhos Canonicos do seguinte

modo (1): « Os Santos Padres do Concilio, illuminados « pelo *Espirito Santo*, collocaram promiscuamente sobre « um altar, todos os Evangelhos então conhecidos: sup- « plicaram ardentemente ao Senhor Deus para que se di- « gnasse de fazer-lhe vêr quaes eram os Evangelhos ins- « pirados pelo Espirito Santo: depois da supplica, de re- « pente succede um milagre; os Evangelhos, que Jelasio « devia fazer queimar cahem abaixo do throno, ficando 4 « em cima, que se declararam canonicos, e que sam segui- « dos hoje pela generalidade dos Christãos. Este Concilio « devia terminar-se por outro milagre ainda maior: ha- « via-se convencionado que, para a validade do Concilio, « todos os Santos Padres asssignassem seus actos: mas, « tendo morrido, durante o Concilio dous Bispos, *Musa- « nius*, e *Chrissantes*, sem que podessem ter assignado os « refferidos actos, estes foram collocados sobre seus tu- « mulos, e na madrugada seguinte appareceram assigna- « dos pelos dous mortos, tendo os outros collegas passado « a noite em oração (2). »

O Christianismo, d'esde o seu principio athe ao 6.° seculo, diz R. de Schio, não foi assignalado, sinão por disputas theologicas, em opposição umas com outras, ape- sar da simplicidade de seus dogmas, que se encontram nos *Actos dos Apostolos; S. Paulo* aos Colossenses, *Cap.*

---

(1) Note-se que os Santos Padres, que escreveram antes d'este Concilio nunca se refferiram aos 4 Evange- lhos Canonicos, mas sim a todos aquelles, que o mesmo Concilio declarou apocryphos, e que eram anteriores aos 4 Canonicos.

(2) Esta historia que é geralmente pouco conheci- da, acha-se em R. de Schio tom. 1.° pag. 384.

II. ỹ. 4-8; e *Thimotheo Cap. I. e II.* Jesus nada escreveu, ignora-se a razão. Sua moral acha-se no *Novo Testamento*, que se diz escripto por seus discipulos. Todas estas incertezas desgraçadamente fizeram collocar a religião Christã na mesma ordem que as seitas philosophicas em vigor; e estas disputas, ácerca dos dogmas, lhes pareciam como theses escolasticas, onde não se occupavam sinão nos preceitos de Jesus, na adoração de Deus, no amor ao proximo, e na pratica da Caridade.

A grande nomeada que Constantino adquirio com o tempo, pois que foi collocado entre os bemaventurados, não proveio da honra de presidir ao Concilio de Nicea; mas sim da famosa doação de Roma e do imperio do Occidente, que os Apostolos dizem elle fizera a *Silvestre* Grande Pontifice dos Christãos, o que os Papas de hoje não ousarão sustentar: e com effeito esta doação é de um estilo tão miseravel, que demonstra a inepcia de seus authores, que ignoravam a historia dos seculos precedentes, e é: «Ordenamos que esta doação fique firme athe ao fim «do mundo; e, si alguem desobedecer o nosso decreto, «queremos que seja eternamente condemnado, e que os «Apostolos Pedro, e Paulo, lhe sejam contrarios n'esta «vida, e na outra, e que seja mergulhado no abysmo do «inferno com o diabo. Dado no Consulado de Constanti-«no e de Gallienus.» (1)

N'estas épocas, sempre obscuras na historia, tres dogmas se estabeleceram entre os Christãos: 1.° *o das imagens*; 2.° *o das reliquias*; 3.° *o das orações pelos mortos.*

Os Christãos, no tempo dos Apostolos, não conheciam

(1) R. de Schio tom. 1.° pag. 387.

nem Templos nem simulacros, e consideravam como uma loucura o culto e as orações, que os Pagãos endereçavam ás cousas inanimadas; mas posteriormente os Christãos, tendo corrompido sua primeira doutrina, adoptaram o furor das reliquias e das indulgencias, ate mesmo depois da morte!

Leão, o Isaurio, considerava as imagens como objectos d'idolatria, e em 716 promulgou um decreto contra os seus adoradores. Os Iconoclastas triunfavam no Oriente. Gregorio II, Papa de Roma, subdito do Imperador, recusou-se ás decretaes, e aproveitou-se d'esta occasião para ordenar aos Romanos, *que de futuro não reconhecessem o Imperador Grego por Soberano, nem lhe dessem os tributos ordinarios*; de que resultou morrer em supplicio a maior parte dos que adoravam as imagens. Os Papas ávidos do poder, principalmente depois que se emanciparam do imperio grego, procuraram usurpar o reino dos Lombardos, para o que recorreram alternadamente aos Imperadores Gregos, contra os quaes elles se tinham revoltado; mas os Imperadores, occupados em desastres particulares, não podiam annuir ás suas supplicas. Então, o Papa Estevão II recorreu a Pepino, que fundou a legitimidade papal á custa dos Imperadores do Oriente.

Leão III, para consolidar seu poder, elevou á mais alta dignidade que então se conhecia Carlos-Magno, que da sua parte tambem favoreceu o supremo poder do Pontifice de Roma: isto fez com que os reis Francos conservassem uma certa authoridade perto da Santa Sé. Assim pelas intrigas dos Pontifices de Roma, não só a sua authoridade profana se consolidou sobre as ruinas do throno dos Imperadores do Oriente; mas tambem os Padres de Roma, imbuidos nas doutrinas, que se encontram em al-

guns sitios da Biblia, quizeram persuadir que os Papas, que representam os Grandes Sacrificadores Judaicos, não deviam só reinar sobre seus crentes, mas tambem deviam dispôr arbitrariamente dos bens e dos reinos de toda a terra.

Gregorio VII, apoiando-se em maximas, subversivas da sociedade e da authoridade civil e politica, tinha arrogado a si o direito de dispôr de todas as corôas dos Principes Christãos, e de destituir os Soberanos a seu bello prazer. Eis a excommunhão, que elle publicou contra o Imperador Henrique II: « Eu probibo Henrique, filho do « Imperador Henrique, de governar o reino Teutonico e « a Italia; *e absolvo todos os seus subditos do juramento « de fidelidade.* Prohibo a todos de o servirem *como Rei,* « e ordeno o anathema de Henrique. »

Henrique, para livrar de rebellião e guerra civil os seus Estados, vio-se obrigado a submetter-se ao Papa!!

Depois d'este Papa, eis como se explica o Concilio de Florença de 1436: « O papa está acima dos Concilios « e dos Reis; tem o *poder de destituir* estes ultimos, que « estam na obrigação de beijar-lhe os pés. O Papa é juiz « em ultima instancia de todo o mundo, e ninguem o pode « julgar. É infallivelmente santo pelas virtudes de S. « Pedro. »

Um escriptor, assalariado pela Curia Romana, ainda ha pouco disse: « O uso de beijar os pés aos Papas é uma « consequencia natural da sua exaltação sobre todo o po- « der. Constantino beijou os pés de Silvestre; Justino I. os « do Papa Constantino; Carlos V. os de Clemente e de « Paulo III; elrei de Napoles os de Bento XIV; e uma

« infinidade de monarchás teem feito o mesmo em todos « os seculos » (1).

O Imperador Heraclius, vendo o seu imperio lacerado pelas seitas Christãs, que havia 6 seculos disputavam sobre Jesus, ordenou que se não fallasse mais em seus Estados nem das suas duas naturezas, nem das suas duas vontades.

Na Historia Ecclesiastica ha exemplos de sobejo que provam o abuso dos Papas e de seu Clero, que está sempre em luta com a authoridade legitima dos Soberanos e que divulga que *Deus dispõe dos bens e das corôas da terra, e que os Papas sam seus unicos administradores.*

Donde se tira que os schismas das Igrejas grega e latina, suas ideas fluctuantes sobre a divindade e as duas naturezas de Jesus, as disputas de grande intersse sobre a submissão, que o clero romano reclamava dos Christãos, foram quem fez nascer todas as seitas audaces, que conservaram, em suas doutrinas, o dogma dos Essenios, dos Gnosticos e dos Manicheos. N'estas circumstancias, as theses sobre o mysterio da Trindade inflammaram os sectarios das duas Igrejas, d'esde o IV athe XIII seculo, e deram em resultado a doutrina da *unidade* de Deus: mas tendo prevalecido o poder papal e o monachismo, os unitarios foram perseguidos, seus bens confiscados, e emfim queimados em honra da Trindade e edificação dos fieis!!!

---

(1) Estes quatro documentos podem vêr-se em R. de Schio tom. 1.º pag. 390-

SECÇÃO SEXTA.

CAPITULO I.

SARRASENOS, PADRES COPTOS E ORIGEM DA CAVALLERIA.

Quando Mahomet appareceu no horizonte d'Arabia achava-se cercado d'Idolatras, de Judeos, de Christãos, e de Sabeos. Os Idolatras não tinham systema theologico determinado: os Judeos, em um paiz miseravel, estavam divididos entre si: os Chistãos estavam separados em Jacobistas e Orthodoxos: os Sabeos, sem estarem divididos eram iddifferentes para todos os outros cultos. Mahomet soube aproveitar-se d'esta circumstancia para chamar todos os Arabes á sua religião. A estes era a ignorancia então commum e as poucas luzes, que havia no paiz se enfraqueceram por meio das armas, e desappareceram de todo por meio da voluptuosidade. As livrarias d'Alexan-

dria haviam sido queimadas, á excepção do Alcorão: Amerou, tenente de Califa *Omar*, julgou por este acto d'intolerancia e de fanatismo, render homenagem á sublimidade do Alcorão (1).

Em quanto Mahomet e seus crentes demoravam os progressos da civilisação e da sciencia na Africa e na Asia, tambem por outro lado o christianismo fazia progressos rapidos; mas desgraçadamente quanto mais se estendeu, mais os christãos e o clero se tornaram ignorantes e fanaticos!! Depois do nascimento do Christianismo o gosto das allegorias tinha começado a tornar-se menos geral na Asia, e athe mesmo pela Europa. Em 314, pelo tempo de Silvestre 1.º, um Concilio reprovou a adoração das imagens afim d'impedir que nas paredes se pintasse o Ente, que se devia adorar: em 700, o setimo Concilio de Constantinopla não só prohibio a adoração das imagens, mas mandou que se supprimissem em todas as Igrejas: em 754 o Concilio de Byzancio, composto de 338 padres da Igreja, apoiados sobre os Concilios de Constantinopla, d'Epheso de Nicea, e de Calcedonia, decidio por unanimidade *que as imagens nas Igrejas eram abominações e que deviam sér elliminadas.*

No meio da anarchia revolucionaria, em que se achava o mundo, então conhecido, os Sarrasenos poderam estabelecer ricas bibliothecas e academias sabias n'Asia, n'Africa e na Hespanha; e ainda que o Mahometismo foi

(1) Conta-se que durante 6 mezes os banhos publicos d'Alexandria foram aquecidos com os preciosos manuscriptos de suas bibliothecas: tambem se diz que o Alcorão não fôra feito por Mahomet, que não sabia lêr nem escrever.

prégado e sustentado com as armas na mão, todavia ha provas de que as Iniciações se conservaram entre os Sarrasenos. Nos fins do seculo XI *Haken* fundou no Cairo (segundo o testimunho de Macrizie) a *Casa de Sabedoria*, que se julgou sempre sêr um *Templo Maç.·.*: ensinava-se alli a philosophia e as mathematicas; a doutrina era oral e secreta; os Iniciados passavam por muitos graus, e nos ultimos eram iniciados ao conhecimento da *Natureza* (1). A historia Arabe de *Habid* e de *Dorathelguse*, que se acha no *Poema da Maç.·.*, é uma prova de que a Iniciação não era estranha aos Sarrasenos: n'ella se descobrem, debaixo de formas originaes, os tres systemas mysticos da Persia, do Egypto e da edade media da Europa.

Na mesma epoca, em que os Sarrasenos estendiam suas conquistas e sciencias, os padres gregos tinham adoptado as maximas da côrte de Roma, e tornaram-se intolerantes: estes padres destruiram os templos, onde se tinham adorado suas antigas divindades tutelares, e fizeram com que se esquecessem seus antigos heroes, que tinham dado exemplos memoraveis d'amor á patria; occuparam-se em questões mysticas; exterminaram todos aquelles que não eram de sua opinião; e por ultimo abandonaram seus thronos, suas provincias, e seus templos, aos Musulmanos, que, favorecidos por estas ridiculas disputas religiosas entre os *Principes* e os *Padres*, plantaram o estandarte Turco sobre as muralhas de Constantinopla, e o fizeram fluctuar sobre as torres de Santa Sophia: as-

---

(1) Esta casa foi desacreditada pelos padres de Roma dizendo, que n'este Templo só se eprendia a *encreduli-dade.*

sim pelas perseguições dos theologos a grandeza grega, transplantada pelos Romanos do Tibre no Bosphoro, desappareceu!!

Apezar das mudanças religiosas e politicas, devidas às conquistas dos Sarrasenos n'Asia, n'Africa e na Europa, e apezar das perseguições, que se seguiram o dogma da *Unidade de Deus* pôde, com o segredo e os Myst.·., conservar-se na Palistina, na Syria, no Egypto, e particularmente na Thebaida, por meio dos Christãos e dos padres *Coptos*, successores dos antigos padres Egypcios, que, nos tempos barbaros, souberam conservar a verdadeira doutrina, ensinada por *Hesman*, discipulo de Manês, e que pelo andar dos tempos foi transportada para a Europa (1).

Em *Arnobes* lê-se que os padres *Coptos* viviam exemplarmente, separados dos profanos e entregues aos estudos da physica, da mathematica, e de seus antigos Myst.·.; e foi por sua exemplar vida que no tempo dos Califas obtiveram grande consideração entre os poderosos Arabes e Musulmanos, que encarregavam a estes padres a educação de seus filhos. O *I.·. Belzoni*, vivendo muito tempo na Thebaida, assevera que ainda hoje os padres Coptos não só conservam seus antigos habitos, mas tambem que possuem o *Codex*, que se eleva a mais de 24 seculos, escripto na sua primeira linguagem figurada. Ainda em 1822 se vio em Londres uma mumia de braços cruzados, como

(1) *Marc Lucas* affirma que muitas familias *Coptas*, vivendo em commum, existiram nos subterraneos das Pyramides athe ao fim do seculo XVII.

em signal de bom pastor, que se dizia pertencer a um dos padres Coptos.

Foi pela intervenção dos padres Coptos, e dos Christãos do Oriente, que os Myst.·. dos *Filhos da Viuva*, e o culto do Gr.·. Arch.·. chegaram athe nós, em seguimentos d'extraordinarios acontecimentos, e que adquiriram uma grande consistencia pelos *Cavalleiros Cruzados*.

Pelo tempo de Carlos Magno (que havia ajudado a estabelecer o poder da Curia Romana) tudo em materia de dogma e religião, era uma perfeita desórdem: porque a maior parte do clero apenas sabia ler; mas ao mesmo tempo ia crescendo em poder por suas intrigas, favorecendo ora um, ora outro partido: tambem muitos Bispos, Abbades, e Frades, foram então não só soldados, mas até conquistadores; e é d'estes serviços e da recompensa delles, que nasceram as riquezas do clero em França e nas outras partes: Apezar d'isso Carlos Magno pretendeu reformar os costumes dos Bispos, e lhes prohibio, sob pena de perderem o episcopado, o derramarem mais sangue dos homens, fossem pagãos ou christãos, de terem muitas mulheres, e de frequentarem as tabernas (vej. *Baluzii*, *Dulaure*, *Vidal* e *Hist. Eccl.* do Abbade *Fleury*).

No meio de todas estas desordens, os homens, que sabiam raciocinar, viam que a verdadeira religião de Jesus não era seguida. Os principios Gnosticos e Manicheos se espalharam de dia em dia, ainda que combatidos pelos padres do seu tempo. Os principios Gnosticos, com formas d'escola aristotelica, foram espalhados na França principalmente em Pariz.

Abeilard, conhecido mais por suas desgraças amorosas

e pela desastrosa mutilação; que soffreu, tinha introduzido por meio de seus escriptos e lições oraes algumas opiniões christãs e liberaes. Accusado de ter feito um juizo errado sobre a Trindade, foi perseguido sem piedade; todavia 3000 discipulos o seguiram, entre os quaes havia muitos Bispos, Arcebispos, 20 Cardeaes, e um Papa (1).

Os estudos se propagaram, e a cidade de Pariz, no seculo 12, chamava-se *Curiath Sepher*, nomes hebreos, que significam *cidade das letras*. Os conhecimentos, que se adquiriam pelas cruzadas, fizeram com que as sciencias progredissem; e, em 1210, alli existia uma Seita numerosa, estabelecida por um ecclesiastico, *Amory*: esta seita negava a existencia real de tudo, julgava inutil a maior parte des ceremonias da Igreja, e tratava de ridiculo o culto dedicado ás imagens, e ás reliquias; mas, em Outubro do mesmo anno, 14 d'estes religionarios foram condemnados a sêr queimados vivos, o que com effeito succedeu. Pelo que deixamos dito é evidente que os homens esclarecidos eram obrigados a concentrarem-se nas associações, cujo fim devia sêr a conservação das sciencias, os Myst.·. Egypcios, Judaicos, Christãos, e a liberdade civil, invadida pela ambição feroz dos grandes e do clero.

---

(1) Foi S. *Bernardo*, que se tornou o mais ardente perseguidor d'Abeilard, excitou a raiva dos Cruzados em beneficio do poder papal, e condemnou todos os mortos, que não deixaram bens á Igreja!!!

E' a este estado de cousas que se deve a apparição de todas as corporações secretas, que n'aquelle tempo se podiam reduzir a tres especies *Cavalleirescas*, que só tinham relação com o systema politico; *Religiosas*, que se occupavam na conservação dos dogmas; e *Mecanicas*, que occultavam as artes e profissões respectivas.

Todas estas sociedades tinham ceremonias, usadas pelos *Eleitos* de Thebas, e de Memphis, e d'Eleusis; e, ainda que se não saiba a via, por onde estes ritos mudaram de logares e objecto; todavia se conhece facilmente a conformidade, que existe entre as differentes Iniciações, que nos teem sido transmittidas d'esde a mais alta antiguidade.

A anarchia feudal reinava na Europa depois do reinado de Carlos Magno. A Ordem da Cavalleria nasceu d'esta desordem, e foi introduzida para sustentar a authoridade civil, então dependente de Roma: o fim apparente d'estas Instituições era soccorrer os *desgraçados*. No estado de perturbação, em que a Europa se achava, a fundação da *Cavalleria* devia produzir heroes, e campeões movidos pela humanidade e pelas grandes façanhas, que n'ella se propunham: começou por adoptar as praticas da Iniciação Eleusiana, Egypcia, e Christã: o noviço se preparava por jejuns, e se purificava por abluções symbolicas: para imitar os obstaculos da Iniciação devia passar a noite das armas chamada *noite branca*, porque era coberto de vestidos brancos, á maneira dos antigos Myst.·., o que hoje se conserva ainda em certos Gr.·. e Ritos Maç.·.: na sua recepção havia ceremonias e palavras, que ainda se acham na Maç.·. de hoje. Em seu formulario nomeava-se um anjo e um santo, *Miguel* e *Jorge*. *Miguel* é o primeiro dos anjos judaicos, Basilienses, e Gnosticos;

e *Jorge* é o, que livra a Virgem do Dragão (1): assim como o Iniciado á doutrina de Christo, que, vestindo-se d'ornamentos para fazer o santo sacrificio, recitava uma *jaculatoria*; assim, a cada peça d'armas, que se dava ao recipiendario Cavalleiro, tambem correspondia um sentido secreto, que depois lh'explicavam: e assim como os II.·. Maç.·. que, conforme as antigas instituições e Myst.·. conservam em seus symbolos os emblemas d'Aguia, da Fenix, do Pelicano, e da Cruz; assim tambem as Ordens Cavalleirescas apropriaram a si eguaes divisas, que sam communs aos Gnosticos, Cabalistas etc. Donde se tira que os fundadores d'estas Ordens imitaram, o mais que poderam, as antigas praticas, estabelecendo a Ord.·. da *Aguia*, a do *Pelicano*, a da *Cruz*, a do *Leão* etc.: os Maç.·. d'America fazem subir as Ord.·. Cavalleirescas a uma época muito mais antiga; e, apoiando-se na Biblia, estabeleceram a sua origem no Egypto: e com effeito *Jozeph* foi feito Cavalleiro por Pharaó, como se vê no *Genesis Cap. XLI* ℣. 42: *Mardocheu* foi feito Cavalleiro por Ahassuerus, Rei da Persia, por meio d'um vestido azul e branco, como se vê no Liv. *d'Esther Cap. VIII.* ℣. 15. O mesmo *Deus* é cavalleiro, tendo um longo vestido apertado por um cinto d'ouro, como se acha no *Apocalypse Cap.* I. ℣. 13.

« Todos os fundadores das Ord.·. de Cavalleria, diz « G.·. Dumast, imitaram, quanto poderam, a Ord.·. « Maç.·.; porque a *aguia negra, a aguia de duas cabeças,*

---

(1) A estas ideas romanescas é que se devem alguns Poemas classicos Francezes: os Italianos em particular se distinguiram em cantar os *Paladinos* francezes, celebres por seus trabalhos e façanhas.

« a *phenix*, etc., que se acham na Cavallaria, sam em-
« blemas Maç.·. e proprios do Magismo Oriental.»

Eis como um Cavalleiro se exprimio, escrevendo á sua Dama:

« De Glycera em poder fique este emblema
« Qu'é da candura o symbolo:
« Seja ao profano olhar vedado sempre,
« E a meus desejos fervidos
« Seja, uma vez siquer, propicio um dia!
« Bella Glycera, é dadiva
« Qual o teu coração, candida e pura?
« Eis a verdade rígida
« Que a sublime sciencia attesta, affirma:
« Glycera eu juro extatico
« Pelo teu avental; e horror terrivel
« Ao desata-lo cúpido,
« Si um dia eu t'esquecer, me creste a vida!
« Ignora o povo estólido
« Qual o valor das luvas, que te offerto,
« Penhor sagrado e fulgido,
« Que á belleza, á virtude, que te adornam
« Com fé robusta e válida
« Eu dedico, e sem ti corrêra riscos
« Em por mais tempo ainda conserva-lo.
Holophernes.·. trad.

É verdade que Ch.·. Dupontés, comparando as leis, formas, e fim da Ord.·. Maç.·. e da Cavallaria, foi levado a concluir « que a Maç.·. era um ramo da Cavalla-
« ria, ou antes que a Maç.·. era a mesma Cavallaria aper-
« feiçoada e pulida.» Mas si Dupontés, na sua *Encyclopedia Maç.·.*, não tivesse tomado o effeito pela causa, te-

ria com mais razão concluido *que a Cavallaria* era um ramo da Maç.·.

Portugal tambem teve distinctos *Cavalleiros*. Os *Doze d'Inglaterra*, que viveram pelo reinado de D. João I, em 1390, ácerca dos quaes o nosso abalizado *Camões* nos offerece um bello Episodio, no *Canto* 6.° do seu famoso Poema, sam dignos de memoria e gratidão eterna na Cavalleria Lusitana. Ei-lo:

42.

« Consentem n'isto todos, e encommendam
« A Velloso, que conte isto que approva,
« Contarei, disse, sem que me reprendam
« De contar cousa fabulosa, ou nova;
« E porque os, que me ouvirem, daqui aprendam
« A fazer feitos grandes d'alta prova,
« Dos nascidos direi na nossa terra;
« E estes sejam os doze d'Inglaterra.

43.

« No tempo que do Reino a rédea leve
« João, filho de Pedro, moderava;
« Depois que socegado e livre o teve
« Do vizinho poder, que o molestava;
« Lá na grande Inglaterra, que da neve
« Boreal sempre abunda, semeava
« A fera Erinnys dura e má cizania,
« Que lustre fosse á nossa Lusitania.

44.

« Entre as Damas gentís da Côrte Ingleza ;
« E nobres Cortezãos, acaso um dia
« Se levantou discordia em ira accesa;
« Ou foi opinião ; ou foi porfia.
« Os Cortezãos, a quem tão pouco peza
« Soltar palavras graves de ousadia,
« Dizem: Qne provarão, que honras, e famas ;
« Em taes Damas não ha para ser Damas.

45.

« E que si houver alguem com lança e espada ;
« Que queira sustentar a parte sua,
« Que elles em campo razo, ou estaca,
« Lhe darão fêa infamia ; ou morte crua.
« A fiminil fraqueza pouco usada,
« Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nüa
« De forças naturaes, convenientes,
« Soccorro pede a amigos, e parentes.

46.

« Mas como fossem grandes, e possantes ;
« No Reino os inimigos ; não se atrevem
« Nem parentes, nem fervidos amantes ;
« A sustentar as Damas ; como devem.
« Com lagrimas formosas, e bastantes
« A fazer que em soccorro os Deoses levem
« De todo o Ceo, por rostos d'alabastro,
« Se vam todas ao Duque d'Alencastro.

47.

« Era este Inglez potente, e militára
« Co' os Portuguezes já contra Castellá,
« Onde as fórças magnanimas provára
« Dos companheiros, e benigna estrella:
« Não menos n'esta terra exprimentára
« Namorados affectos, quando n'ella
« A filha vio, que tanto o peito doma
« Do forte Rei, que por mulher a toma.

48.

« Este, que soccorrer-lhes não queria,
« Por não causar discordias intestinas,
« Lhes diz: Quando o direito pertendia
« Do Reino lá das terras Iberinas,
« Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
« Tanto primor, e partes tão divinas,
« Que elles sós poderiam, senão érro,
« Sustentar vossa parte a fogo, e ferro.

49.

« E si, aggravadas Damas, sois servidas,
« Por vós lhes mandarei Embaixadores,
« Que por cartas discretas, e pulidas,
« Do vosso aggravo os façam sabedores.
« Tambem por vossa parte encarecidas
« Com palavras de affagos, e de amores,
« Lhes sejam vossas lagrimas, que eu creio,
« Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

50.

« D'esta arte as aconselha o Duque experto
« E logo lhes nomeia doze fortes :
« E porque cada Dama um tenha certo,
« Lhes manda que sobre elles lancem sortes :
« Que ellas só doze sam : e descoberto
« Qual a qual tem cahido das consortes,
« Cada uma escreve ao seu por varios modos,
« E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

51.

« Já chega a Portugal o mensageiro,
« Toda a Côrte alvoroça a novidade :
« Quizera o Rei sublime ser primeiro,
« Mas não lho soffre a Régia Magestade.
« Qualquer dos Cortezãos aventureiro
« Dezeja ser, com fervida vontade ;
« E só fica por bemaventurado,
« Quem já vem pelo Duque nomeado.

52.

« Lá na leal Cidade, d'onde teve
« Origem (como é fama) o nome eterno
« De Portugal, armar madeiro leve
« Manda o, que tem o leme do governo.
« Apercebem-se os doze em tempo breve
« D'armas, e roupas d'uso mais moderno,
« De elmos, cimeiras, letras, e primores,
« Cavallos, e concertos de mil côres.

53.

« Já do seu Rei tomado tem licença
« Para partir do Douro celebrado,
« Aquelles, que escolhidos por sentença
« Foram do Duque Inglez experimentado.
« Não ha na companhia differença
« De Cavalleiro destro, ou esforçado;
« Mas um só, que Magriço se dizia,
« D'esta arte falla á forte companhia:

54.

« Fortissimos consocios, eu desejo
« Ha muito já de andar terras estranhas,
« Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
« Varias gentes, e leis, e varias manhas.
« Agora, que apparelho certo vejo,
« (Pois que do mundo as cousas sam tamanhas)
« Quero, se me deixais, ir só por terra,
« Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

55.

« E quando caso for, que eu impedido
« Por quem das cousas é ultima linha,
« Não for comvosco ao prazo instituido,
« Pouca falta vos faz a falta minha.
« Todos por mi fareis o que é devido;
« Mas si a verdade o esp'rito me advinha,
« Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
« Não farão que eu comvosco lá não seja.

56.

« Assi diz ; e abraçados os amigos,
« E tomada licença, em fim se parte:
« Passa Leão, Castella, vendo antigos
« Logares, que ganhára o patrio Marte:
« Navarra, co'os altissimos perigos
« Do Pyrenêo, que Hespanha, e Gallia parte:
« Vistas, emfim, de França as cousas grandes,
« No grande Emporio foi parar de Frandes.

57.

« Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
« Sem passar se deteve muitos dias.
« Mas das onze a illustrissima companha,
« Corta do mar do Norte as ondas frias.
« Chegados da Inglaterra á costa estranha,
« Para Londres já fazem todos vias:
« Do Duque sam com festa agasalhados,
« E das Damas servidos e animados.

58.

« Chega-se o prazo, e dia assignalado
« D'entrar em campo já co'os doze Inglezes,
« Que pelo Rei já tinham segurado:
« Armam-se de elmos, grevas, e de arnezes:
« Já as Damas teem por si fulgente, e armado,
« O Mavorte feroz dos Portuguezes:
« Vestem-se ellas de côres, e de sedas
« De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

59.

« Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
« Magriço, que não vinha, com tristeza
« Se veste, por não ter quem nomeado
« Seja seu Cavalleiro n'esta empreza:
« Bem que os onze apregoam, que acabado
« Será o negocio assi na Côrte Ingleza,
« Que as Damas vencedoras se conheçam,
« Posto que dous e tres dos seus falleçam.

60.

« Já n'um sublime e publico theatro
« Se assenta o Rei Inglez com toda a Côrte:
« Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
« Bem como a cada qual coubera em sorte.
« Não sam vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
« De força, esforço, e de animo mais forte,
« Outros doze sahir como os Inglezes
« No campo contra os onze Portuguezes.

61.

« Mastigam os cavallos, escumando,
« Os aureos freos com feroz sembrante:
« Estava o Sol nas armas rutilando
« Como em crystal, ou rígido diamante.
« Mas enxerga-se n'um e n'outro bando,
« Partido desigual, e dissonante,
« Dos onze contra os doze, quando a gente
« Começa a alvoroçar-se geralmente.

62.

« Viram todos o rosto aonde havia
« A causa principal do reboliço:
« Eis entra um Cavalleiro, que trazia
« Armas, cavallo, ao bellico serviço:
« Ao Rei e ás Damas falla, e logo se ia
« Para os onze, que este era o grão Magriço:
« Abraça os companheiros como amigos,
« A quem não falta certo nos perigos.

63.

« A Dama como ouvio que este era aquelle,
« Que vinha a defender seu nome, e fama,
« Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
« Que a gente bruta mais que virtude ama.
« Já dam signal, e o som da tuba impelle
« Os bellicosos animos que inflamma:
« Picam de esporas, largam rédeas logo,
« Abaixam lanças, fere a terra fogo.

64.

« Dos cavallos o estrepito parece
« Que faz que o chão debaixo todo treme:
« O coração no peito, que estremece,
« De quem os olha, se alvoroça e teme:
« Qual do cavallo vôa, que não dece;
« Qual co'o cavallo em terra dando geme;
« Qual vermelhas as armas faz de brancas;
« Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

65.

« Alguns de alli tomou perpetuo sono,
« E fez da vida ao fim breve intervallo:
« Correndo algum cavallo vai sem dono,
« E n'outra parte o dono sem cavallo:
« Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
« Que dous, ou tres, ja fóra vam do vallo:
« Os, que de espada vem fazer batalha,
« Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

66.

« Gastar palavras em contar extremos
« De golpes feros, cruas estocadas,
« E' d'esses gastadores, que sabemos,
« Máos do tempo, com fabulas sonhadas:
« Basta por fim do caso, que entendemos
« Que com finezas altas, e affamadas,
« C'os nossos fica a palma da victoria,
« E as Damas vencedoras, e com gloria.

67.

« Recolhe o Duque os doze vencedores
« Nos seus Paços com festas, e alegria:
« Cozinheiros occupa, e caçadores,
« Das Damas a formosa companhia;
« Que querem dar aos seus libertadores
« Banquetes mil cada hora, e cada dia,
« Em quanto se detém em Inglaterra,
« Athe tornar á doce e cara terra.

68.

« Mas dizem que comtudo o grão Magriço
« Desejoso de ver as cousas grandes,
« Lá se deixou ficar, onde um serviço
« Notavel á Condessa fez de Frandes :
« E como quem não era já noviço
« Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
« Um Francez mata em campo, que o destino
« Já teve de Torquato, e de Corvino.

69.

« Outro tambem dos doze em Alemanha,
« Se lança, e teve um fero desafio
« C' um Germano enganoso, que com manha
« Não devida o quiz pôr no extremo fio.
« Contando assi velloso, já a companha
« Lhe pede, que não faça tal desvio
« Do caso de Magriço e vencimento,
« Nem deixe o de Alemanha em 'squecimento.

(Camões Canto 6.°)

CAPITULO II.

MYSTERIOS FRANCOS.

A maior parte dos Escriptores Francezes concorda em que os antigos Gallos foram os primeiros povos da Europa, que tiveram dogmas Maç.·. Os mais notaveis foram os Myst.·. dos *Druidas*; os dos *Cavalleiros*; e os dos *Templarios*.

1.° Os *Druidas*, padres dos antigos Gallos, habitaram, 600 antes de Christo, os bosques glaceaes do Norte; e pelas relações intimas que tiveram com os padres do Egypto, elles se tornaram, como estes ultimos, os senhores e legisladores de quasi todos os povos do Occidente.

Os Druidas eram divididos em tres classes, debaixo d'um chefe commum: os *Vacies*, depositarios dos dogmas e da philosophia, exerciam as funcções de padres e juizes: os *Bardos* cantavam hymnos religiosos, e celebravam as acções dos grandes homens: os *Eubages* eram os aruspices.

Os Druidas, perseguidos pelos Romanos, e obrigados a refugiar-se na Albion, foram cultivar a sua doutrina nos brancos rochedos da *Ilha Mona*. « Esta celebre ilha, « diz A. Boilleau, conservou, durante um seculo, em suas « florestas impenetraveis, o altar triangular, o cofre mys- « tico, e a espada de Belinus. » E Leonardo Gallois affir-

tha que os Druidas não só tinham recebido dos Persas o deus *Mythras*, emblema do Sol; mas que o Egypto tambem lhes tinha feito conhecer *Isis*, que, como *Céres*, coberta de mammas, representava a *fecundidade*.

Mas de que servio que os Druidas conhecessem *Mithras*, *Isis*, e o *Gui*, si, barbaros como eram, conservaram os horrorosos sacrificios humanos, e não entenderam da Iniciação sinão alguns factos uteis á sua preponderancia, prototypo do egoismo sacerdotal?

Mais dignos de louvor que os Druidas, dizem G.·. Dumast e Vassal, e mais amigos da tolerancia, os *Padres de Herta*, nos primeiros seculos do christianismo, conservaram fielmente na Dinamarca, Suecia, e Norwega a Iniciação primitiva, que, vinda em direcção do Oriente, sem passar por Eleusis, nem Samothracia, era a primeira destinada a florescer na Europa ainda barbara. (1)

«Com effeito a gloria dos myst.·., diz Court-de-Ge« belin, nunca teve maior brilho, sinão quando os Roma« nos subjugaram Nações, e se viram elles mesmos vís es« cravos de monarchas insensatos: é nos Myst.·. que a « sua liberdade expirante veio procurar um asylo: e é por « elles que a Ord.·., bannida de toda a parte, procurou « sustentar-se e restabelecer-se. Embalados com esta dô« ce esparança, e penetrados das vantagens da Iniciação, « muitos Iniciados, tomando o apostolado, deixaram a « Grecia moderna, e foram refugiar-se na *Scandinavia.*» Foi d'esde esta época que os Iniciados ou Adeptos guardaram para si as Pal.·. e os Sign.·. de fraternidade, que,

(1) Vej. Vassal pag. 296.

tendo vindo do Nilo ao Euxino, passaram do Euxino ao Baltico. Eis como o Poema Maç.·. descreve esta valerosa emigração:

«Quando, de Attila aos golpes accurvado,
«Já Romano explendor se despedaça,
«Quando a Terra de Marte jaz sem força,
«Quando a purpura pisam Bysantina
«Vencedores, que, em tumulos sentados,
«D'esse imperio os fragmentos se disputam,
«Lá se vê dos Maçons o eterno laço,
«Contra as furias da sorte, e dos tyrannos,
«Congregar os mortaes exclarecidos,
«Que as leis, e as linguas separado haviam!
«Qual o annoso carvalho se dilata,
«Dando ás aves do céo mimoso abrigo,
«Na provecta mansão firme e seguro
«Das iras zomba do agressor potente:
«Co'as raizes, que em torno a si distende
«Tecido salutar protege, e ampara.
«Os dispersos irmãos transpoem barreiras,
«De polo a polo o juramento implantam,
«E é seu motto o sublime das virtudes;
«Ou na barbarie derramando as luzes
«Raiar as fazem nos confins do mundo:
«Transluz o culto seu nas longes Terras,
«Onde os filhos d'Osias, onde a lyra
«Disse aos rochedos, e ás florestas disse
«D'Inistore, e de Morva tantas vezes
«Seus echos pela voz reanimados,
«Que explendor tinha Selma em seus festejos.

Holophernes.·. trad.

CAPITULO III.

CRUZADA E CAVALLEIROS CRUZADOS.

O Eremita *Pedro* em 1093, voltando á França da Palistina, aonde a devoção o tinha conduzido, queixou-se amargamente das violencias, que os Musulmanos exerciam contra os Christãos, que hiam visitar os *logares santos.* O clero, que então era omnipotente na Europa, arrastado por taes declamações, reunio um primeiro Concilio em Plaisance, e logo depois o segundo em Clermont, para serem tomadas em consideração: nesta ultima assemblea os santos Padres decidiram que a christandade devia fazer a conquista dos logares venerados, que os Sarracenos occupavam.

Os Principes Francezes, á excepção do seu Rei, Philippe I, guiados pela devoção e pelo enthusiasmo, deram o signal de guerra pelas palavras *Dieu le veut*, as quaes fizeram echo em todos os templos e logares; e como Christo, filho de Deus, tinha sido morto ignominiosamente sobre uma Cruz, tambem este emblema lhes servio para arvorarem os seus estandartes, debaixo dos quaes se allistaram aquelles, que o enthusiasmo e o fanatismo chamavam a esta guerra, que teve o nome de *Cruzada.*

Os padres e frades persuadiram aos Christãos que elles teriam a *remissão dos peccados*, e ganhariam a *gloria*

eterna e o *paraiso*, si triunfassem de *satanáz*, adorado n'estas terras santas, que deviam sêr tiradas aos Musulmanos. Os ecclesiasticos e os frades, que aspiravam não só ao poder civil, mas tambem aos bens da terra, deram o exemplo, vestindo todos a couraça. O Eremita Pedro, que, antes de sêr padre, foi soldado, havia alucinado os Francezes por uma apparencia de piedade Christã, e foi seguido por muitos povos com a esperança de conquistar a Terra Santa (1) E' assim que á frente d'um corpo indisciplinado elle atravessou a Allemanha, e chegado á Hungria fez um tratado com elrei Caloman, pelo qual se obrigava a seguir certo caminho, a pagar os viveres, e a fazer guardar a disciplina á sua tropa; mas succedeu o, que devia esperar-se d'um chefe tal; e de taes soldados: roubavam todos os logares, por onde passavam de tal modo, que revoltaram contra si os Hungaros, que acabaram por lhe matar sem compaixão todos os soldados em debandada.

Ainda que os Christãos e os Sarracenos chamavam *santa* a esta guerra da Cruzada, comtudo ella não produzio sinão assassinios, latrocinios, e outros crimes: e com effeito, o Grande Soltão do Egyplo foi atacado em seus Estados; e, querendo repellir uma aggressão vergonhosa, não deu quartel aos vencidos, e fez matar todos os prisioneiros que tinham cahido em seu poder. Mais tarde o furor da guerra se acalmou, e a estima reciproca dos dous partidos abafou o furor religioso, todavia, como a guerra tinha por motivos as cousas de religião, succedeu que duran-

(1) Era tal a devoção d'estes povos para com o seu chefe que todos d'elle queriam reliquias, e alguns houve que athe arrancaram o pello da sua mula!!...

te a residencia dos Cruzados entre os Musulmanos, houvesse muitas vezes questões theologicas; de que resultou fortificar-se mais e mais a crença dos Cruzados para com o Gr.·. Arch.·. do Univ.·. e a Unidade de Deos.

Os Sarracenos consideravam como absurda a opinião d'um Deus Pae egual a seu Filho, e d'um Deus Filho egual a seu Pae em edade e sem principio, como o Deus Pae, e d'um Deus Espirito Santo egual aos dous.

Elles diziam aos Cruzados: Si vós honraes na vossa Trindade outra cousa mais, doque os tres principios sahidos do Eterno, não sois sinão idolatras: nós adoramos o verdadeiro Deus, o unico Deus, o Pae da Natureza. Diziam-lhes mais: Porque não seguireis antes a religião natural, cuja moral é tão sublime como simples, que a Divindade inspirou a todos os homens, que é universal como a natureza, e que a razão comprehende facilmente, porque suas maximas se acham no coração de todos, onde os prejuizos não teem substituido a innocencia? E' possivel que vós possais admittir, contra o bom senso, e contra a justiça, que o Gr.·. Arch.·., que creou milhares de corpos brilhantes e opácos; que nada fez sem causa e sem fim; que deu a todos esses corpos movimentos tão differentes e regulares, afim de que se não chocassem; que, pela sua omnipotencia e intelligencia, creou tantas maravilhas, em comparação das quaes a terra, que habitamos, é menos que um grão d'area? E' possivel que o Sêr incomprehensivel, que por sua unica vontade creou tudo, e cuja forma tem sempre sido occulta á investigação humana, tenha sido por vós metamorphoseado em homem, sem utilidade nem razão? Como poderemos admittir que Christo se haja sugeitado a terminar ignominiosamente a sua carreira e a sêr fustigado pelos homens

para abrir as portas do Paraíso, fechadas até então aos mortos; e que, apezar de seus soffrimentos, a maior parte dos homens ha de sêr ainda condemnada ás penas eternas do Inferno? Como podeis vós conciliar a idea da sua omnipotencia com a da inutilidade da sua paixão e da sua morte? Si os homens sam hoje o mesmo, que eram outr'ora, é forçoso convir que taes absurdos destróem a idea da grandeza e da potencia do Gr.·. Arch.·. do Univ.·.... Humilhae-vos perante o Ente immenso, e incomprehensivel; adorae-o nas suas obras; rasgae o véo do erro, e não acrediteis jamais que este Sêr, todo ordem, todo potencia, tenha sido inconsequente (1). Debalde o Cavalleiro respondia: *Ensinaram-me desde a infancia que, para me salvar, era mister crer o, que a Igreja Romana cria.* Isto não é resposta bastante para convencer ou refutar um Sarraceno.

Os Cruzados, instruidos como a generalidade dos Europeus de hoje, homens de bom senso, e bons guerreiros, deixavam-se facilmente persuadir de que não era preciso adorar muitos deoses: os Musulmanos os convenciam de que os *Papas* e os *Padres* tinham armado a Europa sómente pelo seu proprio interesse: a facilidade, que todos tinham de communicar suas opiniões religiosas, foi a maior causa, que desenvolveu a doutrina da Unidade de Deus na Europa, onde a fé christã de Roma, seus mysterios, e seus ritos, estavam muitó enfraquecidos pelos vicios de Clero: entretanto que a religião de Mahomet adquiria todos os dias mais proselitos. O clero servio-se da religião para chegar a seus fins mundano e politico; todavia, pelo receio de que os Sarracenos invadissem a

---

(1) Vej. R. de Schio Cap. XXI tom. 1.º

Europa, elle se privou d'uma parte do seu poder em favor das Ord.·. Cavalleirescas, que se elevaram para combater os Sarracenos, submettendo-os ao mesmo tempo á sua influencia, e por meio das bullas papaes de sua creação.

N'esta epoca os Principes e os grandes da Europa estabeleceram as Ord.·. da Cavallaria para fornecerem numerosas recrutas durante as guerras contra os Sarracenos: os Cavalleiros Cruzados poderam penetrar, e estabelecer-se n'estes logares longiquos; mas, sempre cercados de perigos, procuraram e acharam um apoio fraternal entre os Carpocracianos, Gnosticos, Coptos, e Christãos do Oriente, que estavam acabrunhados debaixo do despotismo dos Musulmanos, que os governavam como um povo conquistado.

Bossuet, *Hist. Liv.* 9, diz que na edade media as seitas Christãs, e particularmente os Manicheos e Gnosticos, se tinham occultado o mais possivel na Igreja latina; e Montfaucon, fallando da religião dos Egypcios, diz que a doutrina do bom e máo principio, sustentada pelos Manicheos, tinha feito em diversos tempos muitos estragos na Igreja: em consequencia a doutrina dos *Filhos da Viuva* existia no tempo dos Cruzados, que ficaram surprehendidos d'acharem a religião primitiva e a fraternidade nos Christ.·. do Oriente.

Os Cruzados, tendo-se feito iniciar nos Myst.·. dos correligionarios do Oriente, aprenderam seus signaes, symbolos, e allegorias, e formaram o projecto de trabalharem, voltando ao paiz, na reconstrucção do Templo de Salomão, Templo o mais digno do Eterno, que devia sêr provado por todos os homens livres e virtuosos.

Um facto, que se não pode contestar é que a antiga e moderna Maç.·. conservam, em suas Iniciações todas as formas dos antigos Egypcios com emblemas Judaicos; que esta religião é baseada sôbre a Biblia, os Evangelhos, e o Apocalypse; e finalmente que n'ella se emprega a linguagem hebraica, que abrange a instrucção oral dos Christãos do Oriente: é tambem certo que, apesar de que os Sarracenos eram senhores do Egypto, d'uma parte d'Africa, e d'Asia Occidental, os Christãos, que alli seguiam a doutrina dos Essenios, Cabalistas, Manicheos etc. praticavam seus Myst.·. em segredo; e, apesar das perseguições do Mahometismo, conservavam alguma parte da Biblia e do Novo Testamento com suas antigas Iniciações e o Codex: admittiam por dogma um Creador da luz e das trevas; occupavam-se symbolicamente na reedificação do Templo de Salomão, na morte de Hiram, na Palavra Perdida, no Captiveiro de Babylonia, e na liberdade dos Judeos por Zorobabel; admittam egualmente com as antigas doutrinas Egypcia e Judaica a doutrina liberal do nosso Divino Mestre Jesus, a communidade de bens, e a beneficencia geral; e finalmente lembravam em seus Myst.·. a paixão, e a morte de Jesus, que, como diz o Apocalypse, *nos fez a todos padres, e sacrificadores, com um egual direito á Iniciação*

Os Cavalleiros Cruzados, iniciados aos Myst.·. dos *Filhos da Viuva*, e na volta a seus diversos paizes, os communicaram a muitos adeptos da Europa, que convencidos pela sua parte da verdade e santidade de taes doutrinas, se dedicaram a ellas inteiramente; mas seja-nos licito observar que os Cavalleiros Cruzados, chegados á Europa, fizeram uma reforma d'estes Ritos e Myst.·. adaptando-os á época e aos lugares, em que elles viviam; porque todos os Ritos actuaes, mesmo os mais antigos, teem o ca-

racter da novidade; e n'isto seguiram o exemplo do Papa Gregorio, que no VI seculo, reformou tambem as orações da Missa.

CAPITULO IV.

TEMPLARIOS.

Em 1118, *Hugues* de *Paganis* estabeleceu uma Ordem debaixo do nome de *Cavalleiros Hospitaleiros*, que, segundo o uso d'esse tempo e depois de sua instituição, enviou muitos d'estes á conquista da terra santa. *Baudouin*, que era rei de Jerusalem, deu áquelles Cavalleiros uma casa n'esta mesma Cidade, perto d'uma igreja, que se julgava sêr o sitio do antigo Templo de Salomão: esta Ord.·. tinha ao mesmo tempo Cavalleiros na Syria e no Egypto, onde com os outros Cruzados se uniram aos Coptos: O Papa Eugenio II não só lhes deu a confirmação dos privilegios de sua Ord.·., mas tambem o titulo de *Cavalleiros do Templo*, *Cavalleiros Santos*, ou em hebreo *Kadosch* (Sanctus). Pascoal II. confirmou a instituição d'esta Ord.·. religiosa e militar; Honorio II. lhe concedeu o habito branco; e Eugenio III. lhe permittio trazerem a Cruz vermelha.

Na instrucção dos *Cavalleiros do Oriente*, onde se celebra a instituição dos Templarios, lê-se que « 81 Maç.·. « (Cavalleiros Cruzados, iniciados aos Myst.·. dos *Filhos*

« *da Viuva*) conduzidos por Garimont, Patriarcha de Je-
« rusalem, passaram á Europa em 1150, iniciaram o
« Bispo d'*Upsal*, que os tinha amigavelmente recebido, e
« lhes confiaram o deposito sagrado da doutrina, ritos e
« myst.·. Coptos. Nove d'estes Maç.·., entre os quaes se
« achava Hugues de Paganis, fundaram n'Europa a Ord.·.
« dos Templarios, e mais tarde receberam do Bispo
« d'Upsal o deposito, que lhe haviam confiado. » É por
este facto que os Templarios na Europa se tornaram depois conservadores e depositarios dos Myst.·. trazidos do Oriente pelos Maç.·., ou Levitas da *verdadeira luz*:

A' imitação dos Christãos do Oriente e dos Padres Coptos, estes Cavalleiros conservaram entre si a Lei Oral de seu dogma, que nunca se escreveu, e que nunca se conferio aos Iniciados dos Gr.·. inferiores: tudo isto se conserva ainda no Rito Philosophico, posto que se não julgue derivado dos Templarios. Estas circumstancias enfraqueceram a religião de Roma e o numero de seus crentes, em particular os Cruzados, que se demoraram na Syria, na Palistina e no Egypto, onde as differentes religiões dos primeiros Christãos eram toleradas pelos Sarracenos.

Os Christãos do Oriente consideravam o dogma da *Unidade* de Deus como um mysterio e uma revelação divina; não communicavam os seus conhecimentos sinão pela Iniciação secreta; praticavam a moral prégada pelo Filho de Maria, mas não admittiam a sua divindade; porque os, que seguiam as tradicções Gnosticas e Cabalistas, o consideravam como um de seus antigos II.·. — Os Cavalleiros Cruzados admittidos a taes Myst.·., na volta á Europa deviam ter esta Iniciação tanto mais secreta, quanto a unica suspeita de tal crença poderia ter levado os novos religionarios ás torturas e ás fogueiras.

Os Templarios, tendo-se unido á Cruzada de Godefroy de Bouillon, se distiuguiram nos combates contra os Sarracenos; sua nomeada, seus espolios, e suas virtudes lhes produziram riquezas immensas, e uma consideração, que balançava o poder dos principes na Europa. A sua Ord.·. tinha então 40,000 Cavallieros e 9,000 senhorios. As *luzes* que tinham trazido do Oriente inspiraram ciume aos fanaticos e receio aos despotas. Philippe-o-Bello e Clemente V, o primeiro Rei de França, e o segundo Papa, (1) vendo que a Ord.·. do Templo tinha um poder extenso e que augmentava todos os dias, lhe supposeram doutrinas e ritos, que atrahiam grande numero d'adeptos, fazendo-lhes conhecer seus direitos civis e religiosos contra a Curia Romana; e d'esde então conceberam o plano de destruir a Ord.·. Templaria, com os fins de se assenhoriar de suas riquezas, de perpetuar o fanatismo, e de consolidar o despotismo. . . .

Os Templarios estiveram sempre em opposição com a Côrte de Roma; n'esta época os papas tinham feito adoptar em differentes paizes a *confissão auricular*, como necessaria para entrar no Paraizo; por este meio se constituiram medianeiros entre Deus e o homem. Esta medida, util a seus projectos, punha a Curia Romana ao alcance de todos os segredos das familias; e, forte com tão potente alçada, podia dispor da intriga a seu bel prazer contra todos, que não eram doceis a seus desejos. Os Templarios seguiam a doutrina de S. Tiago *Cap. V.* ℣. 16, que diz:

---

(1) Affirma-se que *Bertrand* de *Goth* não pôde obter a mitra papal sinão com a condição de consentir na destruição dos Templarios.

Confessae pois os vossos peccados uns aos outros, e orae uns pelos outros, para serdes salvos: porque a oração do justo, sendo fervorosa, póde muito.

Donde se tira que os Templarios sabiam que o Bispo de Toulouse havia sido o primeiro, que em 1128 e 1129 estabeleceu dous Concilios, pelos quaes obrigou os seculares de sua diocése a submetter-se á confissão auricular e sacramental; existia então, como ainda hoje, uma multidão d'estatutos particulares para as differentes diocéses, que exortavam os Christãos a confessar-se no principio da quaresma; e sabe-se que foi sómente no 4.° Concilio de Latran, em 1215, que se ordenou a todos os fieis, d'um e outro sexo, se confessassem ao menos uma vez por anno: é d'esde então que a confissão se tornou um dever para todos os Christãos; anteriormente ella era imposta só aos frades e clerigos: os Abbades confessavam os frades; as Abbadeças as religiosas etc. etc.

Em 1306 dous Templarios *Neoffodei* e *Florian*, por crimes que a Ord.·. condemnou, perderam suas commendas: supplicaram depois ao Gr.·. Mest.·. Provincial, *Charles du Mont-Carmel*, lhes désse outras novas, o que lhes foi recusado. Neffodei e Florian se introduzem em uma casa de campo do dito Gr.·. Mest.·., que habitava perto de Milão, e o assassinam escondendo o seu corpo n'um bosque: depois d'este horrivel assassinato os dous miseraveis se refugiaram em Pariz, e de combinação com o Rei de França, e outro *desconhecido*, arranjaram a denuncia seguinte:

«1.°— Que a Ord.·. dos Templarios era inimiga dos

« reis e da authoridade soberana; que communicava se-
« gredos aos Iniciados debaixo de juramentos horriveis,
« com a condição comminatioria de pena de morte si os
« descobrissem; e que as praticas secretas de sua Iniciação
« eram o resultado da irreligião, do atheismo, e da rebellião.

« 2.° — Que a Ord.·. tinha trahido a religião de Chris-
« to tendo dado conhecimento ao Suldão de Babylonia de
« todos os planos e operações do Imperador Frederico II,
« com o que haviam dissipado os designios dos Cruzados
« para recuperarem a terra santa.

« 3.° — Que a Ord.·., na recepção d'um Cavalleiro,
« prostituia os myst.·. mais venerados pelos Christãos, fa-
« zendo calcar aos pés a cruz, signal de redempção, e
« fazendo abjurar a religião de Christo pela declaração,
« que se mandava fazer ao Neophyto, de que o *verdadei-*
« *ro Deus não tinha sido morto, nem morreria*; que os
« Cavalleiros adoravam um idolo chamado *Baffomet*, que
« o Neophyto na Iniciação era obrigado a beijar na gar-
« ganta, e *in fine spinæ dorsi, et in virga virili* d'aquelle
« que lh'a offerecia (1).

(1) *Baffomet* é uma palavra composta de duas gregas *Baphe Meton* que significam *Baptismo da Sabedoria*. A palavra *Baphe* tem muitas significações, mas na phrase presente é synonimo de purificação, fecundação ou vida; de modo que Baffomet quer dizer *Deus é a unica vida de Sabedoria*, o que os Templarios não podiam confessar publicamente por causa da religião trinitaria, que perseguia os unitarios. Tambem os *Mopses*, que existiram em Vienna, depois do anno de 1738, debaixo de cujo nome se occultaram os Maç.·. Allemães e Belgas, em consequencia da bulla de Clemente XII, obrigavam o candidato a beijar o anus d'um dogue, de cauda levantada, e que era feito de páo ou de papelão.

« 4.º—Que a Ord.·. obrigava o Neophyto por um «juramento a uma inteira e cega obediencia ao Gr.·. « Mest.·. da Ord.·. ; o que era uma prova de rebellião ao « poder legitimo.

« 5.º—Que o dia da grande orgía era a Sexta feira « Santa.

« 6.º—Que os recipiendarios abandonavam sem tem- « pos aos outros Cavalleiros, para a pratica vergonhosa da « Sodomia.

« 7.º—Que, quando os Cavalleiros tinham filhos de « suas concubinas, os queimavam para destruir os vesti- « gios do seu deboche. »

Taes foram as calumnias, que serviram de pretexto aos inimigos dos Templarios, e que só eram dignas da ignorancia e da ferocidade de tempos barbaros! Os homens mais justos sempre poderão sêr calumniados transtornando a virtude em vicios. Pelo começo do Christianismo tambem os Judeos e os Pagãos proclamaram mil infamias contra Jesus Christo e seus crentes!

Philippe-o-Bello e Clemente V, cada um pelo seu interesse, fizeram publicar esta denuncia: *Jacques Molay*, Gr.·. Mest.·. dos Templarios, achava-se então em Chypre, cabeça do Grande Generalado: por solicitações do Papa deixou a Ilha e chegou a Pariz, onde foi preso e encerrado na *Bastilha* por ordem de Philippe-o-Bello, que, em um só dia, fez prender todos os Cavalleiros Templarios de França, em 3 d'Outubro de 1307.

O Papa, seguindo as convenções secretas, se encole-

risou contra Philippe escrevendo-lhe cartas picantes, como si ignorasse a origem da denuncia, nas quaes lhe dizia entre outras cousas, « que a Ord.·. do Templo era « *innocente* e emanada da authoridade papal; que era uma « Ord.·. religiosa e militar; e que por taes razões a « instrucção do seu processo pertencia á authoridade pa- « pal e ecclesiastica. »

Depois d'estas contestações simuladas, Philippe obedeceu, e o Papa publicou uma bulla para desculpar as primeiras tentativas do Rei: ei-la:

> *Nosso muito caro filho* (Philippe-o-Bello) *não fez prender os Templarios por um motivo d'avareza, mas por um verdadeiro zelo pela religião; elle está muito longe de querer usurpar a mais pequena parte de seus bens* (1).

No começo do processo dos Templarios, Jacques Molay, com 3 dignitarios da Ord.·., foi conduzido a Poitiers perante o Papa: o Santo Padre tinha confiado a instrucção do processo a dous Cardeaes e outros Prelados. Perguntou-se a Molay si tinha alguma cousa a escrever em defeza de seus religiosos, ao que respondeu « que elle « o emprenderia de bom grado, e teria a satisfação de

---

(1) R. de Schio, tom. 1.º Cap. XXII. Note-se mais que a litteratura em França era nenhuma, e que só o clero sabia lêr e escrever em taes tempos.

« fazer conhecer ao Universo a innocencia da Ord.·.; mas « que elle era um Cavalleiro não letrado, que não sa- « bia *lêr nem escrever*; e que pedia um advogado ou um « escrevente para o fazer. » (1):

Mas como tudo se fazia em segredo e se tinha estabelecido que a Ord.·. era accusada de heresia, não se lhe concedeu escrevente nem advogado afim de se sacrificar a Ordem sem obstaculo: as extorções e as violencias, que se praticaram n'este negocio sam hoje conhecidos de todo o mundo.

Logo que cessaram as contestações simuladas do poder; o Santo Padre fez ajuntar um Concilio geral em Vienna, que foi composto de 300 Prelados: n'este se opinou sobre a proposição de *supprimir a Ord.·. dos Templarios*, motivada pelo Papa; pois que seria injusto não ouvir a sua defeza; e compara-la com a sua accusação: mas o Papa, que presidia ao Concilio, e não esperava uma tal opposição, gritou mesmo n'assemblea, que, *si se não queria, por qualquer falta de formalidade. pronunciar juridicamente contra a Ord.·. dos Templarios, a plenitude de sua potencia pontifical suppriria tudo; e que elle a condemnaria por via do expediente.* E com effeito, contrariado pelo Concilio o Santo Padre, pouco tempo depois, reunio um Consistorio secreto, composto de Cardeaes e Bispos, que havia preparado d'ante-mão, e por meio d'elle cassou e annulou a Ord.·. dos Templa-

---

(1) Este facto figura em um alto Gr.·. philosophico onde as perguntas e as respostas se referem ao cavalleiro não letrado.

rios. A Sentença faz menção de que os Templarios, não tendo podido sêr condemnados segundo as formas do direito publico, o Papa os condemnava por provisão e por authoridade apostolica; bem entendído que alem de suas pessoas elle reservava para si a disposição de seus bens!!!! Bom será tambem notar que antes d'este já tinha havido outro Papa, que deu exemplos d'um poder arbitrario e da influencia, que taes authoridades—podiam ter nos seus Concilios: no fim do seculo IX, diz R. de Schio, o Papa Estevão VI reunio nm Concilio e fez comparecer em juizo um morto, o *Papa Formose*, seu segundo predecessor: Estevão fez abrir o seu tumulo, pôr o cadaver no meio do Concilio, e lá, por sua authoridáde privada, condemnou o morto a serem-lhe cortados 3 dedos da mão direita, e a cabeça degolada pelo carrasco; a sentença foi executada, e o corpo mutilado foi lançado ao Tibre: a causa de tamanho odio havia sido a concorrencia de Formose ao Episcopado de Roma! Estevão havia estudado o liv. 2,° dos Reis Cap. XXIII.!!!

Pelo espaço de 4 annos, que durou este processo sacrilego, depois de se haver feito experimentar a muitos Templarios todos os tormentos, que a maldade tem podido inventar, para extorquir falsas confissões, a maior parte d'elles persistio na protestação de innocencia; mas alguns com promessas de lhes salvarem a vida, e enfraquecidos pelos castigos e torturas, convieram em tudo, que lhes imputavam e estes mesmos, proximos da morte, ou emigrados, repáraram a sua fraqueza por publicas retractações.

Apezar da unanimidade de sua constancia, prova luminosa da innocencia de tal Ord.·. e da falsidade das occusações, Philippe-o-Bello, e Clemente V, confirma-

ram a destruição dos Templarios, que tinha sido decretada pelo Consistorio: condemnaram ás chammas o Gr.·. Mest.·. Jacques Molay e 6000 Cavalleiros, que muitos historiadores dizem terem sido executados no mesmo dia; e tambem lhes confiscaram os bens. Conta-se que Jacques Molay, proximo de se lançar á fogueira, proclamára ao povo e predisséra o dia e a morte de Philippe e do Papa, citando seus denunciantes e Juizes para comparecerem no Tribunal de Deus, e darem conta de seu julgamento em *um anno e um dia*. E com effeito, a execução dos Templarios teve logar em 11 de Março de 1313, e Philippe e Clemente morreram antes do fim d'Abril de 1314: parece que o dedo do Eterno, como em tempo da impia Babylonia, quiz verificar o appello do Gr.·. Mest.·. dos Templarios: na madrugada do dia seguinte á morte de Molay, o Cavalleiro *d'Aumont e 7 Templarios* ajuntaram e guardaram as cinzas da fogueira: *Neffodei* foi estrangulado secretamente em um Capitulo dos Templarios, em Montfaucon; e é para lembrar este facto, que certo rito recebe o candidato de *corda ao pescoço*: Quinze dias depois Sequin de Florian foi assassinado; o Papa o fez enterrar em Avignon e o beatificou; mas os Templarios tiraram do tumulo seu corpo, e em seu logar depositaram as cinzas de Molay.

Digamos tambem alguma cousa em honra de Portugal:

Entre as 7 *Ordens Militares*, alem d'outras condecorações que tem Portugal, figura em primeiro logar a *Ord.·. de Malta*, instituida no XI seculo por uns Negociantes d'Almafi, confirmada por Pascoal II, a qual tinha duas Villas e 24 Commendas no Reino, e usava de fita preta.

O Septimo Rei de Portugal, *D. Diniz*, não só separou a Ord.·. de S. Tiago da obediencia do Gr.·. Mest.·. de Hespanha, que D. Affonso Henriques tinha admittido; mas, extincta geralmente a *Ord.·. dos Templarios* pela crueldade do Papa Clemente V, e pela ambição de Philippe-o-Bello, tambem Elrei D. Diniz a extinguio, mas *apparentemente*: o monarcha Portuguez não perseguio nem fez morrer Cavalleiro algum como succedeu nas outras Nações; pelo contrario, em vez de seguir os reis contemporaneos, elle instituio a *Ord.·. de Christo* com as rendas dos Templarios, *e n'ella accolheu a maior parte de seus membros* (1). Isto succedeu em 1319.

Nenhum dos Templarios, apesar de tantos tormentos descobrio os Myst.·. e o dogma, que elles tinham trazido do Egypto e do Oriente, deixando-nos assim o exemplo heroico de sua firmeza e de sua honradez. Bocace, Bispo de Lodeve, Vertot, Dupuis e muitos AA. contemporaneos e posteriores, nos tem deixado os maiores elogios das virtudes dos Templarios, todos martyres da verdade e da innocencia.

Conta-se que Jacques Molay, antes de morrer, havia

---

(1) Quantos Cavalleiros de Christo ha hoje em Portugal, que, ignorando o, que foi, e é a Ordem, a que pertencem, se ham revoltado contra a pura doutrina de seus Instituidores!!! Os chefes do Estado, ainda quando não tenham querido imitar os beneficios patrios d'Elrei D. Diniz, pelo menos não deveram ter prodigalisado com tanta sem ceremonia tamanha honra, e tamanho titulo!!!

creado 4 Grandes Chefes da Ord.·. na Europa, ao Norte, Sul, Este, e Oeste; ou em Stockholmo, Pariz, Napoles, e Edimbourgo. (1)

Muitos Cavalleiros Templarios deixaram clandestinamente a França e conservaram assim seu dogma e suas doutrinas: em Allemanha ainda se sustentaram algum tempo publicamente, mas depois foram cruelmente perseguidos: a maior parte d'elles foi refugiar-se na Escocia e Inglaterra, onde poderam incorporar-se aos Maç.·.: muitos se conservaram occultos em França tendo reuniões secretas, e guardaram a mesma forma, costumes, e archivos: este ramo, sempre ignorado, appareceu depois nos fins do seculo XVIII; e mostra uma Carta de transmissão por Larminius, assignada por Grandes Mest.·. successivos, cujas psrsonagens sam as mais illustres de suas respectivas épocas.

Nos fins do seculo XVII achou-se n'Allemanha, no tumulo d'um Templario, morto antes da perseguição da Ord.·., uma especie de talisman, que tinba, alem de muitos outros signaes proprios da sua Ord.·., os seguintes: o *compasso*, *a esquadria*, *a esphera*; *o pentagono* de Pythagoras; e o *octaédro* Gnostico, que symbolisa os 8 Cabyres de Samothracia, os 8 principios Egypcios e Phe-

(1) Muitos Ritos ha e muitos Gr.·. onde se conserva a commemoração allegorica dos Templarios, taes sam: todos os Eleitos, Cavalleiros do Sol, Grandes Esc.·., o Real Secreto, Cavalleiro Illustre, Templario Sublime, Cavalleiro Kadosch, Grande-Inquisidor, Grande Commendador etc. etc.

nicios; os 8 deoses de Xenocrates, e os 8 angulos da *pedra cubica.*

De mais, os Templarios recebiam, como marca de sua Cavalleria secreta, uma cinta, ulteriormente mudada em charpa, da qual se derivaram todos os cordões modernos, e as insignias, que hoje se usam em toda a parte. Tal é a opinião de G. Dumast, e outros.

« Conseguintemente, a Ord.·. do Templo, ácerca de « quem tão diversamente se tem fallado, não era, diz « Vassal, sinão um annel de grande cadeia da Iniciação « mystica, collocada entre os tempos antigos e os modernos. »

Com effeito, Hugues de Paganis, principal fundador da Ord.·. do Templo, quiz reunir n'ella todas as vantagens, obtidas athe então por meio da Iniciação e da Cavalleria: elle pretendia que a milicia fosse util á Patria pelo braço, e que os chefes o fossem pela liberdade de suas ideas. Os preceitos fundamentaes d'associação eram a *Beneficencia* e a *Tolerancia.* A primeira se mostra pelas abundantes esmolas, que, tres vezes por semana, eram distribuidas á porta de seus numerosos mosteiros, e a segunda se deixa vêr pelo amor, com que tratavam os prisioneiros nas guerras da Palestina.

A denominação de *Cavalleiros do Templo* não se reffere, como muitos julgam, á igreja do Santo-Sepulcro ou ao Templo de Salomão; « porque os chefes da Ord.·. ti« nham em vista, diz G. Dumast, outro Templo, mais « digno da divindade, o *mundo inteiro povoado de homens « livres e virtuosos.* » Era na construcção d'este ultimo Templo, continúa o mesmo author, que a Ord.·. traba-

lhava, e o de Salomão não lhe servia sinão de symbolo; e supposto o nome de *Templarios* ter prevalecido, todavia nunca perderam o d'*Iniciados* ou de *Maçons*.

Quando no seculo XIV, teve logar a perseguição d'esta illustre Ord.·., a maior parte de seus membros entrou de novo na grande familia Maç.·., a que, ha muito, pertenciam: mas é principalmente depois d'esta agglomeração que Barruel, Gassicourt, e outros calumniadores da Iniciação, começaram a persuadir aos Soberanos medrosos, que os Maç.·. não eram, sinão os proprios vingadores de *Jacques Molay* e de seus companheiros: porem o author do *Mysterium Baphometi revelatum* prova que os Maç.·. Européos sam muito anteriores aos Templarios.

«Taes do Jordão heroicos defensores
«Que em Cezaréa o Saladino admira;
«Do Templo os Cavalleiros formidaveis,
«(Que exemplo deixa ao mundo a queda sua!)
«Seu dinheiro os mantem, seu braço os guarda!
«Povos occidentaes vilmente ingratos
«Negra impostura desmentir não ousam:
«Seus crimes só tem prova na tortura,
«Modestos sabios ardem nas fogueiras,
«E o pranto arrancam, que occultar se intenta,
«Vella a suspeita, e, filho da ignorancia,
«Poem jugo á França o fanatismo cego.

(Holophernes.·. trad.)

Taes sam os sentimentos do *Poema Maç.·.* a respeito

dos Antigos Templarios, que se não devem confundir com os *Templarios Modernos*, ou

JOANISTAS.

Templarios Modernos, *ou Joanistas*. Em 1804, um Medico, *Bernard Raimond Fabré-Palaprat*, julgando dever aproveitar-se da illustre memoria dos antigos Templarios, conseguio, entre alguns amigos, organisar uma nova seita Templaria, a qual se dissesse sêr uma *successão verdadeira* da primeira Ord∴ do Templo. Os novos Templarios, temendo encontrar algumas difficuldades em tão alto projecto, encobriram suas primeiras reuniões com a capa da Maç∴ — Com effeito esta nova Ord∴, em 1805, obteve do Gr∴ Or∴ de França as Constituições para formar a L∴ dos *Chevaliers de la Croix*, que mais tarde deu tambem origem a um *Cap.* de R∴ C∴ — Mas foi só em 1806 que a Ord∴ revelou a sua existencia Templaria: Pela occasião do casamento de Napoleão com Maria Luiza, em 1810, esta Ord∴ deu na capital uma festa brilhante, que foi terminada por uma grande distribuição d'esmolas a pobres. Mas o Gr∴ Or∴ de França, ignorando ainda as pretenções da nova Or∴, e receando que esta viesse a sêr uma authoridade rival, convidou, em 1811, tres de seus membros a dar conta de suas doutrinas perante o *Consistorio* dos Ritos Maç∴

A doutrina dos novos Templarios consiste, segundo a *Revue Maç∴* n.º 6, no *Evangelho de S. João Baptista, sem os milagres*. A respeito de Christo, não tem o Joanismo ideas fixas sobre sua natureza: umas vezes é considerado como um homem superior, que vai buscar a Iniciação ao Egypto, para a transmittir aos profanos; outras vezes é o filho de Deus, parte essencial da suprema Intelligencia.

O Gr.·. Or.·. de França, plenamente satisfeito com as vistas puramente *religiosas* da nova Ord.·. Templaria, não lhe disputou mais a sua independencia; e d'esde então ella ficou fazendo corpo á parte da Maç.·. — Seja porem como for, é certo que a nova Ordem Templaria, em 13 de Janeiro de 1833, inaugurou a sua igreja, por um acto de culto publico em Pariz; e supposto que alguns homens respeitaveis pertençam a esta nova Sociedade, que se affasta muito da doutrina dos antigos Templarios, todavia seja-nos licito relatar um facto historico. Um dos chefes da nova Ord.·., recrutando para membros quantos homens encontrava, e sendo reprehendido pela sua má escolha, respondeu:

Qu'il fallait de la tapisserie, et qu'il faisait des hommes avec de la boue....
(Ch. Dupontés.)

Nas antigas e modernas assembleas Maç.·. conservam-se ainda os mesmos habitos dos Cruzados e dos Templarios. O Ven.·. representa o antigo *Magister Cathedralis*; e colloca-se no throno do Oriente, d'onde vieram o dogma e as doutrinas: os dous vigilantes sam os antigos *Procuratores*, collocados na extremidade das columnas, como era nos antigos Capitulos: os II.·., alinhados nas columnas, substituem os *Equites*, e os II.·. ecclesiasticos: o juramento de recipiendario Maç.·. é um *fac simile* do, que faziam os Cavalleiros Cruzados, os Templarios, e outras Corporações na occasião dos seus votos: o logar das assembleas chama-se como antigamente *Loge*, *Templo*; mas a Maç.·., tendo prosperado como todas as instituições de paz e benificencia, vio-se obrigada a estabelecer Grandes LL.·. que se chamam *Orientes*, e cada Principado na Europa e n'America tem pelo menos um.

O capitão *Jorge Smits*, inspector da escola militar de Wolvich, em qualidade de *Real-Arca* (ultimo Gr.·. de seu Rito), dá um esqueleto da Maç.·., estabelece que os II.·. Maç.·. sam uma continuação da Ord.·. dos Temp.·., e applica toda a Iniciação da Maç.·. symbolica ao desenvolvimento de sua opinião; explica que a representação da morte de *Hiram* e de seus assassinos não é outra cousa mais, doque a historia Templaria de *Charles de Mont-Carmel*, cujo assassinio foi o primeiro golpe, que soffreu a Ord.·. Temp.·.; que a mesma morte de Hiram, em outro sitio, representa o assassinio de *Jacques Molay*, estas duas comparações são muito engenhosas, e muito apropriadas; teem um certo grau de probabilidade, e tanto mais que se acha em *Hiram* um anagramma curioso:

Hugo Igne Raptus Atrocissimo Molay.

Muitos Ritos Maç.·. não admittem estas hypotheses, e creem que a Maç.·. é inteiramente d'origem Egypcia, entretanto que outros a fazem Judaica ou Christã: cada Rito tem fortes e plausiveis razões para se conservar em sua opinião; mas emfim todos se persuadirão de que a Maç.·. é o resultado dos Myst.·. e doutrinas Egypcia, Judaica, e Christã.

Pensamos, com R. de Schio, que toda a sciencia Maç.·. se pode considerar encerrada nas 4 classes seguintes:

1.ª — Maçonaria, que comprehende o estudo dos corpos e das leis da Natureza, conduzindo á demonstração do Gr.·. Arch.·. do Un.·., á crença da immortalidade d'alma, e ás sciencias superiores, que os Padres do Egypto oralmente manifestavam aos iniciados aos grandes myst.·.,

e que teem relação com a *Divindade*, *Verdade*, e *Materia*.

2.ª — Maç.·. que segue as instituições moysaicas, o contheudo da Biblia, a instrucção dos Myst.·. Israelitas, e a historia dos Hebreos.

3.ª — Maç.·., que se occupa em doutrinas evangelicas, moral do nosso Divino Mestre Jesus, sua vida, sua morte, e seus Discipulos, que se uniram aos Gnosticos e aos Cruzados.

4.ª — Maç.·., que segue em toda a sua pureza a instituisão da Ord.·. dos Templarios, sua destruição, e a lembrança do ultimo Gr.·. Mest.·. Jacques Molay.

Si outras doutrinas differentes das, que acabamos de classificar, sam admittidas em certos Ritos estrangeiros, nunca ellas foram nem estam no sentido de nossas instituições, mas sam producto das paixões humanas, e dos ennovadores, que geralmente teem feito mal á nossa Santa religião pelas disputas, que se teem elevado em espirito de partido, e que não teem servido sinão para denegrir a Ordem Maç.·. — Em consequencia não é sinão por meio da historia, e das sciencias, que os II.·. e os Prof.·. poderão apanhar o *espirito mysterioso* do nosso dogma; e convencer de que todos os Gr.·. Maç.·. sam tirados dos Myst.·. Egypcios, da Historia dos Israelitas, de Moysés, de Jesus, dos primeiros Christãos do Oriente, dos Cavalleiros Cruzados, e emfim dos Templarios.

CAPITULO V.

MAÇONNARIA EM FRANÇA.

Antes do seculo XVII não havia em França sinão Maç.·. exulados; mas em 1725, algnns Inglezes, entre os quaes se contam os Lords *Dervent-Water*, e *Harnwester*, foram os primeiros, que em Pariz, estabeleceram algumas LL.·. nacionaes. Tres Gr.·. (Apr.·., Comp.·., e Mest.·.), compunham toda a Maç.·., quando foi introduzida em França; mas, em 1728, um Escocez, o Dr. *Ramsay*, imaginando que a Maç.·. tinha tido origem nos campos das Cruzadas, lhe acrescentou mais tres Gr.·. de *Cavalleria*, com a denominação geral d'*Escocismo*. Esta fatal ennovação fez nascer muitas outras; e a Escocia, Inglaterra, Allemanha, etc. tiveram tambem seus Gr.·. d'Escocismo: a França tambem possuio um rito de 25 gr.·., que mais tarde foi elevado a 33!!!

Em 1786, o Gr.·. Or.·. de França, querendo simplificar os 33 gr.·. do Escocismo, organisou quatro *ordens*, (El.·. Secr.·., El.·. Esc.·. Cav.·. do Or.·.; e R.·. Cruz) que, juntas aos tres primeiros Gr.·., formam o Rito *Moderno Francez*. E' depois d'esta época que uma luta vergonhosa se declarou entre os dous Ritos; e os damnos que uma preeminencia, mal entendida, tem causado á Maç.·.,

Franceza sam incalculaveis! Entretanto que os seus encarniçados inimigos, (Apostolicos, Jesuitas, e Féotas) (1) marcham a passos lentos e tranquillos, para o dominio universal!!!

Seja-nos permittido fazer uma observação, que o amor á Patria e á Ord.·. exige.

Portugal e Brasil não conheceram tambem ao principio sinão os tres primeiros Gr.·. da Maç.·. Symb.·.; mas alguns Maçons pertendem estabelecer e *Escocismo* em ambos os Paizes: entretanto esperamos que tal projecto não se realize; porque o systema do Escocismo foi um aborto arbitrario, e não o fructo d'um pacto unanime entre todos os povos, como foi o da *Maç.·. Symb.·.* — Aos tres primeiros Gr.·. da Maç.·. Symbolica todo o mundo é admittido, nacionaes ou estrangeiros; e é n'isto que realmente consiste a fraternidade universal; mas pelo que respeita aos altos Gr.·. ou *Mysterios*, cada nação quer, pode, e deve ter os seus em particular; pois que só devem sêr fundados sobre a historia, costumes, e necessidades de cada um dos paizes: sirvam d'exemplo a Inglaterra, Prussia, Allemanha, e ultimamente a Belgica. Mas querer adoptar um Rito estrangeiro, que, alem d'estar vulgarisado, tem produzido a discordia e a zizania entre os II.·. do mesmo reino, si não for especulação, tambem de certo não é pensar de coração *nobre* e *independente*.... Todos

---

(1) A'lerta Maçons Francezes! deixai vossos Ritos, e reuni vossas columnas.... Olhae que o bediondo monstro se desenfrêa, e vossos gloriosos dias de Julho não lhe fizeram recuar sinão um pepueno posso!!...

ambicionam a Maç.·. reformada; mas para isso não precisamos d'*esmola estrangeira*.

MAÇONNARIA D'ADOPÇÃO.

A França é, sem duvida, o berço da Maç.·. *d'Adopção* ou das *Damas*. Foi em 1774 que o Gr.·. Or.·. de França tomou debaixo do seu patronato algumas LL.·. d'Adopção, que d'antes existiam, com a condição expressa de que seus trabalhos seriam presididos por um Ven.·. Maç.·.. Depois d'esta época a Maç.·. d'Adopção se espalhou rapidamente na Allemanha, na Italia, na Hollanda, e na Russia; mas não em Inglaterra.

Em 1775 a duqueza de *Bourbon* foi eleita Gr.·. Mest.·. de todas as LL.·. Francezas; e em 1777 ella mesmo presidio á L.·. *Candeur*, que se distinguio sempre por muitos actos de philantropia. Foi em 1779 que a L.·. *Candeur* estabeleceu um premio em favor d'aquella memoria, que tratasse melhor a questão seguinte: *Qual será a maneira, mais economica, mais sã, e mais util á Sociedade para educar os enjeitados, d'esde o nascimento athe á edade de 7 annos?*

Mas foi principalmente depois de 1805 athe 1827 que o numero das LL.·. d'Adopção s'augmentou consideravelmente na França; e todas as suas festas da Ord.·. foram notaveis por abundantes esmolas; feitas já em favor dos desgraçados, já em favor dos Gregos opprimidos......

Prisioneiros libertos; familias indigentes consoladas; bellas acções recompensadas; festas augustas; e os prin-

cipios Maç.·. em triunfo; taes teem sido em França os admiraveis resultados do concurso d'ambos os sexos, debaixo do estandarte sagrado da Maç.·......

Por que razão as Portuguezas, onde se encontra o germe da innocencia e da virtude, permanecerão por mais tempo indifferentes ao beneficio de taes associações?

SECÇÃO SETIMA.

CAPITULO I.

JESUITAS E FÉOTAS.

SERIA um nunca acabar si escrevessemos tudo, que respeita a estas duas orgulhosas e perigosas Seitas: mas só resumiremos (1).

Os Jesuitas, unidos pelo segredo, e por signaes, procuraram dominar o Universo; e, apesar de prohibidas as suas reuniões, esta Ord.·., supprimida ha 70 annos, e banida da Europa por suas intrigas politicas, se tem perpetuado, multiplicado, e introduzido de novo em todos os Estados, e com diversos nomes: o espirito de corpora-

(1) A sociedade dos Jesuitas, instituida em Pariz por Ignacio de Loyola, tambem s'estabeleceu em Portugal em 1541, e foi expulsa por El-Rei D. José I. A Ordem foi abolida geralmente pelo Papa em 1773, e rehabilitada em 1816.

ção lhe tem fornecido os meios de chegar a um ponto d'união, tão poderoso, que a tranquilidade de muitas Nações se acha hoje compromettida.

Os Escriptos apostolicos, que d'ordinario deprimem a honra da Fraternidade Maçonnica, se erigem em panegyristas dos Jesuitas, e queixam se dos Governos que os desterraram: mas hoje todos sabem que os membros de tal Ord.·. não sam mais, do que vampiros religiosos e politicos, que procuram entrar clandestinamente entre nós, armados do facho da discordia, e cobertos da mascara da hypocrisia, occultando seus nefandos projectos debaixo da capa da religião: a prova d'isto existe em muitos processos intentados contra os Jesuitas por differentes Principes da Europa, que certificam o espirito de rebellião, que os anima; e na Historia, que por toda a parte representa estes falsos Apostolos com o desejo da dominação universal, confessando os reis, aconselhando-os, e, quando é preciso, assassinando-os...... (1)

Depois dos desastres de Napoleão e da retirada do exercito Francez formou-se na Italia uma sociedade anti-Maçonnica, que arremeda os Maç.·., de quem ella adoptou os Ritos. Seus membros teem sign.·. e pal.·. para se reconhecerem; e seu nome tem sido tambem variavel: ora se chama *sociedade della santa Fede ou dell'Anella*, ora *Congreganistas*, *Féotas*, e em fim *Sociedade de Brutus*.

« Os Féotas, pura invenção Jesuitica e pelos Jesuitas governada, disse ha pouco um Portuguez, se proposeram

(1) Veja-se *Le Tombeau de Jacques Molay*: os *Crimes dos Jesuitas*, e do *Gov. Inglez*: e *Reg. de Schio*, tom. 2.º pag. 418 — 476.

avassallar o mundo inteiro mediante as formulas hypocritas do *purissimo* zelo da propagação da fé evangelica. Esta sociedade (seja ditto de passagem) é a mais perigosa de todas as sociedades secretas athe hoje conhecidas, por que é a, que se serve de meios mais proprios para illudir, e utilisar-se dos serviços das pessoas mais respeitaveis por sua posição social e religiosa. Cumpre ao Governo Portuguez vigia-la de perto, lembrando-se de quão amargas horas cauzarão os *zellosos* ao Governo de Luiz XIV: e lembre-se mais o Governo de que o Féotismo, já influente em todas as Cortes *absolutistas*, procura ganhar egual preponderancia nos paizes *constitucionaes* e o vai conseguindo. »

Um author moderno, João de Wit, que se diz iniciado aos Gr.·. mais elevados da Maç.·. e do Carbonarismo publicou ha pouco uma obra a respeitos dos *Féotas* da qual vamos fazer alguns extractos.

« Existe na Italia (diz elle) na Hespanha, na França, na Suissa, n'Allemanha e (dizemos nós) em Portugal, uma Sociedade *secreta*, quasi indissoluvel, que s'eleva contra o espirito regenerador do seculo. contra os progressos das sciencias, e contra a Fraternidade Maç.·.; que tomou formas, iniciações, e gr.·. Maç.·.; e que teve por cabeça o Papa Pio VII, que excommungou os Maç.·. e as sociedades secretas. Pela pratica de sua instituição poude fazer-se reconhecer por um ramo Maç.·.; por suas astucias secretas poude surprehender e enganar alguns Maç.·., mas hoje todos se acham esclarecidos a tal respeito. Ella adoptou a Iniciação introduzida por Folkes na Italia, e conhecida pelo nome de Rito de *Misraim*; segue os 3 gr.·. symb.·., o que fez enganar os Maç.·. e Carbonarios; e affecta seguir principios liberaes, que nunca teve. »

« Os membros *della santa Fede* fazem muitos juramentos, e entre outros o de contarem ao seu chefe tudo o, que ouvem e veem: por este meio formam a policia secreta, ou a alta policia do Estado, que não existe sinão para executar as ordens dos Féotas: por seu systema espiador esta sociedade chegou a organizar no seio do Estado um segundo Governo, cujo fim é de mudar a ordem das cousas, de derribar todas as instituições, que lhe desagradam, e mais d'uma vez ella se tem tornado culpavel d'alta traição. Os fins principaes de sua instituição foram fazer recuar a civilisação, apagar as luzes e a liberdade pela falta d'instrucção e da imprensa, fazer cahir o mundo debaixo do jugo da superstição pelo restabelecimento dos conventos, e em fim estender o dominio papal, por uma nova divisão da Italia, que, segundo o plano d'estes santos conspiradores, deve dividir-se em 3 partes a saber: *Italia superior*, *inferior*, e *central* (1). Por este pla-

(1) Todas as Ordens monasticas, por toda parte onde existem, dependem directamente dos Papas e não dos prelados ordinarios; por este meio Roma tem vassallos nos Estados dos outros soberanos; e eis a razão, porque ella intriga pelo restabelecimento dos conventos onde foram supprimidos. Ainda ha pouco o Internuncio do Papa em Portugal, Msg. *Capaccini*, exigio do Governo Portuguez a restituição dos Bispos illegitimos (os de D. Miguel) e a dos Bispos legitimos que tinham sido expulsos de Portugal por fautores da usurpação: a restituição d'alguns conventos das extinctas ordens religiosas: a restituição a Roma das dispensas matrimoniaes: as annatas dos beneficios ecclesiasticos: a desapprovação de tudo, quanto se praticára na Repartição Ecclesiastica: a indicação e nomeação dos Bispos etc. etc.!!!! (Papel Politico — *Amanhã* — pag, 182.)

ne os Papas calcam aos pés o preceito do nosso Divino Mest.·. Jesus:

> *Os Principes das Nações dominam; entre vós não será assim: o, que quizer ser o primeiro, será o ultimo.* »

A seita dos *Féotas*, como acabamos de ver, trabalha pelo engrandecimento da authoridade papal, e para fazer triunfar todas as superstições, espalhadas pela maior parte do clero. « outro tanto fazem os Jesuitas, que, segundo Wit, não sam mais, que os Fedistas, seita que envenena a Europa, e na qual se conta o Principe de Hohendohe, Schillings, e Fürst, que é pago por esta sociedade, cuja avareza não recusa sacrificar dinheiro para mergulhar a Europa na anarchia theocratica e na mais profunda ignorancia. A prova d'isto tira-se do seguinte facto, que deve pôr em cautela todos os Soberanos e povos da Europa:

O Governo Piemontez, dirigido pelos Féotas, tratou de restringir a instrucção, e por assim dizer torna-la aristocratica: fez um decreto pelo qual não eram admittidos aos estudos, sinão os nobres; para receber a instrucção era mister pagar uma grande somma; de modo que a educação publica, nas escolas primarias e nas Universidades, era quasi nenhuma. Um professor de Physica da Universidade de Vercelli, querendo remediar tantos males, se apresentou ao Conde de la *Motte de St. Martin*, inspector-geral das escolas (mas zeloso agente dos Féotas) para que se representasse a El-Rei os máos effeitos de similhante decreto, que prohibia a instrucção nacional e

universal; pois que ás Universidades se achavam desertas e o povo mergulhado nas trevas. A este patriotico queixume gritou contente o Conde: *Tanto melhor, eis-nos no nosso caminho: sam as luzes e as Universidades que provocaram a revolução na França e no Piemonte: nosso Rei não quer mais revoluções, não precisa de sabios, nem os quer!!!* » (1).

Eis o, que se propoem, na Italia, na França, n'Allemanha, na Belgica, e em Portugal, os Féotas, e os Jesuitas; porque ignorando-se si sam sociedades distinctas ou a mesma debaixo de differentes denominações; nós comprehendemos em ambas todos os homens, que marcham no mesmo trilho para chegarem a seu fim commum, qual é *o d'assentar a tirannia papal sobre os thronos dos Reis; o de se assenhoriar, em nome do Ceo, dos bens da Terra, e o de perpetuar sua dominação pela ignorancia dos povos.*

Depois da queda de Napoleão todos os Principes Italianos, que entraram nos seus antigos dominios, se ligaram, por insinuação dos Féotas, para destruir a Fraternidade Maç.·., como si os seus revezes e a perda de seus Estados fossem devidos a esta instituição. Todos conhecem esta historia e só acrescentaremos, que os Principes Italianos presistem ainda hoje nas mesmas perseguições, ainda que a Fraternidade não existe na Italia; mas quando mesmo existisse ella teria um fim conhecido e puramente theosophico, A Maç.·. não encara sinão o amor ao proximo; é uma instituição de pura caridade, que nunca deu a mão ás convulções politicas, que tiveram logar na Italia.

(1) R. de Schio, tom. 3.° pag. 102.

Os Papas legaram à seus successores tambem um odio mortal contra os Maç.·. — Para encobrir as astucias e enganos dos Féotas e dos Jesuitas, Leão XII lançou tambem uma bulla d'excommunhão contra todos os Maç.·. e os seus protectores: Esta bulla termina por um texto de S. Paulo, *Epistola aos Romanos Cap. I.* ℣. 32.

> *Os quaes tendo conhecido a justiça de Deus, não comprehenderam que os, que fazem similhantes cousas, sam dignos de morte: e não somente os, que estas cousas fazem, sinão tambem os, que consentem os, que as fazem.*

Por està sentença do Santo Padre a màior parte dos magistrados dos Estados Uuidos d'America e da Europa, o Imperador do Brasil, os Reis d'Inglaterra, de Suecia, dos Paizes Baixos, e um grande numero de Principes d'Allemanha e da França eram designados (porque todos eram e sam Maç.·.) aos punhaes dos Féotas e da Côrte de Roma (1).

Era facil refutarmos victoriosamente á bulla papal, producção digna só de tempos barbaros; mas não faremos mais doque demorar-mo-nos um instante em examinar quem sam aquelles, que S. Paulo condemnou á pena de

(1) Note-se que a dita bulla era assignada pelos Cardeaes *Barthelemi Pacca*, *Albani Capacini*, e pelo *Dr. Testa* em 13 de Março de 1825, época correspondente ao dia da Morte de Jacques Molay, para inculcar que a Côrte de Roma considera os Maç.·. como substitutos da Ord.·. dos Templarios.

morte; e quanto foi impudente a Curia Romana em confundir os Maç∴ com os primeiros Christãos de Roma.

Para bem s'explicar o sentido do texto de S. Paulo aos Romanos é mister lêrem-se os §§. anteriores, que sam:

23 = *E mudaram a gloria do Deus incorruptivel em similhança de figura de homem corruptivel, e d'aves, e de quadrupedes; e de serpentes.*

24 = *Pelo que os entregou Deus aos desejos dos seus corações, á immundicie: de modo que deshonraram os seus corpos em si mesmos.*

25 = *Os quaes mudaram a verdade de Deus em mentira: e adoraram, e serviram á creatura antes que ao Creador, que é bemdito por todos os seculos. Amen.*

26 = *Por isso os entregou Deus a paixões d'ignominia. Porque as suas mulheres mudaram o natural uso, em outro uso, que é contra a natureza.*

27 = *E assim mesmo tambem os homens, deixado o natural uso das mulheres, arderam nos seus desejos mutuamente, commettendo homens com homens a torpeza, e recebendo em si mesmos a paga que era devida ao seu peccado.*

29 = *Cheios de toda a iniquidade, de malicia, de fornição, d'avareza, de maldade, cheios d'inveja, d'homicidios, de contendas d'engano, de malignidade, mexeriqueiros* (1).

(1) Epist. de S. Paulo aos Romanos Cap. I.

Eis aqui os homens, que S. Paulo entregou ao anathema: sam os Christãos de Roma, que então eram accusados d'eguaes torpezas em suas reuniões nocturnas e não os Maç.·. — Parece impossivel que no seculo das luzes os Féotas queiram abusar assim da Sagrada Escriptura, fazendo d'ella tão improprias applicações.... E na realidade que similhança haverá entre os Maç.·. e os homens corrompidos de que falla S. Paulo? Foram os Maç.·. que mudaram a similhança de Deus incorruptivel na imagem do homem corruptivel? A Curia Romana bem sabe que a Fraternidade honra só o culto do Gr.·. Arch.·. do Univ.·., e que não foi ella que lh'ajuntou o *Pae* ou *Filho*, culto novo, a que S. Paulo parece querer alludir. A Maç.·. rende só homenagens a *Jehovah*, unico, que foi, que é, e que será, *Amen*. Serão os Maç.·. que s'entregam ás affeições infames e contra a natureza? A Curia Romana e o mundo inteiro sabem que os homens sem bons costumes sam excluidos sempre da Fraternidade, e que os Maç.·. consideram o Celibato como um escandalo feito á humanidade: é nos claustros e nos conventos que tiveram origem os vicios infames, que a Curia Romana quer pôr sobre os hombros dos Maç.·.... mas debalde trabalhará ella.

Guardamo-nos de dar mais amplas explicações sobre tal materia: o respeito, que devemos aos costumes e religião Christã no-lo prohimem, e nós pedimos desculpa aos II.·. das indecencias, que acabamos de transcrever: ellas acham-se na Epistola aos Romanos, que a Côrte de Roma admittio em seus livros canonicos, cuja leitura é recommendada aos seus Levitas para os tornar mais dignos do Sacerdocio e da Sociedade Féota.

Fallando de Portugal concluiremos com o, que disse

ha pouco o Portuguez já annunciado: «Os agentes *Féolas* e *Capaccinicos* não socegam em Portugal, e um verdadeiro *schisma* pode ter logar si o Governo não resolver acabar com as contemporisações de Roma. Por via de sua gente (em que s'encontram alguns fidalgos) *Cappacini* governa e dispõe a seu sabor das consciencias da totalidade da Nação! Medite-se n'isto e conhecer-se-hão os perigos politicos e religiosos da situação presente. Ninguem mais doque eu respeita a religião que professa: sou catholico-apostolico-romano; e d'isso me glorio, porque o sou de convicção: porem sou Portuguez, e conciliando, como tão perfeitamente se conciliam, estas duas qualidades, abomino as usurpações de Roma. *Sincero Christão*, escandaliso-me com o anti-religioso procedimento da ambição romana, e despreso pretenções contrarias á sã doutrina da igreja universal. *Verdadeiro Portuguez* guerrearei quem não guerrear os, que attentarem contra o decoro do meu paiz.» (1)

O Governo, diz outro Portuguez, dê o, que poder dar, á curia romana; mas, quando ella pedir mais, doque deve, abra a historia de Portugal, veja como se conduziram os nossos paes, e conduza-se como elles, que por certo não foram menos *catholicos apostolicos romanos*, que nós: tudo canonicamente: a qualquer exigencia, que passe alem, não deve o governo annuir; e, si se agastarem, pergunta-se-lhes

Sanctissime pater, quid rides?

e elles responderão:

Rideo quia papa sum. (2)

(1) Papel Politico *Amanhã*, pag. 179 a 194.
(2) Pap. Pol. *Amanhã*, visto pelo direito, pag. 185.

Faz dó vêr que nem o Governo, nem os ultimos Congressos, teem dado ouvidos aos conselhos de tantos Portuguezes, que, posto pertençam a partidos politicos differentes, todavia sam verdadeiros patriotas, que, curando do interesse e da independencia Nacional, tratam de reprimir a audacia e a impostura da Curia Romana. A Camara Legislativa de 1843, em sessão de 16 de Maio, legislando sobre a *instrucção* do Clero, fez mais favores a *Capaccini*, e á Curia Romana, doque lhes hão feito todos os reis e Congressos de Portugal juntos!!! Mas, si os Governos e as Camaras escarnecem dos povos, e não cortam o mal pela raiz, porque o não farão os Inic.·.? Deixem-se Schismas e os Rit.·.; sacrifiquem-se caprichos e alguns interesses; e reunam-se em phalange todos os Inic.·. Portug.·.; para fazer retrogradar os Féotas: os trab.·. Maç.·. hoje em Portug.·. não deveriam ter outro fim; aliás teremos em poucos annos o restabelecimento dos Frades, e da S. Iuquisição!!!

CAPITULO II.

MYSTERIOS BRITANNOS.

A Escocia e Inglaterra sam os paizes, na Europa, que nos fornecem mais tradições ácerca da antiguidade da Maç.·. — Os *Druidas* e os *Padres de Herta*, havendo tido, nos primeiros seculos do Christianismo, communicações intimas com os povos da antiga Albion, poderam semear a Iniciação nas Ilhas Britannicas.

Já em 287, *Caurasius*, reconhecido imperador, animou as artes, e promoveu particularmente a Instituição Maçonnica: mas foi principalmente d'esde 880 athe 900, durante os reinados d'Alfredo, o grande, d'Eduardo, e de Athlestan, que a *Corporação dos Maçons Architectos* tomou formas regulares. O Principe *Edwin* foi eleito Grande Mestre d'esta Corporação em 926: esta Ord.·. singular se dividia em reuniões parciaes, que se chamavam *Loges*; e todas eram dependentes d'um corpo central, ou Grande Loge, especie de Dieta, que teve seu local em *Yorck*: o objecto d'esta associação era a *construcção em commum d'edificios publicos*; e todas as antigas cathedraes do paiz lhe devem ser attribuidas.

Laurie pretende que a Maç.·. (tal qual existe hoje) começou na Escocia no anno de 1150, e que ella se estabeleceu em Kilwinning, onde se fixou e teve origem o Rito Escocez. Em 1151 o Marquez *Pembroke* foi eleito Gr.·. Mest.·. e debaixo d'este patrono seus membros edificaram a abbadia de Kilwinnieg: mas muitos AA., e particularmente as *Acta Latomorum t.* 1.°, dizem que em 1155 a Maç.·. fôra protegida pelo G.·. Mest.·. dos Templarios; e que por estes fôra administrada em Inglaterra até á morte de Ricardo Coração-de-Leão. Sendo as *Confrarias* ou *Confraternidades*, dos Maç.·. muito numerosas no seculo XIV, época da destruição apparente dos Templarios, estes Cavalleiros se refugiaram n'ellas, e se cobriram com seu véo para poderem praticar e ensinar seus Myst.·. e doutrinas; e assim o Rito primitivo da Gr.·. L.·. d'Escocia parece ter sido refundido pelos Templarios; e para apoiar esta idea alguns authores pretendem que *Bruce*, Rei d'Escocia, fosse o fundador d'esta Ord.·. Maç.·. em 1314, instituindo a *Ord.·. de St. André do Cardo*, em memoria dos Escocezes, que s'immortelisaram na batalha de

Bannockborn, aonde com 3:000 Escocezes bateu 100:000 Inglezes. *Bruce* unio á sua Ord.·. a de *Herodom*, conservando para si, e seus herdeiros, o titulo de Gr.·. Mest.·. da respeitavel *L.·. de Herodom*, que foi presidida por differentes reis d'Escocia, e que por ultimo foi transferida para Edimburg. E' d'esta fusão que nasceram os Gr.·. Cavalleirescos, em que hoje se professam doutrinas, que estam bem longe de serem as dos antigos Cruzados. Estas Ord.·. não só foram conferidas pela Gr.·. L.·. d'Escocia, mas ainda hoje o sam pelos Commendadores do Templo, que as espalharam na Europa e n'America: tal é a origem da *Maç.·. Escocezа Templaria.*

Na Inglaterra, depois do reinado de Henrique II, os Bispos e os Grandes Senhores foram os Gr.·. Mest.·. da Maç.·.: *Henrique VI*, em 1442, depois de ter sido instruido nos Myst.·. da Confraternidade, se fez iniciar e s'applicou ao estudo da *arte real da Maç.·.*: seu exemplo foi seguido por todos os Senhores da Côrte, e seu Conselho approvou as Cartas antigas e os privilegios dos Maç.·..

Daubesson, em 1485, foi eleito Gr.·. Mest.·. da Maç.·. sendo ao mesmo tempo Gr.·. Mest.·. dos Cavalleiros de S. João de Malta: n'esta occasião os Cavalleiros de Malta rivalisaram em zelo para com a Ord.·. dos Maç.·. com os antigos Cavalleiros do Templo, e é tambem verosimil que pela mesma occasião acabaram de todo os odios dos Templarios contra os Cavalleiros de Malta, o que occasionou tambem a introducção da Cavallaria de Malta na Maç.·.

Henrique VII, em 1502, presidio, como Gr.·. Mest.·. á uma Gr.·. L.·. de Maç.·. que se reunio em seu Palacio. O Cardeal de *Wolsey* foi eleito Gr.·. Mest.·. em 1509. Os homens illustres da Inglaterra continuaram a sér os

Gr.·. Mest.·. athe 1561. N'este mesmo anno a Rainha *Elizabeth*, d'um caracter desconfiado, pretendeu perseguir a Ord.·. Maç.·.; mas, mais bem instruida dos objectos de taes reuniões, tornou-se por fim sua protectora. Em 1603 *Jacques I* se declarou protector da Ord.·.; e *Igno Jones*, architecto celebre, foi nomeado seu Gr.·. Mest.·. — N'esta occasião a Maç.·. Ingleza recebeu um novo lustre; porque muitos *gentis-homens* se fizeram admittir na Confraternidade, cujas reuniões tinham por fim conhecer os homens de mérito em differentes condições; para os ligar entre si, propagar as sciencias, e reprimir o despotismo papal, e os horrores das guerras civis, que assolavam a Europa.

O gosto das sciencias occultas e da theosophia dos *RR.·. CC.·.* se achava espalhado em muitos livros Allemães, que tinham feito estrondo, principalmente na Inglaterra: estes livros eram *Les Noces Chimiques de Rosen-Crux*, e a *Reformation Universelle du monde*, por Valentim Andrea: Nicolai, *pag.* 18 diz que em 1622 existia uma sociedade em Haya que se chamava. Os *RR.·. CC.·.*, que se occupavam na Alchimia; e nos ensina que seu fundador foi *Christiano Rosa*, e que estes mesmos *RR.·. CC.·.* tinham assembléas em Amsterdam, Nuremberg, Hambourg, Dantzick, Mantua, Veneza, e Erfurt. Em Inglaterra os *RR.·. CC.·.* appareceram, e Robert *Fludd* escreveu uma Obra em sua defeza: Fludd era Iniciado; e teve um grande numero de discipulos: applicava á physica os principios dos Gnosticos, e por meio do seu systema operou na Inglaterra a grande revolução das sciencias.

Em 1646 *Elias Ashmole*, celebre antiquario, se fez iniciar Maç.·.. Nesta mesma época muitos sabios Ingle-

res, conhecendo a necessidade das experiencias physicas, escolheram uma circumstancia favoravel para formarem uma sociedade, que tivesse por fim a propagação das sciencias, a que chamaram *Sociedade de Rosa-Cruz*; e convieram entre si escrever mais claramente, doque o tinham feito os RR.·. CC.·. Allemães; todavia os membros d'esta sociedade não communicaram sinão aos II.·. as suas descobertas, com o receio de serem perseguidos.

Mas o mais digno de notar-se, a respeito d'esta Ordem celebre, vem a ser a exposição do Sabio Inglez: «Que, desde 1641, a Corporação Maçonnica aggregou a «si, como membros externos, as pessoas estranhas á ar«te de construir, das quaes ella esperava tirar alguma «utilidade ou realce, e a quem ella deu o titulo de *Free «accepted Masons* (Maçons livres e acceites) para os dis«tinguir dos Maç.·. de pratica. » (1).

Os membros d'esta nova sociedade faziam todos parte da Confraternidade dos Maç.·. de Londres, cujos nomes mais celebres eram: *Elias Ashmole*, *Guilherme*; *Lully*, *Wharton*, *Smitz*, *Preston*, *Warren*, os reverendos *João Pearson*, e *João Hewit* etc. etc.

Ashmole rectificou as formulas da recepção dos RR.·. CC.·., que foram baseadas sobre os antigos Myst.·. Egypcios e Gregos, e que se teem conservado athe hoje. As formalidades d'uma Iniciação Maç.·., que teve logar em 2 de Março de 1682, foram descriptas por elle, o que prova quanto s'enganam os authores, que querem que

(1) Diario d'*Eli*- *Ashmole*.

esta instituição seja moderna: as ennovações introduzidas depois foram uma das causas da separação dos Maç.·. Inglezes, e do Schisma que durou ate 1813.

Os sabios que compunham a sociedade estabelecida por *Ashmole*, adoptando a allegoria da *Casa de Salomão*, conservaram os sign.·., os emblemas, e as outras allegorias dos Maç.·.: estabeleceram 7 Gr.·. em memoria dos 7 dias da creação, o que deu logar ás 7 Ord.·. para chegar á *Gnose*. Esta sociedade vio-se obrigada a guardar mysticamente suas descobertas, porque o mundo em geral, enganado pela Curia Romana, considerava a sciencia experimental como opposta ás religiões e aos governos.

Nesta mesma epoca organisou-se outra nova sociedade, que parecia estar em opposição com a dos RR.·. CC.·., e pretendia que as experiencias e o ensino das sciencias deviam ser publicas. Um de seus membros, o grande *Bacon*, escreveu de maneira, que o podessem comprehender, e, posto que seus escriptos sejam d'um estilo mystico, todavia sam mais claros que os de *Rosen-Crux* e de *Valentim Andrea*: associou a seu projecto *João Wall's*, *João Wilkins*, *Goddard*, *Foster*, *Glisson* e outros sabios, que se proposeram a seguir ás ideas de Bacon, expostas na *Atlantida*, e relativas ao estudo e segredos da naturaza: n'esta Obra, que produzio tão uteis resultados, alludia-se aos *Cruzados*, aos *Eleitos Christãos* da primeira edade e aos RR.·. CC.·.

Estas duas sociedades, formadas em Londres, tiveram, por assim dizer, o mesmo berço; ambas trabalhavam nas sciencias experimentaes; uma communicando os seus resultados unicamente a seus adeptos; e a outra tornando-os uteis ao genero humano pela sua publicação.

Ambas compostas de homens illustres e sabios, trabalharam no mesmo sentido, mas com principios oppostos; um era *exotérico*: e o outro *ésoterico*. Os membros do ultimo methodo secreto, homens illustres e arrastados pela revolução Ingleza, se uniram ao partido do rei; a defeza de sua causa lhes fez experimentar grandes perdas em sua fortuna; e, tornando-se suspeitos ao partido, que triunfou, usaram então da maior circunspecção em suas reuniões: foi então que a sociedade, instituida por *Ashmole*, julgou necessario apertar cada vez mais o seu *Comité*, e adoptar Gr.·. e allegorias, relativas aos Escocezes, que tinham dado provas de fidelidade ao rei e á Patria; todavia é constante que o fim d'esta associação foi sempre a construcção da *Casa de Salomão*, allegoria favorita dos Maç.·., de que ella fazia parte: D'onde se tira que a Confraternidade dos Maç.·. d'estas epocas se compunha de sabios e de nobres que todos eram Iniciados RR.·. CC.·..

Na Obra *d'Ernest e Falk*, pag. 53, se diz que *Christovão Wren*, que em 1663 era Vig.·. da Confraternidade dos Maç.·. em Londres, tornando-se Gr.·. Mest.·. em 1698, tinha tirado da sociedade Templaria, que então se conservava na mesma Cidade, a idea fundamental d'uma nova sociedade Maç.·., de que elle foi julgado o restaurador: diz mais que os Maç.·. Templarios eram então em grande numero, e que *Wren* não fez mais doque modificar suas instituições. A Inglaterra tambem tinha estado em uma grande fermentação pela tendencia de Jacques II.·. para o despotismo e papismo. *Wren*, desejando moderar e fazer desapparecer os odios religiosos e a vaidade dos Ord.·., procurou por uma reforma estabelecer uma concordata fraternal entre as altas personagens, que compunham a sociedade dos Franc-Maç.·. e queria por uma

uniformidade de Gr.·. e de honras reconciliar os homens, e propagar os principios da *tolerancia*, da *benevolencia* e da *caridade*.

Pelo tempo *d'Wren*, differentes Confraternidades Maç.·. existiam na Inglaterra, e todas seguiam diversos Ritos : Mas em 1703, a admissão á Iniciação se relaxou, e grande numero de cidadãos foi iniciado sem exame nem escolha : julgou-se que por este meio a Maç.·. adqueriria esplendor e força ; mas succedeu o contrario : pois que a falta d'escolha em seus membros não só pôz em negligencia as sessões ordinarias, mas tambem as festas annuaes da Ord.·. foram esquecidas : este misero estado durou athe Fevereiro de 1717 (1). Então as 4 LL.·. que existiam em Londres (das quaes a mais notavel era a L.·. *Antiguidade*), e que tinham recebido suas constituições da Gr.·. L.·. d'Yorck, se reuniram em chefe d'Ordem para restaurarem a Maç.·. Ingleza, tomando o nome de *Gr.·. L.·. d'Inglaterra*, e de que foi Gr.·. Mest.·. *Antonio Sayer*.

A Gr.·. L.·. d'Inglaterra, no solsticio de S. João Baptista em 1717, descutio e approvou Estatutos geraes ; renunciou totalmente ao objecto material d'antiga Confraternidade ; modificou as suas ceremonias ; estabeleceu o *Rito Moderno Inglez* ; e adoptou o regulamento seguinte:

---

(1) Esta mesma decadencia, filha da mesma causa, s'espera na Maç.·. Lusitana! Os Portuguezes deviam ser mais, doque outro qualquer povo, escrupulosos n'admissão dos profanos; e ai d'elles si os chefes dos differentes schismas se não reunem para restaurar a Maç.·., como se faz em paizes mais civilisados!!!

«O privilegio d'associação como Maç.·. que ath'gora
« era illimitado, será restringido a certas LL.·. de Maç.·.
« convocadas em logares fixos; e cada L.·. de hoje em
« diante será convocada, e legalmente authorisada a tra-
« balhos por um Diploma do Gr.·. Mest.·., por tal tem-
« po concedido a certos II.·. por petição, e conseguinte-
« mente por approvação da Gr.·. L.·. em communicação:
« sem este Diploma nenhuma L.·. de futuro será reconhe-
« cida como regular e constitucional.»

E' depois d'esta época notavel que a Ord.·. Maç.·. foi florescente em Inglaterra: e é depois d'ella tambem que a Maç.·. Reformada estendeu seus braços paternaes pelas 5 partes do mundo; de maneira que, no curto espaço de 127 annos, a *Acacia* foi plantada em 79 estados do globo, debaixo do titulo explicito de *Franc-Maç.·.*, como se verá na *Taboa Chronologica* da Maç.·., Cap. III.

Quando a Gr.·. L.·. d'Inglaterra s'occupava n'estas reformas, tambem a Gr.·. L.·. d'Yorck, que tinha dado constituições á maior parte das LL.·. Inglezas, vendo que as 4 LL.·. de Londres se tinham emancipado e erigido em *Gr.·. L.·. d'Inglaterra pro tempore*, sem aviso preliminar, se inquietou com tal medida, e para conservar seu direito de antiguidade tomou tambem, em 1719, o titulo de *Gr.·. L.·. de toda a Inglaterra.*

A Gr.·. L.·. d'Inglaterra invadio cada vez mais a Gr.·. L.·. d'Yorck, formando mesmo em seu districto estabelecimentos Maç.·.: Este procedimento affectou vivamente a L.·. d'Yorck; excitou rivalidades e odios; os Maç.·. d'Yorck separaram-se inteiramente dos interesses dos d'Inglaterra; e accusaram-os de haver introduzido ennovações, e alterado as ceremonias antigas. As Gr.·. LL.·.

d'Escocia e d'Irlanda, receando eguaes desordens em seus Orientes, recusaram então toda a correspondencia com a Gr.·. L.·. do Rito Moderno Inglez, e se uniram aos Maç.·. antigos d'Yorck.

A par d'estas desordens por causa da supremacia Maç.·. tinha cada um a pretenção de constituir LL.·. e de conferir Gr.·. Cavalleirescos: muitos ennovadores de Ritos appareceram então na Inglaterra, dos quaes o mais distincto foi o Cavalleiro Escoc.·. *Ramsay*, que, em 1728, creou sobre os 3 gr.·. symb.·., as quatro Ord.·. — 1.ª *Escocez*; 2.ª *Noviço*; 3.ª *Cavalleiro do Templo*; 4.ª *Real-Arca*: Ramsay affirmava que a sua instituição tinha vindo do Oriente pelo tempo das Cruzadas, e escreveu muitas obras a tal respeito: em 1768 elle a transportou para França. Em 1767 tambem Bénédict Clastanier depois de ter recebido instrucções do reformador Suédois Swedemborg, estabeleceu a sociedade secreta *Theosophica Christã*, que professou publicamente suas doutrinas. O Italiano, *Cagliostro*, tambem na Inglaterra fez um grande papel com o seu Rito *Egypcio* para o qual chamou muitos II.·. que, reconhecendo o seu engano, tornaram de novo a voltar para as suas antigas bandeiras. A Inglaterra não adoptou a reforma do *Carbonarismo*, nem o Rito *Misraim*. Hoje os Maç.·. Inglezes não curam mais d'ennovações; a maior parte d'elles conservam seus antigos Ritos e ceremonias.

Mas em 1813, quando S. A. R. o Duque de *Sussex* foi eleito Gr.·. Mest.·. da Maç.·., os Maç.·. zelosos, desejando ver cessar o schisma da Gr.·. L.·. d'Inglaterra com a Gr.·. L.·. d'Yorck, obtiveram que os Ritos em opposição elegessem representantes para terminar a questão. Os II.·. representantes e delegados assignaram um

accordão, pelo qual se convencionou que não devia existir sinão uma *Gr.·. L.·. Nacional* para todos os Ritos d'Inglaterra (1).

S. A. R. o Duque de *Kent*, e S. A. R. o Duque de *Sussex*, em qualidade de GG.·. MM.·. dos Maç.·. e Commendadores do Templo, obtiveram o maior merito n'esta reconciliação, reconciliação que fará para sempre suas memorias caras aos Maç.·. Inglezes (2).

D'um lado figurou n'esta reconciliação o Duque de *Kent*, presidindo a uma reunião de 58 LL.·. d'antiga *Confraternidade* em 15 de Dezembro de 1813; do outro lado figurou o Duque de *Sussex*, presidindo a uma reunião d'outras 58 LL.·. da *Maç.·. Moderna*, que teve logar na festa de S. João de 2 de Dezembro do mesmo anno: e foi n'esta celebre sessão que S. A. R. o Duque de *Sussex* foi eleito por unanimidade *Gr.·. Mest.·. da Maç.·. do Imperio Britanico* (3).

---

(1) As LL.·. do Rito Moderno n'Europa, e nas outras partes, que vivem em discordia com as dos Ritos antigos, deveriam seguir este nobre exemplo e pronunciar se em favor da Maç.·. antiga.

(2) Os artigos da união entre as duas GG.·. LL.·. dos Maç.·. Inglezes acham-se exarados em R de Schio tom. 2.º pag. 141 — 160; e tom. 3.º pag. 332 — 343.

(3) Note-se que só os empregados das LL.·. que assistiram a esta convenção não podiam ser menos de 1,624 II.·.:

No momento, em que escrevemos estas linhas, consta que o Duque de Sussex morrêra! e que ao prestito funebre, que acompanhou seus restos mortaes, concorreram mais de 400 Maç.·..

CAPITULO III.

TABOA CHRONOLOGICA DA MAÇ.·.

OU

INTRODUÇÃO DA FRANC-MAÇ.·. NOS DIVERSOS ESTADOS DO GLOBO, DESDE A SUA ULTIMA REFORMA ATHE 1830.

EUROPA.

Inglaterra	1703
Escocia	1703
Irlanda	1703
França	1725
Hespanha	1728
Suecia	1730
Napoles	1731
Hollanda	1731
Russia	1731
Toscana	1733
Portugal	1733
Hamburgo	1736
Suissa	1736
Sardenha	1737
Saxonia	1737

Baviera	1737
Prussia	1738
Austria	1738
Turquia	1738
Polonia	1739
Malta	1740
Dinamarca	1742
Bohemia	1744
Hungria	1744
Norwega	1747
Guernesey	1753
Jersey	1753
Hanover	1754

ASIA.

Bengala	1728
Turquia (Egypto)	1738
Madrasta	1752
Ceilão	1771
Surate	1776
Ilha do Principe de Galles	1780
Persia	1812
Pondicheri	1820
Bombain	1820

AFRICA.

Cabo Costa	1736
Ilha Bourbon	1774
Ilha de França	1778
Cabo de Boa Esperança	1781
S. Helena	1798
Serra-Leôa	1819

Senegal	1822
Ilhas Canarias	1823

AMERICA.

Canadá	1721
Massachussett	1733
Georgia	1735
Carolina do Sul	1739
New-Yorck	1737
S. Christovão	1738
Martinica	1738
Antigoa	1742
Jamaica	1743
Ilha Real	1745
S. Domingos	1749
Pensilvania	1753
Barbada	1754
Guadelupe	1754
S. Eustachio	1754
Nova Escocia	1762
Grenada	1764
Virginia	1765
Terra Nova	1765
Guiana Hollandeza	1771
Bermudas	1774
Lusiana	1784
S. Thomaz	1818
Honduras	1819
S. Vicente	1819
Cuba	1821
Dominica	1823
Brazil	1823
Columbia	1824

Mexico	1824
Guiana Franceza	1827

OCEANIA.

Java	1769
Sumatra	1772
Nova Galles do Sul	1828 (1)

CAPITULO IV.

CONCLUSÃO GERAL

OU

INFLUENCIA QUE A INICIAÇÃO TEM EXERCIDO SOBRE A CIVILISAÇÃO DOS POVOS.

Em quanto o Maç.·. vulgar, satisfeito com uma apparencia mystica, se contenta de saber pronunciar algumas palavras, de que ignora o verdadeiro sentido, o Maç.·. philosopho se lança aos seculos passados, e lá vê as causas primeiras e os fins reaes da Instituição Maç.·....

Fracos restos da antiga Asia e da antiga Africa, onde

(1) Extracto da *Revue* Maç.·. N.º 1 — 1830.

em outros tempos a Virtude desenrolava a sua bandeira triunfante, são os que se offerecem em L.·. ao Maç.·. instruido. . . . *Pára imprudente*. lhe diz o Phenix, *contempla de longe estas ruinas respeitaveis, mas não toques esses marmores quebrados. . . . As columnas que vês, estão hoje privadas dos ornamentos, que outr'ora eram admirados; e as suas doces inscripções, que fizeram a felicidade do mundo primitivo, tem sido desfiguradas pela fria mão do tempo, e pelo ferro da barbaria!! Medita; mas não toques. . . .*

Mas seja qual for a opinião que se queira adoptar ácerca dos primeiros Sabios d'Antiguidade, é indubitavel que os primeiros conhecimentos scientificos estiveram encerrados nos Templos dos Myst.·. do Oriente.

Ora se a civilisação primitiva consistio na instrução mais ou menos completa d'alguns individuos que, reunidos, sentiram a necessidade d'estabelecer regras para conter a força brutal dos primeiros homens, garantir a liberdade individual, propagar a instrucção com discernimento, recompensar a virtude e punir o vicio, forçoso é convir que a *Iniciação primitiva* foi a causa mediata, e immediata da civilisação de todos os povos.

E' certo que a incommensuravel questão de que vamos tratar, estaria muito acima de nossas forças, se fosse preciso expor todos os commentos relativos ás artes, ás leis e ás religiões de todos os povos do Oriente; mas a natureza de nosso escripto nos violenta a generalidades, que só podem offerecer uma exposição summaria ácerca dos povos, que gozaram dos Myst.·. Maç.·.; e como a Persia, a India e o Egypto serviram de berço á Iniciação, será tambem de lá que nós partiremos.

Alguns homens instruidos, Persas, Chaldeos, Hebreos, e Sidonios, formaram em tempos remotos uma associação sábia, que teve o nome de *Magos*. Estes crearam a navegação, a astronomia, o culto do fogo, e as primeiras leis sociaes: de mòdo que os Magos são os que devem sêr considerados como os primeiros fundadores do civilisação: esta origem, posto que incerta, nos parece a mais provavel, ainda que outros pertendam encontra-la nos Brachmanes da India, cuja sciencia parece só ter consistido em uma theogonia conjectural, impropria para o desenvolvimento da civilisação. Alguns escriptores attribuem aos Indios muitas descobertas astronomicas; mas deviam lembrar-se que todas ellas foram posteriores ás dos Magos primeiros homens do Oriente, que tiveram conhecimentos positivos. E se é verdade, como diz Vassal, que os Magos foram encarregados da instrucção dos grandes, que occupavam os empregos importantes do Estado, não se poderá negar a influencia que a sua Iniciação devia ter produzido sobre a Civilisação primitiva dos povos da Asia oriental, que deviam ser mais bem governados, doque os povos da India, que tiveram por chefes os Padres que, não obstante serem Iniciados, eram comtudo homens exclusivos e absolutos.

O Egypto foi uma das regiões, que possuio primeiro as artes da lavoura, da architectura, da navegação e da astronomia; os monumentos colossaes do Egypto, e as observações, que Calistene enviou a Aristotles, são provas de sobejo. Foi nos Myst.·. Egypcios que os reis aprendiam os conhecimentos necessarios para reger os povos.

Ménés, (philospho, padre e legislador) fez leis, com que os Egipcios se governaram; e para quo as luzes fossem proporcionadas elle empregou todos os meios. Os Scy-

ihas, os Chinas, os Babylonios, e os Assyrios foram tambem regidos por leis que sahiram dos Myst.·. d'Isis. O primeiro Zoroastro introdusio a mesma legislação entre os Bactrianos. D'onde se tira que estes diversos povos gozaram da civilisação, cuja fonte era a Iniciação e os Myst.·.: é verdade que se compararmos a sua philosophia (que era toda misturada de theogonia) com a sua industria, artes, e sciencias, poder-se-ha crer que a sua civilisação estava pouco avançada; mas se reflectirmos que nos Myst.·. de Isis a philosophia era o ultimo Gr.·., que mui poucos Iniciados recebiam, e que este lhes conferia o direito do ensino publico, ninguem duvidará de que a civilisação deveria fazer progressos, lentos é verdade, mas solidós e regulares: e a maior prova é que depois de Menés as descobertas se succederam. (1)

Mas quando e como passaram os Myst.·. da Asia e do Egypto para a Grecia e para a Europa? Os Mys.·. passaram: 1.° pela communicação habitual dos Gregos com os successores dos Magos, que depois da morte de Smerdis se tinham espalhado na Asia: 2.° pela decadencia do Egypto, depois da conquista dos Romanos, a qual chamou a Roma alguns Padres de gráos inferiores, que degenerados traficaram alli a pratica secreta dos Templos; mas foi principalmente nos principios do Christianismo, que os restos da sciencia secreta se concentraram, parte nas escolas dos philosophos Theurgistas, e parte nas

---

(1) Os Chinas estabelçeram pontes: cunharam moeda: inventaram a bussola: e fundaram hospitaes, escolas e academias. A rainha *Nictoris* fez elevar a 1.ª pyramide. Fez-se um canal para receber as agoas do Nilo; e principiou-se o labyrintho, que foi obra de doze reis do Egypto, &c. &c.

da mais baixa classe dos Padres do Egypto. «Ora pode-«se, sem inverosimilhança (diz Salverte), assignar por «successores aos primeiros as sociedades secretas da Europa; e aos segundos os feiticeiros modernos ou Thaumaturgos.»

Os Myst∴ dos Cabyres da ilha de Samothracia, não sendo senão uma translação dos do Egypto, deveriam tambem exercer uma grande influencia sobre a civilisação da Grecia: a strategia, e o amor dos Iniciados de Samothracia para com a causa da patria, attestam o gráo da sua civilisação.

Os Myst∴ d'Eleusis, consagrados primeiramente ao culto de Céres, longe de exercerem alguma influencia sobre a civilisação, crearam o fanatismo, e a suprstição, que enriqueceu os Padres: mas, meio seculo depois de sua instituição, Orpheo os reorganisou, e a sua influencia não só se mostrou em todas as classes da sociedade, mas preparou a brilhante época da Grecia, que foi o prototypo da civilisação perfeita.

Os Romanos, diz Vassal, deveram á Iniciação dos Myst∴ a maior parte de sua civilisação: elles foram um povo livre, porque eram um povo d'Iniciados; e no tempo de sua escravidão não se indemnisaram da perda de sua liberdade, se não no seio dos Myst∴.

A Grecia, que possuio mais Myst∴ doque outra qualquer região, não desdenhou de n'elles fazer entrar tambem as mulheres. Sacerdotizas foram aggregadas aos Templos de *Dianna d'Epheso*, *e de Céres Eleusina*; e suas Iniciadas foram inspiradas de tanto patriotismo, que, para sustentar a independencia da Grecia, não só sacrifica-

ram seus bens e seus enfeites; mas inspiraram a seus maridos tanto amor pela gloria, que todos se tornaram heróes famosos. Os Myst.·. da *Boa Deosa* em Roma, aonde só entravam as mulheres, tambem produziram resultados similhantes.

Mas se os Myst.·. Gregos e os Mysterios Romanos influiram tão poderosamente na civilisação respectiva dos dous povos, é porque, (conclue Vassal) os seus Myst.·. foram estabelecidos com as vistas da utilidade geral, em que o amor da patria era uma das principaes bases.

Entre os Gallos, muito antes dos Gregos e dos Romanos, os Druidas foram os unicos que gosaram das vantagens da Iniciação. A' imitação dos Brachmanes da India, os Druidas não instruiram senão os homens que se destinavam ao Sacerdocio.

O estabelecimento dos Druidas na Gallia deve ter sido o resultado dos missionarios, que os Sacerdotes da antiguidade mandavam pelas diversas partes do mundo, para submetter o Universo ao seu egoismo insaciavel. Os Druidas, pelo que respeita ás sciencias, parecem ter sido os primeiros philosophos do Occidente, assim como os Magos foram os primeiros philosophos do Oriente; mas, elevados no egoismo sacerdotal, a sua doutrina ficou sepultada nos seus bosques sagrados, e o Occidente, privado d'instrucção, não teve aquellas vantagens que a Iniciação poderia offerecer a povos ainda barbaros.

Os Myst.·. Essenios, posto que exclusivamente religiosos e moraes, exerceram comtudo uma poderosa influencia na civilisação dos Israelitas; porque, alem d'estabelecerem a philantropia, que tende a reunir, e amar

todos os homens, os Iniciados Essênios estabeleceram a *tolerancia*, virtude essencialmente necessaria a um povo egoista e exclusivo. A suave legislação de Salomão foi aprendida nos Myst.·. de Orpheo; e a civilisação das tribus d'Israel não foi senão um effeito immediato da Iniciação.

Os Myst.·. do Christianismo primitivo eram destinados a exercer uma grande influencia na Civilisação do globo: quando porem Constantino illustrou estes Myst.·., já a doutrina primitiva de Christo estava alterada pelo Sacerdocio, que a tinha dividido em *publica* e *secreta*. Foi pela Iniciação secreta que o Sacerdocio apropriou para si só a doutrida admiravel de Christo, a qual, segundo Vassal, encerrava o *republicanismo puro e virginal*, pois que a igualdade e a liberdade eram as suas verdadeiras bases.

Por esta transformação dos Myst.·. do Christianismo o despotismo Sacerdotal corrobrou a ignorancia e a superstição: estes dous monstros alimentaram as guerras religiosas, que levaram ao supplicio milhares de victimas innocentes; e graças ao sacerdocio, a civilisação recuou em vez d'avançar!!!

O Catholicismo, diz Vassal, não se contentou com o invadir a Grecia, e a soberba Roma, que tinha sido a senhora do mundo inteiro; mas tambem perseguio a Iniciação que, longe de esmorecer, redobrou de coragem na adversidade, e foi refugiar-se na Scandinavia.

D'esde então a influencia e os progressos da Iniciação foram tão grandes entre as tribus errantes do Norte (cuja lei tinha sido até então a força brutal) que as guerras intestinas diminuiram, e os povos inimigos vie-

ram submetter-se ás leis da Iniciação, cujos orgãos eram os Padres da Deosa *Herta*.

Tendo levado as suas conquistas mais longe do que os Romanos levaram o seu imperio, o Christianismo, de seis seculos de existencia, parecia nada ter á recear, a não serem as dissensões frequentes entre os seus proprios Adeptos: quando Mahomet, estranho nas sciencias occultas da Iniciação, appareceu no mundo, e teve o animo de fundar o Islamismo, e de fazer crer uma revelação sua, a civilisação da Persia, da Syria, e do Egypto foi destruida pelo fanatismo dos seus conquistadores, e um golpe fatal cahio sobre os Magos, então quasi os unicos depositarios da Iniciação primitiva.

No seculo VIII surgio a util instituição da Cavalleria, a qual, em soccorrendo os opprimidos, pertendeo enfrear o despotismo da horrorosa feudalidade. Ora não se pode duvidar, diz Vassal, de que esta instituição não deixasse de ser a obra de qualquer Iniciado; porque as suas recepções eram uma imitação das Iniciações militares dos Myst.·. de Samothracia; e posto serem secretas e mysteriosas, comtudo ellas fizeram apparecer no Occidente os primeiros germes da civilisação.

No seculo XI quando os Musulmanos eram já um pouco civilisados, as relações dos Europeos com os Arabes e com os Mouros, tornaram-se mais faceis e frequentes; e as sciencias, ainda que infectas de superstições magicas, começaram a ser ensinadas nas escolas de Toledo, de Sevilha, e de Salamanca: « mas foram as *Sociedades oc-* « *cultas* da Europa (diz Salverte) que tomaram a parte «mais essencial n'estas communicações; e é pelos Inicia- « dos, de que ellas se compunham, que nós tivemos o co-

« nhecimento das descobertas physicas e chymicas dos « Arabes. »

No começo do seculo XII Huguo de Paganis, em reunindo as vantagens da primeira Cavalleria, instituio a Ord.·. do Templo; e a participação dos Templarios ás Crusadas produsio homens profundamente instruidos, que juntaram ao saber uma independencia a mais esclarecida. « Da Syria, da Arabia, da Persia, e do Egypto, os Tem« plarios trouxeram para a Europa (diz Reghelini de Schio) « o espirito de tolerancia religiosa, com as sensatas dou« trinas da lei natural, que é a moral sublime e simples, « que a Divindade inspirou no coração de todos os ho« mens. » A Ord.·. dos Templarios propagou-se quasi por todo o globo; e a sua doutrina preparou a civilisação dos Europeos, que então não tardaria a mostrar-se, se o poder sacerdotal de Roma não tivesse forçado a cobrir a Iniciação com o manto da religião dominante.

Foi no seculo XVIII que alguns Inglezes distinctos plantaram a Iniciação reformada na França, aonde o gosto das lettras tinha já supplantado uma parte da influencia sacerdotal.

Quantos litteratos (exclama Vassal), quantos sabios, e quantas familias illustres correram então para se submetterem ao estandarte da Iniciação! Nobres, sabios, Sacerdotes, e proprietarios, arranjados debaixo do nivel Maç.·. concorreram todos juntamente para expulsar da França o fanatismo e a superstição.... O Marte dos tempos modernos, *Napoleão*, depois de ter consultado as pyramides do Egypto, deu novo esplendor ao orillama da Iniciação: mas o despotismo, invejoso da prosperidade humana, e receando o gosto da liberdade, que a Iniciação inspirava aos

diversos povos, formou a liga geral; suas phalanges lançaram por terra o grande homem; comtudo a civilisação marchou.

Finalmente a Maç.·., cujo centro era, ha muitos annos, na Inglaterra, depois de ter triunfado dos terrores frivolos de Elizabeth e do Parlamento, e de ter obtido a protecção d'Eduardo III, e de Henrique VI, propagou as artes e as sciencias debaixo d'uma forma symbolica, e a Europa recebeo o vigoroso impulso do seculo XVI: é da *Confraternidade dos* RR.·.CC.·., que sahiram todos os primeiros livros de chymica: é da *Reunião dos Masons-House* que dimanou a Sociedade real de Londres: é finalmente da Maç.·. Ingleza, que sahiram os modelos de todos os estabelecimentos de beneficencia e d'utilidade publica.

Com effeito, foi na Inglaterra, e no principio do seculo XVIII, que a Maç.·. recebeu a ultima reforma; e de lá a Maç.·. estendeu o seu dominio pelas cinco partes do mundo.

D'esde 1703 athe 1830 o ramo da *Acacia* e o *Pelicano* foram introduzidos em 79 Estados do globo; e se é licito ajuizar do futuro pelo passado, os Iniciados não devem desesperar, porque cedo ou tarde a *Acacia* juncará a terra, e tomando a força do carvalho, os seus ramos poderão dar um asilo seguro aos povos opprimidos.

Tal é em summa a historia da Maç.·.: tal é em geral a influencia que teve na civilisação dos differentes povos:

Mas não se diga que a Maç.·.: tem terminado a sua

carreira, só porque certos povos gosam de mais ou menos instrucção, e de mais ou menos liberdade, ganhada á força de sangue!

Não imitemos a antiga Grecia, nem a orgulhosa Roma, que embaladas na liberdade e fartas d'ella, deixaram perder a Iniciação, e tomaram em troco ferros vergonhosos, que ainda duram! O Jesuitismo no seculo XVI, e a Santa-Alliança no seculo XIX, arvoraram o estandarte da rebellião *para fazer retrogradar os povos*; é precizo não nos escondermos *para os fazer avançar.*

Soccorrer os miseraveis: recompensar a virtude e o amor da patria: espalhar a instrucção em todas as classes da sociedade: e manter as instituições nacionaes: tal é a nobre e grande missão que a Maç.·. e seus Iniciados teem a preencher:

Tempo virá em que os homens, formando um *só corpo de Cosmopolitas,* elevarão no centro do mundo *um Templo universal, donde possa partir a direcção ao Progresso:*

« O Templo de Salomão (diz um velho Maç.·.) só se-
« rá difinitivamente acabado quando a *Verdade* for a So-
« berana de todos os povos da terra. »

FIM.

INDICE.

SECÇÃO V.

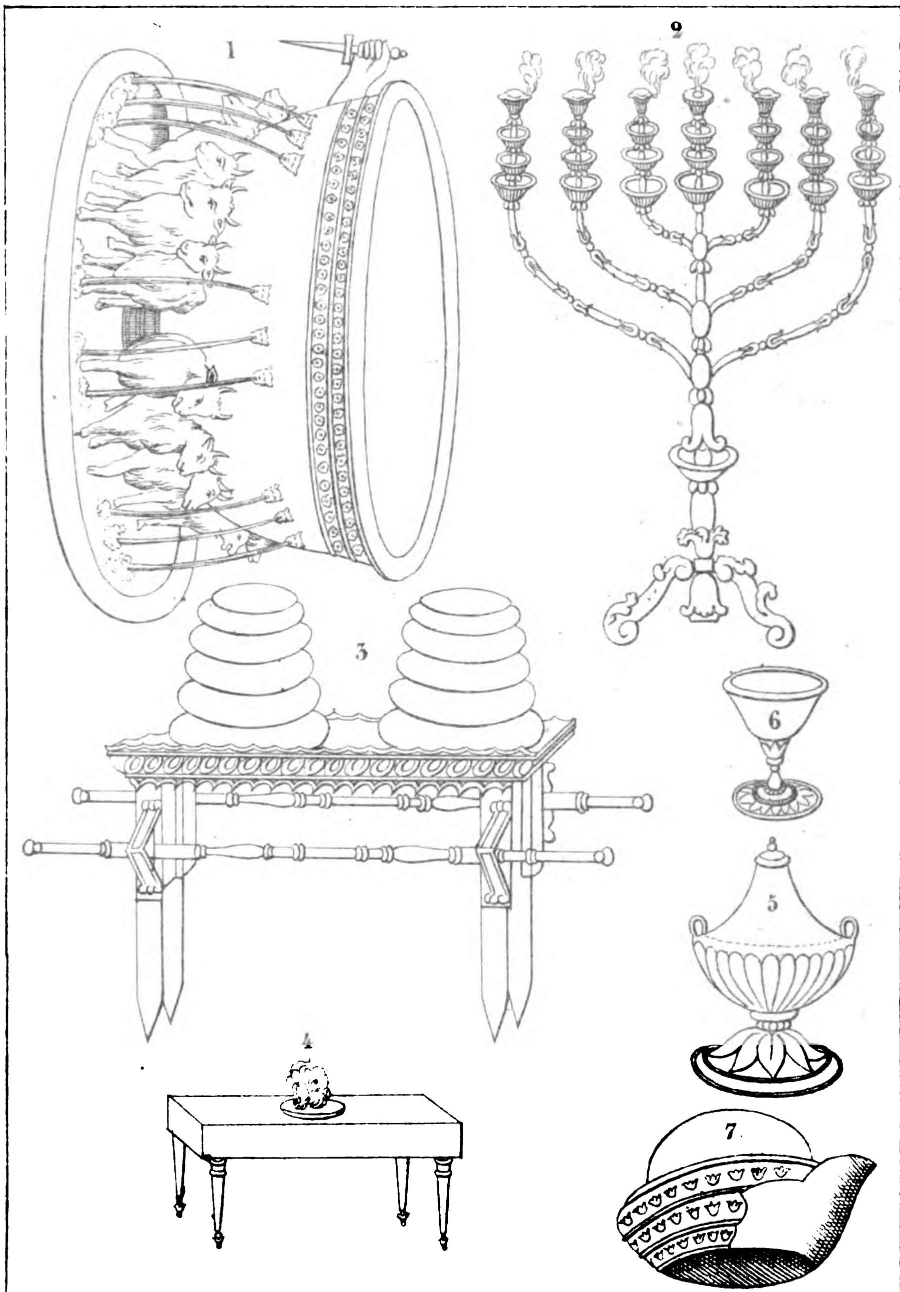
SECÇÃO VI.

SECÇÃO VII.

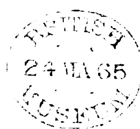
ERRATAS

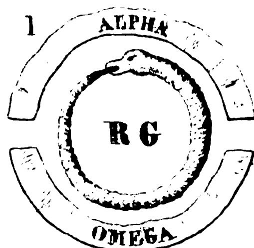
MAIS NOTAVEIS.

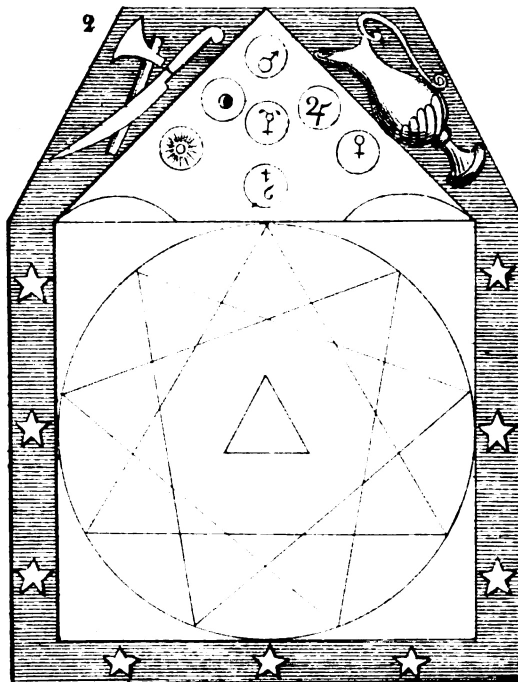
Pag.	Linh.	Erros	Emendas
11	34	entende	entendem
13	18	O Gr.·. de Comp.·.	2.º O Gr.·. de Comp.·.
27	7	de lançar	á lançar
	8	de prevenir	á prevenir
28	33	Myst.·. dos Francos	Myst.·. Francos
30	12	aos Magistrados	os Magistrados
«	30	prohibio sociadades	prohibio as sociedades
38	33	da qual fallaremos	dos quaes fallaremos.
46	8	instituidos	instruidos
48	12	e o seu sabio	e o sabio.
51	14	de gráos	de degráos
52	32	não, foi	, não foi
75			(devia sêr pag. 72)
76	5	abraçar	abrasar.
78		not. 2	(mudai a 2.ª col. para 4.ª, e esta para 2.ª)
85	1	chega	chegasse.
95	21	*ædificant putrido*	*ædificantis putrido.*
146	15	altas religioes	altas regiões.
179	26	traduzia	traduzio
210	27	do qne	da que
221	27	de Março	de *Thischri*
231	10	bavia	havia
257	14	velloso	Velloso
284	23	convencer	convencerem-se
290	24	*Anella*	*Anello*

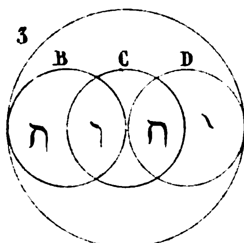

1
2
3
6
5
4
7

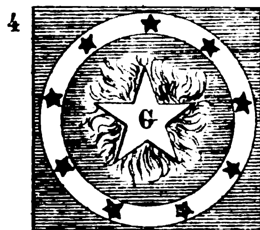

1
4
I
B
5
I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
6
3
2

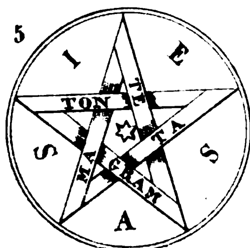

BRITISH
24 MA 65
MUSEUM

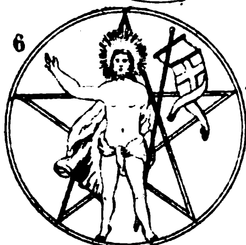

1
ALPHA
RG
OMEGA

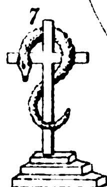

2


3
B
C
D
ה ו ה י


4
G


5
I
E
TON
TE
TA
S
S
MA
GRAM
A


6


7


8



1



2



3



4



IOHANNES MARCUS LUCAS MACTEVS

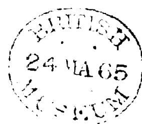
5

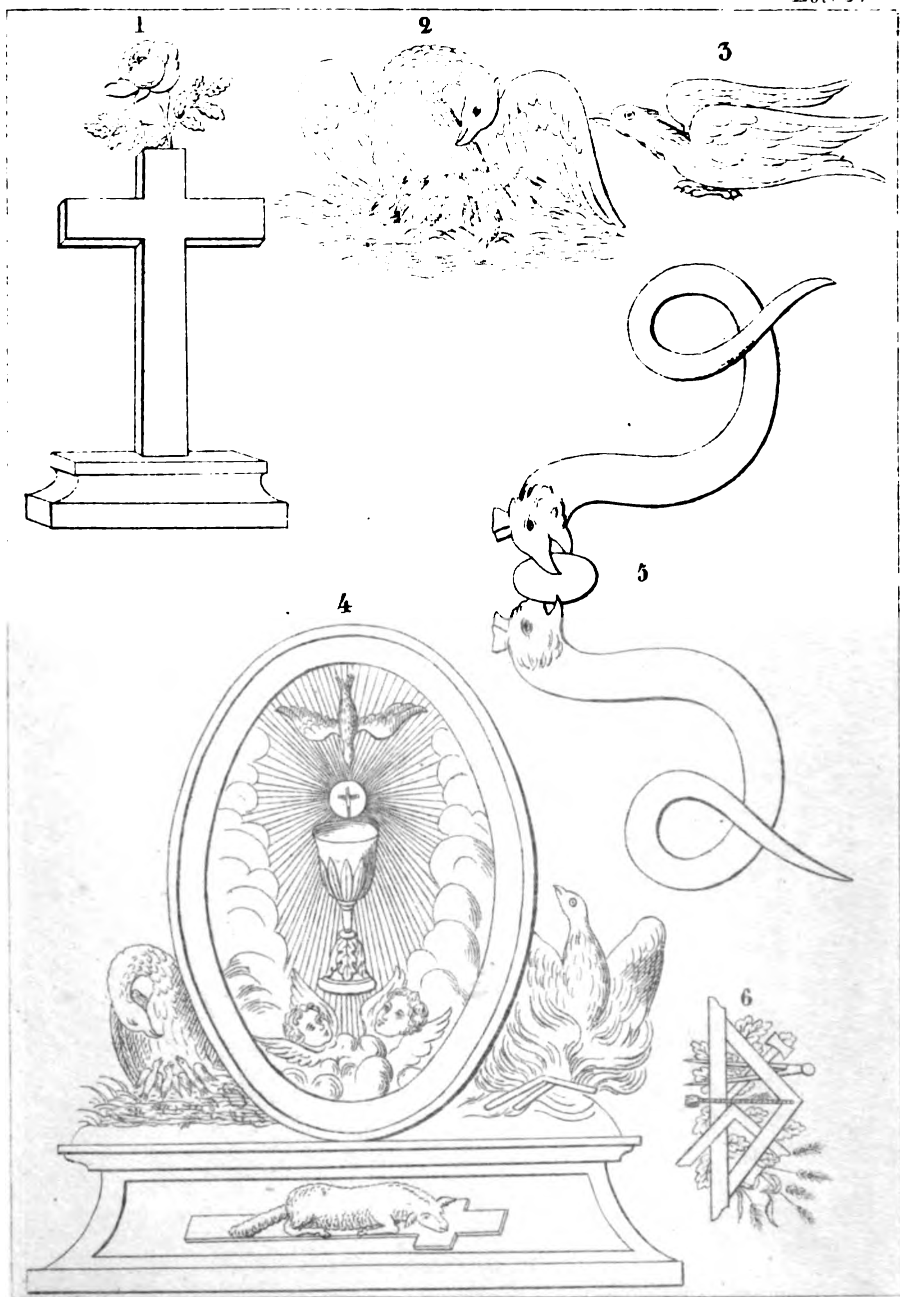







1
COΛOMON
2
3
4
7
8
ALEXSA
DRI
6
5
IOXYPON
IAE




1
2
3
4
5
6

